



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

AILTON CLAÈCIO LOPES DANTAS

**O DISCURSO DE HUGO CHÁVEZ COMO INSTRUMENTO
ARTICULADOR DE UMA UNIDADE LATINO-AMERICANA**

**FORTALEZA - CEARÁ
2012**

AILTON CLAÈCIO LOPES DANTAS

**O DISCURSO DE HUGO CHÁVEZ COMO INSTRUMENTO ARTICULADOR DE
UMA UNIDADE LATINO-AMERICANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Estudos da linguagem. Linha de pesquisa: Pragmática Cultural e Estudos Críticos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira.

**FORTALEZA - CEARÁ
2012**

L864d

DANTAS, A. C. L.

O discurso de Hugo Chávez como instrumento articulador de uma unidade latino-americana. / Ailton Claécio Lopes Dantas. – 2012.

349f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2012.

Área de concentração: Estudos da Linguagem.

Orientação: Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira.

1. Discurso. 2. Chávez. 3. Intertextualidade.
4. Interdiscursividade. 5. Ethos discursivo I. Título

CDD: 410

Universidade Estadual do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

TÍTULO: "O DISCURSO DE HUGO CHÁVEZ COMO INSTRUMENTO DE ARTICULAÇÃO DE UMA UNIDADE LATINO-AMERICANA".

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.
Linha de Pesquisa: Pragmática Cultural e Estudos Críticos da Linguagem.

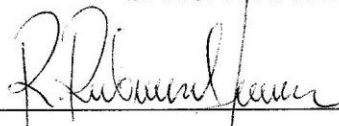
Autor: Ailton Claécio Lopes Dantas

Conceito obtido: SATISFATÓRIO

Defesa em: 26/04/2012.

Nota obtida: 10,0 COM LOUVOR

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira (Presidente)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Às vítimas do imperialismo estadunidense em nosso continente e no mundo

A todos aqueles e aquelas que, munidos de uma esperança ativa, apostam e dedicam suas vidas por uma sociabilidade de homens e mulheres livres de toda forma de opressão

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente e sempre.

Aos meus pais, Francisco de Assis Dantas e Maria Idezite Lopes Dantas que, com minha irmã, Ildeoni Clévia Lopes Dantas, estão comigo desde os primeiros passos e, muito provavelmente, há muitas vidas.

A Leo (Leonardo Ferreira Lima), meu companheiro com quem vivo há mais de 07 anos, numa relação em que o aprendizado mútuo, a dedicação e o afeto são algumas das faces do nosso amor.

Ao meu orientador, Ruberval, por aceitar-me como seu orientando, e pelas reflexões compartilhadas.

À professora Claudiana Nogueira Alencar, coordenadora de nosso Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE (Posla) e que contribuiu com este trabalho, participando da banca de qualificação.

Ao professor João Batista C. Gonçalves que, além da contribuição a este trabalho na banca de qualificação, aceitou o convite de agora participar da banca de defesa desta dissertação.

Ao professor Kanavillil Rajagopalan, referência em nossos estudos e reflexões (no Posla), que aceitou participar da banca de defesa deste trabalho.

À professora Letícia Adriana P. Ferreira dos Santos, que também se dispôs a ler meu trabalho e participar como suplente da banca de defesa desta dissertação.

Aos meus colegas de Posla, em nome dos quais, destaco meus colegas da “antiga linha 4”, *Estudos Críticos da Linguagem*: Lins, Maria Clara e Paulo César (PC).

Esta dissertação faz parte de uma caminhada em que, a partir de uma militância política, passei a desenvolver uma leitura crítica da vida e querer, de algum modo, dar a minha contribuição. Desse modo, quero agradecer a todos/as que fizeram parte desta caminhada comigo, desde o movimento pastoral de juventude, movimento estudantil, movimento sindical bancário e de tantos outros de que participei.

Esta caminhada fez-se a partir de uma compreensão de uma indissociabilidade entre a formação acadêmica e a formação política. Isto devo

inicialmente ao Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) da Universidade Estadual do Ceará. Sem nunca ter sido estudante daquele curso, foi, em especial, com militantes do CALSS (Centro Acadêmico Livre de Serviço Social) da UECE, junto ao pensamento/ação crítico de militantes da ENEV (Executiva Nacional de Estudantes de Veterinária), que comecei minha caminhada político-acadêmica.

A todos os professores/as de minha graduação no curso de Letras da UECE, em nome dos quais, destaco a professora Marisa Aderaldo, por ter-me orientado no final da graduação em artigo que leva o mesmo título desta dissertação.

A todos os professores/as, ao lado de quem militei *Em Defesa da UECE*, em nome dos quais gostaria de destacar a minha amiga Lena Espíndola.

A todos os servidores/as da UECE que me acompanharam nesta jornada estudantil na Universidade Estadual do Ceará.

A todos os companheiros do M.O.F.O. [Movimento Fora da Ordem], do qual fiz parte, e que juntos ocupamos a Reitoria da Universidade Estadual do Ceará, por concurso para professores efetivos, entre outras lutas, em 2001. Assim como aqueles/as que, comigo estiveram, nas gestões do Centro Acadêmico 9 de setembro, de Medicina Veterinária e no Diretório Central dos Estudantes da UECE, além dos grupos de que fiz parte no movimento estudantil: “*O Desafio é (re-)encantar-se*”, “*Não Vou Me Adaptar*”, “*Todos os Nomes*”, “*Nós Não Vamos Pagar Nada*” e “*Transformar o Tédio em Melodia*”.

À professora Erlênia Sobral que me ajudou com referências para o estudo das relações interamericanas.

Ao meu amigo e companheiro Clayton, que me passou algumas “dicas” para ajudar na organização do trabalho e ainda traduziu meu resumo para o inglês.

Aos companheiros do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) que me apoiaram para que pudesse afastar-me temporariamente de atividades para dedicar-me a este trabalho.

Aos meus colegas de Banco do Brasil que torceram por mim e me apoiaram.

A todos aqueles/as que “curtiram” ou postaram mensagens de apoio no *facebook*, que se tornou em alguns momentos um canal de divulgação de minhas angústias e estágios deste meu trabalho.

Por fim, a todos aqueles e aquelas que não citei textualmente, mas sabem que fazem parte desta história, assim como eu sei.

“Não podemos ser mais o povo de folhas, que vive no ar, carregado de flores, estalando ou zumbindo, conforme a acaricie o capricho da luz, ou açoitado e podado pelas tempestades; as árvores devem formar fileiras, para que não passe o gigante das sete léguas! É a hora da avaliação e da marcha unida, e deveremos marchar bem unidos, como a prata nas raízes dos Andes”

José Martí

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise crítico-interpretativa do discurso do presidente venezuelano Hugo Rafael Chávez Frías em sua estratégia de legitimação de uma representação da unidade dos povos latino-americanos, no espaço de lutas por hegemonia na América Latina. Esta pesquisa está baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH 2003) e estabelece uma articulação teórica com uma vertente da Análise do Discurso Francesa (MAINGUENEAU, 2008; CHARAUDEAU, 2006) e os estudos sobre hegemonia (GRAMSCI, 2007) e ideologia (EAGLETON, 1997). Inicialmente, analiso a conjuntura e as relações histórico-sociais que constituíram o processo de disputa hegemônica no continente americano. Em seguida, realizo a análise linguístico-discursiva dos pronunciamentos do presidente venezuelano que constituem o corpus desta pesquisa. Este trabalho tem como objetivo geral investigar de que maneiras o presidente Hugo Chávez constitui o seu discurso como representação de uma unidade latino-americana, no espaço de luta hegemônica contra o imperialismo estadunidense, e se desdobra em três objetivos específicos: investigação das maneiras de agir do presidente Hugo Chávez, a partir da análise da intertextualidade presente nos discursos do líder bolivariano; investigação das maneiras de representar o projeto bolivariano de unidade latino-americana, a partir da análise da interdiscursividade presente em seus discursos; e investigação das maneiras do presidente Hugo Chávez identificar-se como legítimo defensor dos povos latino-americanos e um sucessor de Bolívar, a partir de uma análise dos *ethé* discursivamente construídos. A análise sócio-discursiva realizada permite investigar os efeitos de sentidos produzidos neste processo de disputa hegemônica e discutir as implicações ético-políticas dos jogos de poder.

Palavras-chave: Discurso; Chávez; Intertextualidade; Interdiscursividade; ethos discursivo.

ABSTRACT

This dissertation presents a critical-interpretative analysis of the Venezuelan president Hugo Rafael Chávez Frías' discourse in his strategy of legitimating the representation of unity of the Latin American peoples, in the space of hegemonic struggles in Latin America. This research is based on the theoretical-methodological presuppositions of the Critical Discourse Analysis (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough 2003) and establishes a theoretical articulation with a wing of the French Discourse Analysis (MAINGUENEAU, 2008; CHARAUDEAU, 2006) and the studies about hegemony (GRAMSCI, 2007) and ideology (EAGLETON, 1997). First, I analyze the conjuncture and describe the social-historical relationships that constituted the hegemonic dispute process in the American continent. Then, I make the linguistic-discursive analysis of the announcements of the Venezuelan president that constitute the corpus of this research. This work aims to investigate the ways president Hugo Chávez constituted his discourse as representation of a Latin American unity in the space of the hegemonic struggles against US imperialism and unfolds into three specific objectives: to investigate the ways Hugo Chávez acts from the analysis of the intertextuality present in the Bolivarian leader's discourses; to investigate the ways of representation of the Bolivarian project of Latin American unity from the interdiscursivity present in his discourses; and to investigate the ways Hugo Chávez identifies himself as the legitimate protector of the Latin American peoples and heir to Bolívar, departing from an analysis of the discursively constructed *ethé*. The socio-discursive analysis conducted allows for the investigation of the feeling effects generated in this process of hegemonic dispute, and the discussion of the ethical-political implications of the power games.

Keywords: discourse; Chávez; intertextuality; interdiscursivity; discursive ethos.

Lista de Ilustrações

QUADRO 1 - Recontextualização da LSF na ADC	39
QUADRO 2 - Os conteúdos da Doutrina Monroe	46
QUADRO 3 – Nível de dialogicidade	129
QUADRO 4 – Representação de vozes no Pronunciamento de Restituição dos Poderes	131
QUADRO 5 – Representação de vozes no Pronunciamento da LXI Assembleia da ONU	138
QUADRO 6 – Representação de vozes no Pronunciamento de Posse do Terceiro Mandato Presidencial	144
QUADRO 7 - Categorização dos ethé	194
QUADRO 8 - Ethé de credibilidade no pronunciamento de restituição de poderes	200
QUADRO 9 - Ethé de identificação no pronunciamento de restituição de poderes	201
QUADRO 10 - Ethé de credibilidade no pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU	210
QUADRO 11 - Ethé de identificação no pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU	211
QUADRO 12 - Ethé de credibilidade no pronunciamento de posse do terceiro mandato presidencial	222
QUADRO 13 - Ethé de identificação no pronunciamento de posse do terceiro mandato presidencial	223

Sumário

Resumo	08
Abstract	09
Lista de Ilustrações	10
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - Reflexões sobre discurso e hegemonia	21
1.1 Política, ideologia e poder: O conceito de hegemonia em Gramsci	21
1.2 Discurso, política e poder	26
1.3 Análises do discurso: aproximações teóricas	31
1.4 Perspectiva multifuncional da linguagem	37
CAPÍTULO 2 - América Latina, Bolivarianismo e o processo político venezuelano	40
2.1 América Latina no contexto das relações inter-americanas: submissão e enfrentamento ao imperialismo estadunidense.....	40
2.2 Simón Bolívar: O defensor da Pátria Grande. Ação e pensamento político.....	76
2.3 Venezuela: conflitos pelo poder.....	92
2.3.1 Assunção ao poder	92
2.3.2 Venezuela. Abril de 2002: Prestes a explodir	99
2.3.3. O projeto bolivariano e o socialismo do século XXI	108

CAPÍTULO 3 - Percursos teórico-metodológicos	116
3.1 A metodologia qualitativa	116
3.2 A construção do corpus	117
3.3 Análise	121
3.4 Interesses epistemológicos	123
CAPÍTULO 4 - Ação, representação e identificação no discurso político	125
4.1 Discursos como modos de agir	126
4.1.1 <i>Intertextualidade: orientação para a diferença</i>	126
4.1.1.1 <i>Intertextualidade no Pronunciamento de Restituição dos Poderes (2002)</i>	131
4.1.1.2 <i>Intertextualidade no Pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU (2006)</i>	138
4.1.1.3 <i>Intertextualidade no Pronunciamento de Posse do 3º Mandato (2007)</i>	144
4.2 Discursos como modos de representar	151
4.2.1 <i>Relações interdiscursivas</i>	151
4.2.1.1 <i>Análise da Interdiscursividade no Pronunciamento de Restituição dos Poderes (2002)</i>	154
4.2.1.2 <i>Análise da Interdiscursividade no Pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU (2006)</i>	164
4.2.1.3 <i>Análise da Interdiscursividade no Pronunciamento de Posse do 3º Mandato (2007)</i>	173
4.3. Discursos como modos de ser	190
4.3.1 <i>O ethos no discurso político</i>	191
4.3.1.1 <i>Ethos de credibilidade</i>	194
4.3.1.2 <i>Ethé de identificação</i>	196
4.3.1.3 <i>Análise do ethos no Pronunciamento de Restituição dos Poderes (2002) ou “O chefe está de volta”</i>	207

4.3.1.4 Análise do ethos no Pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU (2006) ou “O comandante Chávez contra-ataca” 217

4.3.1.5 Análise do ethos no Pronunciamento de Posse do Terceiro Mandato Presidencial: A posse do chefe e a voz do profeta.. 230

CONSIDERAÇÕES FINAIS 237

REFERÊNCIAS 242

ANEXOS 248

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise crítico-interpretativa do discurso do presidente venezuelano Hugo Rafael Chávez Frías, através do qual investigo como se dá o processo de significação do projeto bolivariano como uma proposta de unidade dos povos latino-americanos, inscrito numa luta contra-hegemônica em relação aos interesses do imperialismo estadunidense.

Compartilho da compreensão apontada por Salazar & Lorenzo (2008) que consideram que, apesar da importância da compreensão da inserção periférica e dependente no sistema capitalista mundial da América Latina e Caribe, assim como algumas das mais importantes causas de seu subdesenvolvimento econômico, social e político e sua galopante degradação ambiental, o estudo da história e situação atual das relações interamericanas tem perdido peso na maior parte das universidades e centro de ensino superior em nosso continente. Ainda de acordo com Salazar & Lorenzo (2008, p. 15-16):

En los casos que se estudian prevalecen enfoques sesgados y, muchas veces, apologéticos de sus interacciones con Estados Unidos. Ello dificulta construir una visión crítica e integral de las protuberantes “asimetrías” políticas, diplomáticas, económicas, militares, de seguridad e ideológico-culturales que han tipificado y tipifican las interacciones de esa potencia imperialista con Canadá, con los 33 estados nacionales independientes o “semi-independientes¹”, así como con los 16 territorios coloniales o semicoloniales actualmente existentes en el llamado hemisferio occidental².

Diante dessa preocupação, proponho, com este trabalho, uma articulação entre a análise linguística e a pesquisa social, de modo a contribuir para aprofundar

¹ conceito do termo “estados semi-independentes” cunhado por Vladimir Ilich Lenin em sua obra: *O Imperialismo: etapa superior do capitalismo*, para referir-se aos estados que se tornaram dependentes do que ele denominou “oligarquia financeira internacional”, apesar de terem conquistado sua independência política. (LÊNIN, 2011. p. 228-229).

² Nos casos em que se estudam, prevalecem enfoques enviesados e, muitas vezes, apologéticos de suas interações com os Estados Unidos. Isso dificulta construir uma visão crítica e integral das protuberantes assimetrias políticas, diplomáticas, econômicas, militares, de segurança e ideológico-culturais que caracterizaram e caracterizam as interações dessa potência imperialista com Canadá, com os 33 estados nacionais independentes ou “semi-independentes”, bem como com os 16 territórios coloniais ou semi-coloniais atualmente existentes no chamado hemisfério ocidental. [tradução minha].

o debate teórico a respeito das lutas hegemônicas travadas em nosso continente, a partir de uma investigação do processo político em curso na Venezuela, intitulado por seu presidente, como socialismo do século XXI ou projeto bolivariano.

Em meio às tensões políticas que vivemos no mundo e, particularmente, no continente americano, após o fim da guerra fria e com a afirmação na última década de governos dirigidos por antigos militantes que já possuíram alguma identidade com as lutas da esquerda política na América Latina, o presidente venezuelano Hugo Chávez desponta como principal opositor político da nação mais poderosa nos planos político, econômico e militar, mundialmente, e situada no norte do mesmo continente, os Estados Unidos da América.

Hugo Rafael Chávez Frías, presidente venezuelano, já há treze anos no poder, desde que tomou posse pela primeira vez em fevereiro de 1999, ficou notabilizado na esfera internacional pelas polêmicas advindas principalmente no enfrentamento retórico com o governo estaduniense e pela publicização de seu projeto bolivariano³ de integração dos povos latino-americanos. No plano interno, enfrenta oposição de amplos setores da sociedade venezuelana, notadamente dos mais ricos, os meios de comunicação de massa da mídia grande⁴ e a cúpula da Igreja Católica, enquanto recebe apoio massivo das camadas mais pobres, da maioria das Forças Armadas, divide a intelectualidade, e construiu, a partir dos círculos bolivarianos⁵, um forte poder político em seu favor e que foi fundamental para a criação do Partido Socialista Unido de Venezuela [PSUV].

Por um lado, o Brasil, desde a liderança de Luís Inácio *Lula* da Silva, tem atuado como elemento estabilizador do continente, mediando conflitos e tensões internas e buscando ocupar destaque na cena internacional como interlocutor pacífico e promotor da via diplomática, propondo o fortalecimento do multilateralismo

³ Bolivariano – conceito que vem do bolivarianismo, uma ideologia que se baseia nas ideias do libertador Simón Bolívar, expressas nos documentos da Carta de Jamaica, o Discurso de Angostura e o Manifesto de Cartagena, entre outros. (BELLOTO & CORREA, 1983; CASTRO, 1988)

⁴ Designação por mim utilizada para referir-se ao oligopólio dos meios privados de comunicação social nas mãos de pequenos grupos, que tem seus interesses agenciados no Estado, a fim de permitir-lhes o direito à concessão pública. Estes pequenos grupos representam uma fração importante da burguesia, uma vez que são responsáveis diretos pela difusão cultural de seus valores.

⁵ Organizações de base criadas para divulgar as ideias da Revolução Bolivariana, impulsionadas a partir do governo do presidente Hugo Chávez (JONES, 2008).

a partir de uma reformulação da estrutura e papel da Organização das Nações Unidas [ONU]. A política de “paz e amor”⁶ que fora utilizada por Lula para eleger-se, tornou-se útil para promover o Brasil como aliado confiável das potências capitalistas no diálogo com os chamados países emergentes e da periferia. A política da ambiguidade e da pretensa imparcialidade parece, desse modo, contribuir para a manutenção das hegemonias.

Do outro lado, assumindo o papel de contraponto político no continente e na esfera internacional, está a Venezuela.

Hugo Rafael Chávez Frías, presidente da Venezuela desde 1999, tem se destacado pelo período em que ocupa este cargo, como defensor de um projeto bolivariano de unidade dos povos latino-americanos, especialmente da América do Sul. Continua sendo o chefe de Estado mais contestador do imperialismo norte-americano no nosso continente, principalmente depois da renúncia de Fidel Castro a um novo mandato presidencial em Cuba. Conquistou nos últimos anos outros aliados, uns mais permanentes, como os atuais presidentes da Bolívia, Evo Morales; do Equador, Rafael Correa; Daniel Ortega, na Nicarágua; os Kirschner, na Argentina; e o recém-eleito presidente do Peru em 2011, Ollanta Humala; outros mais circunstanciais, como Lula e, agora Dilma, no Brasil; Tabaré Vázquez e depois Mujica, no Uruguai e Fernando Lugo, no Paraguai; além de relações que mantém fora do continente com países árabes, principalmente após a rearticulação da OPEP [Organização dos Países Exportadores de Petróleo] no ano de 2000.

Possui Chávez ainda um forte apoio popular em seu país, porém vem progressivamente diminuindo. Enfrentou durante seu segundo mandato revoltas de setores mais poderosos economicamente e sofreu inclusive um golpe de Estado no ano de 2002, voltando a recuperar-se poucos dias depois e reassumir o poder. Em seu terceiro mandato, no entanto, foi derrotado no referendo sobre a reforma constitucional. E alguns setores que antes o apoiavam, estão mais críticos às suas

⁶ Denominação atribuída pelo publicitário Duda Mendonça à estratégia de Lula utilizada na campanha eleitoral de 2002, quando abandona o enfrentamento com o capital, fugindo do discurso radical de esquerda e adotando um tom conciliador. Uma das demonstrações disso foi a aliança operário-burguesa em sua chapa, tendo como candidato a vice-presidente o empresário do setor têxtil de Minas Gerais, José Alencar, candidato pelo então partido conservador PL [Partido Liberal].

ações, inclusive com formação de partidos dissidentes. Na última jornada eleitoral para renovação do parlamento realizada no dia 27 de setembro do ano de 2010, apesar de obter um número maior de deputados para composição de sua base aliada, perdeu em números de votos para a oposição. Essa discrepância é possível pela forma de distribuição das cadeiras de acordo com a legislação eleitoral daquele país. No entanto, a oposição conseguiu evitar a maioria qualificada do partido do governo, que almejava conseguir dois terços do total de cadeiras na Assembleia Nacional.

É neste cenário político que aqui discuto como o presidente Chávez se utiliza de seu discurso político para ganhar adeptos a seu ideário bolivariano e como se legitima, por meio de seu discurso, em representante da ideia de unidade dos povos latino-americanos, para enfrentar a hegemonia dos Estados Unidos.

Desse modo, a ideia de unidade latino-americana defendida por Chávez é antagônica a uma integração com os Estados Unidos da América [do Norte] e, portanto, se contrapõe, por exemplo, a propostas como as da ALCA [Aliança para Livre Comércio das Américas], e apresenta como alternativa a ALBA [Aliança Bolivariana para as Américas].

Este trabalho tem como objetivo geral investigar de que maneiras o presidente Hugo Chávez constitui o seu discurso como representação de uma unidade latino-americana, no espaço de luta hegemônica contra o imperialismo estadunidense, que se desdobra em três objetivos específicos: investigação das maneiras de agir do presidente Hugo Chávez, a partir da análise da intertextualidade presente nos discursos do líder bolivariano; investigação das maneiras de representar o projeto bolivariano de unidade latino-americana, a partir da análise da interdiscursividade presente em seus discursos; e investigação das maneiras do presidente Hugo Chávez identificar-se como legítimo defensor dos povos latino-americanos e um sucessor de Bolívar, a partir de uma análise dos *ethé* discursivamente construídos.

Para lograr estes objetivos, estabeleci uma articulação teórica entre a Análise do Discurso Francesa (MAINGUENEAU, 2008; CHARAUDEAU, 2006), e a

Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003). Trabalhei com os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, discutidos em ambas as tradições, e o de *ethos*, de acordo com uma proposta de categorização discutida por Charaudeau (2006). Estes conceitos e categorias foram operacionalizados a partir de uma perspectiva multifuncional de linguagem que analisa os textos como modo de agir, representar e de ser, a partir dos significados acional, representacional e identificacional, como formulados por Fairclough (2003).

Este trabalho consiste num gesto de interpretação que conecta a análise textual à análise das condições sociais e históricas e visa, assim, corroborar com o que propõe Fairclough (2003, p. 01) em “*mostrar de que forma um conjunto de análises lingüísticas pode ser usado para investigar diversos temas de interesse dos estudos sociais*”, uma vez que a língua, aqui entendida como discurso, é elemento irreduzível da vida social.

Desse modo, mais do que uma análise textual, esta pesquisa busca investigar os efeitos sociais do discurso produzido, na luta hegemônica, em que ideologias antagônicas se confrontam numa disputa por representações (FERREIRA, 2007). Por isso, faço uma discussão em torno do conceito de hegemonia como formulado por Gramsci (2007) e de ideologia como fenômeno semiótico (EAGLETON, 1997; FAIRCLOUGH 2003).

Como “todo ato de linguagem está ligado à ação mediante relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações que constroem simultaneamente o vínculo social” (CHARAUDEAU, 2006, p. 17), o presidente Hugo Chávez utiliza estratégias discursivas para que, através do seu discurso, opere uma mobilização político-social em torno de seus objetivos e com isso adquira legitimidade como representante da unidade dos povos latino-americanos e contraponto aos propósitos hegemônistas do governo norte-americano.

Não analiso a racionalidade política de Chávez, objeto de estudo da Filosofia Política, mas investigo como os discursos do presidente venezuelano tornam possíveis tanto a emergência dessa racionalidade política como a regulação dos atos políticos que dizem respeito a essa mesma racionalidade.

Como afirma Arendt (apud CHARAUDEAU, 2006, p. 41-42):

[...] sem o acompanhamento da linguagem, a ação não perderia somente seu caráter revelador, ela perderia também, por assim dizer, seu sujeito; não haveria homens, mas robôs executando atos que, humanamente falando, permaneceriam incompreensíveis. A ação muda não seria mais ação, pois não haveria mais ator e o ator, este fazedor de atos, não é possível se ele não for, ao mesmo tempo, falador de palavras. A ação que ele começa é revelada humanamente pelo verbo, e ainda que possamos perceber seu ato em sua aparência física bruta sem acompanhamento verbal, o ato não adquire um sentido senão pela palavra na qual o agente identifica-se como ator, anunciando o que ele faz, o que fez, o que ele quer fazer.

Dessa forma, o discurso dá sentido às ações do agente. E por isso é um instrumento de articulação de um propósito, neste caso, o de constituição da unidade latino-americana. Busco identificar como, através de seu discurso, Chávez articula ações que o legitimam como representante de uma gente e de um ideário de unidade latino-americana.

Parece claro que isso tudo não se dá sem contestação. Se Chávez é um forte contestador do imperialismo norte-americano no continente, ao mesmo tempo enfrenta oposição ao seu projeto de unidade em sua própria nação.

Por isso, julgo necessário identificar como estão implicadas as vozes de seus adversários políticos, e como ele dialoga com essas vozes, omitindo-as, contestando-as ou mesmo afirmando-as.

Não se trata de defender, pois, se Chávez é o legítimo representante do povo latino-americano, mas como ele constrói essa identidade.

Esta é uma operação crítica que visa investigar as estratégias discursivas do presidente Hugo Chávez em sua proclamada revolução bolivariana, como tentativa de unificação não só de uma nação, mas de um conjunto de nações, frente ao imperialismo norte-americano.

Desse modo, este trabalho visa ser um aporte crítico aos debates sobre nosso continente, mostrando a importância do discurso para a significação

dos atos, estabelecimento e contraposição entre hegemonias e contra-hegemonias numa luta por representações.

O corpus da pesquisa está composto por três discursos do presidente Hugo Chávez: seu pronunciamento oficial quando da restituição dos poderes, após o golpe de Estado sofrido em 2002; o pronunciamento na LXI Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas [ONU] em 2006; e o discurso de posse de seu terceiro mandato [que continua a exercer] em 2007.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro, realizo uma discussão dos pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa. No segundo, reflito sobre as relações de poder constituídas no continente americano entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, o pensamento político bolivariano e a conjuntura política venezuelana, em que ocorreram os pronunciamentos políticos do presidente Hugo Chávez. No terceiro capítulo, apresento o processo de construção desta pesquisa e o arcabouço metodológico utilizado. No quarto capítulo, analiso os textos que compõem o corpus desta pesquisa, de acordo com os três significados – acional, representacional e identificacional – propostos por Fairclough (2003). Com relação ao aspecto acional, faço a análise da intertextualidade; quanto ao aspecto representacional, analiso a interdiscursividade, através da qual vários discursos particulares se articulam na constituição do discurso bolivariano do presidente Hugo Chávez; quanto ao aspecto identificacional, investigo como se dá o processo de mobilização dos *ethé* políticos, de acordo com a categorização proposta por Charaudeau (2006).

Nas considerações finais, faço uma discussão sobre os resultados desta pesquisa e sua contribuição para a compreensão das lutas hegemônicas travadas em nosso continente e reflito sobre como estudos críticos da linguagem podem contribuir para uma perspectiva e ação emancipatórias.

CAPÍTULO 1

Reflexões sobre discurso e hegemonia

Este capítulo discorre sobre as relações entre discurso e lutas pelo poder, entendido aqui como hegemonia, e o aspecto multifuncional da linguagem. Na primeira seção, realizo uma discussão sobre o conceito de hegemonia em Gramsci. Na segunda, discuto os efeitos de sentido ideológicos presentes nos discursos, nas lutas pelo estabelecimento, manutenção ou subversão de hegemonias. Na terceira, trato dos pontos de aproximação teórica entre a Análise do Discurso Crítica e uma vertente da Análise do Discurso Francesa, a partir do referencial teórico de Maingueneau (2008) e Charaudeau (2006). Na quarta seção, apresento como a perspectiva multifuncional de linguagem, como formulada por Halliday (1991) foi incorporada pela Análise do Discurso Crítica, a partir das propostas de Fairclough (1992, 2003).

1.1 Política, ideologia e poder: o conceito de hegemonia em Gramsci

Antes de abordar o conceito de hegemonia em Gramsci, considero necessária uma pequena contextualização de sua vida e obra para que possa ser melhor compreendido o viés deste conceito em Gramsci, uma vez que, assim como toda a sua teoria, ele surge como tentativa de responder aos problemas com os quais se defrontou o pensador italiano quando da formulação de uma estratégia revolucionária, capaz de se colocar à altura da tarefa da classe operária em superar o capitalismo nos países avançados.

Antonio Gramsci [1891-1937] participou ativamente na década de 1920 do movimento político que tomou conta da Itália. O país vivia um momento de fortes mobilizações e enfrentamentos políticos, trabalhadores assumiam o controle das fábricas por meio da organização de conselhos como experimentação de uma nova forma de produção, socializante, sob o controle operário. O governo já não tinha mais condições para comandar o país. Entretanto, a esquerda, dividida, não

conseguiu chegar a um acordo capaz de dar um novo rumo político ao país. A divisão da esquerda, o enfraquecimento do movimento e a capitulação do setor mais moderado permitiram à burguesia se reorganizar e mesmo apostar no fascismo como alternativa de poder. Na liderança de um pequeno partido que tinha como base a pequena burguesia, Benito Mussolini comandou um período de longa repressão ao movimento operário de esquerda, o que culminou com a prisão de Gramsci em 8 de novembro de 1926. Neste período de ausência de qualquer liberdade democrática, o militante intelectual italiano foi condenado por conspiração a um período de 20 anos de prisão, tempo necessário para “impedir este cérebro de funcionar”, como afirmou seu condenador. (MAESTRI; CANDREVA, 2007, p. 212).

Porém, a prisão não cumpriu o propósito de seu acusador, pois foi de dentro da prisão que Gramsci escreveu uma obra que permanece atual até hoje, sendo a mais significativa os chamados “*Cadernos do Cárcere*”, que consistem em 30 cadernos escolares de cerca de 50 folhas cada um, durante os anos de 1929 a 1935. Sua obra, especialmente, “*Cadernos do Cárcere*” é aberta a diversas leituras. Pois, como bem nos alerta Perry Anderson (1986), somada à necessidade de dissimulação do que era escrito diante dos carcereiros, o intelectual militante italiano teve que produzir os seus conceitos com o arcaico e inadequado material de Croce ou de Maquiavel, produzindo “uma obra duplamente censurada: seus intervalos, elipses, contradições, confusões, alusões e repetições resultaram deste processo de redação extremamente desfavorável”. (ANDERSON, 1986, p. 8).

Foi a conjuntura italiana, em que a burguesia conseguiu se organizar para restaurar o controle do poder, tendo para isso que se valer mesmo do facismo, que levou Gramsci a se debruçar sobre uma estratégia revolucionária adequada à classe proletária nas sociedades ocidentais, principalmente na conjuntura em que ele particularmente vivia, com a derrota do movimento operário italiano antes mesmo da tomada do Estado. E para isso ele se utilizará de uma linguagem metafórica da estratégia militar. É por pensar duas estratégias revolucionárias distintas para o Oriente e o Ocidente que surgirá em Gramsci o conceito de hegemonia, como fazendo parte da estratégia de posição, a verdadeiramente adequada para a revolução da classe operária em sociedades estruturadas como as ocidentais.

A diferença que Gramsci marca entre Oriente e Ocidente parte de uma análise de como Estado e sociedade civil são estruturados nestas duas regiões. No Oriente, afirma Gramsci, a sociedade civil apresenta-se de maneira gelatinosa, pouco estruturada. Nestes países, a estratégia de movimento ou manobra pode mostrar-se eficaz, como o que ocorreu na Rússia czarista, onde nem a burguesia nem o regime do Czar dispunham de mecanismos privados na sociedade civil capazes de fazer frente à instauração do governo de direção proletária. Tal estratégia de movimento diz respeito à tomada de “assalto” do poder do Estado por uma determinada classe, mediante alguma manobra.

No entanto, nas sociedades ocidentais, onde as relações capitalistas se complexificaram, existem diversas trincheiras que podem constituir-se numa linha de resistência, após a tomada do Estado por outra classe inimiga.

O conceito de Estado em Gramsci é então ampliado, entendendo-o não apenas como a sociedade política, mas também como sociedade civil. Assim, além do aparelho repressivo coercitivo do Estado representado pelo que ele agora denomina de sociedade política, existem os espaços privados de hegemonia, como as escolas, partidos, sindicatos, Igreja, necessários para a criação do consenso e onde atuam precisamente os intelectuais. Gramsci assim afirma em uma das passagens de *Cadernos do Cárcere*: “O Estado, quando quer iniciar uma ação pouco popular, cria preventivamente a opinião pública adequada, ou seja, organiza e centraliza certos elementos da sociedade civil”. (GRAMSCI, 2007, p. 265).

Assim, Gramsci entende que, para a manutenção de um poder, não basta o mecanismo coercitivo da sociedade política, é necessário que haja uma hegemonia de uma classe sobre outra em que uma assimila a outra, a partir de sua ideologia. Desse modo, hegemonia estaria ligada à sociedade civil e a dominação coercitiva à sociedade política.

Assim como Gramsci amplia a noção de Estado, aqui há também uma extensão do conceito de hegemonia com relação à forma como fora utilizado anteriormente nos debates do Partido Operário Social Democrata Russo [POSDR] no fim do século XIX por Plekhanov, Axelrod, Lênin e demais dirigentes daquele

partido. O conceito de hegemonia utilizado naquela época era ligado ao sentido de aliança, no caso, da classe operária com o de outros grupos explorados e não sobre grupos inimigos. Mesmo Gramsci trata o conceito de hegemonia desta forma em dado momento de sua obra como quando se refere à NEP [Nova Política Econômica] implantada na antiga URSS [União das Repúblicas Socialistas Soviéticas] em 1921, como forma de concessão da classe trabalhadora às demandas de outras classes subalternas aliadas, o que levou ao convívio de formas socializantes e privadas de produção, durante algum período até a chegada de Stalin ao poder em 1928. Gramsci (2007, p. 48) afirma:

O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levado em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa.

Tal acepção de hegemonia em Gramsci dá conta das condições necessárias para a composição daquilo que ele denominou *bloco histórico político-econômico homogêneo, sem contradições internas* (GRAMSCI, 2007). No caso da revolução russa, os principais componentes deste bloco histórico eram o operariado - vanguarda revolucionária -, e o campesinato.

No entanto, é uma segunda acepção de hegemonia que prevalece em Gramsci, a de que uma classe inimiga também pode ter uma ascendência intelectual e moral sobre a outra. Esta extensão que faz Gramsci encontra precedentes na III Internacional Comunista em seu IV Congresso, do qual ele participou. E foi utilizada, assim como por Gramsci, para explicar a dominação da burguesia sobre o proletariado, a qual não se daria somente através da coerção.

Gramsci faz uma analogia à natureza do Centauro de Maquiavel – metade homem e metade animal – para tratar da necessidade de uma “dupla perspectiva” em toda ação política que em seus níveis fundamentais correspondiam aos níveis da *força e do consenso, da autoridade e da hegemonia, da violência e da civilidade* (GRAMSCI, 2007, p.33).

O termo “dominação” que é antítese de “hegemonia” aparece em outra combinação que pode ser encontrada em outros textos, em oposição à “direção”. É o que ocorre quando distingue em um determinado trecho o uso da coerção para as classes inimigas e da direção consensual para as classes aliadas:

Um grupo social é dominante sobre os grupos inimigos que ele tende a “liquidar” ou a submeter pela força das armas e é dirigente sobre grupos que lhe são próximos ou aliados. Um grupo social pode e mesmo deve ser dirigente antes de conquistar o poder governamental [esta é uma das principais condições para a conquista do próprio poder]; em seguida, quando ele exerce o poder e o mantém solidamente em suas mãos, ele se torna dominante, mas também continua a ser dirigente (GRAMSCI, 2007, p. 271).

Aqui fica claro, portanto, que Gramsci não descarta a possibilidade de uso da força por parte da classe dominante, mas é a questão da hegemonia como consenso, inclusive sobre as classes inimigas, que tomará boa parte das reflexões do escritor.

Como pude perceber, a questão política e de suas estruturas não é tratada por Gramsci como mero reflexo da infraestrutura, mas numa relação dialética de mútua influência, em que pese que a questão econômica é sempre a fundamental. A importância do conceito de hegemonia em Gramsci reside na sua interpretação como uma das formas de conquista e manutenção do poder, através da capacidade dirigente de uma classe em estabelecer consensos, a partir de uma ascendência intelectual e moral sobre as demais. Daí, a importância da ideologia, como afirma Gramsci (2007, p. 41):

As ideologias [...] se transformam em “partido”, entram em confrontação e lutam até que uma delas, ou pelo menos uma única combinação delas, tenda a prevalecer, a se impor, a se irradiar por toda a área social, determinando além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral, pondo todas as questões em torno das quais ferve a luta não no plano corporativo, mas num plano “universal”, criando assim a hegemonia de um grupo social fundamental sobre uma série de grupos subordinados.

Desse modo, as ideologias ou uma combinação delas, ao tornarem-se universais, contribuem para a garantia da conquista de hegemonia pelo grupo social que a representa.

Vale recuperar aqui a compreensão de ideologia, conforme afirma Eagleton (1997), como fenômeno discursivo ou semiótico, enfatizando assim sua materialidade, através dos signos e preservando o sentido de que diz respeito a uma luta por significados e, desse modo, pelo estabelecimento de determinadas hegemonias. Por isso, mais adiante Eagleton (1997) vai afirmar que a ideologia não pode ser compreendida como um conjunto particular de discursos, mas como um conjunto particular de efeitos [de sentidos] dentro dos discursos.

A tentativa de estabelecer hegemonia se dá quando se busca estabilizar um sentido em detrimento de outros que são apagados ou “abafados”. É o que Eagleton (1997, p. 172) chama de efeitos de “fechamento”, *“pelos quais certas formas de significação são excluídas silenciosamente e certos significantes são fixados em posição de comando”*. Ou como afirma Thompson (apud EAGLETON, 1997, p. 173) que “o poder ideológico não é apenas uma questão de significado, mas de *fazer o significado aderir*”. Esse jogo de exclusão e fixação/aderência é o que representa a arena sónica da luta de classes que discutiu V. N. Voloshinov naquela que Eagleton (1997) considera a primeira teoria semiótica da ideologia, desenvolvida em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929).

É neste quadro teórico que o conceito de hegemonia se torna fundamental à minha pesquisa, no sentido em que é na materialidade discursiva do presidente venezuelano que investigo os efeitos de sentido que ele busca criar e cria para o estabelecimento de seu projeto bolivariano como hegemônico na sociedade venezuelana e mesmo como tentativa de tornar-se hegemônico no conjunto da América Latina e, neste sentido, como contra-hegemonia ao imperialismo estadunidense no continente e no mundo. É, pois, na diferença, na luta por sentidos, que se expressa também a luta por hegemonia.

1.2 Discurso, política e poder

Nesta seção, reflito sobre o conceito de discurso como prática política e ideológica e, desse modo, como se inscreve na luta pela manutenção ou subversão

do poder, compreendido em termos de hegemonia, e as implicações ético-políticas desta luta pelo poder.

Parto de uma compreensão que a constituição da realidade não é uma fatalidade histórica, um caminho único, uma inexorabilidade. São nossas escolhas que fazem do mundo o que ele é. As relações entre as pessoas, as nações, as relações sociais, os sistemas de poder político e econômico podem ser diferentes. O próprio capitalismo, sistema hegemônico e dominante [utilizando a divisão conceitual de Gramsci] no mundo globalizado, mudou para manter o poder, fez concessões, avançou, retrocedeu, fez guerras e declarou paz, destruiu para construir e construiu para destruir. Convive com o liberalismo e o conservadorismo, monarquias e presidencialismos, ditaduras e “democracias”. Carrega contradições e as concilia. E é principalmente pela sua capacidade de mutabilidade que consegue manter-se até hoje, apesar das resistências, cada vez mais dispersas e dilaceradas. E um dos aspectos fundamentais de sua articulação hegemônica é o cultural, a forma como consegue produzir e reproduzir valores, apropriar-se de valores contraditórios e dar a eles sua vestimenta. Nesta disputa simbólica por significações está a linguagem.

Ferreira (2007), em seu livro *Guerra na língua: mídia, poder e terrorismo*, toma como referência o discurso da desconstrução do filósofo Jacques Derrida para debater o caráter ético-político-ideológico da linguagem. A desconstrução, ao denunciar a não-origem fixa e absoluta dos sentidos, afirma ser o jogo da *différance* o que torna possível a linguagem. Desse modo, o significado de um elemento não é determinado por uma essência, mas pela remissão a outro com o qual compõe um par opositivo. Contudo, diferentemente do estruturalismo saussurreano, estas diferenças não são estruturadas internamente dentro do sistema linguístico, mas investidas ideologicamente, de acordo com relações de poder existentes na sociedade. Nas palavras de Ferreira (2007, p. 37):

A linguagem verbal resulta da necessidade de estabelecer com o mundo uma relação de domínio [de poder] pela significação, a palavra, o signo, o logos, assume um caráter de ação, gesto sobre o mundo, que manifesta, pois, três dimensões: uma dimensão ideológica, no sentido de que encerra uma ideia; uma tentativa de representar algo dado como real; uma dimensão política, no sentido de que essa ideia resulta de uma vontade de representação; e, finalmente, uma dimensão ética, no sentido de que essa

ideia não é dada epifanicamente, mas resulta de uma decisão, de uma escolha, motivada evidentemente por diversos elementos.

A linguagem é, por excelência, o principal instrumento semiótico de troca entre indivíduos, grupos e a sociedade em geral. Nela, diversos processos político-ideológicos estão em disputa.

Como afirma Rajagopalan (2003), não existe uma única maneira de representar o mundo. E refere-se a Bernard Williams para concordar com sua proposição de que a representação passa por uma questão de escolha, a escolha que fazemos entre nossas crenças [...] *“uma que possa então ser reivindicada como representando o mundo de uma determinada forma”*. (WILLIAMS, apud RAJAGOPALAN, 2003, p.33).

O ser ético coincide com o ser cognoscente, sendo inseparáveis as dimensões do conhecimento e da escolha. Ao dizer, devo assumir as implicações deste meu dizer, e devo estar ciente das possíveis consequências que ele pode acarretar. É esta dimensão ética que também está presente na obra *“Para uma filosofia do ato responsável”* de Bakhtin (2010), em que é reivindicada a responsabilidade por aquilo que pensamos, num dado momento histórico. Como afirma Brait (2001, p. 29), ao falar da concepção bakhtiniana de dialogismo: *“Você recupera gêneros, discursos que o antecedem, **mas você é que dá o tom**”*. [grifo meu]. E que vejo também presente na obra *“Quando dizer é fazer”* de J. L. Austin (1990, p. 27), desde a primeira conferência, quando ele afirma que: *“A exatidão e a moralidade estão, ambas, do lado da simples afirmativa de que **nossa palavra é nosso penhor**”*. [grifo do autor]. Numa visão crítico responsável, ao comprometer-me com o que digo, devo saber que aquilo que digo e, portanto, faço, provocará uma série de efeitos que têm consequências. É a partir desta visão que me oriento para compreender a linguagem e, por isso, faz-se necessário perceber as implicações ético-políticas do ato do dizer bolivariano de Chávez, aquilo com que ele se compromete, o que, ao dizer, ele faz e que representações ele mobiliza a partir de sua prática de dizer.

Linguagem é tomar partido. Discurso é poder. E, neste sentido, advogar a neutralidade da linguagem serve, exclusivamente e da maneira mais perversa, para impor uma perspectiva sobre as demais, ocultando-as, tornando-as invisíveis, desconsiderando-as ou condenando-as ao túmulo das distorções, dos desvios, dos equívocos, como se aquilo que denominamos de realidade não fosse um sem fim de equívocos. A compreensão de equívoco que utilizo aqui não corresponde a de erros, mas de tudo aquilo que nos escapa ou não depende *exclusivamente* de nossa vontade.

Advogar suposta neutralidade é não considerar que há no mundo uma disputa de sentidos, por formas de representar o mundo, que não se revela a todos pela necessidade e sucesso de manutenção de uma determinada hegemonia, de uma forma de representação sobre as outras. Quanto mais “natural” possa parecer que haja um único sentido possível, uma única forma de representação, mais bem sucedida terá sido a imposição de uma hegemonia. Hitler, por exemplo, conseguiu ser bem sucedido na imposição de sua visão particular de mundo sobre uma raça pura durante pelo menos uma década.

A neutralidade apresenta diversos mantos de proteção. O manto da técnica, da ciência, da lógica ou da delegação de certa *representação*: “Isto é técnico, não é ideológico”. “Não há nada de político ou ideológico, isto é científico.” “Não falo por mim, é a lógica do argumento que afirma”. “É pelo povo que falo.” “É pelo bem da...”

A conveniência histórica é capaz de nos ajudar a enxergar melhor esses movimentos. Tomemos, como exemplo, o discurso liberal burguês da democracia ou da legítima defesa contra o terror, utilizado pela potência estadunidense com relação ao Iraque neste século. Tal discurso nem corresponde a sua posição na década de 1980⁷ no que diz respeito àquele país, nem no que concerne à política que mantém com países ditatoriais como a Arábia Saudita ainda nos dias de hoje.

⁷ Na década de 1980, os Estados Unidos apoiaram o Iraque contra o Irã, naquela que foi a primeira Guerra do Golfo.

O discurso como prática social tem várias orientações – econômica, política e ideológica, mas é o discurso como modo de prática política e ideológica que me interessa neste trabalho. Como afirma Fairclough (2001), o discurso como prática política estabelece, mantém e transforma relações de poder e as entidades coletivas entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo.

Aqui *poder* será compreendido como hegemonia e a evolução das relações de poder como luta hegemônica. Recorro para esta análise às contribuições clássicas do marxismo do século XX, mais especificamente de Gramsci, discutidas na seção 1.1 deste trabalho.

Reproduzo aqui o que diz Fairclough (2003, p. 45):

Na visão gramsciana, política é vista como luta por hegemonia, uma forma particular de conceituar poder que, entre outras coisas, enfatiza a dependência do poder em relação ao alcance de consentimento ou, pelo menos, aquiescência em vez de uso exclusivo da força, e da importância da ideologia na sustentação das relações de poder.

Esta luta de/pelo poder é uma luta por representações, como afirma Butler (apud FAIRCLOUGH, 2003, p. 45): “A luta hegemônica entre forças políticas pode ser vista como, parcialmente, uma contenção das reivindicações das suas visões particulares e representações do mundo para adquirir status universal”.

Nesse sentido, a luta por representações refere-se a uma luta ideológica, conforme afirma Fairclough (2003, p. 09): “Ideologias são representações de aspectos do mundo que podem ser mostradas para contribuir para o estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração”.

Segundo Bakhtin/Voloshinov (1979, p. 45), esta luta ideológica se dá ao nível do próprio signo, uma vez que a palavra é:

o fenômeno ideológico por excelência. É nela onde as ideologias se comunicam, se constituem, se apresentam, interagem. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Desde o nível da palavra ocorrem os processos de disputa entre as classes, o signo é uma arena de lutas, em que uma classe dominante para manter sua dominação busca abafar esta mesma luta, a fim de tornar o signo monovalente, neutralizando os sentidos que se encontram em oposição.

Esta multiplicidade de significados, que um signo ou discurso pode ter, também é apresentada por Fairclough (2001) quando fala do caráter potencial de significados que uma forma pode apresentar, chegando a sobrepor-se e mesmo algumas vezes tornarem-se contraditórios.

Neste terreno de embate ideológico em nível sógnico, analiso como, ao mesmo tempo em que Chávez representa um contraponto aos propósitos de consolidação da hegemonia estadunidense no continente americano, busca ele próprio construir outra hegemonia, ao inscrever seu discurso numa luta por representações, buscando o presidente venezuelano adquirir o maior número de adeptos às representações por ele mobilizadas a partir de seu projeto bolivariano de união da América Latina.

1.3 Análises do discurso: aproximações teóricas

Diante do conhecimento prévio do texto a ser analisado e do referencial teórico que subsidia meu trabalho, realizo uma investigação norteada pelos pontos de contato entre conceitos e procedimentos de vertentes teóricas até certo ponto distintas. Digo até certo ponto porque muitas vezes o que vejo na produção científica é muito mais uma tentativa de demarcação, em que traduzo o discurso, a partir de categorias do registro negativo de meu próprio sistema. Assim, mais do que buscar os pontos de encontro, costumam-se situar as diferenças, o que não quero dizer que seja ruim ou bom. Contudo, não é o caminho eleito por mim.

Desse modo, considere útil para esta pesquisa, uma aproximação entre o instrumental teórico da Análise do Discurso Francesa [ADF], na perspectiva adotada por autores como Maingueneau (2008) e Charaudeau (2006), e a Análise do Discurso Crítica [ADC], de acordo com as propostas de Fairclough (2003) e

Chouliaraki e Fairclough (1999), articulando-as com a pesquisa social a respeito do desenvolvimento de lutas hegemônicas na América Latina, tomando como caso particular para estudo, o processo político venezuelano.

É primeiro fundamental dizer que este desafio que me coloco tem a ver com minha visão de sociedade, linguagem e conhecimento. Distante de compreensões estanques e divisionistas que buscam erigir edifícios sólidos com barreiras intransponíveis capazes de garantir a não contaminação de suas verdades pelas intempéries que as diferenças trazem, defendo a intensa relação entre o conhecimento científico e a sociedade, compreendendo, deste modo, o estudo teórico como uma prática social e fazendo desta relação, portanto, algo bem mais complexo. Courtine (2006, p.50) ao se contrapor à postulação de independência e neutralidade dos métodos científicos, constituídos à distância do objeto estudado, defende que “os métodos da análise do discurso são, à sua maneira e nas suas transformações, um reflexo das mutações do próprio objeto nas suas modalidades de existência material, nas suas percepções individuais e coletivas”.

É por concordar com Courtine (2006) que partilho da compreensão de ciência capaz de ser modificada pela interação com os diversos campos⁸ de conhecimento e as diversas formas de vida, como também ser ela, a ciência, capaz de transformar a própria existência humana. Isto nos exige, portanto, uma postura ético-política como sujeitos que produzem ciência, pois nossas escolhas acadêmicas implicam consequências. É, portanto, necessário assumir estas escolhas como posturas diante do mundo e não como fatalidades acadêmicas inevitavelmente estabelecidas à luz de uma técnica neutra, abstrata, artificialmente esterilizada, e que chamamos de evidências científicas, não tão evidentes assim.

Partindo de uma compreensão da luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta que busca “*remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou transformação das relações de dominação*” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117), o discurso aqui será visto não como mera atividade de reprodução, reflexo de uma estrutura, mas como

⁸ Noção que utilizo por questão metodológica, uma vez que não compartilho da compreensão de que os conhecimentos possam estar divididos em campos. Esta divisão somos nós que a fazemos artificialmente, como faço agora.

possibilidade para uma mudança social, o que implica numa escolha ética por parte do sujeito que age. Ele [o sujeito] não é, pois, simplesmente posicionado por um dizer já previsto entre as possibilidades enunciativas que lhe são oferecidas, mas pode operar um constrangimento na cena enunciativa e, desse modo, provocar a mudança social.

Desse modo, quero discutir como a mudança discursiva apontada por Fairclough (2001, 2003) como parte de uma mudança social, pode ser compreendida na perspectiva da Análise do Discurso Francesa [a partir de agora, intitulada, AD] adotada por Maingueneau (2008) e Charaudeau (2006), que compreende o discurso como parte da prática social e aponta para a possibilidade de agência do sujeito, sugerindo, de acordo com Costa (2005), o que poderia ser uma quarta fase da AD⁹.

Neste trabalho, parto de uma compreensão de discurso em relação com as ideologias e com as práticas que lhe são contemporâneas. Como afirma Michel de Certeau (1982, p. 41):

Da mesma forma que o discurso, hoje, não pode ser desligado de sua produção, tampouco o pode ser a práxis política, econômica ou religiosa, que muda as sociedades e que, num momento dado, torna possível tal ou qual tipo de compreensão científica.

O discurso não pode ser apreendido como um dado, como um objeto, mas como um fazer político-histórico-social na disputa por sentidos. E como um fazer, é preciso que investiguemos suas condições de produção e as implicações ético-políticas.

⁹ A análise do discurso francesa apresentou três fases que corresponderam também a três vertentes, na maneira de como perceber o objeto de discurso e os procedimentos de análise. Em termos sumários, a primeira fase [AD1] foi caracterizada pela análise de discursos mais estabilizados, com o funcionamento submetido pelo funcionamento de uma estrutura fechada em si mesma: a “máquina discursiva”. A segunda fase [AD2] caracterizou-se pela análise de discursos mais polêmicos que se colocavam em relação uns com os outros, a partir da noção de formações discursivas [FD]. Na terceira fase [AD3], inaugura-se o Primado do Interdiscurso, segundo o qual, os discursos possuem uma heterogeneidade constitutiva e, desse modo, são constituídos no espaço do interdiscurso e não mais no espaço fechado de uma FD, ainda que em relação com as outras FDs, como propunha a AD2. (MUSSALIM, 2004; PÉCHEUX, 1997). Baseado principalmente nas reflexões de Maingueneau, Costa (2005) propõe o que seria uma quarta época na Análise do Discurso Francesa [AD], em que há um espaço para a agência, onde o sujeito, apesar de constrangido pelas estruturas, pode operar mudanças.

Retomo as palavras de Courtine (2006) e De Certeau (1982) para corroborar com minha proposição de que os métodos de *Análises* do Discurso devem estar conectados com os tempos em que vivemos. Ciência e sociedade estão profundamente implicadas. E é nesta relação dialética que compreendo o discurso, que é tanto uma prática social que contribui para construção e mobilização das representações, como também é influenciado e constituído por outros discursos, outras práticas sociais. Como afirma Orlandi (1988, p.17):

Não consideremos nem a linguagem como um dado nem a sociedade como um produto, elas se constituem mutuamente. Se assim é, o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais.

Com relação ao conceito de prática discursiva, vale destacar a discussão que Costa (2005) retoma no quadro da Análise do Discurso, no que se refere à crítica que Fairclough (2001) faz à Foucault por sua concepção abstrata de práticas discursivas, o que as reduziria ao seu inverso: as estruturas, dado o caráter anônimo, histórico das práticas para Foucault, não considerando as práticas reais. Esta crítica remete a outra questão que é a do *assujeitamento* do sujeito. Este seria tão somente uma posição, efeito ideológico da estrutura.

Costa (2005, p. 41) inscreve esta discussão no seguinte questionamento: “Como a análise textual deve refletir a conciliação operada por uma teoria do sujeito que o conceba como a um só tempo singular e social?” Um sujeito que, embora social, não é um mero efeito das estruturas sociais. Ao tempo que é interpelado pela Ordem do discurso, ele tenha espaço para agir, para modificar. Enfim, apresenta uma singularidade, uma especificidade que pode interferir na forma como se relaciona com a “Ordem do Discurso”.

A partir daí, é que Costa (2005) desenvolverá sua formulação de uma quarta fase da AD, o Primado da Prática, em que se destaca a agência do sujeito. Mais do que ser posicionado por um já-dito, por estruturas, histórica e socialmente, cabe também aqui uma margem para a agência do sujeito. Para isso faz referência a

Maingueneau (1995), com relação ao conceito de investimento. Afirma Costa (2005, p. 44):

Antes de o sujeito ser aquele que enuncia após ter presente para si que todas as condições estão reunidas para que ele enuncie, ele é aquele cuja enunciação supõe tais condições. *Mas, mais do que isso, o sujeito é ativo e pode, a partir de sua posição enunciativa e nos limites que ela lhe circunscreve, gerir sua relação com constrangimentos [genéricos, linguísticos, institucionais, etc.] que essa posição implica.* [grifo meu].

Nesta concepção de investimento, Maingueneau (1995) primeiramente inverte a ordem como é vista a relação entre o sujeito e as estruturas de um modo em que não se trata de um sujeito que só existe discursivamente por causa de determinadas condições, mas que é o seu dizer que implica determinadas condições. Isso, porém, seria insuficiente, pois permaneceria uma lógica fatalista, em que haveria um único dizer possível em determinadas condições ou um único conjunto de condições para aquele dizer “acontecer”. Então, ele vai além, ao afirmar que há espaço para constrangimentos entre o que se espera que seja dito, dadas as condições de produção, os papéis estabelecidos no jogo discursivo, as estruturas sociais, e o que o sujeito, ativo, *escolhe* dizer. Há um espaço para a agência do sujeito, para afirmação de sua singularidade e, com isso, para que realize suas escolhas. Há um espaço para a mudança social e, portanto, para a subversão da ordem.

Esta compreensão se aproxima da que tenho de jogos de linguagem de Wittgenstein. Ele propõe uma compreensão de linguagem como jogo, discute-a em *Investigações Filosóficas*, porém sem dar uma definição do que seriam jogos de linguagem. Ao contrário, ele discute, através de exemplos, esta noção. Um sujeito dá os lances num jogo, mas estes lances ocorrem de acordo com regras estabelecidas por uma comunidade linguística, às quais ele tem de se adestrar no conhecimento e aplicação delas, algo que só conseguirá jogando o jogo. É neste jogo que esta comunidade linguística se faz reconhecer. Embora as regras existam e sejam as mesmas para qualquer jogador (a), cada um (a) joga de um jeito diferente.

Para melhor situar esta aproximação, cito o que diz Maingueneau (apud COSTA 2005, pg. 43) quando propondo enriquecer a categoria de posicionamento,

ele propõe que os enunciados não se vinculam apenas a entidades produtoras de discursos. É então que relaciona a linguagem com os modos de vida dos seres humanos, a partir do conceito de comunidades discursivas:

“...que não existem senão pela e na enunciação dos textos que elas produzem e fazem circular. O posicionamento não é, portanto, apenas uma doutrina, a articulação de ideias; é a intricação de uma certa configuração textual e um modo de existência de um conjunto de homens.

Nas *Investigações Filosóficas* [IF] “os jogos de linguagem fazem parte de determinadas formas de vida” [IF 23] (WITTGENSTEIN, 1999, p. 35), sendo a linguagem a maneira pela qual os homens interagem, uma práxis social. Essas formas de vida são consideradas como sendo os contextos de ação para Oliveira (2006) em que cada um(a) age de acordo com determinadas regras, porém cada um(a) escolhe o jeito de jogar. Logo, diferencia-se do behaviorismo linguístico, pois não se reduz a uma categoria comportamentalista de estímulo-resposta, ao contrário, é produto histórico do fazer social do ser humano.

Qualificando a concepção de investimento em Maingueneau, Costa (2005, p. 44) ressalta que não se refere a uma escolha meramente intencional, mas é muito mais uma *aposta* que se realiza, tendo em vista certas condições conjunturais, assumindo as consequências por esta aposta, os seus riscos, e ciente de que cada gesto contribui para manutenção ou alteração dessa mesma conjuntura. E dá como exemplo um investidor que para apostar precisa analisar as condições de mercado e os fatores conjunturais e, diante destas informações, pode até mesmo arriscar-se a aplicar seu dinheiro em uma companhia pouco cotada, mas certamente não o fará com relação a uma empresa já falida, pois ele [o investidor] tem, entre seus objetivos, o de continuar investindo, embora nem sempre venha a auferir lucros. Assim, demonstra que o investidor dá o lance, dentre várias possibilidades, mas não é qualquer lance.

É essa ideia de jogo de linguagem, jogo argumentativo que nos permite enxergar os conflitos, a polêmica, a guerra na linguagem (FERREIRA, 2007), as posições de dominação, as práticas de hegemonia e contra-hegemonia que não estão de modo algum desvinculadas da prática social, oferecendo, desse modo,

espaço para a mudança social. Os jogos de linguagem constituem-se em prática social, contribuem para produzir, reproduzir e subverter sentidos. Portanto, aqui, além da agência do sujeito, está colocada a questão ética do fazer discursivo, do jogo (ato) de linguagem.

1.4 Perspectiva multifuncional da linguagem

Nesta seção, abordo como a perspectiva multifuncional de linguagem proposta por Halliday (1985) é contextualizada na proposta da Análise do Discurso Crítica [ADC] de Fairclough (2001 [1995], 2003). Esta contextualização me foi útil para realização da análise discursiva do corpus deste trabalho, cujos efeitos de sentidos dos textos analisados foram investigados de acordo com os aspectos acional, representacional e identificacional do significado.

A Análise do Discurso Crítica baseia-se no paradigma funcionalista da linguagem, a partir de uma aproximação com a compreensão da Linguística Sistêmico-Funcional [LSF] de Halliday, que também percebe a linguagem como um sistema aberto, com uma potencialidade ilimitada para a construção de significados e, portanto, capaz de promover mudanças sociais.

Para Halliday (1991), a linguagem é o principal processo semiótico utilizado pelo homem para construção da realidade. Assim, corrobora com a visão constitutiva da linguagem, ao invés de simplesmente influenciada pela estrutura social.

Eggins (1994) considera o significado em termo de escolhas que fazemos. Assim, as relações paradigmáticas são capturadas dentro de sistemas, no interior dos quais tais escolhas se realizam através das configurações dos papéis funcionais.

Halliday (1991) adota uma perspectiva multifuncional, segundo a qual a linguagem apresenta três funções que ocorrem simultaneamente durante o uso: ideacional, interpessoal ou de troca e textual ou de mensagem.

A linguagem é um meio de representação do mundo. Ela encapsula a experiência humana e exerce um papel importante nas relações das pessoas com os outros seres humanos. A função ideacional ou experiencial é a responsável por esta representação.

A função interpessoal ou de troca dá conta do “fazer com a linguagem”, isto é, do papel que as palavras exercem em um evento comunicativo. A linguagem serve como instrumento de interação social, a partir do que os sentidos são construídos.

A função textual ou de mensagem é responsável pela organização da informação, observando os aspectos semânticos, gramaticais e estruturais que devem ser analisados no texto.

Todo enunciado é multifuncional, ocorrendo as três macrofunções simultaneamente e estando inter-relacionadas. Portanto, torna-se necessária a análise dos textos sob cada uma dessas funções.

Fairclough (2001) recontextualiza a LSF em *Discurso e Mudança Social*, ao propor que a função interpessoal de Halliday se divida em duas: a função relacional e a identitária, com o objetivo de destacar a importância do discurso na constituição, reprodução, contestação e reestruturação de identidades.

Em 2003, com *Analysing Discourse*, Fairclough reformula o modelo multifuncional proposto em 1992. No lugar das funções ideacional, identitária e relacional, propõe três tipos de significado: o representacional, o identificacional e o acional, respectivamente. Quanto à função textual, prefere incorporá-la ao significado acional, ao invés de concebê-la como uma função em separado.

Com esta nova contextualização da LSF para a ADC preserva-se a noção de multifuncionalidade da linguagem. Os três significados agem simultaneamente nos enunciados, seja em textos inteiros ou em pequenas partes.

A recontextualização da perspectiva multifuncional da linguagem da LSF para a ADC é exposta no quadro 1.

Neste trabalho, abordo como os três tipos de significado propostos na última reformulação de Fairclough (2003) podem ser analisados, a partir de algumas categorias da ADC e da ADF.

Quadro 1 – Recontextualização da LSF na ADC

LSF (Halliday, 1991)		ADC (Fairclough, 1992)	ADC (Fairclough, 2003)
F. Ideacional	→	F. Ideacional	Significado Representacional
F. Interpessoal	→	F. Identitária	Significado Identificacional
	↘	F. Relacional	
F. Textual	→	F. Textual	Significado Acional

Fonte: RESENDE, V. & RAMALHO, V. (2006, p. 61)

A discussão sobre os três significados será realizada no Capítulo 4, antecedendo a cada uma das análises das maneiras de agir, representar e identificar, bem como os conceitos, respectivamente, de *intertextualidade*, *interdiscursividade* e *ethos*, utilizados nesta pesquisa, para a realização da análise discursiva dos pronunciamentos do presidente Hugo Chávez.

CAPÍTULO 2

América Latina, Bolivarianismo e o processo político venezuelano

Neste capítulo, dividido em três seções, faço uma descrição e análise dos fatores sócio-históricos que permeiam a luta por hegemonia no continente americano e que contribuíram e contribuem para a formação do atual quadro conjuntural de lutas pelo poder na Venezuela. Na primeira seção, discuto sobre as relações bicentenárias entre os diversos países que constituem o continente americano. Na segunda seção, discorro sobre os aspectos que contribuíram e fizeram parte da constituição do pensamento político de Simón Bolívar, principal referência do projeto político do presidente venezuelano Hugo Chávez. Na terceira seção, por fim, descrevo, de modo sumário, os conflitos e circunstâncias em que os diversos atores políticos da Venezuela lançaram mão de variadas estratégias para a manutenção, conquista ou desestabilização do poder, gerando um quadro de quase permanente tensão política e social.

2.1 América Latina no contexto das relações inter-americanas: *submissão e enfrentamento ao imperialismo estadunidense.*

Si el político es un historiador [no sólo en el sentido de que hace historia sino en el sentido de que operando en el presente interpreta el pasado], el historiador es un político y en ese sentido [...] la historia es siempre historia contemporánea, es decir la política (Gramsci em Schulman, 2005, p. 11)¹⁰.

O papel político da história destacado por Gramsci remete a uma necessidade, entre outras, da compreensão de nossa história como instrumento de ação política capaz de permitir nossa intervenção num presente, visando a construir perspectivas futuras.

¹⁰ Se o político é um historiador [não apenas no sentido de que faz história, mas também, no sentido de que operando no presente, interpreta o passado], o historiador é um político e, assim, [...] a história é sempre história contemporânea, ou seja, política. Citado por Salazar & Lorenzo (2008, p. 21).

Neste sentido, para uma melhor compreensão das disputas hegemônicas que hoje ocorrem na América Latina e, em particular, na Venezuela, considero fundamental analisar o [trans-]curso das relações em nosso continente entre os Estados Unidos, Canadá e América Latina e Caribe e, desse modo, como a nação estadunidense, por meio de suas elites, poderes fácticos e governos temporários, constituíram fundamentalmente uma relação de dominação com relação às outras nações.

Nesta análise, que se propõe desde uma perspectiva integral das relações interamericanas, baseado nos estudos de Salazar & Lorenzo (2008), também discuto como se deu, neste processo contraditório de estabelecimento de uma hegemonia dos Estados Unidos, a evolução das interações entre Europa Ocidental com a América Latina e o Caribe e, desse modo, aquilo que Lênin chamou em 1917 de “contradições interimperialistas¹¹” (LÊNIN, 2011), que culminou com a progressiva aceitação por parte das potências europeias, ainda que a contragosto, da “*influência*” dos Estados Unidos sobre os demais países do continente americano.

Embora tenha se convertido os Estados Unidos na principal ameaça ao desenvolvimento soberano das nações latino-americanas, constituindo-se como uma “República Imperial” nas palavras de José Martí (SALAZAR & LORENZO, 2008), a uma análise com enfoque integral, faz-se necessário considerar também o papel desempenhado por Canadá nas relações interamericanas, bem como as relações existentes entre os estados e governos de América Latina e Caribe entre si, bem como o papel desempenhado pelo diversos atores sociais e políticos não-estatais que atuaram e continuam a atuar nos países situados ao sul do Rio Bravo e da península de Flórida, assim como no Canadá e nos Estados Unidos.

A análise por mim realizada assume uma posição política que reivindica o legado teórico-prático de todos os que lutaram e continuam lutando, em diversos âmbitos, para alcançar aquilo que José Martí denominou “*a segunda independência*”

¹¹ Contradições nas relações entre as potências que detinham poder político, econômico e militar, e mantinham relações de dominação sobre outros países.

*de Nuestra América frente à Roma Americana*¹²”. Desse modo, baseio-me nas perspectivas adotadas nos estudos de Galeano (2009), Martí (2005), Ianni (1988), Salazar & Lorenzo (2008) que, junto a outros intelectuais críticos e lutadores e lutadoras sociais, seguem contribuindo para a construção deste legado histórico. Contudo, por uma questão metodológica, neste trabalho, utilizarei apenas o trabalho de Salazar & Lorenzo (2008) para apresentar as bicentenárias relações inter-americanas, uma vez que a sequência e a divisão entre os períodos históricos por eles adotada me pareceu mais apropriada para o propósito desta pesquisa.

Corroboro com a perspectiva crítica e participativa, reivindicada por Salazar & Lorenzo (2008), segundo os conceitos do que alguns autores chamam de “futurologia”¹³, a partir da qual, o futuro é mais “construível” do que previsível e, que a realidade, embora influenciada pelas tendências, estas podem sofrer rupturas ou descontinuidades, a partir da ação coletiva dos atores sociais. Assim, a futurologia se opõe ao determinismo e ao voluntarismo, no sentido em que nem já está “tudo dado e determinado”, nem significa dizer que as ações dos atores sociais, por si só, serão capazes de alterar os cenários prováveis¹⁴.

A construção do futuro não é, pois um processo neutro, mas um campo de batalha, em que o sujeito desta atividade que são os atores sociais lutam por impor seu poder para defender seus interesses (MOJICA, 2000) implicando desse modo num compromisso com a transformação, numa atitude de construção do futuro, ao invés de simples aceitação (BARBIERI apud SALAZAR & LORENZO, 2008). É neste mesmo sentido que Gorostiaga (2000) define perspectiva participativa como sendo a construção de futuros que representem a vontade das maiorias dos sujeitos sociais, de “organizar a esperança” e de que é:

necessária e possível a edificação de uma sociedade e um mundo melhor, fundado numa opção ética e num compromisso por criar um futuro de

¹² Citado por Salazar & Lorenzo (2008, p. 22).

¹³ Conceitos abordados por Barbieri e Valasskakis (apud SALAZAR & LORENZO, 2008).

¹⁴ A futurologia apresenta uma aproximação teórico-metodológica com o Planejamento Estratégico, que classifica os cenários com “cenários prováveis”, “cenários alternativos” e “cenários desejados”. Os primeiros referem-se às tendências dos processos estudados. Os segundos dizem respeito a alternativas com que podemos nos deparar, independente do grau de probabilidade apontado pelas tendências dominantes. Os terceiros, por outro lado, definem as melhores opções para o alcance dos objetivos dos atores sociais (MOJICA, 2000).

ciudadania digna para os excluídos e para os ‘outros’ desde a paixão e a compreensão solidária¹⁵ (GOROSTIAGA, 2000, p. 35-50).

O enfoque integral das relações interamericanas proposto por Salazar & Lorenzo (2008), baseia-se nesta perspectiva crítica e participativa e realiza-se a partir de:

- a) uma “descrição da história como um processo unitário¹⁶”, expresso pelo filósofo marxista húngaro György Lukács. Ou seja, partindo de uma compreensão de que a história de cada um dos 35 estados nacionais ou multinacionais independentes ou semi-independentes que atualmente existem no hemisfério ocidental, bem como dos 16 territórios desse hemisfério [incluídas as Ilhas Malvinas] submetidos a diversas formas de dominação colonial, são intrínsecas a História da América e esta, por sua vez, é uma parte – e só uma parte – da História Universal;
- b) um estudo das relações entre os estados e governos latino-americanos e caribenhos, bem como do governo do Canadá com o dos EE.UU. e com os governos de América Latina e Caribe, além do governo estadunidense com os primeiros. Aliado a uma análise das forças sócio-políticas, sócio-econômicas e sócio-culturais – “supra-estatais”, “sub-estatais” ou “não governamentais” – que atuam no que Gramsci chamou de sociedade civil, vista como conformada por um campo de batalha das “guerras de movimentos e posições” entre diferentes classes sociais que visam o controle e a defesa do poder político, constituindo um “equilíbrio instável”;
- c) Uma análise que não se reduza às dimensões político-diplomáticas e econômico-comerciais, mas também investigue as dimensões sócio-classistas, político-jurídicas, institucionais, estratégico-militares e de segurança, ideológico-culturais, econômico-financeiras, tecnológicas e ecológico-ambientais;

¹⁵ “necesaria y posible la edificación de una sociedad y un mundo mejor, fundado en una opción ética y en un compromiso por crear un futuro de ciudadanía digna para los excluidos y para los ‘otros’ desde la pasión y la compasión solidaria” [texto original].

¹⁶ Citado por José Ernesto Schulman (2005, p. 11) em “*La parte o el todo: Un mapa para recorrer la historia de la lucha de clases en la Argentina*”.

- d) Um estudo da economia política do imperialismo norte-americano, do capitalismo desenvolvido e relativamente independente existente no Canadá e do capitalismo “em desenvolvimento”, desigual, deformado, periférico e dependente instaurado nos países da América Latina e Caribe;
- e) Uma compreensão das lutas hegemônicas e contra-hegemônicas que ocorreram e ocorrem no continente, através de uma dinâmica – na maioria das vezes, violenta – entre reforma, revolução, reformismo, contra-reforma e contra-revolução.

Por fim, reivindico o enfoque integral e a perspectiva crítica e participativa como método que permite o aprofundamento do estudo sobre nosso continente e capaz de, através de uma crítica-transformadora do presente, antecipar os cenários desejados para o futuro por aqueles (as) que hoje deflagram lutas de resistência às diversas formas de dominação em nosso continente, nas palavras de Ernesto Guevara de la Serna, *Nuestra Mayúscula América*.

Como assinalou Castro (apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 27), “a ação política estadunidense pautou-se desde o início, nas duas tendências que caracterizaram sua relação com o mundo natural”. Por um lado, a sua expansão para o exterior em nome da luta pelo controle de recursos naturais estratégicos, em particular, energéticos, minerais e alimentos; por outro, a luta pela conservação dos recursos naturais de seu próprio território. Essas tendências expansionistas e de segurança nacional são confirmadas nas palavras dos chamados *Founding Fathers* [Pais Fundadores], como Thomas Jefferson, quando afirmara em 1786:

Nuestra Confederación debe ser considerada como el nido desde el cual toda América, así la del Norte como la del Sur, habrá de ser poblada. Mas cuidémonos [...] de creer que interesa a este gran Continente expulsar a los españoles. Por el momento aquellos países se encuentran en las mejores manos, y sólo temo que estas resulten demasiado débiles para mantenerlos sujetos hasta que nuestra población haya crecido lo suficiente para írselos arrebatando pedazo a pedazo (SELSER, apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 33)¹⁷.

¹⁷ Nossa confederação deve ser considerada como o berço a partir do qual toda América, tanto a do Norte como a do Sul, haverá de ser povoada. Mas devemos nos precaver [...] quando a acreditar que interessa a este grande continente expulsar os espanhóis. Por enquanto, aqueles países estão nas melhores mãos, e só temo que elas se tornem demasiado frágeis para mantê-los presos até que nossa população haja crescido o suficiente para arrebatá-los pedaço por pedaço [minha tradução].

E o que disse Alexander Hamilton, outro *Founding Father*, em 1788:

Podemos esperar que dentro de poco tiempo nos convirtamos en los árbitros de Europa en América, pudiendo inclinar la balanza de las luchas europeas, en esta parte del mundo, de acuerdo con lo que dicten nuestros intereses [...] Dejád a los trece estados ligados por una firme e indisoluble unión tomar parte en la creación de un Gran Sistema Americano, superior a todas las fuerzas e influencias transatlánticas y capaz de dictar los términos de las relaciones que se establezcan entre el viejo y el nuevo mundo (SELSER, apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 33)¹⁸.

Estes e tantos outros argumentos político-ideológicos, substanciados tanto na Doutrina Monroe [ver quadro 2], como no *Destino Manifesto*, permitiram justificar a expansão em direção ao norte, sul e oeste das limitadas fronteiras originais dos Estados Unidos da América [ver anexo A]. Sob estes preceitos, os governos estadunidenses engajaram-se na compra do território do Alasca ao império czarista que se concretizou em 1867, na conquista do Oeste, com a tomada de terras dos chamados *pioneers* [maioria composta por pequenos agricultores e criadores de gado], reconstrução do Sul [após a Guerra de Sucessão], e conquista de outros territórios, advindos de países latino-americanos, ou das antigas metrópoles europeias.

Todas estas ações favoreceram a generalização das relações capitalistas de produção e assentaram as bases sócio-econômicas [revolução industrial], político-jurídicas [consolidação do Estado Federal] e ideológico-culturais [os *Paramount interests* – interesses globais] dos Estados Unidos, permitindo-lhe a rápida transição do capitalismo pré-monopolista ao que Lênin em 1917 (2011) denominou “capitalismo monopolista”, o que teve consequências perversas para a América Latina e o Caribe e implicações negativas para o Canadá. Este último país livrou-se das intenções de anexação por parte dos Estados Unidos, devido ao *Reform Act* [Lei da Reforma] aprovado pelo parlamento britânico, segundo o qual, com o nome de Domínio do Canadá, deixou de ser colônia do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte o território então abrangido pela Nova Escócia, Nova

¹⁸ Podemos esperar que dentro de pouco tempo nos tornemos os árbitros da Europa na América, podendo inclinar a balança das lutas europeias, nesta parte do mundo, de acordo com o que ditem nossos interesses [...] Deixai que os treze estados ligados por uma firme e indissolúvel união participem da criação de um Grande Sistema Americano, superior a todas as forças e influências transatlânticas e capaz de ditar os termos das relaciones que se estabeleçam entre o velho e o novo mundo [minha tradução].

Brunswick, Quebec e Ontário (HRISTOULAS, 2005). No entanto, permaneceria o Canadá com um regime de soberania limitada, o que os tornaram praticamente ausentes das relações interamericanas durante todo o século XIX e metade do século XX.

Quadro 2 - Os conteúdos da Doutrina Monroe

Afirmações positivas

- Os Estados Unidos não consentem que nações europeias adquiram territórios na América; nem que realizem qualquer ato do qual se possa derivar essa aquisição.
- Os Estados Unidos tampoco consentem que uma nação europeia obrigue a outra da América a mudar sua forma de governo.
- Os Estados Unidos não toleram que uma colônia europeia seja transferida por sua metrópole a outra potência europeia.

Afirmações negativas

- Os Estados Unidos não fazem matéria de pacto os princípios que envolvem a Doutrina Monroe.
- A Doutrina Monroe não pactua com as colônias europeias existentes ao ser promulgada; nem se aplica à luta de uma colônia contra sua metrópole.
- Os Estados Unidos não intervêm em demonstrações puramente punitivas que façam os governos europeus contra nações americanas, desde que esses atos não se derivem de uma ocupação de território.
- Os Estados Unidos não intervêm em caso de guerra entre nações americanas.
- Os Estados Unidos não se opõem a que uma nação europeia seja árbitro em uma questão entre nações americanas.

Fonte: De Cárdenas (apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 35).

Dividirei a análise das relações interamericanas em oito períodos, segundo o estudo realizado por Salazar & Lorenzo (2008). O primeiro período das contraditórias relações interamericanas compreende o início de 1804, com a declaração de independência do Haiti e vai até 1865, quando culmina a Guerra da Secessão nos Estados Unidos, com a morte do então presidente Abraham Lincoln (1861-1865) em 14 de abril daquele ano.

Durante todo este período, os Estados Unidos atuaram em cooperação antagonica¹⁹ com as metrópoles europeias, sendo, no mínimo, cúmplices das ações

¹⁹ Categoria utilizada primeiramente pelo marxista alemão August Thalheimer, após a segunda Guerra Mundial, a fim de explicar as intrincadas relações de integração-cooperação-competição-conflito entre as principais potências imperialistas, nos momentos em que uma delas mantinha uma posição

violentas desferidas por estas potências contra vários países do continente, conquistando para si benefícios necessários a sua estratégia expansionista. Desse modo, Thomas Jefferson e sucessivos governos norte-americanos, negaram-se a reconhecer a independência da primeira república negra e anti-escravagista do mundo [os Estados Unidos só reconheceriam a independência do Haiti em 1862], bem como recusaram qualquer apoio às diversas iniciativas de liberação nacional, empreendidas na América Latina e Caribe. Somente depois da aquisição do território da Flórida Oriental e do reconhecimento do domínio de fato dos Estados Unidos sobre a Flórida Ocidental, pela Espanha, que já não se encontrava em condições de negociar, em 1919, foi que o governo estadunidense reconheceu diversas das independências latino-americanas.

Após a compra do extenso território de Luisiana em 1803 à França, beneficiado pela vitória da heroica resistência haitiana sobre as poderosas tropas napoleônicas, os Estados Unidos permaneceram “neutros”, com relação ao restabelecimento da escravidão e controle francês sobre as ilhas de Martinica e Guadalupe, bem como do território da Guiana Francesa.

Apenas os governos haitianos, inicialmente de Jean Jacques Dessalines (1804-1806) e, posteriormente, de Alexander Sabès Pétion (1806-1818), apoiaram, respectivamente, as iniciativas de Francisco de Miranda, nas lutas pela independência de Hispanoamérica, e de Bolívar, pela América do Sul.

As independências latino-americanas foram impulsionadas pela utopia da Pátria Grande, alimentada pelas ideias mais avançadas da Revolução Francesa de 1789, bem como da frustrada revolução liberal iniciada na Espanha em 1808 e temporalmente derrotada em 1813, ou seja, no momento em que o povo espanhol lutava por sua independência frente à ocupação do exército napoleônico.

Portanto, logo no início do século, em suas três primeiras décadas, os interesses dos grupos dominantes estadunidenses já mostravam não coincidir com

hegemônica ou dominante em suas relações mútuas. Esta categoria é reutilizada de forma criativa pelo cientista social brasileiro Ruy Mauro Marini em seu artigo “A integração imperialista e América Latina” (1994), com o intuito de compreender as relações contraditórias estabelecidas entre Inglaterra, Holanda, França, Espanha e Estados Unidos, a fim de manterem um esquema de dominação sobre os países latino-americanos.

os dos projetos independentistas unitários e libertadores de próceres e mártires como José Gervasio Artigas, José de San Martín e Bernardo O'Higgins, na luta pela libertação da América do Sul, e de Miguel Hidalgo e José María Morelos na luta pela independência do Vice-Reinado de Nova Espanha [México e América Central].

Na verdade, os objetivos dos Estados Unidos eram bem outros, como demonstrados anteriormente nas palavras de Thomas Jefferson. Foi através da “guerra de rapina” (1845-1848), como ficou conhecida, que os Estados Unidos se apoderaram, por exemplo, de metade do território mexicano, consagrado pelo Tratado Clayton-Bulwer, assinado em 1850 entre os governos da Grã-Bretanha e Estados Unidos, em troca do reconhecimento por este último das posses britânicas na América Central. Anos depois, Abraham Lincoln aceitaria o desembarque de tropas inglesas, espanholas e francesas no restante que sobrara do território mexicano, que levou à instauração da monarquia de Maximiliano I (1862-1867). Sucessivos governos estadunidenses ainda patrocinaram diversas expedições do flibusteiro William Walker que visava recolonizar e restabelecer a escravidão em diversos países centro-americanos.

As atitudes dos grupos dominantes na Grã-Bretanha e França não foram, contudo, como já se percebeu, tão diferentes das adotadas pelos governos dos Estados Unidos. A Grã-Bretanha ajudou a financiar algumas iniciativas dos líderes independentistas, no entanto, condicionada ao estado de suas relações com Espanha e a Santa Aliança²⁰. As dívidas contraídas pelos países que lograram sua independência oficial favoreceram a crescente dependência política, militar, ideológica e econômica, em relação ao Reino Unido, durante quase todo o século XIX e as duas primeiras décadas do século XX.

Os governos britânicos ainda se fizeram presentes em diversos conflitos interamericanos, como foi o caso já citado da apropriação estadunidense de metade do território mexicano, que lhe garantiu, entre outras coisas, a formação de Belize, às expensas do território da Guatemala, e a expansão territorial da Guiana Britânica, a partir da costa venezuelana. A Grã-Bretanha teve também forte influência na

²⁰ Aliança formada por países europeus católicos, governados por monarquias, com o objetivo de combater ideias liberais, manter o regime monárquico e garantir a recolonização de países que haviam conquistado sua independência, entre outros interesses (BELLOTO & CORRÊA, 1983).

guerra entre Brasil e Argentina (1825-1828) pelo controle da faixa oriental do Rio da Prata, que levou em 1830 à fundação do Uruguai. E três anos mais tarde, com a cumplicidade dos Estados Unidos, a coroa britânica ainda se apoderou ilegalmente das Ilhas Malvinas, pertencentes à Argentina.

A coroa britânica também teve implicações em diversas das destrutivas guerras fratricidas entre as nações da América Latina durante o século XIX, entre as quais, a guerra entre Chile, Peru e Bolívia durante a Primeira Guerra do Pacífico, que culminou com a destruição da Confederação Peruano-Boliviana; as que levaram à destruição da Federação Centroamericana, em 1840; e as que na década de 1850, Brasil, Uruguai e Argentina formaram a Tríplice Aliança contra o Paraguai pelo controle da bacia do Rio da Prata.

A França, por sua vez, além de restabelecer o regime de escravidão e exploração colonial nas ilhas de Martinica e Guadalupe, bem como sobre a Guiana Francesa, perpetrou diversas agressões contra os estados latino-americanos. Entre elas, o bloqueio dos portos de Veracruz e Buenos Aires, a intervenção militar no Uruguai entre 1838 e 1840; a intervenção ilegal armada anglo-francesa contra a Confederação Argentina entre 1845 e 1850, as agressões contra o governo republicano equatoriano entre 1852 e 1853, e a já referida ocupação militar do México entre 1862 e 1867, não tendo esta última prosperado em virtude da heroica resistência das forças patrióticas mexicanas lideradas pelo Benemérito da América, Benito Juárez. Além disso, respaldou o domínio espanhol sobre Cuba e Porto Rico, além dos imperialismos anglo-saxões no continente americano, e manteve uma política de permanente hostilidade ao Haiti, ao qual impôs onerosas condições financeiras para o reconhecimento de sua independência.

Contudo, este processo de fragmentação geográfica e política das nações latino-americanas e sua crescente dependência das potências europeias e estadunidenses não foi resultado apenas de ações externas, mas também das contradições internas, da composição sócio-político-econômica-cultural dos países latino-americanos, e dos projetos de poder de suas elites.

Além do fracasso de diversas tentativas de unidade, como foi o caso das propostas de Bolívar no Congresso Anfictiônico do Panamá, as guerras civis desencadeadas nos Estados Unidos do México e na Federação Centro-americana, o movimento separatista da República da Colômbia, a derrota política, em 1827, dos mais radicais líderes independentistas peruanos, assim como a morte um ano depois do então presidente da Bolívia, Marechal de Ayacucho, Antonio José de Sucre, foram fatores que contribuíram significativamente para a desagregação latino-americana.

Outros fatores de ordem sócio-econômica e político-ideológica mais profundos foram decisivos neste processo. Entre eles, a inexistência de uma burguesia latino-americana, interessada em impulsionar a união do continente; a incapacidade das burguesias liberais que dirigiram ou apoiaram os movimentos independentistas em organizar sistemas de poder capazes de substituir a antiga metrópole; o “localismo político” derivado da “ausência de vínculos econômicos mais significativos” (FURTADO apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 44); o caráter incompleto da revolução independentista-burguesa da América Latina e o conseguinte predomínio de setores como a burguesia comercial, a aristocracia crioula e os grupos rurais tradicionais, interessados tão somente numa “emancipação política nacional” carente das “emancipações sociais” e de “transformações político-democráticas” (GALASSO, apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 44).

A derrota dos projetos de “desenvolvimento para dentro”, como o caso do Paraguai, a consolidação do caráter primário-exportador das economias latino-americanas, as constantes demandas de manufaturas e bem de capital advindos do exterior, a instabilidade dos sistemas monetários e os agudos desequilíbrios fiscais levaram os governos latino-americanos a contrair empréstimos externos ainda mais onerosos. Assim, constituíram-se as bases do capitalismo dependente, subdesenvolvido e periférico que ainda hoje caracteriza a maioria dos países da América Latina e Caribe.

Os propósitos expansionistas dos Estados Unidos seguem no segundo período que Salazar & Lorenzo (2008) demarcam desde o fim da Guerra de

Sucessão [1865] até a Guerra Hispano-Cubana-Filipina-Estadunidense de 1898, mal chamada pelos estadunidenses de “Hispano-norteamericana”. Foi neste contexto, que se consubstanciou o panamericanismo como estratégia política dos Estados Unidos, em seu projeto expansionista em direção ao continente americano.

O panamericanismo se funda, segundo Salazar & Lorenzo (2008) basicamente em dois mitos: i) de que os Estados Unidos contribuíram para as independências na América Latina; ii) que seria Bolívar o pai do panamericanismo.

O primeiro destes mitos levou à construção de uma versão da independência de Cuba e Porto Rico, como resultado quase que exclusivo da ação estadunidense, chegando a intitulá-la de guerra “hispano-norteamericana”, como já citado anteriormente.

Cuba e Porto Rico, desde 1868, haviam iniciado suas lutas pela independência, sem nunca contarem com apoio estadunidense. Ao contrário, sucessivos governos dos EE.UU. negaram-se a reconhecer a República de Cuba em Armas institucionalizada em 1869, além de buscarem unilateralmente comprar a “independência” de Cuba a Espanha e tornar Porto Rico um protetorado seu. Thomas Jefferson já confessara, anos antes, que sempre havia considerado a:

Cuba como a adição mais interessante que se poderia fazer ao nosso sistema de estados. O controle que com a Flórida nos daria essa ilha sobre o Golfo do México e os países do istmo contíguo [América Central], bem como [sobre] as terras cujas águas desembocam no Golfo, assegurarão completamente nossa segurança continental (Jefferson em SELSER, apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 38).

Apenas em abril de 1898, quando, após cruentos combates, as forças libertadoras cubanas já haviam praticamente derrotado o colonialismo espanhol, tendo sua autonomia política e de Porto Rico já reconhecidas pela monarquia ibérica, e pelo próprio Congresso norte-americano, o governo de McKinley, sob o pretexto da explosão do navio estadunidense Maine “casualmente enviado à Havana para proteger o consulado estadunidense”, decidiu por declarar guerra à Espanha. (ZINN, 2004, p. 215-222).

Não por acaso, esta guerra saiu tão barata e rápida para o governo dos EE.UU. que, com ela, consolidaram seu posto de potência mundial. Em apenas quatro meses e com a baixa de apenas 5.462 homens, do total de 274 mil oficiais, tendo apenas 379 morrido em campo de batalha²¹, as tropas norte-americanas, em conjunto com os exércitos de liberação nacional, impuseram a capitulação das forças hispânicas. Neste mesmo período, também no Oceano Pacífico, aliados às tropas filipinas, os Estados Unidos, lograram o mesmo êxito, levando-os a apossar-se das 7.100 ilhas filipinas, de Guam e de Porto Rico, como “compensação” por sua ajuda, além de, sob o pretexto de criar os mecanismos institucionais que supostamente permitiriam a Cuba garantir sua soberania e independência, exercer sobre a maior das Antilhas forte influência política.

Neste período, também foi consolidando-se uma crescente subordinação ideológico-cultural das classes dominantes e outros setores dos países latino-americanos com relação às potências europeias e os Estados Unidos. Sendo a discriminação racial e o falso conflito “entre civilização e barbárie” expressões aberrantes desta forma de dependência, que justificaram, entre outras ações, o extermínio dos descendentes os povos araucanos e a destruição da Confederação Mapuche em uma aliança entre os governos oligárquicos e racistas da Argentina e liberais do Chile.

Esta atitude genocida, racista, discriminatória e excludente para com os povos originários e seus descendentes, a população de origem africana e asiática, os mestiços e as mulheres, unida à exploração sócio-classista da então nascente classe operária e dos camponeses, acompanhou a maioria dos governos liberais instalados na América Latina entre a segunda metade do século XIX e a terceira década do XX. Um exemplo da projeção externa desta política interna foi a guerra da “tríplice infâmia”, como intitulada por Eduardo Galeano (1990, p. 173-181), a qual provocou a morte de mais de 1.100.000 paraguaios e paraguaias, a maioria deles descendentes dos povos tupi-guaranis. É certo que havia interesses político-geográfico-econômicos nesta guerra, uma vez que o governo paraguaio, que possuía um projeto de forte desenvolvimento interno, recusava-se a atender às

²¹ A maioria morreu devido a doenças e outras causas, entre elas, o envenenamento produzido pela decomposição dos alimentos em conserva (SALAZAR & LORENZO, 2008).

demandas de livre navegação dos britânicos e estadunidenses, que, por sua vez, exerciam forte domínio sobre os governos do Brasil, Argentina e Uruguai.

Interesses estadunidenses e britânicos também estavam presentes na denominada “Segunda Guerra do Pacífico”, entre Chile, Peru e Bolívia, ocorrida no período de 1879-1883. As elites chilenas, aliadas aos investidores britânicos [entre eles, o conhecido Rei do Salitre, John Thomas North] pretendiam controlar as jazidas de guano²² e salitre²³ que existiam no Peru e Bolívia. Com esta guerra, Peru e Bolívia perderam parte do seu território, tendo este último país perdido suas únicas saídas para o mar, com a perda da província de Atacama e do porto de Antofagasta. Os Estados Unidos, aproveitando-se da situação, tentaram junto às classes dominantes do Peru na época, lograr um regime de protetorado.

Nesta época, - apesar das contradições existentes entre as elites estadunidenses e seus representantes políticos, com relação aos métodos de como estabelecer suas relações com a América Latina e com os países independentes do Caribe -, a pressão dos setores econômicos livre-cambistas e dos grupos sócio-políticos e político-militares que queriam reviver o projeto de Alexander Hamilton de um sistema pan-americano garantiram a aprovação pelo Congresso norte-americano de uma lei que determinava ao presidente Grover Cleveland (1885-1889) que realizasse a Conferência Internacional dos Estados Americanos.

Neste evento, entretanto, as duas principais propostas do governo estadunidense: de criar um sistema de arbitragem obrigatório para “conservar a paz e fomentar a prosperidade dos diversos estados americanos”, e a de institucionalizar uma União Aduaneira Americana, fracassaram, apesar das diversas pressões “diplomáticas”. Do mesmo modo, pouco tempo depois, no segundo semestre de 1891, a proposta do governo norte-americano de adoção de uma moeda comum de prata nas transações comerciais recíprocas dos estados da América foi rechaçada. Esta propositura tinha como objetivo valorizar as enormes reservas de prata existentes nos Estados Unidos, incrementar sua liquidez interna e enfrentar o padrão ouro que sustentava a Grã-Bretanha. O fracasso das proposições dos Estados

²² Restos fecais das aves que povoam o Pacífico Sul.

²³ Fertilizante natural empregado na época.

Unidos nestes dois eventos resultou principalmente do fato de que elas afetavam os interesses das nações do sul, que se encontravam ainda sob forte dependência do comércio, dos créditos e dos investimentos britânicos.

Nesta época, também continuaram a fracassar as tentativas de concertação política e união entre os países latino-americanos. Destaco o caso do Congresso Internacional Americano, convocado em agosto de 1896 pelo primeiro governo do presidente liberal, popular e nacionalista do Equador Eloy Alfaro (1895-1901) e do ditador liberal mexicano Porfirio Díaz (1884-1911), com o propósito de “elaborar um direito internacional americano alternativo à Doutrina Monroe” e impulsionar as relações econômico-comerciais entre os países latino-americanos.

No final do século XIX, os Estados Unidos ainda influenciaram em diversos conflitos internos dos países latino-americanos, apresentando, desse modo, uma prática mais intervencionista, como foi o caso da Revolta da Armada (1894), em que a Marinha de Guerra dos EE.UU. respaldou as forças leais ao então presidente brasileiro Floriano Peixoto e garantiu, com esta ação, um acordo aduaneiro entre os dois países. Também ocuparam por diversas vezes vários pontos do território nicaraguense, interviram de forma oportunista no conflito entre Venezuela e Grã Bretanha em 1844 e ainda – com anuência das principais potências imperialistas europeias – excluíram intencionalmente os patriotas cubanos, filipinos e porto-riquenhos da conferência de Paris, em dezembro de 1898, em que foi assinado o Tratado de Paz que formalmente encerrou a Guerra Hispano-cubana-filipina-estadunidense.

O período seguinte da análise das relações interamericanas, de acordo com Salazar e Lorenzo (2008), compreendido entre a assinatura de referido tratado de Paz em 1898 e o primeiro dos três sucessivos mandatos do presidente democrata Franklin Delano Roosevelt, em 1933, caracterizou-se por um intervencionismo amplo e deliberado por parte de todos os governos republicanos e o único governo democrata deste período de Woodrow Wilson (1913-1921), que, por sinal, entrou para história como o que maior número de intervenções de intervenções militares diretas perpetrou contra a Bacia do Caribe. Foi inclusive sob a justificativa da “*promoção da democracia*”, inserida formalmente, por primeira vez,

entre os princípios da política norte-americana com relação aos países latino-americanos, por dito governo democrata, que diversas intervenções militares foram realizadas pelos governos estadunidenses deste terceiro período.

Este período (1898-1933) também ficou marcado pelo desenlace, favorável para os Estados Unidos, das contradições interimperialistas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918); uma nova correlação de forças mundial pelo triunfo da Revolução de Outubro de 1917 e paulatina consolidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [URSS], fundada em dezembro de 1922; o auge de lutas do trabalho contra o capital, lutas pela liberação nacional e social em diversas regiões do chamado Terceiro Mundo; e das debilidades das potências europeias, mesmo as que saíram vencedoras da guerra.

Foi neste período que Estados Unidos e Grã-Bretanha dividiram entre si suas influências no continente americano, a partir do Tratado Hay-Pauncefote (1901) e que o governo britânico aceitou a derrogação do Tratado Clayton-Bulwer de 1850, liberando a administração republicana de Theodore Roosevelt (1901-1909) para construir de maneira unilateral o desejado canal inter-oceânico do Panamá. Entretanto, para lograr tal construção, era preciso tomar para si o território daquele país. Com este objetivo, os Estados Unidos atuaram na neutralização das forças liberais-populares colombianas que, com o apoio político-militar dos governos liberais do Equador e da Venezuela, pretendiam impulsionar a refundação da Grande Colômbia; e exerceram o papel de garantidor da cobrança da dívida de Venezuela, perante as potências imperialistas europeias, entre as quais, Alemanha, Itália e Grã-Bretanha, que haviam invadido o território venezuelano, com a cumplicidade estadunidense. Assim, criaram o ambiente favorável à segregação do Panamá da República da Colômbia, sem qualquer resistência deste país e dos vizinhos. Em consequência disso, o novo Estado-nacional latino-americano já surgia sob ocupação das forças armadas norte-americanas.

As forças armadas norte-americanas ainda interviram várias vezes em Honduras, Guatemala e Nicarágua, país que ocuparam de maneira permanente entre 1912 e 1933, igualmente com o que sucedeu à República Dominicana, ocupada entre 1915 e 1925; e o Haiti, entre 1914 e 1934. Também interviram

militarmente, em diferentes momentos, em Cuba, Panamá, Venezuela, Paraguai e México (SALAZAR & LORENZO, 2008). Todas estas intervenções militares, assim como as político-econômicas e diplomáticas ocorreram, apesar da resistência de camponeses [México, Nicarágua, Haiti e República Dominicana] e da nascente classe trabalhadora e burguesia urbana, que tiveram suas lutas violentamente sufocadas pelas classes dominantes internas com o apoio de aliados externos, inclusive [como o caso do Peru] do governo fascista instaurado na Itália desde 1922.

A dependência da América Latina e do Caribe aumentava significativamente frente aos Estados Unidos, cujos empréstimos oferecidos pela banca privada norte-americana saltaram de menos de 15 milhões a mais de 1,4 bilhões de dólares entre 1914 e 1927. Desse modo, as elites norte-americanas, através dos governos republicanos desse período, retomaram o pan-americanismo, estruturando a União Pan-americana em 1910, com o intuito de estabelecer um controle político e econômico ainda maior sobre os países latino-americanos. Nessa empreitada, o governo estadunidense contou com o papel decisivo do diplomata brasileiro pró-monroísta José Maria da Silva Paranhos, conhecido como “o barão de Rio Branco”, a fim de neutralizar, junto com outros colaboradores, as atitudes anti-panamericanistas dos governos argentinos e chilenos, ainda com fortes vinculações com a coroa britânica.

Durante este período [1898-1933], continuava o processo de desagregação dos países latino-americanos com diversas guerras fratricidas, geralmente estimuladas por diversos monopólios estadunidenses, como era o caso da United Fruit Company. Permaneciam os conflitos civis na América Central, mesmo após a assinatura em 1907 do ineficaz Tratado de Paz e Amizade, sob a tutela dos Estados Unidos. Em 1923, Peru e Colômbia deflagraram uma guerra pelo controle do território de Letícia. Entre 1928 e 1935, desenvolveu-se uma sangrenta guerra entre Bolívia e Paraguai pelo domínio do território do Chaco, que resultou um total aproximado de 90 mil mortes de ambos os lados (CERVO & BUENO, 2002). Por detrás deste conflito, estavam os interesses da Standard Oil de New Jersey [que incentivou Bolívia] e da empresa anglo-holandesa Royal Dutch Shell [que

impulsionou o Paraguai], diante da suposição que naquele território haveria jazidas petrolíferas (GALEANO, 2009).

Os Estados Unidos ainda apoiaram neste período a diversas ditaduras militares ou cívico-militares instauradas nos países latino-americanos e caribenhos, deixando de lado a retórica da *“promoção da democracia”*. Entre elas, a que assumiu o poder na Guatemala, em 1831: a do general Maximiliano Hernández Martínez, surgida do assassinato de 30 mil salvadorenhos [2% da população daquele pequeno país] com o fracasso da insurreição comandada por Farabundo Martí, líder do Partido Comunista de El Salvador; as instauradas na Argentina e no Uruguai, a partir de 1932; e a venezuelana, sob o comando de Juan Vicente Gómez.

A atitude intervencionista e violenta dos Estados Unidos com relação aos governos latino-americanos e caribenhos, aliada à promulgação em 1929 da Lei Smoot-Hawley [pela administração republicana de Herbert Hoover], que elevou a limites absurdos as tarifas aduaneiras estadunidenses e reduziu em mais de 75% as importações de produtos vindos da América Latina e Caribe, haviam criado um clima de insatisfação e impopularidade grande no continente e levaram a uma reorientação da política norte-americana durante o governo do presidente democrata Franklin Delano Roosevelt [março de 1933-abril de 1945], com relação aos países situados ao sul do Rio Bravo e da península da Flórida.

Este período, o quarto desta análise, ficou conhecido por vários estudiosos como a *“política do bom vizinho”* (BOERSNER, apud SALAZAR & LORENZO, 2008), diante da aceitação formal pelas três sucessivas administrações de Franklin. D. Roosevelt do princípio absoluto de não intervenção nos assuntos internos da América Latina e Caribe, consagrado no Protocolo Adicional Relativo à Não-Intervenção que, proposto pelo governo mexicano, fora aprovado pessoalmente pelo presidente estadunidense na Conferência Interamericana de Consolidação da Paz, realizada em 1936, em Buenos Aires.

No entanto, sob os pretextos da Segunda Guerra Mundial e da defesa do continente, foram constituídos na terceira reunião de consulta dos Ministros de Relações Exteriores dos países pertencentes à União Pan-Americana, o Comitê

Consultivo de Emergência para a Defesa Política do continente e a institucionalização da Junta Interamericana de Defesa [JID]. Ambos órgãos político-militares estiveram a serviço de “*intervenções coletivas*” nos assuntos internos e externos de países da região, tornado letra morta o protocolo de não-intervenção.

Desse modo, os Estados Unidos continuaram sua política intervencionista, ao participarem da derrubada do governo presidido por Ramón Grau San Martín, provisoriamente instalado em Cuba, como resultado da revolução popular e democrática de 1933; das férreas condições impostas ao governo haitiano de Stênio Vincent para desocupação de seu país depois de duas décadas; do assassinato do *General de Homens Livres* Augusto César Sandino, na Nicarágua; e a continuidade do apoio a diversas ditaduras militares ou cívico-militares. Além das já citadas, no período anterior, ditaduras argentinas, uruguaias, salvadorenhas, venezuelanas e guatemaltecas, soma-se o apoio dado às ditaduras de Cuba [1934-1940], Equador [1935-1937], Haiti [1934-1946], Honduras [1936-1948], Nicarágua [a partir de 1936] e Peru [1933-1939].

Durante os doze anos da administração de Franklin Delano Roosevelt, consolidou-se a “cooperação antagônica” entre EE.UU., Inglaterra, França e Holanda, com o objetivo de manterem a ordem colonial instaurada por estas potências em ilhas e territórios continentais. Todas estas potências tiveram co-participação, direta ou indireta, em diversas repressões contra os movimentos insurgentes, como foi o caso da brutal matança de haitianos perpetrada em 1937 pelo déspota racista dominicano Rafael Leónidas Trujillo.

Neste período, Canadá adquiria estatura política internacional, ao participar de maneira destacada, a partir de 1939, da coalizão então encabeçada por Reino Unido e França contra as potências do Eixo Berlim-Roma-Tóquio, em diversas ações bélicas, tanto na Europa, como no Pacífico; além do auge econômico que experimentaria com a descoberta de jazidas de petróleo e reservas minerais de ferro e de urânio em seu território e a vinda de 1.500.000 imigrantes britânicos e de outros países da Europa, proporcionando mão-de-obra barata e dinamismo da economia interna. É nesse período que Canadá, ao adquirir sua autonomia política, deixa a

influência da coroa britânica para ficar cada vez mais circunscrito ao eixo de influência estadunidense.

Ao contrário do que presumem alguns historiadores estadunidenses a respeito de um suposto abandono do imperialismo econômico por parte do presidente Franklin Delano Roosevelt, foi exatamente neste período em que as elites e o establishment da política exterior, de defesa e segurança dos EE.UU. alcançaram um maior controle político, diplomático, econômico e militar sobre a América Latina e o Caribe. Na conferência Interamericana sobre Problemas de Guerra e de Paz, em Chapultepec [México] em 1945, os governos latino-americanos se comprometeram a adotar decisões no sentido de institucionalizar o Sistema Interamericano, bem como a reorganizar a “ordem” na região de acordo com os interesses dos EE.UU.

No plano econômico, os Estados Unidos mantiveram a política de tratados assimétricos de reciprocidade comercial com os governos latino-americanos, com o objetivo de proteção de seu mercado interno e aumento no volume de exportações de suas manufaturas. Durante a Segunda Guerra Mundial, impôs a seus “sócios” latino-americanos e caribenhos, que participaram do conflito, tetos aos preços para a importação de matérias-primas estratégicas e demais produtos primários, enquanto restringiam a compra de equipamentos de guerra em seu mercado. Assim, entre 1941 e 1945, os países da América Latina e Caribe transferiram em torno de 4 bilhões de dólares em *“troca de vagas promessas de ajuda a seu desenvolvimento industrial após o término do conflito bélico”* (GARCÍA, apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 76). Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos já concentrava 60% de toda a produção do mundo capitalista [antes da guerra, era 43%] e seus capitais privados controlavam a maior parte das extrações das riquezas minerais no continente.

De acordo com Furtado (apud SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 80), a redução da demanda internacional por produtos primários, a contração do setor exportador e sua baixa rentabilidade, assim como a obstrução dos canais de financiamento internacional provocados pela crise modificaram o processo evolutivo das economias latino-americanas. Apesar deste cenário econômico negativo,

diversos países da América Latina e do Caribe, a partir de 1939, implementaram ações no sentido de consolidar o processo de industrialização, ampliar a participação política e melhorar os níveis de vida da população. Foi o que ocorreu com os governos de Lázaro Cárdenas [1934-1940] e Miguel Ávila Camacho [1941-1946] no México; as contraditórias ações do governo de Getúlio Vargas, quando, a partir de 1938, abandonou as ideias nazi-facistas e radicalmente anti-comunistas, e atuou a partir de uma lógica desenvolvimentista nacionalista, buscando desenvolver a indústria siderúrgica nacional e defender os preços dos produtos primários; as diversas frentes populares anti-facistas no Chile [1938-1946] e em Costa Rica [1940-1948]; as reformas sociais, econômicas, políticas e jurídicas favoráveis aos interesses nacionais empreendidas pelas duas administrações do liberal progressista Alfonso López Puma Pumarejo [1934-1938; 1942-1946] na Colômbia; a derrota na Guatemala da prolongada ditadura do general Jorge Ubico [1931-1944], substituído por sucessivos governos progressistas, nacionalistas e anti-imperialistas de Juan José Arévalo [1945-1950] e Jacobo Arbaenz [1951-1954]; a derrota em El Salvador da longa e criminoso ditadura do General Maximiliano Hernández Martínez [1931-1944], entre tantas outras lutas que se desencadearam em Puerto Rico, Venezuela e nas ilhas do Caribe.

Nesse processo zigzagueante e contraditório das relações interamericanas, o quinto período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial [em 14 de agosto de 1945, com a rendição final do Japão] e o triunfo da Revolução Cubana [em 1º de janeiro de 1959], - época da primeira década do que alguns autores denominaram “Guerra Fria Clássica”, iniciada formalmente com a proclamação da Doutrina Truman em março de 1947, - teve na chamada “*contenção do comunismo*” e na “*estratégia à beira da guerra*” os elementos articuladores da política interna, internacional e hemisférica dos Estados Unidos, orientando suas estratégias político-diplomáticas, econômicas e ideológico-culturais em todo o mundo (SALAZAR & LORENZO, 2008, p. 89).

Dando continuidade aos acordos da Conferência de Chapultepec [1945], já referida, estes foram os anos do apogeu do pan-americanismo, tendo como elemento central desse processo a assinatura do Tratado Interamericano de

Assistência Recíproca [TIAR] em 1947. Também em 1948 é fundada a Organização dos Estados Americanos [OEA], assinado o Tratado Americano de Solução Pacífica [conhecido como Pacto de Bogotá] e um inoperante Convênio Econômico, dadas as demandas dos governos latino-americanos e caribenhos, no sentido de receber do governo estadunidense um tratamento especial, como compensação de sua ajuda à potência hegemônica do Ocidente durante a Segunda Guerra Mundial.

No entanto, não apenas o Secretário de Estado norte-americano, ex-general George Marshall, rechaçou tais demandas, apesar de todas as promessas feitas, como também conseguiu que os governos latino-americanos e caribenhos vendessem ao governo estadunidense, *a preços razoáveis*, matérias-primas de base e materiais estratégicos à defesa coletiva do hemisfério ocidental, em troca, mais uma vez, de “ajuda técnica e financeira especial quando fosse necessária e conveniente” aos países do Sul (AYERBE, 2002). Estes acordos econômicos bilaterais profundamente desiguais permitiram o aprofundamento da dependência política, econômica, tecnológica, financeira e militar da América Latina e Caribe, frente aos Estados Unidos, cujos governos, ao beneficiarem-se das enormes reservas de matérias-primas estratégicas adquiridas a preços módicos, e violando todos os acordos inter-americanos, vendeu, diretamente e a preços de dumping, parte de suas reservas às nações da Europa Ocidental beneficiadas pelo Plano Marshall. Não fosse suficiente, o governo estadunidense ainda se beneficiou do desequilíbrio da balança comercial e de pagamentos dos países latino-americanos e caribenhos, que tiveram de recorrer aos créditos estratosféricos ofertados pela banca norte-americana, a fim de cobrir os déficits fiscais de seus governos. Para piorar o cenário já negativo aos países situados ao sul do Rio Bravo e da península da Flórida, aumentando sua dependência monetária-financeira do governo dos Estados Unidos, a partir dos Acordos de Bretton Woods, o dólar americano passa a ser o mecanismo de controle e regulação das reservas mundiais.

Toda essa situação desfavorável levou a uma nova onda de resistências na América Latina e Caribe. Nesta região, os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Holanda se viram obrigados a introduzir mudanças político-jurídicas em suas posses. No caso de Porto Rico, os EE.UU. instaurou o chamado Estado Livre

Associado [ELA]. Grã-Bretanha e Holanda deram início a longos processos de “independência negociada” que só vieram concluir-se na década de oitenta. Era eleito presidente do Paraguai em 1950 o líder do Partido Colorado Federico Chaves que, além de anistiar os presos políticos, promulgou diversas leis sociais e ainda aliou-se ao governo nacionalista do vizinho argentino Juan Domingo Perón, quem, com a promulgação da Constituição de 1949, instaurou direitos políticos e eleitorais às mulheres, atendeu a reivindicações sindicais dos trabalhadores, promoveu uma política de redução da dívida externa, estatização das empresas públicas [antes sob a posse de capitais privados britânicos] e empreendeu um acelerado plano de industrialização. Com compromissos nacionalistas, também assumem em 1951, o presidente brasileiro Getúlio Vargas e o presidente guatemalteco Jacobo Arbenz. Em abril de 1952, o Movimento Nacional Revolucionário [MNR], sob a liderança de Víctor Paz Estenssoro, vence as eleições e promove a nacionalização das riquezas minerais, atende reivindicações trabalhistas e dá início a uma ainda limitada reforma agrária. Em Cuba, diante da possibilidade de ascensão ao poder, em 1952, do popular Partido do Povo Cubano, Fulgencio Batista, mais uma vez, comanda um golpe de Estado, tendo apoio imediato dos círculos de poder, poderes fácticos e diversos governos temporais dos Estados Unidos.

Em 1953, Dwight Eisenhower assume a presidência, ao lado de seu vice-presidente Richard Nixon. Como forma de diferenciar-se de seus antecessores democratas e garantir um papel preponderante às corporações estadunidenses, a política destes mandatários ficou conhecida como a *“Política do Bom Sócio”*, segundo a qual, demandavam dos governos latino-americanos e caribenhos a criação de “um clima favorável” aos capitais privados estadunidenses que se alocassem em seus territórios. Assim, a diplomacia norte-americana, além de estreitar os vínculos com as ditaduras militares e democracias repressivas existentes no continente, atuou também na desestabilização e substituição dos governos refratários à sua estratégia hemisférica e mundial.

Nesse sentido, um dos primeiros atos da dupla Eisenhower-Nixon foi o apoio à intervenção militar britânica, em 1953, contra o governo do líder independentista e socialista do povo guianense, Cheddi Jagan, além da

emblemática invasão mercenária organizada e executada pelo Pentágono e pela CIA, em junho de 1954, contra o governo democrático, popular e nacionalista de Jacobo Arbenz na Guatemala. Esta última intervenção, bem como todas as outras estariam respaldadas pelo precedente aberto pela aprovação, na X Conferência Internacional dos Estados Americanos, realizada em Caracas, em março de 1954, da Declaração, segundo a qual “*a dominação ou controle de um Estado pelo comunismo punha em risco a paz e a segurança das Américas*”, o que poderia justificar uma ação coercitiva mais ou menos “coletiva” por parte dos estados integrantes da organização hemisférica. Desse modo, ficava o anti-comunismo definitivamente inscrito na definição do pan-americanismo.

O período da administração Eisenhower-Nixon foi marcado por um corte ainda maior no repasse dos recursos do fundo da chamada Ajuda Oficial para o Desenvolvimento [AOD]. A política do “*Bom Sócio*” estava orientada a derrotar os governos de Getúlio Vargas, a partir de uma conspiração político-militar que o levou ao suicídio; de Juan Domingo Perón, na Argentina; e de Federico Chaves no Paraguai, também por golpe de Estado, com apoio das oligarquias, hierarquia da Igreja Católica, e das embaixadas norte-americanas naqueles países.

Os acontecimentos causados pelo forte intervencionismo da dupla Eisenhower-Nixon teriam, segundo alguns historiadores da política exterior brasileira, criado a “conjuntura adequada” para gestões do presidente brasileiro Juscelino Kubitschek junto ao seu homólogo norte-americano, através de trocas de cartas, nas quais propunha criar a intitulada Operação Pan-Americana [OPA], cujo fim era o “restabelecimento e revisão do ideal pan-americanista”, já que “a cooperação econômica lhe daria uma verdadeira força ao pan-americanismo e, na medida em que os povos do hemisfério saíssem da miséria, se formaria um escudo contra a penetração de ideologias estranhas” (CERVO & BUENO, 2002, p. 290-292).

O impulso à demandada cooperação econômica reivindicada pelos líderes latino-americanos viria com a crise instaurada na “*ordem pan-americana*”, com o triunfo da revolução cubana em 1º de janeiro de 1959.

O sexto período do desenvolvimento contraditório das relações interamericanas aqui analisadas compreende o começo de 1959, com o triunfo da revolução cubana, e 1989, quando estaria no fim da Guerra Fria, com a queda do Muro de Berlim em 09 de novembro de 1989 e, com ele, dos regimes considerados por alguns como “socialismos reais”, “socialismos de Estado” ou “falsos socialismos”.

Estes acontecimentos foram antecidos pela intervenção militar unilateral e brutal por parte dos Estados Unidos contra o Panamá [dezembro de 1989], com a rendição e transferência ilegal do chefe das Forças de Defesa do Panamá, general Manuel Noriega [janeiro de 1990] para ser julgado nos Estados Unidos; e pela derrota político-eleitoral da FSLN [Frente Sandinista de Libertação Nacional] em fevereiro daquele mesmo ano na Nicarágua, encerrando o que Salazar & Lorenzo (2008) denominaram de ciclo reformador e revolucionário aberto na América Latina e Caribe.

Diante do receio e com o fim de evitar uma “nova Cuba”, os governos estadunidenses não apenas contribuíram com a tão demandada OPA, destinando 500 milhões de dólares para o recém-criado Fundo para o Desenvolvimento Social da América Latina e Caribe, a ser administrado pelo finalmente institucionalizado BID [Banco Inter-americano de Desenvolvimento], como buscaram de todos os modos isolar Cuba econômica e politicamente, porém, não sem antes tentar invadi-la como ocorreu, no período de 16 a 19 de abril de 1961, com o fracassado ataque mercenário à Praia Girón ou Baía dos Porcos. Dada a nova correlação de forças interna e externa ao continente americano, o governo estadunidense não conseguiria legitimar, através da OEA, uma “intervenção coletiva” na *maior das Antilhas*, no entanto, fez aprovar, em julho de 1964, em reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores da OEA, uma resolução que convocava todos os estados membros a romper relações diplomáticas, econômicas, culturais e consulares com Cuba. Isso, após já ter expulsado a nação cubana daquela organização em 1962. O único país a não seguir a resolução de ruptura das relações foi o México, que defendeu de maneira consequente a Doutrina Estrada, que reivindicava o princípio da não intervenção nos assuntos internos e externos de outros estados do mundo.

Ainda, consoante com sua estratégia de evitar a propagação do comunismo, o governo norte-americano continuou a apoiar uma série de ditaduras militares e democracias repressivas que atendiam aos propósitos estadunidenses. Era necessário derrotar, a sangue e fogo, as multiformes lutas populares desencadeadas no continente. Desse modo, os Estados Unidos promoveram uma invasão militar contra as forças constitucionalistas da República Dominicana, em 1965, que contou com o respaldo da OEA e o amparo de tropas brasileiras, e instalaram um regime ditatorial, sob o comando de Joaquín Balaguer.

No entanto, nenhuma das ações empreendidas pela administração do democrata Lyndon Baines Johnson [1963-1969], nem pelas administrações dos republicanos Richard Nixon [1969-1974] e Gerald Ford [1974-1977] ou do presidente democrata James Carter [1977-1981], foram capazes de impedir a proliferação das lutas populares na América Latina e Caribe, através das quais, destacaram-se novos atores sócio-políticos como os setores nacionalistas das Forças Armadas ou ideológico-culturais, como o caso dos grupos cristãos fundadores e seguidores da Teologia da Libertação.

Os momentos mais significativos destas lutas, segundo Salazar & Lorenzo (2008), foram a ascensão e progressiva queda dos governos militares reformadores e nacionalistas instaurados, a partir de outubro de 1968, no Panamá e Peru; a vitória [e cruenta derrota] do governo da Unidade Popular chilena liderado por Salvador Allende entre 1970 e 1973; o triunfo e posterior auto-destruição da revolução na pequena ilha de Granada [1979-1983]; bem como a vitória, desenvolvimento e frustração da Revolução Sandinista iniciada em julho de 1983 e concluída em fevereiro de 1990. Também foi no período entre 1962 e 1983 que a maioria das colônias caribenhas conquistou sua independência, porém, ainda seguiam presas a outras formas de dominação econômica, político-militar, ideológico-cultural, institucional e político-jurídica com relação à coroa britânica e novas lutas se desenrolavam nestas antigas colônias.

Entre 1960 e 1989 também começaram a aparecer, por primeira vez, diversos projetos de integração econômica e concertação política, marcando um momento de inflexão na recorrente desunião dos governos da América Latina e

Caribe. Foi o caso da fundação, em 1960, do Mercado Comum Centro-Americano [MCCA] e, posteriormente, em 1962, da ODECA [Organização de Estados Centro Americanos] e CONDECA [Conselho de Defesa Centro-Americano] que, no entanto, entraram em crise depois da mal chamada “*Guerra do Futebol*” entre Honduras e El Salvador [1969-1970] e que, somente depois da resolução dos diversos conflitos centro-americanos, no início da década de noventa, puderam retomar seus propósitos originais de integração econômica, permitindo a livre circulação de bens e pessoas entre seus estados membros, bem como definindo taxas alfandegárias comuns. Em 1960, também surgia a Associação Latino-Americana de Livre Comércio [ALALC], depois rebatizada, em 1980, com o nome de Associação Latino-Americana de Integração [ALADI] com propósitos semelhantes, entre seus países membros, e visando uma integração com os outros grupos integracionistas da região: MCCA e o Pacto Andino. Os países do Caribe, após tentativa frustrada da fundação da Associação de Livre Comércio do Caribe [CARIFTA, sigla em inglês] e do Mercado Comum do Caribe Oriental [ECCM, sigla em inglês], em 1968, institucionalizaram, posteriormente, a Comunidade do Caribe e o Mercado Comum do Caribe, ambos designados como CARICOM e, mais adiante, em 1981, surge ainda a Organização de Estados do Caribe Oriental (MÜLLERLEILE, 1995, p. 29-35). Todas estas iniciativas ajudaram a incrementar a capacidade de negociação e ação coletiva dos países situados ao sul do Rio Bravo e da península da Flórida.

Diante do avanço na construção destes mecanismos de concertação política dos países latino-americanos e caribenhos, vários países foram progressivamente reatando as relações com Cuba, além de promoverem reformas na Carta da OEA e no TIAR, além da fundação em 1975 do Sistema Econômico Latino-Americano [SELA], integrado então por 26 estados da América Latina e Caribe, incluindo Cuba. No entanto, o SELA perdeu impulso nos anos posteriores, em virtude das mudanças políticas em alguns países, como o golpe de Estado, em 1976, na Argentina; a chegada ao governo colombiano dos setores mais reacionários do Partido Liberal em 1978; o golpe de Estado na Jamaica em 1980; a ocupação militar estadunidense em Granada [1983-1984], entre outras. Também, a partir de 1981, várias ditaduras latino-americanas apoiaram a “*guerra suja*”, como ficou conhecida, realizada pelos Estados Unidos contra a Revolução Sandinista.

A partir de 1982, também estoura a chamada “crise da dívida externa” em todo o continente, que tem como causas profundas: i) as deformações estruturais internas que caracterizavam [e ainda caracterizam] as economias latino-americanas e caribenhas, ii) os choques petrolíferos durante a segunda metade da década de setenta; iii) a “crise de onda longa” que, a partir destes anos, começou a afetar a economia estadunidense e internacional; e iv) os créditos oferecidos pela banca privada norte-americana aos países latino-americanos e caribenhos a um alto custo. A política, no entanto, oferecida pelo governo estadunidense, para resolver o grave problema da dívida nestes países era a da aplicação de um amargo receituário neoliberal, sob a supervisão do Fundo Monetário Internacional, que previa privatizações e desnacionalização de importantes ativos, abertura ao mercado externo, e ainda um “programa de estabilização econômica” que representava uma massiva “transferência inversa” de capitais às principais potências imperialistas. É preciso salientar que, já em 1971, o fim da política de câmbio fixo com relação ao dólar, implementada pelo governo Nixon, contribuiu para uma dependência ainda maior da América Latina e Caribe perante aos acontecimentos da economia estadunidense e de sua capacidade unilateral de emissão de moeda, levando a sucessivas depreciações monetárias e surtos inflacionários no continente. Esta década ficou conhecida como a “década perdida”, segundo definição da CEPAL [Comissão Econômica para América Latina e Caribe].

Diante da crise da dívida externa e da crise centro-americana, alguns países começaram a articular-se no denominado Grupo de Contadora [ilha panamenha em que ocorreu a primeira reunião] e no Grupo de Cartagena. O primeiro se formou com o objetivo de chegar a uma solução política e negociada do conflito centro-americano, e o segundo a uma solução política junto os credores das dívidas externas. Apesar da oposição dos EE.UU. a acordos resultantes destes grupos, eles foram ampliados progressivamente e deram origem a outros, como o conhecido grupo do Rio, que reuniu oito governos: México, Colômbia, Panamá, Venezuela, Argentina, Brasil, Peru e Uruguai, com objetivo de estabelecer um mecanismo permanente de concertação política e consultas.

Tais articulações obtiveram êxito com a negociação de um acordo de paz entre os países da região da América Central, o denominado Acordo de Esquipulas, além de trabalharem conjuntamente na busca de resolução política de diversos desafios dos países latino-americanos, como o caso da dívida externa, e buscarem uma aproximação a outras associações regionais existentes na Europa, sudeste da Ásia e África.

O Canadá, neste período, diferente dos anteriores, buscou estreitar sua relação com os países da América Latina e Caribe, decidindo acelerar o seu ingresso como membro pleno da OEA, finalmente conseguida em 1990. Para tanto, teve uma atitude, embora ainda aliado ao governo norte-americano, um pouco mais independente, ao reconhecer o Governo Provisório Sandinista formado em 1979, manter relações com Cuba e aproximar-se do Grupo de Contadora e do Grupo do Rio. Desse modo, os governos canadenses procuraram projetar uma disposição de facilitar o diálogo entre o Norte e o Sul do hemisfério ocidental.

O sétimo período deste estudo sobre as relações interamericanas compreende os anos de 1990 a 2001, identificados por alguns especialistas como a primeira década da globalização, mas que a maioria dos analistas preferem referir-se como “a pós-guerra fria”.

Com o fim da Guerra Fria, intitulada por vários políticos estadunidenses, entre os quais, Richard Nixon, como a Terceira Guerra Mundial, era necessária, nas palavras de George H. Bush, a construção de uma “*nova ordem mundial*” governada por seu país, “*a única potência multidimensional que havia ganhado as três guerras mundiais*” (BUSH, apud SALAZAR & LORENZO, 2008). Esta nova ordem implicava numa aceitação da liderança estadunidense pelas demais potências integrantes da tríade do poder mundial: União Europeia e Japão, além de evitar o ressurgimento da Federação Russa como potência hostil a esta ordem e conter o despontar da República Popular da China, empenhada desde 1980 num processo de modernização de sua economia.

Os propósitos globais dos Estados Unidos, com relação à sua política exterior e de segurança, assentavam-se na derrota dos velhos [comunismo e

insurgências populares] e dos novos inimigos [“narcotráfico”, terrorismo, migrações incontroladas] da “segurança interamericana”, bem como na permanência da subordinação dos demais governos do continente a suas necessidades estratégicas.

Desse modo, os governos estadunidenses deram seguimento à invasão militar ao Panamá, com a instalação de Guillermo Endara na presidência daquele país; interviram, por meio de diversas agências estadunidenses, nas eleições gerais realizadas em fevereiro de 1990, na Nicarágua e realizaram pressões constantes contra o governo eleito de Violeta Barrios de Chamorro [1990-1997]; mantiveram o apoio político-militar a democracias contra-insurgentes de Honduras, El Salvador e Guatemala, a democracias restritas generalizadas na segunda metade da década de oitenta na América do Sul e democracias repressivas na República Dominicana, Venezuela, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru (RIVAS, 1991; CASANOVA, 1991; SALAZAR & LORENZO, 2008). O apoio político-militar a estas últimas foi justificado pela “guerra contra as drogas” (SALAZAR, 2005).

Ainda de acordo com a estratégia de derrota dos velhos inimigos, a Casa Branca apoiou o sangrento golpe de Estado contra o então presidente constitucional haitiano Jean-Bertrand Aristide [setembro de 1991] que voltaria ao governo em 1994, também por imposição do governo estadunidense e com uma nova ocupação militar de seu território, após ter sido “convencido” pela administração Clinton a realizar ajustes neoliberais na economia haitiana, seguir uma política anti-drogas elaborada pelos Estados Unidos e aceitar a supervisão da OEA antes, durante e depois das eleições gerais a serem realizadas em 1996, naquele país.

Neste contexto, a administração Clinton, aproveitando-se da nova configuração geopolítica mundial, buscou conferir caráter extra-continental às leis de embargo contra Cuba, através da Emenda Torricelli, aprovada pela Casa Branca. Com isso, visava aumentar o isolamento internacional daquela ilha. Tais propósitos, no entanto, encontrariam obstáculos diante das posições pró-cubanas do já referido Grupo do Rio, que queria impulsionar o retorno de Cuba à OEA. Este grupo, antes composto por oito países, foi ampliado com a participação dos governos do Chile, Equador, Bolívia e Paraguai, além de um representante rotativo do Caribe e outro da

América Central. Com o seu fortalecimento, o Grupo do Rio iniciou, em 1990, um diálogo político com a CEE [a partir de 1992, União Europeia], tendo como consequência a realização da primeira Cúpula Ibero-Americana em 1991, no México, da qual participou o presidente cubano Fidel Castro, gerando um transtorno político à Casa Branca.

Neste período pós-guerra fria, surgem novas iniciativas de concertação política e integração econômica latino-americana e caribenha. Em 1991, mediante o Tratado de Assunção, é formalizado o Mercado Comum do Sul [MERCOSUL], do qual fazem parte Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Em dezembro daquele ano, mediante o protocolo de Tegucigalpa, é fundado também o Sistema de Integração Centro-Americano [SICA], substituindo os inoperantes MCCA e ODECA, fundados em 1960 e 1962, respectivamente, como já foi visto.

Embora, em todos estes eventos, tenham sido feitas críticas aos planos de estabilização econômica de orientação neoliberal, os Planos de Ajuste Estrutural [PAE], a partir das decisões do Consenso de Washington em 1990, foram posteriormente sendo implementados pela maioria dos governos latino-americanos e caribenhos. Tal adesão neoliberal ocorreu num momento de várias mudanças políticas na década de 1990 em alguns países da América Latina.

Visando institucionalizar uma nova ordem pan-americana e conjurar as ações governamentais latino-americanas e caribenhas, destinadas a uma maior integração daqueles países, o governo de George H. Bush anunciou a *Iniciativa para as Américas*, com o objetivo de construir uma zona de livre comércio desde o Alasca até a Terra do Fogo. Consoante a estes objetivos, em junho de 1993, é ratificado o Acordo de Livre Comércio da América do Norte [NAFTA, sigla em inglês] pelo Parlamento canadense, Congresso Mexicano e Câmara de Representantes e Senado dos Estados Unidos. As condições desfavoráveis e os diversos ajustes impostos à economia mexicana levaram à aguda crise financeira por que passou este país, um ano após firmado referido acordo, provocando em outros países da região o que ficou conhecido como “efeito tequila”.

Diante da concorrência com os produtos mexicanos no mercado interno estadunidense e da “agenda negativa” que as administrações de George H. Bush e William Clinton haviam estabelecido com relação à área do Caribe, concentrando suas ações no controle do narcotráfico e de migrações clandestinas, os países desta região buscaram ampliar a CARICOM com a participação de membros do SICA e do G-3 [grupo formado por Venezuela, Colômbia e México], conformando a Associação de Estados do Caribe [AEC], organismo intergovernamental de concertação política e cooperação em áreas altamente sensíveis para os estados que compartilham o Mar Caribe. Também participaram como membros plenos Cuba, Haiti e República Dominicana, entre outros. O MERCOSUL também passou a se articular com o debilitado Pacto Andino, com os propósitos de construir um acordo de livre comércio e, num prazo de dez anos, formar a Área de Livre Comércio da Sul-América [ALCSA].

Frente a estas novas articulações políticas dos países sul-americanos e caribenhos, resolveu o presidente democrata William Clinton revitalizar a Iniciativa das Américas lançada por seu antecessor no governo, e convocou a Primeira Cúpula da Américas, que se realizou em dezembro de 1994, em Miami, e contou, pela primeira vez na história das relações inter-americanas com a participação de todos os mandatários dos 34 estados do hemisfério ocidental, com exceção de Cuba, apesar das reivindicações de alguns governos.

Neste evento, é aprovado o início das negociações hemisféricas para constituição da Área de Livre Comércio das Américas [ALCA], que, no entanto, devido à derrota do Partido Democrata nas eleições parlamentares de dezembro de 1994, ficaram prejudicadas, uma vez que o governo democrata não conseguira a aprovação da chamada “*via rápida*” [*fast track*] para acelerar os acordos rumo à formação desta área de livre comércio. Contudo, em novembro de 1996, Clinton consegue se re-eleger e, buscando ratificar os acordos de Miami em 1994, realiza a Segunda Cúpula das Américas, em Santiago do Chile, em 1998, onde ficou aprovada a retomada imediata das negociações para constituição, antes de 2005, da ALCA, apesar das resistências de alguns governos, particularmente, o brasileiro. Foi formada, então uma Secretaria Técnica, integrada pela Organização Pan-Americana

de Saúde [OPS], CEPAL e OEA, deixando excluídos o SELA e demais mecanismos de concertação latino-americanos. Esta secretaria ficaria responsável de dar seguimento às complexas negociações e realizar diversas reuniões inter-ministeriais e setoriais entre os estados-membros do que seria, futuramente, a ALCA. Estas reuniões celebraram diversos acordos que interferiram no ordenamento político-jurídico interno dos países, levando a uma série de mudanças em suas legislações.

Apesar dos avanços alcançados pelas administrações de George H. Bush e William Clinton, os governos latino-americanos e caribenhos, em sua maioria, continuaram reivindicando a vigência do princípio da não intervenção, tanto em suas interações recíprocas, como em suas relações com o Canadá, EE.UU. e outras potências imperialistas; não concordaram em legitimar a já referida a intervenção militar estadunidense no Haiti; rechaçaram a normativa anti-cubana Lei Helms-Burton; e se opuseram ao multimilionário e intervencionista Plano Colômbia, implementado em 2000, pela administração Clinton.

O oitavo e último período, que compõe o quadro deste breve sumário das relações interamericanas, vai dos atentados terroristas ao World Trade Center e Pentágono ocorridos em 11 de setembro de 2001 até o final de 2007, ano de inauguração do terceiro mandato presidencial do presidente venezuelano Hugo Rafael Chávez Frías. Este lapso temporal fora denominado por Ramón Grofosguel (2002) como “a primeira etapa da guerra terrorista de Estado” ou simplesmente de “guerra terrorista contra o terrorismo”.

As ações da política anti-terrorista desferidas pelo governo do recém-eleito presidente republicano George W. Bush [2001-2009], tinham como objetivos superar sua falta de legitimidade política, em virtude das dúvidas sobre os meios pelos quais garantira juridicamente sua eleição, e levar à frente as principais ideias elaboradas por um grupo de políticos e intelectuais neo-conservadores estadunidenses que ficou conhecido como *Projeto para o Novo Século Americano* [PNCA, sigla em inglês]. Segundo este grupo, os próprios conservadores estadunidenses haviam esquecido os três principais elementos que garantiram o sucesso da administração Reagan: forças armadas fortes; uma política exterior direcionada para a promoção dos princípios americanos [no caso, estadunidenses];

e projeção de uma liderança nacional que aceite as responsabilidades globais dos Estados Unidos (MATOS, 2005, p. 5-63).

Este processo não seria, no entanto, tão simples, encontrando resistências dentro e fora do continente. Embora, logo num primeiro momento, houvesse a diplomacia estadunidense alcançado o apoio da maioria dos ministros de Relações Exteriores da OEA e dos estados signatários do TIAR à “cruzada contra o terrorismo”, iniciada com o bombardeio e posterior ocupação militar ao Afeganistão em 2001, o governo estadunidense encontrou oposição da maioria dos países latino-americanos e caribenhos à ocupação militar unilateral do Iraque em 2003. Chile e México, membros não permanentes do Conselho de Segurança da ONU, posicionaram-se contrários, assim como França, Rússia e China. Mesmo o aliado governo canadense posicionou-se contrário, em virtude sua propalada defesa do multilateralismo, o que gerou uma séria crise política no comando daquele país, tão sujeito às influências estadunidenses.

Neste mesmo período, o governo estadunidense dava início a negociações de um Tratado de Livre Comércio [TLC] entre os países da Comunidade Andina, sob o compromisso de que os países desta região respaldassem a “guerra contra o narco-terrorismo”. Estas ações compunham a denominada *Iniciativa Regional Andina* [IRA], complementar ao militarizado *Plano Colômbia*, lançado no ano de 2000 pela administração Clinton. Os objetivos máximos da IRA eram criar “um cordão sanitário” e eventualmente estruturar uma força militar multinacional capacitada para intervir no conflito interno colombiano (Petras, 2001), que teve diversos episódios sangrentos. As negociações de referido TLC abrangiam também os países membros do SICA, que passaram a contar com uma presença militar cada vez mais forte dos Estados Unidos em seus territórios, especialmente, no caso de Honduras e El Salvador. Sob a justificativa de constituir uma *Força de Ação Rápida* contra o narcotráfico, as guerrilhas e o terrorismo, integradas por forças militares e policiais de estados-membros, foi realizada a XXVI Cúpula do Sistema de Integração Centro-Americano em junho de 2005. Nesta mesma cúpula, decidiu-se criar ainda uma sucursal da Academia Internacional de Polícia [conhecida pelo acrônimo de ILEA], cuja sede é Washington, em El Salvador.

Antes, porém, de todos estes acordos, a totalidade dos países centro-americanos havia assinado com o governo estadunidense os Acordos Bilaterais de Imunidade [BIA, sigla em inglês], que, sob a alegação do Artigo 98 do Tratado de Roma de 1998, garantiam que todos os crimes, *incluindo os de lesa humanidade*, cometidos por funcionários militares e civis estadunidenses ficariam de fora do alcance da Corte Penal Internacional e dos tribunais dos estados nacionais em que eles atuassem (RIVERA, 2003). Desse modo, livravam-se os Estados Unidos de ir ao banco dos réus por tantos crimes cometidos neste continente.

Após este evento, os Estados Unidos passaram a instalar Centros de Operações Avançadas [FOL, sigla em inglês] de suas forças armadas em diversos países da América Latina e Caribe; realizaram diversas conferências de Chefes do Exército, Marinha e Aeronáutica, sob o amparo do TIAR; além de diversos acordos bilaterais e plurilaterais de defesa e segurança entre o governo estadunidense e os demais países latino-americanos e caribenhos. Também, em 20 de junho de 2007, numa conferência realizada em Washington, entre o presidente norte-americano e seus homólogos do Caribe, o governo estadunidense se comprometeu a revitalizar a *Iniciativa para o Caribe*, mediante o compromisso dos países desta região em executarem os diversos acordos relativos ao combate às drogas.

Todas estas ações policiais e militares dos governos estadunidenses vinculam-se à estratégia dos grupos dominantes nos Estados Unidos para controlar os recursos geoestratégicos e naturais existentes nos territórios situados ao norte e sul de suas fronteiras, como assinalou Ceceña (2011).

Contudo, nem todas as iniciativas do governo estadunidense seriam aceitas. Neste mesmo período, várias mudanças políticas começaram a ocorrer no continente, a partir do despontar de uma jovem liderança venezuelana, advinda das Forças Armadas e que alcançara forte apoio popular, despertando, com isso a fúria de setores mais ligados às elites de seu país, tema que será abordado na terceira seção deste capítulo.

O governo venezuelano, sob os pilares do *anti-imperialismo* e *terceiromundismo*, impulsionou diversas iniciativas de integração regional,

alternativas às propostas pelo governo estadunidense. Entre elas, a Alternativa Bolivariana dos Povos da América [ALBA], a partir de um comunicado conjunto com o presidente cubano Fidel Castro, em dezembro de 2004. A esta iniciativa e a do Tratado de Comércio dos Povos [TCP], somou-se, em abril de 2006, o recém-eleito presidente da Bolívia, Evo Morales, que havia chegado ao governo com o decisivo apoio do movimento popular e indígena de seu país. Posteriormente, os acordos da ALBA e do TCP foram desenvolvendo-se com a participação do novo governo nicaraguense de Daniel Ortega [eleito no fim de 2006], e do Equador e Dominica, no fim de 2007. Outras iniciativas foram realizadas, no ano de 2007, pelo governo da República Bolivariana da Venezuela, rumo a uma maior integração regional, como as Cúpulas Energéticas do Caribe, a UNASUR [União das Nações Sul-Americanas] e o Banco do Sul, este inicialmente integrado pelos governos da Argentina, Brasil, Equador, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Um ano antes, a República Bolivariana da Venezuela havia sido aceita como membro pleno do Mercosul. As mudanças políticas nos governos do Brasil, com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva, líder do Partido dos Trabalhadores, à presidência, em 2002, e sua posterior reeleição; da Argentina, com o “neoperonista” Néstor Kirchner, cuja esposa Cristina Fernández, seria também eleita no fim de 2007; do Uruguai, com a eleição de Tabaré Vázquez, pela Frente Ampla, em novembro de 2004; e do Equador, com a eleição em 2006, de Rafael Correa, apoiado por setores populares; entre outras, ajudaram a transformar o cenário latino-americano.

Neste novo cenário, os países latino-americanos e caribenhos continuaram a propugnar o princípio da *não intervenção*, questionaram o golpe de 2002 na Venezuela, derrotaram em 2005 os diversos candidatos estadunidenses, elegendo o chanceler chileno José Miguel Insulza para Secretário Geral da OEA e diminuíram o ritmo de aprovação de diferentes instrumentos político-jurídicos pan-americanos. Somado a isso, na Quarta Cúpula das Américas, realizada em Mar del Plata, em novembro de 2005, os governos da Venezuela e do Mercosul rechaçaram todas as pressões dos governos dos EE.UU., Canadá, México e América Central para continuar e concluir o quanto antes as negociações em torno da ALCA. Todo este processo de mudança nos governos da América Latina e de uma nova configuração regional sul-americana está associado ao auge das mobilizações de

diversos movimentos sociais plurais anti-imperialistas, anti-neoliberais e alter-mundialistas, nos diversos países do continente e do mundo que constituem espaços de lutas por hegemonias. Tomando como referência este espaço de lutas [contra-] hegemônicas, e constituindo-o como parte da análise sócio-histórica e conjuntural desta pesquisa, analiso o discurso do presidente Hugo Rafael Chávez Frías como elemento semiótico constituinte deste cenário, no quarto capítulo.

2.2 Simón Bolívar: O defensor da Pátria Grande. Ação e pensamento político.

Nesta seção, tenho como objetivo procurar traçar um perfil de Simón Bolívar e seu pensamento político, uma vez que é nas ideias do *Libertador*²⁴ que, fundamentalmente, diz-se inspirar o presidente venezuelano, recorrendo a diversas citações do líder bolivariano e fazendo remissão a diversos momentos históricos da vida de Bolívar e da Nova Granada²⁵.

Uma figura contraditória como, aliás, costumam ser os políticos e mesmo a espécie humana em geral, Simón Bolívar, defensor de valores republicanos, adquiridos pela formação humanista que recebeu de seus preceptores, relativizará e mesmo mesclará os princípios liberais republicanos com fórmulas monárquicas de governo, ao propor uma nova ordem constitucional para as repúblicas recém-independentes da América de colonização espanhola.

Há um material bibliográfico extenso sobre este importante personagem da História de nosso continente, que, segundo Gerard Masur supera mais de meio milhar e uma vasta obra, entre cartas e papéis pessoais, decretos, proclamações, discursos e diversos documentos sobre sua vida que, apenas na obra publicada em 1978 por Pedro Gases, *El archivo del Libertador*, reúne 208 tomos (CASTRO, 1988).

²⁴ Designação conferida a ela por ser o responsável pela libertação de cinco colônias do domínio espanhol. Tendo-lhe sido conferido este título pela municipalidade de Caracas em 1813. (BELLOTO & CORRÊA, 1983; CASTRO, 1988).

²⁵ Vice-reinado de Nova Granada, compreendido pela região intitulada Nova Granada, que corresponde hoje aos territórios da Colômbia e Panamá; pela Capitania Geral da Venezuela; e pela presidência de Quito, atualmente república do Equador (BELLOTO & CORRÊA, 1983).

Nesta seção, não teria como aprofundar-me sobre o pensamento político de Bolívar, nem é este o objetivo. Por isso, recorri aos trabalhos de BELLOTTO & CORRÊA (1983) e CASTRO (1988), além da leitura de três documentos²⁶ extremamente significativos de seu pensamento político: a *“Memoria dirigida aos cidadãos da Nova Granada por um caraquenho”*, conhecido também por *“Manifesto de Cartagena”*; a carta a um cavalheiro da ilha de Jamaica, conhecida como *“Carta de Jamaica”* ou *“Carta Profética”*; e o *Discurso de Angostura*.

Seu pensamento e ação política estão entrelaçados nas lutas pelas independências latino-americanas do século XIX e buscam, desse modo, a um só tempo, elaborar estratégias para a libertação destes povos e formular sistemas de governo e leis capazes de organizar o poder recém-constituído, substituindo a antiga ordem colonial.

Nascido a 24 de julho de 1783, numa família da aristocracia caraquenha, a “elite crioula”, perdeu seu pai e sua mãe, aos três e nove anos de idade, respectivamente, tendo uma educação ministrada por preceptores, entre os quais, o destacado poeta e filólogo Andrés Bello e Simón Rodríguez. Este último, apelidado de Robinson, e partidário das ideias de Rousseau foi um dos maiores responsáveis por sua formação humanista, baseada em princípios liberais e republicanos, tendo acompanhado o jovem Bolívar também na sua formação na Europa. Foi em 1805, em viagem à Itália, e após longas reflexões travadas com Simón Rodríguez, que Bolívar resolve assumir o compromisso de empenhar-se na luta pela libertação da América da dominação espanhola. Em 15 de agosto daquele ano, o jovem caraquenho realizara o juramento que ficou conhecido como o *Juramento do Monte Sagrado*, feito nesta região histórica de Roma. De acordo com relato de Rodríguez ao colombiano Doutor Manuel Uribe Ángel, publicado em 1850, estas teriam sido as palavras proferidas por Bolívar, após ter discorrido sobre os inúmeros feitos e catástrofes que acometeram o povo romano:

¡Juro delante de usted, juro por el Dios de mis padres, juro por ellos; juro por mi honor y juro por la Patria, que no dará descanso a mi brazo ni reposo

²⁶ Estes três documentos: *Manifesto de Cartagena*, *Carta de Jamaica* e *Discurso de Angostura* estão reproduzidos nos anexos B, C e D, respectivamente.

a mi alma, hasta que no haya roto las cadenas que nos oprimen por voluntad del poder español!²⁷ (VENEZUELA, 2004, p. 17)

Logo após o retorno à Venezuela, em 1807, Bolívar, ainda que administrando pessoalmente suas propriedades, participa de diversas reuniões políticas e, em 19 de abril de 1810, junta-se aos americanos de Caracas na deposição do capitão-general espanhol da Venezuela. Estabelecida uma junta de governo, Bolívar é nomeado coronel e parte, em missão diplomática, à Inglaterra, em busca de apoio do governo britânico. Lá, encontra Francisco de Miranda, revolucionário venezuelano exilado em Londres e, com ele, retorna à Venezuela, cuja independência é formalizada em 5 de julho de 1811.

Contudo, não houvera adesão de todas as províncias do território venezuelano ao processo de independência. Esta desagregação e o clima de tensão entre Miranda, que receberia poderes ditatoriais para organizar a república, e Bolívar, fragilizaram os independentistas, favorecendo a reação espanhola, a qual, ainda recrutou índios e negros para seus exércitos, com a promessa de saque dos bens dos crioulos e abolição da escravatura.

Pouco tempo depois, em 25 de julho de 1812, com a capitulação de Miranda diante do general Monteverde, sucumbia a primeira república da Venezuela. Miranda é então preso por Bolívar e deportado para a Espanha, como traidor. E Bolívar, em virtude de um amigo influente junto ao general Monteverde, consegue um salvo-conduto para deixar o país. No entanto, como afirmaria ele em discurso de 14 de janeiro de 1814, esta fuga era apenas um recuo para a posterior retomada da luta pela libertação.

Foi neste exílio, em Cartagena, que redigiu a *“Memória dirigida aos cidadãos da Nova Granada por um caraquenho”*, que ficou conhecida como *“Manifesto de Cartagena”*, em 15 de dezembro de 1812. Neste documento, um dos escritos fundamentais para a compreensão de seu pensamento e ação política, ao tempo em que analisa as causas da derrota da primeira república e aponta

²⁷ Juro diante de você, juro pelo Deus dos meus pais, juro por eles; juro pela minha honra e juro pela Pátria, que não darei descanso ao meu braço nem repouso à minha alma, até que não haja rompido as cadeias que nos oprimem pela vontade do poder espanhol! [minha tradução].

correções e considerações com relação a uma nova iniciativa político-militar para retomar a Venezuela do jugo espanhol, Bolívar faz uma convocação aos cidadãos de Nova Granada a engajarem-se naquela empreitada, obtendo seu apoio.

Entre os graves erros cometidos pela primeira república, Bolívar aponta a tolerância para com os inimigos, permitindo a impunidade dos delitos de Estado, como os de lesa-pátria; a indisciplina das milícias; a subdivisão da província de Caracas e o federalismo, que desagregava a organização político-territorial; o gasto público com o que ele considerava como frivolidades, como o caso de salários a um grande número de servidores do Estado e a má administração financeira com estabelecimento de papel-moeda, sem qualquer lastro de garantia; mas, sobretudo, teria sido o sistema federativo a principal causa de debilidade do governo, diante do processo de desagregação e o conflito bélico que a nação recém-surgida ainda enfrentava. Afirmara Bolívar:

Por otra parte ¿qué país del mundo por morigerado y republicano que sea, podrá, en medio de las facciones intestinas y de una guerra exterior, regirse por un Gobierno tan complicado y débil como el federal? No es posible conservarla en el tumulto de los combates y de los partidos. *Es preciso que el Gobierno se identifique, por decirlo así, al carácter de las circunstancias, de los tiempos y de los hombres que lo rodean.* Si estos son prósperos y serenos, El debe ser dulce y protector; pero si son calamitosos y turbulentos, él debe mostrarse terrible, y armarse de una firmeza igual a los peligros, sin atender a leyes ni constituciones interin no se restablecen la felicidad y la paz²⁸. [grifos meus] (VENEZUELA, 2004, p. 29-30).

Assim, ao justificar que os governos devem estar de acordo com as épocas e circunstâncias, Bolívar defende, no referido manifesto, o centralismo como forma de organização do poder, em um momento tão conturbado, como o de uma guerra e, ainda, para um povo sem conhecimento da administração política e de exercício da liberdade e práticas democráticas. Com relação à ação militar, propõe a organização de tropas militares regulares, capazes de fazer face ao grande número

²⁸ Por outro lado, qual país do mundo por moderado e republicano que seja, poderá, em meio a facções intestinas e uma guerra exterior, reger-se por um Governo tão complicado e frágil como o federal? Não é possível conservá-lo no tumulto dos combates e dos partidos. É *preciso que o Governo se identifique, desse modo, com o caráter das circunstâncias, dos tempos e dos homens que o rodeiam.* Se estes são prósperos e serenos, ele [o governo] deve ser doce e protetor; porém se são calamitosos e turbulentos, ele deve mostrar-se terrível, e armar-se de uma firmeza igual aos perigos, sem atender a leis nem constituições enquanto não sejam restabelecidas a felicidade e a paz [minha tradução].

de oficiais da Espanha, acostumados, segundo Bolívar, às mais diversas privações; e com relação à tática de guerra, propõe o ataque: “*Además, es un principio del arte que toda guerra defensiva es perjudicial y ruinosa para el que la sostiene*”²⁹ (VENEZUELA, 2004, p. 34).

Contando com o apoio da Nova Granada, Bolívar iniciou, em maio de 1813, a chamada *Campaña Admirable*, decretando a guerra de morte³⁰ e entrando vitorioso em Caracas em 06 de agosto daquele ano. Nessa ocasião, a municipalidade de Caracas, seguindo o que fizera a de Mérida, atribuiu a Bolívar o título de *Libertador*, com o qual passaria à História. Nomeado ditador militar, Bolívar encontrou enormes dificuldades na solução dos diversos problemas decorrentes da profunda disparidade social existente na Venezuela. Isso levou ao enfraquecimento de sua autoridade que, aliado a outros fatores, tornou ainda menor a duração da segunda república, que sucumbiu em 15 de junho de 1814, após a derrota de Bolívar em La Puerta, perante as tropas sanguinárias de José Tomás Boves, que comandara a reação espanhola, após sucessivas derrotas e vitórias para os dois lados.

Derrotado e sem a autoridade reconhecida por seus companheiros, Bolívar parte mais uma vez para Nova Granada, onde também enfrenta dissensões internas e resolve deixar o país, rumo à Jamaica. A nova configuração política internacional, com as derrotas de Napoleão na França e, na Espanha, e a restauração do absolutismo de Fernando VII, intensificou a reação espanhola que também submete a Nova Granada.

Em novo exílio, desta vez na Jamaica, Bolívar reflete sobre estes processos e busca apoio externo à causa da libertação, convencendo-se de que a Inglaterra era o país ideal a este objetivo. As derrotas e as circunstâncias em que as sofrera, levava Bolívar a repensar seu projeto original de libertação, pois, ao assumir a necessidade de uma ajuda externa, significava, mesmo libertando-se do jugo da

²⁹ Além disso, é uma lição básica que toda guerra defensiva é prejudicial e ruinosa para quem a sustenta [minha tradução].

³⁰ *Guerra de morte*: tática adotada por Bolívar, já usada pelos espanhóis durante as guerras da independência, que significava a luta até o extermínio total do inimigo, não sendo poupado sequer o prisioneiro de guerra. (BELLOTO & CORRÊA, 1983, p. 17).

Espanha, contrair compromissos perante outra metrópole. Estas e outras reflexões estão presentes na carta a um cavalheiro da ilha [de Jamaica], que ficou conhecida por “*Carta de Jamaica*” ou “*Carta Profética*”, redigida a 06 de setembro de 1815.

Nesta carta, Simón Bolívar responde a questionamentos de um cidadão interessado em saber sobre a situação das terras do que intitula Novo Mundo. Entre tantas questões, está a análise da situação do continente americano naquele momento e suas perspectivas futuras. Simón Bolívar, além de discorrer sobre as questões levantadas pelo seu correspondente, também a seu pedido, dá indicações de leituras. É o que faz quando fala da enorme situação de penúria do continente americano e ao apontar como referência o bispo de Chiapa, a quem chama de apóstolo da América, *Las Casas*, o qual teria deixado documentos com uma vasta lista de atrocidades cometidas pela Espanha e que denunciara perante seu próprio governo.

Simón Bolívar analisa as lutas que ocorrem no “novo continente”, mostrando-se bem informado sobre a situação de diversas regiões, suas dificuldades, o desenrolar dos conflitos, e dados populacionais e geográficos. Discorre sobre as províncias do Rio da Prata; o vice-reinado do Peru, apontado por ele, como o mais submisso e maior provedor de riquezas à coroa espanhola; a Nova Granada e as províncias de Panamá e Santa Marta; Venezuela; a Nova Espanha, onde está situado o México; e Puerto Rico e Cuba, caracterizados como as regiões sobre as quais mais tranquilamente a metrópole hispânica mantém o poder. Todo esse território corresponderia a uma escala militar de duas mil léguas de longitude e novecentas de latitude, em extensão, ocupado por algo em torno de dezesseis milhões de americanos, segundo os cálculos de Bolívar, naquela época.

Também fica claro nesta carta a crítica, em tom de lamento, à falta de apoio dos Estados Unidos e de demais países europeus [sem citar especificamente a Grã-Bretanha] à causa das independências americanas. Faz ainda reparos históricos com relação a considerações de seu correspondente, ao relatar que, diferente do tratamento que os reis espanhóis Carlos IV e Fernando VII receberam por parte de Bonaparte, os imperadores existentes em terras americanas foram brutalmente torturados e assassinados pelos colonizadores espanhóis. Foi assim

que sucedera com Moctezuma e Guatimozín, no México; com Atahualpa, monarca inca do Peru, morto por Francisco Pizarro e Diego Almagro; e muitas outras autoridades indígenas.

Na Carta de Jamaica, Bolívar também reconhece as diferenças existentes entre as diversas nações, o que torna difícil *“presentir la suerte futura del Nuevo Mundo, establecer principios sobre su política, y casi profetizar la naturaleza del gobierno que llegará a adoptar”*³¹. (VENEZUELA, 2004, p. 52-53). Bolívar compara o estágio das futuras nações com o do Império Romano quando foi dissolvido, surgindo cada nação desmembrada com uma organização particular, porém, no caso do continente americano, havia alguns agravantes. O primeiro referia-se a uma identidade de origem. Não eram nem índios, nem europeus, senão uma mescla entre os legítimos proprietários do país e os usurpadores espanhóis, implicando numa problemática seguinte: *“...en suma, siendo nosotros americanos por nacimiento y nuestros derechos los de Europa, tenemos que disputar estos a los del país, y que mantenernos en él contra la invasión de los invasores”*³². (VENEZUELA, 2004, p. 53).

Outro problema para a formação de um governo soberano em terras americanas dizia respeito à ausência de conhecimento político-administrativo por parte dos cidadãos destas terras. Bolívar recorre ao exemplo de administrações tirânicas ou absolutistas em todo o mundo, para demonstrar que, nelas, os administradores dos países dominados eram de suas próprias terras e não dos dominadores. Assim teria sucedido com a China, com relação ao domínio mongol; com a Tartária, Turquia e Pérsia, quando dominados, pelos exemplos citados por Bolívar. No caso americano, ao contrário, o exercício da administração política e militar local era exercido pelos espanhóis. Como afirmava Bolívar, a posição dos americanos resumia-se à de servos, disponíveis para o trabalho ou de simples consumidores. Tal aspecto negativo não se verificava em nenhuma outra nação civilizada. Afirmara Bolívar:

³¹ “presentir a sorte futura do Novo Mundo, estabelecer princípios sobre sua política, e quase profetizar a natureza do governo que chegará a adotar”. [minha tradução].

³² “...em suma, sendo nós americanos de nascimento e nossos direitos os da Europa, temos que disputar estes aos do país, e que nos mantermos nele contra a invasão dos invasores”. [minha tradução].

Estábamos, como acabo de exponer, abstraídos y digámoslo así, ausentes del universo en cuanto es relativo á la ciencia del gobierno y administración del Estado. Jamás éramos virreyes ni gobernadores sino por causas muy extraordinarias; arzobispos y obispos pocas veces; diplomáticos nunca; militares, solo en calidad de subalternos; nobles, sin privilegios reales; no éramos, en fin, ni magistrados ni financistas, y casi ni aun comerciantes; todo en contravención directa de nuestras instituciones³³ (VENEZUELA, 2004, p. 55).

Teria sido a combinação da ausência de experiência político-administrativa com a instalação de governos com ampla democracia que teriam levado a diversos fracassos na luta pela independência em diversas regiões do continente, entre as quais, a Venezuela. Segundo Bolívar, o povo latino-americano, ainda dominado pelos vícios adquiridos da nação espanhola, ainda não estariam preparados ao exercício pleno de uma democracia, estabelecida sobre a base de direitos e deveres.

Assim, ele propõe governos, com fórmulas híbridas, entre características republicanas e monarquistas, de acordo com as características sócio-políticas e culturais de cada nação. Considera o formato de pequenas repúblicas o mais apropriado para garantir durabilidade aos novos governos, considerando os exemplos da História, segundo o qual, apenas Roma, entre os exemplos de impérios, conseguiu manter-se durante séculos, ainda assim, porque sua capital era uma república.

Num império, a autoridade do monarca é mantida pelas guerras e conquistas, buscando expandir seu domínio. Algo que os americanos não queriam, ansiosos que estariam por paz, interessados nas ciências, artes, comércio e agricultura. Enquanto na república, conforme dizia Bolívar, a autoridade do governante era mantida pela eficiência com que exercia suas funções. Segundo Bolívar, apenas um povo tão patriota como o inglês era capaz de manter uma monarquia mista, capaz de conter a autoridade do rei, ao tempo que mantém o espírito da liberdade, sob um cetro e uma coroa.

³³Estávamos, como acabo de expor, abstraídos e, digamos, ausentes do universo quanto ao que diz respeito à ciência do governo e administração do Estado. Jamais éramos vice-reis nem governadores, a não ser por causas muito extraordinárias; arcebispos e bispos poucas vezes; diplomatas nunca; militares, só na condição de subalternos; nobres, sem privilégios reais; não éramos, enfim, nem magistrados nem financistas, e quase nem mesmo comerciantes; tudo em contravenção direta de nossas instituições. [minha tradução].

Nesta Carta, Bolívar propõe já aqui a união entre Venezuela e Nova Granada numa república central, com capital em Maracaibo. E aponta como modelo de governo para esta nova nação um similar ao inglês, onde, ao invés de um rei, haveria um poder executivo, eleito, mas vitalício, porém, jamais hereditário, uma vez que seria uma república; um poder legislativo [Câmara ou Senado] hereditário para, nos momentos de turbulência, colocar-se entre os ânimos populares e os abusos do governo; e um corpo legislativo de eleições livres, com restrições semelhantes às da Câmara Baixa da Inglaterra.

Para Buenos Aires, considera que, diante de suas divisões intestinas e guerras internas, deverá surgir dali um governo central controlado por militares. Já no Chile, considera que, diante dos costumes inocentes e virtuosos de seu povo, prosperará a mais duradoura república do continente, baseada em leis amplamente democráticas e, em suas palavras, *doces*. Diferentemente, no Peru, Bolívar atesta ver muitas dificuldades em sobressair um governo livre, como afirma ele: *“El Perú, por el contrario, encierra dos elementos enemigos de todo régimen justo y liberal: oro y esclavos”*³⁴.” (VENEZUELA, 2004, p. 64).

Desse modo, Bolívar que, no princípio, era um grande defensor da república, com a experiência de derrotas sofridas e, sobretudo, diante da dificuldade em encontrar unidade interna, relativiza o papel da república e critica, de maneira contundente, o sistema federativo, responsável, em sua opinião, pelo papel desagregador. Embora ainda considere a república fundamental e não defenda explicitamente nenhum regime monárquico pleno, defende um governo centralizado e forte, e indica que poderão suceder na América de colonização espanhola, dependendo dos costumes de cada povo, monarquias e repúblicas. E mesmo regimes mistos, como no caso da república, cuja fundação viria da união entre a Venezuela e Nova Granada, por ele defendida.

Ante os graves problemas de divisão interna, cujas causas, na opinião de Bolívar, foram o excesso de democracia e preceitos liberais, adotados a um povo que não estava pronto a lidar com isso, Bolívar aponta, por fim, como única saída, a

³⁴ “O Peru, ao contrário, contém dois elementos inimigos de todo regime justo e liberal: ouro e escravos” [minha tradução].

unidade: “*Seguramente la unión es la que nos falta para completar la obra de nuestra regeneración*”³⁵.” (VENEZUELA, 2004, p. 67). A união e o apoio de uma nação externa, de uma grande nação são as soluções apontadas por Bolívar na referida carta.

Em dezembro de 1815, após ter passado o ano inteiro na Jamaica, em busca de apoio às lutas pela independência, Bolívar escapa de um atentado antes de viajar para o Haiti, onde obtém o apoio do presidente Alexandre Pétion, mediante o compromisso de abolição da escravatura na América espanhola. Nesta mesma época, houvera tentado conseguir o apoio dos Estados Unidos, sem sucesso. Vê-se que, diante da necessidade urgente de libertação de seu povo, Bolívar buscava apoio ora de uma monarquia, a britânica, ora de um país, em que a escravidão ainda era, no mínimo, uma questão controversa: os Estados Unidos.

Bolívar, tão logo retorna à Venezuela e retoma a localidade de Carúpano na costa oriental, em meados de 1816, cumpre a promessa realizada ao presidente haitiano e publica dois decretos referentes à libertação dos escravos, nos quais condiciona a libertação ao engajamento do escravo na luta pela independência. Viaja, outra vez, ao Haiti, em busca do auxílio prometido. E ao retornar, depara-se na Venezuela com os velhos problemas de desavenças internas, o que o leva a adotar uma política autoritária e centralizadora, agindo de forma implacável com relação àqueles que se lhe opunham, mesmo antigos aliados. Com o transcorrer das lutas, não apenas a independência do domínio espanhol se apresentava como desafio, mas as tarefas de organização interna do poder, como o estabelecimento de novas instituições e o enfrentamento às desigualdades sociais.

A questão da organização do poder na América de colonização espanhola segue, portanto, presente em diversos escritos de Bolívar, especialmente no *Discurso de Angostura*, realizado em 15 de fevereiro de 1819, quando da instalação do Congresso da Venezuela, naquela localidade, destinado a reformar a constituição e o conjunto das leis em vigor no país.

³⁵ “*Seguramente a união é o que nos falta para completar a obra de nossa regeneração.*” [minha tradução].

Bolívar encontrava uma terra devastada pelas guerras, com enormes ônus contraídos interna e externamente, assolada pela desorganização do trabalho, já que a força de trabalho havia sido deslocada para a ação militar, e com erário público desestruturado, representando grandes desafios à organização da economia. Além dos enormes desafios da organização político-administrativa, capaz de substituir as antigas instituições coloniais.

O líder venezuelano deu, então, início à implantação do poder, mediante diversos decretos. Entre eles, um decreto que estabelecia o confisco de bens dos espanhóis e dos americanos realistas, que tinha uma dupla finalidade: de um lado, a organização do erário público nos novos Estados; de outro, a premiação aos participantes das lutas pela independência. Outro decreto dizia respeito às propriedades comunais. De acordo com os princípios liberais, os novos Estados eram formados por repúblicas de cidadãos proprietários, tendo como base a propriedade privada. Este decreto atingia duas instituições: a Igreja e a comunidade indígena. Os índios passavam a ser proprietários individuais e a Igreja tinha seus bens móveis e terras desapropriados. Outro decreto que suprimia os tributos cobrados dos índios visava, em conjunto com o que já houvera sido declarado antes no que concerne à abolição da escravatura, tornar os índios e negros cidadãos livres. Contudo, junto a estas medidas liberais, houve também o fortalecimento da oligarquia fundiária que, contando com facilidades para aquisição de terras, acabaram por comprá-las de antigos índios comunitários, os quais acabaram por tornar-se mera força de trabalho. Percebe-se que os desafios eram enormes.

A respeito destes desafios e de alguns conceitos e princípios políticos nos quais deveria fundar-se a nova república que surgia, Bolívar escolhe tratar no *Discurso de Angostura*. Nele, começa por abordar o conceito de soberania, segundo o qual, deve ser exercida pelos legítimos representantes do povo, os quais, por sua vez, devem submeter-se ao seu crivo e censura deste mesmo povo que os elegeu. Bolívar coloca-se numa posição inicial de humildade, buscando pedir o apoio dos congressistas para ratificação dos decretos antes por ele tomados, bem como da proposta de constituição que lhes apresentará.

Após tocar no conceito de soberania, o próximo ponto tocado por Bolívar terá a ver com o enfrentamento das enormes desigualdades sociais vividas na Venezuela e na América espanhola. Para isso, reprisará uma exposição feita por ele na *Carta de Jamaica*, sobre o caráter mestiço da origem de seu povo, um dos fatores, pelos quais, criaria um problema de identidade e que levava a elite crioula a não reconhecer-se em seus irmãos índios e negros. Assim, ele abordará sobre os valores nocivos plantados pela monarquia espanhola nos costumes americanos, entre os quais, os que levaram à escravidão. O modelo monárquico espanhol era baseado em privilégios de uma monarquia, cercada por nobres, detentores de títulos e que subjugavam os demais. Como contraponto, era necessário fundar uma república baseada em leis que fossem capazes de corrigir as desigualdades históricas. Como afirma Bolívar: “*el principio fundamental de nuestro sistema depende inmediata y exclusivamente de la igualdad establecida y practicada en Venezuela*”³⁶. (VENEZUELA, 2004, p. 81).

O melhor governo seria aquele, de acordo com suas palavras, capaz de produzir a maior soma possível de felicidade, segurança social e estabilidade política. Mais uma vez se fazia presente a preocupação de Bolívar com a perenidade do sistema político venezuelano e da garantia de suas conquistas políticas, econômicas e sociais. Não bastava ser um sistema justo, era preciso que as liberdades democráticas fossem equilibradas com um regime político estável e duradouro. Preocupado com isso, considerava Bolívar que a constituição venezuelana carecia de reformas urgentes e, para isso, esperava contar com o apoio do Congresso.

Comparando casos históricos, desde a antiguidade às formas modernas de governo daquele período, Bolívar, em seu discurso, procura demonstrar como foram frágeis os governos que procuraram estabelecer uma democracia absoluta e cita o caso de Atenas, cuja república não durou mais do que dez anos. E põe o vigor moral dos cidadãos e dos governantes como fiadores mais eficazes de um governo que possa trazer prosperidade, quando afirma: “*Los códigos, los sistemas, los estatutos por sabios que sean son obras muertas que poco influyen sobre las*

³⁶ “o princípio fundamental de nosso sistema depende imediata e exclusivamente da igualdade estabelecida e praticada na Venezuela”. [minha tradução].

*sociedades: ¡hombres virtuosos, hombres patriotas, hombres ilustrados constituyen las Repúblicas*³⁷.” (VENEZUELA, 2004, p. 83). Para justificar mais uma vez que as leis devem estar de acordo com a época e os costumes do povo para o qual busca ordenar suas vidas, cita o próprio Rousseau que afirmara ser a liberdade um alimento suculento, mas de difícil digestão. Diante disso, é necessário conhecimento para saber digerir este alimento que é a liberdade, pois, nas suas palavras:

Un Pueblo ignorante es un instrumento ciego de su propia destrucción; la ambición, la intriga, abusan de la credulidad y de la inexperiencia de hombres ajenos de todo conocimiento político, económico ó civil: adoptan como realidades las que son puras ilusiones; toman la licencia por la Libertad, la traición por el patriotismo, la venganza por la Justicia. Semejante á un robusto ciego que, instigado por el sentimiento de sus fuerzas, marcha con la seguridad del hombre más perspicaz, y dando en todos los escollos no puede rectificar sus pasos.³⁸ (VENEZUELA, 2004, p. 81).

Ao falar das diversas formas de governo, dirá ainda que não há forma perfeita, pois mesmo os sistemas mais brilhantes oprimem a outros povos. Ele sabia que o sistema britânico que ele considerava misto - pois, mesmo sendo uma monarquia, era dotado de Parlamento e de tribunais – e um dos melhores, era responsável também pela colonização de outros países.

Neste discurso, fundamentado pelo que dissera antes sobre a importância de um governo estar de acordo com os costumes de sua época e os valores de sua gente, volta Bolívar a criticar o sistema federativo que ele considera desagregador para uma nação ainda no berço. Critica também a fragilidade do Poder Executivo venezuelano, de acordo com a antiga constituição, que teria seus poderes demasiadamente limitados e mesmo compartilhados por outros poderes, entre os quais o legislativo. Reivindicando Montesquieu, Bolívar afirma ser a harmonia e equilíbrio entre os poderes fundamentais. Desse modo, a administração da vida pública deveria estar a cargo exclusivo do Executivo, sendo o Legislativo

³⁷ “Os códigos, os sistemas, os estatutos por mais sábios que sejam são obras mortas que pouco influenciam as sociedades: homens virtuosos, homens patriotas, homens ilustrados são os que constituem as Repúblicas”. [minha tradução].

³⁸ Um Povo ignorante é um instrumento cego de sua própria destruição; a ambição e a intriga se aproveitam da credulidade e da inexperiência de homens alheios de todo conhecimento político, econômico ou civil: consideram puras ilusões como se realidades fossem; confundem permissão com Liberdade, traição com patriotismo, vingança com Justiça. Como um cego robusto que, instigado pelo sentimento de suas forças, caminha com a segurança do homem mais perspicaz, e esbarrando em todas as dificuldades não consegue corrigir seus passos. [minha tradução].

responsável pela elaboração das leis e fiscalização, e o Judiciário zelador de seu cumprimento. De acordo com o que estava conformado na última constituição, havia uma mistura entre os poderes, à medida que a administração pública era compartilhada também pelo Legislativo.

Seguindo sua proposição já apresentada na Carta de Jamaica, Bolívar propõe um sistema similar ao britânico, mas, como afirma ele, sem que seja uma imitação servil. Seriam necessários alguns ajustes, como o caso de, ao invés de um monarca, o presidente ocupar o posto de Chefe de Estado, ao tempo que é também o chefe do Executivo, de governo. Propõe, segundo ele, imitar o modelo britânico, no que tem de republicanismo. Para ele, é fundamental que uma parte do Legislativo, tal como a Câmara dos Lordes britânico, seja hereditário, com o objetivo de ser o responsável pela preservação dos costumes republicanos, composto por pessoas de notório saber que, desde a infância tenham recebido a melhor educação que o Estado lhes possa oferecer. Não seria, segundo Bolívar, uma nobreza. Os primeiros membros seriam eleitos e, posteriormente, seus descendentes, preparados desde a infância para o exercício da vida pública, assumiriam os postos. Um Senado hereditário, segundo Bolívar, seria o contrapeso entre o governo e o povo, considerados por Bolívar, eternos rivais. Um órgão acima das vicissitudes dos tempos. Segundo Bolívar, os senadores em Roma e os Lordes em Londres foram as colunas mais firmes sobre as quais se fundou o edifício da liberdade política e civil. O poder executivo seria vigiado por seus próprios ministros, pelo Senado, pelo Parlamento, pela Câmara dos Comuns e ainda pelos juizes. Assim, todos os poderes, manteriam sua autonomia no que diz respeito aos seus respectivos deveres, porém, sempre vigiados, uns pelos outros, mantendo assim o equilíbrio necessário à estabilidade do sistema político desenhado por Bolívar.

Bolívar, em seu *Discurso de Angostura*, solicita ainda a ratificação de seus decretos, sobretudo, o da abolição da escravidão, pois conforme proferira, não se pode ser livre e escravo ao mesmo tempo. Conclama o empenho de todos no pagamento das dívidas assumidas por ocasião das lutas pela independência e propõe, por fim, a reunião da Nova Granada e Venezuela numa única república que formariam, por sua vez, a grande Colômbia, em homenagem a Cristóvão Colombo.

Neste mesmo ano de 1819, Bolívar comandou a campanha pela libertação da Nova Granada, tendo entrado triunfalmente em Bogotá, em 10 de agosto de 1819, após a vitória em Boyacá. Organizou o poder, deixando-o sob o comando do general colombiano Francisco de Paula Santander. Ainda neste ano, por aprovação do Congresso, atendendo a solicitação feita por Bolívar no *Discurso de Angostura*, é criada a república da Colômbia, formada pelas atuais repúblicas da Venezuela, Colômbia, Panamá e Equador.

O ano de 1820, devido os acontecimentos ocorridos na Espanha, em virtude da Revolução Liberal naquele país, representou um arrefecimento da ação espanhola e um avanço das forças americanas, com as vitórias nas batalhas de Carabobo e Pichincha – junho de 1821 e maio de 1822 – que definiram a libertação da Venezuela e do Equador, respectivamente. As batalhas vitoriosas de Junín, em agosto de 1824, e de Ayacucho, em 9 de dezembro de 1824, definiram, por sua vez, a libertação do Peru e, de toda a América, restando apenas o Alto Peru, o que ocorreu em 1825, sob o comando do general Antonio José de Sucre, responsável pela vitória de Ayacucho.

Preocupado em dar seguimento ao que definira na *Carta de Jamaica* como sendo uma Liga das Nações americanas, Bolívar convoca o Congresso do Panamá, do qual tomam parte apenas os governos do México, Guatemala, Peru e Colômbia, que redundou num profundo fracasso, tanto pelas frágeis deliberações que sequer foram ratificadas pelo conjunto dos governos dos países que participaram do Congresso, como pelo fato de serem rejeitadas as principais resoluções apresentadas pelo governo do Peru, representando o que propusera Bolívar, que lá não pudera se fazer presente.

Não durou muito tempo após as lutas pelas independências e as conquistas pela libertação até o processo desagregador que tomou conta das jovens nações. Além dos conflitos entre os próprios líderes dos processos de libertação, provocados por inúmeros desentendimentos, sucederam-se já disputas por territórios, como o que ocorreu entre o Peru e o Equador em 1828, tendo Bolívar sido vítima de um atentado em Quito, a 25 de setembro de 1828, do qual se suspeita ter como cúmplice dos conspiradores o antigo aliado e confidente de Bolívar general

Santander. No final de 1829, eclodiu novamente o movimento separatista na Venezuela, que já havia surgido e sido minado três anos antes, novamente sob liderança do general José Antonio Páez, quem, após ter jurado lealdade a Bolívar, houvera sido anistiado em 1826. Venezuela tornou-se, então, independente da república da Colômbia, exemplo seguido pela Nova Granada e, posteriormente, pelo Equador, dando continuidade à desagregação da Colômbia, cuja presidência acabou por renunciar Bolívar em nome do general Domingo Caicedo, em virtude do desgosto que lhe tomou conta. Diante da destruição de seu projeto político e com a saúde já debilitada, Bolívar, em maio de 1830, deixa Bogotá e parte para Cartagena, de onde escreve a seu amigo Estanislao Vergara, em 25 de setembro de 1830:

[...] todas as minhas razões fundem-se numa única: não espero salvação para a pátria. Este sentimento, ou antes, esta convicção íntima, afoga meus desejos e me lança no mais cruel dos desesperos. Acredito que tudo esteja perdido para sempre e a pátria e os meus amigos submersos num pélogo de calamidades. Se houvesse um único sacrifício a fazer e que este fosse o da minha vida, ou da minha felicidade, ou o da minha honra... creia-me V.S.^a que não titubearia; mas estou convencido de que este sacrifício seria inútil, porque nada pode um pobre homem contra um mundo inteiro; e porque eu sou incapaz de fazer a felicidade do meu país, recuso-me a governá-lo. Além disso, os tiranos do meu país tiraram-no de mim e estou proscrito; assim, eu não tenho pátria pela qual sacrificar-me. (BELLOTTO & CORRÊA, 1983, p. 30-31).

Estava desfeito o grande sonho de Bolívar, o da Pátria Grande, e ficara demonstrado que os seus temores pela desagregação não eram em vão. Do mesmo modo, se sucederia em todo o continente americano, entre as nações que surgiram do domínio espanhol e mesmo português, no caso do Brasil, como ficou demonstrado na seção anterior, no que se refere às inúmeras guerras fratricidas entre países latino-americanos. Ainda assim, sete dias antes de morrer, Bolívar dirigiu aos colombianos sua última proclamação, pedindo a consolidação da Colômbia. No dia 17 de dezembro de 1830, na localidade de San Pedro Alejandrino, proximidades de Santa Marta, morria Simón Bolívar. Seu legado, no entanto, perdura até hoje, entre aqueles e aquelas que almejam alcançar aquilo que Martí chama de segunda independência para os povos latino-americanos e a unidade entre estes mesmos povos.

2.3 Venezuela: conflitos pelo poder.

Esta seção destina-se à compreensão e análise da conjuntura venezuelana durante o período em que o presidente Hugo Rafael Chávez Frías assume o poder naquele país até o ano de 2007.

Para compreensão da história da Venezuela na era Chávez, minha pesquisa tomou como referência alguns autores como JONES (2008); ELIZALDE & BÁEZ (2004); HARNECKER (2003) e SCHOEN & ROWAN (2009).

2.3.1 Assunção ao poder

Após uma eleição surpreendente, tendo sido vítima de calúnias, montagens publicitárias, entre outros artifícios utilizados por seus adversários, além de adversidades como a própria recusa de visto dos Estados Unidos para entrada naquele país, Chávez, que havia liderado um golpe de Estado em 1992 contra o então presidente Carlo Andrés Pérez, venceu as eleições com 56,20% do total de votos contra 39,97% de seu adversário Henrique Salas Römer, um típico oligarca venezuelano, apoiado pelos dois partidos tradicionais da Venezuela: a AD [Acción Democrática] e o COPEI [Comité de Organización Política Electoral Independiente]. Era o fim da era do *Pacto de Punto Fijo*³⁹ e do domínio político do país por estes dois partidos que se revezavam no poder por pelo menos quatro décadas.

Ao tomar posse em 2 de fevereiro de 1999, Chávez era, aos 40 anos de idade, o mais jovem presidente da república e conseguira conquistar, de início, a simpatia mesmo de vários de seus adversários, inclusive o governo norte-americano. Mostrava-se um exímio orador e um político habilidoso. Diante dos enormes desafios que tinha pela frente, Chávez ainda nos primeiros meses, possuía índices

³⁹ Pacto realizado entre três partidos: a AD, COPEI e a Unión Republicana Democrática [URD], assinado em 31 de outubro de 1958, após a derrubada do presidente Marcos Pérez Jiménez, a fim de garantir a estabilidade institucional do novo regime instaurado, em que, os três partidos participariam proporcionalmente dos governos, independente de quem ganhasse a presidência da república (ROMERO, 1989).

de aprovação em torno de fantásticos 90%. Havia muita expectativa em torno de seu governo que prometia acabar com a corrupção no país.

A situação era caótica. Apesar de ser a Venezuela detentora de uma das maiores reservas de petróleo do mundo, possuir o quinto maior serviço de gás, além de tantas outras riquezas, 80% de sua população vivia na pobreza. Segundo o jornal *The New Republic*, o caso venezuelano representava “um dos menos desculpáveis desastres financeiros da região”.

Diante do caos, era necessário, na visão de Chávez, reformar a república fundada sob o *Pacto de Punto Fijo*. Sabendo que o Congresso que havia sido eleito pouco tempo antes não era confiável, já na posse, Chávez anunciou seu primeiro decreto, que mandava as autoridades eleitorais realizarem um plebiscito para que o povo decidisse a respeito da realização de uma nova Constituinte para re-escrever a constituição do país. Esta medida almejava o cumprimento de uma de suas promessas de campanha – a de dar ao país uma nova constituição – e seria o primeiro enfrentamento com a oposição que não desejava ver mudanças no antigo regime. Enquanto a Suprema Corte resolvia esta questão polêmica, em virtude de várias ações contrárias a esta iniciativa, Chávez precisava fazer algo urgente pelo país. Diante do caixa vazio, Chávez utilizou o que tinha à disposição e lançou o Plano Bolívar 2000, que consistia num esforço conjunto de civis e militares. 70 mil dos 120 mil soldados foram enviados às ruas e à zona rural do país para reformar estradas e hospitais, realizar campanhas de tratamento médico, tirar o lixo das ruas, vender gêneros alimentícios nas caçambas de caminhões a preços módicos, entre outras ações. Chávez ofereceu a 80 mil civis que participassem dos esforços um pequeno salário, conseguindo, com isso, recrutar 05 mil miseráveis, que faziam fila ao lado do Palácio Miraflores, apenas nos dois primeiros dias após seu chamado.

A execução do Plano Bolívar começou no dia 27 de fevereiro, quando completavam dez anos do Caracazo⁴⁰, quando a população sofrera nas mãos de diversos soldados que entravam nas regiões mais pobres da Venezuela, inclusive atirando e cometendo outros atos de violência. O Plano Bolívar ajudou a mudar a

⁴⁰ Distúrbios de rua generalizados, em virtude do Plano Econômico lançado pelo presidente Carlos Andrés Pérez em 1989 e que levou à morte 277 pessoas, segundo dados oficiais ou 399, segundo levantamento de grupos venezuelanos de defesa dos direitos humanos. (JONES, 2008, p. 130).

visão que a população havia criado com relação aos militares e contribuiu a dar assistência imediata à imensa maioria pobre do país.

Apesar de seu discurso social crítico, Chávez não pôde, de início, fazer grandes mudanças econômicas. Era necessário estabilizar o país e foi este seu compromisso com o cumprimento dos contratos e pagamento de dívidas assumidas em governos anteriores, alguns dos fatores que contribuíram para construir uma credibilidade junto ao governo estadunidense que mudara a opinião que tinha com relação ao presidente venezuelano antes de sua posse. As palavras do então embaixador norte-americano no país, John Maisto: “*Olhem para o que Chávez faz, mas não dêem ouvidos ao que ele diz*” resumia a visão pragmática adotada pelo establishment da política exterior dos Estados Unidos naquele momento de que, apesar do discurso radical, Chávez não demonstrava ainda um perigo eminente.

Contudo, a cobertura midiática, especialmente a venezuelana, não era apenas crítica ao presidente, mas ofensiva. Mais do que aproveitar qualquer deslizamento do presidente ou distorcer fatos, como fizeram durante toda a campanha eleitoral, os principais canais de televisão, RCTV [Radio Caracas de Televisión] e Venevisión, utilizavam diversos pejorativos ao referir-se ao presidente.

Visando contrabalançar a cobertura midiática internacional e nacional que lhe era amplamente desfavorável e estabelecer canais de comunicação com a população venezuelana, a respeito de suas iniciativas de governo, Chávez lançou mão das *cadenas*⁴¹, para realizar pronunciamentos presidenciais que as redes de televisão eram obrigadas a pôr no ar e utilizou-os mesmo à extensão, chegando a também ser intensamente criticado por causa disso. Seus pronunciamentos duravam horas muitas das vezes. Entretanto, foi o *Alô Presidente* o empreendimento midiático mais bem-sucedido de Chávez, um programa de rádio que chegava a alcançar a inédita marca de 90% dos ouvintes. Era um verdadeiro show de variedades. Chávez num único programa falava sobre política econômica, lia trechos da Bíblia, dava conselhos familiares a ouvintes que participavam ao vivo, anunciava medidas governamentais, demitia ministros, cantava, dava lições de geografia. Os telefones da Rádio Nacional da Venezuela começavam a tocar às 05 horas do

⁴¹ Transmissão conjunta dos canais de TV para pronunciamentos oficiais.

domingo, quatro horas antes do início do programa. Ainda havia um programa televisivo com o qual se fundiu e tornaram-se um só. No entanto, estas iniciativas passavam ainda longe de contrapor-se ao enorme poderio dos grandes canais de TV.

Ainda no seu primeiro ano de mandato, Chávez teria, pelo menos, mais três enfrentamentos eleitorais. O primeiro, no dia 25 de abril, foi o plebiscito sobre a assembleia constituinte, no qual teve uma retumbante vitória, com 88% dos votos favoráveis ao processo de elaboração de uma nova Constituição. O segundo, no dia 25 de julho, foi a eleição dos membros da Assembleia Constituinte e nova vitória: das 131 cadeiras, o *Polo Patriótico*, agrupamento que reunia os apoiadores de Chávez, conseguiu 125 vagas, inclusive as três reservadas aos indígenas, representando 95% do total. O terceiro, a aprovação da nova Constituição recém-elaborada por 71% dos eleitores.

A nova Constituição intensificou a garantia aos direitos humanos, reconhecendo pela primeira vez os direitos dos povos indígenas; criou medidas para preservação do meio ambiente; protegia os sistemas de propriedade e economia coletiva das tribos indígenas; reconhecia as donas de casa como trabalhadoras sujeitas a benefícios sociais, como a seguridade social; estendeu o direito do voto aos soldados; passou o processo de promoção dos soldados das mãos do Congresso para as Forças Armadas e a presidência da república; criou a Defensoria do Povo, a fim de garantir a observância dos direitos cidadãos; estabeleceu concursos públicos para escolha de juízes – antes nomeados pelo Congresso -, sob a supervisão de grupos de defesa dos direitos humanos e outras representações da sociedade civil; Senado e Câmara dos Deputados passaram a constituir um único órgão: a Assembleia Nacional; criou-se o cargo de vice-presidente; ampliou o mandato presidencial de cinco para seis anos; permitiu uma re-eleição subsequente para os cargos eletivos; criou o mecanismo do impeachment – com o plebiscito revogatório que poderia ser chamado depois de metade dos mandatos de qualquer representante eleito, com força de lei, para decidir sobre permanência ou revogação do mandato dos dirigentes políticos; e ainda mudou o nome do país para República Bolivariana da Venezuela. Este último item, bem como a ampliação de um ano do

mandato e a garantia de re-eleição foram os pontos mais criticados pela oposição que, junto com o que consideravam concentração de poderes nas mãos do presidente, poderia levar à instalação de uma ditadura.

Todas estas vitórias de Chávez foram alcançadas, em meio a diversas medidas polêmicas, uma grave crise econômica a ser controlada e um clima de guerra política intensa, comandada pelas antigas elites políticas e econômicas, aliadas à cúpula da Igreja Católica e à mídia de grande poder econômico e circulação de notícias.

A economia chegou a encolher 7,9% no primeiro ano do mandato do governo, o déficit fiscal, herdado das administrações anteriores, alcançou o volume de 3,1% do PIB e o desemprego atingiu naquele mesmo ano de 1999 o seu mais elevado pico em quatro décadas – 15,4%. A única notícia boa, no campo econômico, era a elevação dos preços do petróleo, que saltaram de 8,4 dólares o barril, em fevereiro de 1999, para 23,24 dólares em janeiro de 2000, já em virtude das primeiras medidas adotadas por Chávez de observar as cotas da OPEP e diminuir a produção. Neste cenário, apesar de deter minoria no Congresso, Chávez conseguiu que aprovassem um decreto concedendo-lhe poderes para governar a economia, por decreto, mecanismo antes já utilizado por seus antecessores e, agora, duramente criticado por eles e a oposição.

O processo de elaboração da Constituição foi marcado por diversas polêmicas, inclusive quanto ao caráter e poderes da Assembleia Constituinte. Aliados de Chávez e alguns juristas do país defendiam o caráter originário da Assembleia Constituinte, enquanto adversários consideravam que seu único papel era o de escrever a nova Constituição. Em meio a disputas judiciais, venceu a primeira tese e a assembleia votou como uma de suas primeiras medidas a que lhe conferia amplos poderes para eliminar órgãos do governo, demitir autoridades e intervir de diversas formas. Desse modo, além da escrita da nova constituição, destacaram-se três emergências decretadas pela nova Assembleia, durante o período em que funcionou: a de emergência judicial, a de emergência legislativa e a de emergência prisional.

A emergência judicial permitiu à assembleia constituir um grupo de nove membros com o poder de demitir e suspender quase metade dos 4700 juízes, oficiais de cartórios e meirinhos, devido a acusações de corrupção⁴², incompetência e outras irregularidades. Até membros da Suprema Corte poderiam ser exonerados dos cargos.

O sistema judicial venezuelano era submetido a um esquema de tráfico de influência e suborno que reunia políticos, juízes e escritórios de advocacia, que conseguiam para seus clientes uma decisão favorável, desde que bem pagos e com contatos *apropriados*. Apenas um quarto da Suprema Corte ocupava cargo permanente, os demais membros eram sempre indicados pelos partidos tradicionais – Copei e AD. Além disso, a sobrecarga de processos fazia com que apenas 9.700 dos 23 mil detentos do país tivessem sido julgados pela justiça.

O momento escolhido para a demissão dos juízes demonstrara-se oportuno, contando com o apoio da opinião pública que se encontrava indignada diante de decisões judiciais que absolviam corruptos poderosos. Dias antes das demissões anunciadas, dois juízes haviam rejeitado uma denúncia contra doze banqueiros acusados de envolvimento em notório escândalo financeiro ocorrido durante o governo anterior de Rafael Caldera. Depois do colapso econômico de 1994, 200 banqueiros haviam fugido do país e moravam, em sua maioria, nos Estados Unidos.

A emergência legislativa, decretada duas semanas após a judicial, suspendia a aprovação de leis pelo Congresso, atribuindo a este apenas as atividades de supervisão do orçamento e a concessão de permissão a viagens do presidente. Este ato gerou revolta por parte dos congressistas da oposição que suspenderam o recesso e ameaçaram não mais aprovar o orçamento, nem qualquer autorização para viagens do presidente. Em face da ameaça, a assembleia resolveu por fechar terminantemente o Congresso, o que levou a novos conflitos que só foram superados com negociações mediadas pela Igreja Católica, garantindo que nenhum órgão interferiria no trabalho do outro.

⁴² JONES (2008) indica a leitura de um best-seller de 1995, intitulado *¿Cuánto vale un juez?* [Quanto vale um juiz?] que apresenta um relato, ao longo de 144 páginas de várias histórias sobre juízes corruptos.

A emergência prisional, por sua vez, buscava modificar a situação daquele sistema na Venezuela, cujas prisões eram consideradas pela Anistia Internacional como as mais perigosas do mundo. As prisões venezuelanas construídas para comportar uma capacidade de 15.500 presidiários, estavam abarrotadas com 25 mil, com prisioneiros dormindo no chão de concreto, nos corredores, debaixo de escadas, em barracas improvisadas ao ar livre. Os banheiros não funcionavam e as fezes eram jogadas em sacos plásticos ou folhas de jornal, pelas grades das janelas, para o pátio das prisões. Água contaminada de bactérias e parasitas, o alastramento de doenças como Aids, tuberculose e tifo, refeições precárias [inclusive sem jantar], uso de armas nas celas, brigas entre gangues, violência sexual, assassinatos e ausência de atendimento médico completavam o quadro caótico do sistema prisional venezuelano.

Um novo Código Penal fora baixado por Chávez, até a conclusão dos trabalhos da nova constituição, tendo entre suas medidas a presunção da inocência, garantindo a libertação de todos os detidos até que fossem julgados. Alguns presos foram libertados em caráter definitivo porque já haviam cumprido suas penas. Outros participaram de um programa de prisão-albergue, saindo às ruas durante o dia. Associado a isso, foram formadas equipes de juízes, promotores, ativistas dos direitos humanos e padres para acelerar os processos relativos às pessoas mantidas nas quatro maiores prisões mais perigosas do país. Até o final do ano de 1999, quase 6 mil presos tiveram seu destino decidido. Chávez ainda determinou a divisão de criminosos, de acordo com a natureza do crime cometido. Antes, acusados de furto e menores de idade com até 16 anos compartilhavam a cela com acusados de estupro e assassinato.

Apesar do grande número de medidas adotadas por Chávez, a situação da Venezuela não era fácil. E ele ainda enfrentaria uma desconfiança crescente do *establishment* norte-americano com relação ao seu governo, e desentendimentos internos, com a dissidência de alguns militares antigos aliados seus. Contudo, sua popularidade seguia em alta e lhe garantiria uma nova vitória eleitoral no ano seguinte. A nova constituição zerava todos os mandatos, exigindo a confirmação dos cargos oficiais, após sua aprovação. Em 31 de julho de 2000, 6.200

cargos públicos, de presidente a prefeitos, foram disputados. Chávez foi confirmado no cargo com 59,8% dos votos, superior aos 56,2% obtidos em 1998; perdeu em um único estado, do total de 24; seus aliados conquistaram 17 dos 22 governos estaduais e 105 das 165 cadeiras da nova Assembleia Nacional. Mesmo com a maioria dos representantes do legislativo nacional, os chavistas não alcançaram os dois terços necessários para a implementação de algumas medidas e, com isso, enfrentariam ainda uma oposição com a qual teriam de negociar.

2.3.2 Venezuela. Abril de 2002: Prestes a explodir.

O cenário de 2002 foi construído no decorrer dos três primeiros anos de mandato presidencial de Chávez. Ele assumira um país falido que, apesar de deter uma das maiores reservas petrolíferas do mundo, concentrava um alto índice de desemprego, uma corrupção enraizada em todas as esferas de poder, e que parte considerável da população vivia em extrema pobreza e sem acesso aos serviços públicos.

Mesmo após diversas medidas que buscavam o reerguimento do país, desde o primeiro momento, Chávez foi visto com desconfiança pelos meios de comunicação, que tomaram o caminho de uma oposição aberta ao novo governo. Seu protagonismo no golpe de Estado fracassado em 1992, contra o então presidente Carlos Andrés Pérez, e suas medidas radicais seriam, para alguns setores, possíveis indicadores de que se instalaria no país uma ditadura. No entanto, Chávez viabilizara reformas constitucionais para garantir eleições livres inclusive para os cargos de juiz. Antes, todos os cargos, de governadores, prefeitos e até mesmo diretores de escola eram de nomeação dos partidos da ordem, no caso Acción Democrática [AD] e Comité de Organización Política Electoral Independiente [COPEI].

Os Estados Unidos que procuravam, inicialmente, ter uma relação diplomática harmoniosa com o seu maior fornecedor de petróleo, foi-se distanciando à medida que Chávez começou a interferir na geopolítica internacional. No ano de 2000 para rearticular uma nova reunião de cúpula da OPEP, o presidente

venezuelano visitou o Iraque e ainda condenou o embargo econômico àquele país, que conforme disse Chávez impedia uma criança com câncer ter acesso à medicação básica. Em seguida, outras vozes se somaram a sua, como a do governo indonésio e do Vaticano. Mas a gota d'água seria em 2001, quando semanas após haver se solidarizado com a nação estadunidense em virtude dos ataques desferidos em 11 de setembro daquele ano contra as Torres Gêmeas⁴³, condenou os ataques dos Estados Unidos ao Afeganistão que, na busca por Bin Laden, deixara um saldo de vários inocentes, inclusive crianças, entre os mortos.

O quadro interno já não era muito fácil para Chávez, apesar de fazer pouco tempo de sua eleição em julho de 2000, com quase 60% de todos os votos. No fim de 2001, perto de expirar-se a lei habilitante que dava plenos poderes a Chávez para legislar independente da Assembleia Nacional, ele baixou 49 decretos. Destes, os que provocaram maior fúria por parte da oposição, eram os que se destinavam à reestruturação da estatal do Petróleo, desde os postos de comando, até a política de royalties e o da Reforma Agrária que propunha uma redistribuição das terras, uma vez que 60% de toda a área fértil da Venezuela encontrava-se nas mãos de apenas 1% a 2% dos proprietários. Chávez argumentava inclusive a necessidade de garantir a segurança nacional no fornecimento de comida, já que a Venezuela importava 70% de seus alimentos, constituindo-se no único país da América do Sul, cujo volume de comida importado era maior do que o exportado.

Externamente, o desgaste com o vizinho do norte se acentuava ainda mais. Bush havia colocado antigos envolvidos no escândalo Irã-Contras⁴⁴, como Otto Reich⁴⁵, Elliot Abrams⁴⁶ e Rogelio Pardo-Maurer⁴⁷, em postos-chave de seu

⁴³ As duas maiores torres, cada uma com 110 andares, de um conjunto de sete prédios, compoendo o complexo denominado por World Trade Center, em Manhattan, centro de Nova York e que foram atingidas por dois Boeing 767 no dia 11 de setembro de 2001, em ataque atribuído a membros do grupo islâmico Al Qaeda, que diz considerar os Estados Unidos o grande Satã.

⁴⁴ Denominação do esquema que utilizou recursos arrecadados com a venda de armas para o governo do Irã para financiar grupos contra-revolucionários na América Latina, visando desestabilizar e derrubar governos eleitos democraticamente, assim como apoiando militar e financeiramente governos autoritários que pudessem impedir o avanço comunista na América Latina.

⁴⁵ Otto Reich foi o principal responsável por rebater as pesadas críticas às políticas para a América Central adotadas pelo governo Reagan, tendo ocupado diversos postos no Departamento de Estado naquele período. (JONES, 2008, p. 317).

⁴⁶ Abrams defendeu com vigor o apoio norte-americano aos “esquadrões da morte” do governo de El Salvador. Numa guerra que deixou 75 mil pessoas mortas, a maior parte delas vitimada por militares

governo para a América Latina, chegando inclusive a nomear Reich durante o recesso parlamentar para evitar a recusa do Congresso. Já John Negroponte⁴⁸ foi nomeado para o cargo de embaixador nas Nações Unidas. Todos eram figuras marcadas na história da América Latina por apoio político, financeiro e armado a governos e setores de extrema-direita, responsáveis pela desestabilização de regimes democráticos que tivessem alguma proximidade com ideias marxistas. A mudança no governo norte-americano com a assunção de Bush ao poder e sua política de “combate ao terror” acirrariam as antes duvidosas relações entre Estados Unidos e Venezuela.

Chávez se via também diante de deserções. Seguidamente, vários oficiais de alta patente das Forças Armadas vieram dar declarações públicas em canais de TV pedindo a renúncia do presidente.

A isso se somou um quadro de greve geral, organizado pela *Fedecámaras*, sindicato patronal e pela *Confederación de los Trabajadores de Venezuela* [CTV], a partir da demissão de altos executivos da estatal petrolífera *Petróleos de Venezuela S.A.* [PDVSA], que se recusavam a por em prática a reforma aprovada por Chávez. A greve iniciada no dia 09 de abril de 2002 perdeu força no dia seguinte. Porém, Pedro Carmona e Carlos Ortega, líderes respectivamente da *Fedecámaras* e da CTV, prorrogaram-na por tempo indeterminado e convocam a população para participar de uma passeata de protesto até o Parque del Este, onde funcionava o escritório da PDVSA.

O alvo deles, porém, era outro. Foi neste dia, 11 de abril, que a multidão em torno de quinhentas mil pessoas, incitadas pelos líderes grevistas, resolveu ir ao

e esquadrões da morte financiados pelos Estados Unidos, Abrams tentou esconder o maior massacre da guerra no vilarejo de El Mozote, onde mataram quase mil mulheres, crianças e idosos. Jogavam bebês para o alto e os estocavam com a baioneta de seus fuzis. Estupraram de depois mataram meninas adolescentes. Obrigaram homens a entrarem em uma igreja e depois atearam fogo nela. Abrams ainda afirmou que o “histórico do governo em El Salvador é uma conquista fabulosa”. (JONES, 2008, p. 316-317).

⁴⁷ Pardo-Maurer era um integrante dos contras e dirigia durante o decênio de 1980 um escritório mantido pelos contras em Washington. (JONES, 2008, p. 318).

⁴⁸ Negroponte trabalhou como embaixador em Honduras, durante 1981-1985, país que serviu como base para os rebeldes contras que atacavam o governo da Nicarágua e onde se localizava uma unidade secreta da CIA, Batalhão 316, responsável por seqüestrar, torturar e assassinar simpatizantes de esquerda. (JONES, 2008, p. 317-318).

Palácio de Miraflores, sede do governo a 9,5 km do local onde se encontravam, o que era uma temeridade inclusive porque ali, no Palácio, já começavam a se aglomerar também apoiadores do governo. Desde o dia 09 de abril, os meios de comunicação davam cobertura completa à greve, tendo intensificado naquele dia 11. Chegaram a suspender parte significativa da programação e quando Chávez convocava as *cadena*s para transmitir sua versão, as emissoras dividiam a tela para mostrar a passeata e posteriormente o tumulto, procedimento ilegal que, de tanto ocorrer, levou o presidente a cancelar o sinal das emissoras, agravando a situação. Elas passaram então a transmitir via satélite. Mais tarde, a oposição colocaria fora do ar a TV pública, tomada pelas forças do governador opositor do estado de Miranda, Enrique Mendoza.

A cartada final, porém, ainda estava por vir. Chávez não havia conseguido colocar em ação o *Plano Ávila*⁴⁹ para dissuadir a multidão do local em frente ao Palácio. E surpreendentemente atiradores de elite apareceram do alto de diversos prédios nos arredores atirando contra a multidão. Os líderes da passeata já haviam se retirado de moto do local. E o presidente encontrava-se encerrado em seu gabinete.

A oposição, nos mais diversos canais de televisão, acusava o presidente pelo banho de sangue. Fato, cuja falsidade mais tarde seria comprovada. Chávez não só não havia conseguido colocar em ação o *Plano Ávila*, como fortes indícios apontavam que aquele caos havia sido planejado previamente por setores da oposição.

Foi neste clima que correu o golpe. Meios de comunicação, empresariado, Central Sindical, Igreja e setores do Exército contra o governo de Chávez, com a suspeita e indícios fortes de apoio do governo estadunidense, mais tarde primeiro a reconhecer o governo de Carmona instituído após o desaparecimento de Chávez.

⁴⁹ Plano que Chávez elaborou com o comando da polícia e do exército para dissuadir manifestações, evitando confronto em frente ao Palácio. No entanto, o responsável por colocá-lo em ação não fora encontrado e a base do Exército mais próxima encontrava-se sob controle de um dissidente das Forças Armadas (JONES, 2008).

No entanto, o desentendimento entre a oposição e o apoio de setores expressivos do Exército a Chávez garantiram o seu retorno na madrugada do dia 14 de abril de 2002, quando uma multidão em vigília lhe esperava em frente ao Palácio Miraflores.

Após a retomada dos poderes constitucionais, Chávez adota um tom reconciliador, readmite executivos da PDVSA anteriormente afastados e propõe o que ele chamou de “*Mesas Redondas de Diálogo Nacional*”, reuniões que buscariam convergir diversos setores do país, eclesiais, empresariais, de trabalhadores, entre outros. Entre os principais responsáveis pelo golpe, alguns deixaram o país buscando asilo político no exterior, enquanto outros foram surpreendentemente absolvidos.

No entanto, a oposição não havia desistido de depô-lo, nem o governo norte-americano havia recuado em sua política diplomática, continuando a apoiar financeiramente, por meio de algumas de suas agências, entre as quais a Usaid [United States Agency International Development] e o NED [National Endowment for Democracy], os grupos contrários ao governo venezuelano. Esta última organização havia recebido do Departamento de Estado norte-americano, logo após o golpe de Estado, o valor referente a um milhão de dólares, destinado à sua ação regular na Venezuela. E a Usaid injetou no país, entre 2002 e 2006, 26 milhões de dólares (JONES, 2008, p. 389).

A oposição venezuelana estava decidida a seguir a tática adotada no Chile na década de 1970, quando Richard Nixon ordenou à CIA que “*fizesse a economia agonizar*” naquele país. No dia 21 de outubro de 2002, os líderes da oposição convocaram a terceira greve nacional daquele ano. Fábricas, lojas e shopping centers fecharam as portas e o país paralisara. A oposição apresentava ao presidente três alternativas para por fim à greve: sua renúncia, convocação de eleições antecipadas ou um referendo sobre o seu governo. Chávez não aceitou nenhuma das alternativas, uma vez que a nova Constituição já previa o mecanismo do referendo revogatório, depois de cumprida metade do mandato presidencial, e a greve perdeu força.

Contudo, nova greve é convocada no dia 2 de dezembro daquele mesmo ano, contando com o apoio de executivos e funcionários da administração da PDVSA, e quando já estava novamente perdendo força, a oposição conseguiu um trunfo no dia 4 de dezembro, com a paralisação de 24 navios-tanques venezuelanos. Haviam, dessa vez, conseguido parar o fundamental setor petrolífero, que respondia por um terço dos 100 bilhões de dólares do PIB daquele país, metade das receitas do governo e 70% das exportações da Venezuela (JONES, 2008, p. 397). Bancos em greve, postos de gasolina com filas quilométricas, corrida aos supermercados antes de fecharem suas portas compunham a campanha da oposição sob o slogan: *“2002 sem Natal, 2003 sem Chávez”*. Os canais de TV cancelaram sua programação habitual e passaram a exibir anúncios pró-greue e anti-Chávez de forma ininterrupta, convidando partidários da oposição para participação em diversos programas de entrevista. A produção de petróleo, antes de 3 milhões de barris diários, caíra para 150 mil barris/dia.

Chávez, contudo, não se rendeu e buscou alternativas para o enfrentamento desta grave crise que poderia levar à sua derrubada. Contatou os governos do Brasil, Trinidad e Tobago, México e Rússia, a fim de importar gasolina; conseguiu o envio de alimentos e suprimentos da Colômbia, República Dominicana e outros países e demitiu vários executivos e gerentes grevistas, lista que mais tarde seria ampliada. Mas era preciso retomar o controle dos navios-tanque e para isso era necessário de especialistas. Chávez conseguiu, então, convencer um grupo de marujos aposentados que, ante os olhos atentos de todo o país, que acompanharam a operação pelos canais de TV, conseguiram colocar o maior dos petroleiros em funcionamento. Chávez começava a contornar mais um momento conturbado de seu governo, retomando o controle da PDVSA. Novos funcionários foram contratados, enquanto outros ascenderam a postos de comandos, mudando completamente a direção da estatal do petróleo, passando a estar sob o controle do governo de Chávez. Com o apoio recebido dos demais países do continente e a retomada da produção de petróleo, o governo venezuelano conseguia restabelecer aos poucos a normalidade. Mais uma vez não por pouco tempo.

Após o golpe de Estado em abril daquele ano e da paralisação do setor petrolífero, enfrentaria o governo Chávez uma intensa campanha pela sua renúncia, em que a oposição queria antecipar o referendo revogatório de seu mandato. As redes de televisão chegaram a exibir “*anúncios de interesse público*” em que estimulavam cidadãos a pararem de pagar o imposto de circulação de mercadoria, enquanto o governo lembrava de que isso constituía crime de evasão fiscal, com pena de até sete anos de prisão.

Até o referendo que se realizou em agosto de 2004, a oposição continuava a fazer paralisações e passeatas contra o governo venezuelano. Enquanto isso, Chávez empenhava-se no projeto das missões sociais, que se constituíram como frentes de enfrentamento de graves problemas de desigualdades sociais naquele país. A *Misión Robinson*, batizada em homenagem ao preceptor de Bolívar que recebia este apelido “Robinson”, envolveu 1,5 milhão de venezuelanos. Entre suas ações, estava a de alfabetizar milhões de venezuelanos.

A missão *Barrio Adentro* consistia em levar centenas de médicos cubanos a todos os bairros da capital de Caracas e, posteriormente, a outras regiões do país. No segundo ano deste programa, dentistas e oftalmologistas foram incorporados aos esforços, levando equipamentos médicos avançados para dentro dos bairros. Os programas resultaram de um acordo entre o governo venezuelano e o cubano, por meio do qual, o primeiro enviaria petróleo mais barato ao último, em troca do envio de profissionais, como médicos, professores, treinadores de modalidades esportivas, e outros especialistas. Os profissionais ficavam na Venezuela por dois anos e recebiam uma bolsa de 250 dólares mensais; inicialmente, moravam nas casas dos moradores dos bairros, depois o governo construiu casas, em que os consultórios funcionavam no primeiro andar. Os gastos per capita com saúde aumentaram 74% entre 1999 e 2005, segundo dados do governo (JONES, 2008, p. 414). Gastaram-se 52 milhões de dólares com a construção de um hospital do coração para crianças; mais de 1 bilhão de dólares na reforma de 44 hospitais, construção de cerca de 600 centros de diagnóstico e reabilitação, e mais de 2.100 clínicas comunitárias para a Missão *Barrio Adentro*; e o envio de centenas de jovens a Cuba para frequentarem gratuitamente faculdades de medicina, mediante o compromisso

de trabalharem nas regiões mais pobres da Venezuela, após o regresso. Em 2006, cerca de 54% da população receberia tratamento médico de graça por meio do programa *Barrio Adentro*.

A *Misión Ribas*, em homenagem ao herói da independência José Félix Ribas, garantia o acesso ao ensino médio àqueles que não o haviam concluído, oferecendo aulas nos bairros e uma ajuda de custo para compensar pelo tempo que não conseguiam trabalhar ou para ajudar na criação dos filhos ou para as despesas com transporte. No primeiro ano, 600 mil inscreveram-se, chegando a 1,4 milhão nos anos seguintes.

A *Misión Sucre*, em homenagem ao general Antonio José de Sucre, que participara da conquista da Bolívia, consistia em fornecer ajuda a 100 mil estudantes, todos os anos, para o ingresso no ensino superior. Chávez ainda inaugurou uma nova universidade para os alunos de baixa renda: a Universidade Bolivariana da Venezuela, que abriria, mais tarde, várias derivadas pelo país, oferecendo diversos cursos, entre os quais, saúde pública, arquitetura, medicina e ciências da computação.

A *Misión Vuelta Caras*, ou *Reviravolta*, visava a redução das taxas de desemprego, a partir de iniciativas, como o desenvolvimento de milhares de pequenas cooperativas em diversas comunidades; recuperação de fábricas falidas ou em falência, sob o controle dos trabalhadores; além da entrega de títulos de propriedade imobiliária para os moradores dos bairros que não estivessem em área de risco.

A *Misión Identidad* consistia em um esforço para registrar eleitores, fornecendo, de maneira ágil, carteiras de identidade aos que ainda não possuíam ou expiraram a validade. Sem esta identidade, não se podia ter acesso aos programas oficiais do governo, nem conseguir um emprego. A carteira de identidade era um instrumento de acesso à cidadania.

Outras missões atacavam tantas outras frentes. A *Misión Zamora* procurava ajudar agricultores pobres. A *Misión Guaicaipuro* destinava-se às tribos

indígenas e seus 500 mil moradores. A *Misión Piar* oferecia melhores condições de trabalho e assistência aos mineiros que trabalhavam em terras amazônicas.

As *missões* de Chávez não se limitavam a doações do governo, ao contrário, estimulavam também a organização e mobilização das comunidades. Representavam importantes instrumentos de socialização comunitária. Os vizinhos passavam a constituir comitês imobiliários para organizar a distribuição dos títulos de propriedade; ajudavam na distribuição dos sopões; lançavam projetos comunitários para consertar encanamentos, instalar cercas de segurança; pregavam cartazes orientando sobre doenças como a dengue; e voluntariavam-se a dar aulas de alfabetização. Algumas dessas iniciativas eram feitas, independente da ajuda do governo. As *missões*, com isso, ultrapassaram qualquer caráter assistencialista, pois os moradores dos bairros assumiram um papel protagonista no enfrentamento de seus problemas e de maneira coletiva. Todas estas conquistas das *missões* reverberariam nos futuros enfrentamentos eleitorais do governo Chávez com a oposição.

Após diversos impasses e suspeitas de fraudes na coleta de assinaturas, organizada pelos grupos de oposição, o referendo que decidiria a permanência ou não de Chávez no governo foi marcado para o dia 15 de agosto de 2004. Era necessária a coleta de assinaturas, correspondente a, pelo menos, 20% dos eleitores registrados, fato que a oposição, finalmente, conseguiu em maio daquele ano.

O comparecimento às urnas foi inédito. Milhares de pessoas chegaram com uma hora de antecedência aos locais de votação, formaram filas de até 2 quilômetros e ficaram aguardando, pacientemente, durante até sete horas nas filas, sob um calor escaldante. O ex-presidente norte-americano Jimmy Carter, que coordenava o grupo de observadores internacionais, afirmara nunca ter visto um comparecimento tão massivo, entre as dezenas de eleições que já havia monitorado. As urnas, previstas para fecharem às 18 horas, tiveram sucessivos adiamentos, chegando as últimas a fecharem para recebimento de votos, às 03 horas da madrugada, uma surpreendente maratona eleitoral de 21 horas. A Venezuelana atingira um recorde, 10 milhões dos 14 milhões de eleitores

registrados haviam comparecido as urnas, num país em que o voto é facultativo. Os números davam a dimensão do momento político que vivia o país. E Chávez, mais uma vez, vencera com folga. O presidente havia alcançado a marca recorde de 5,6 milhões de votos, contra 3,9 milhões da oposição que queria a revogação de seu mandato. De todo modo, o país encontrava-se dividido: quatro de cada dez venezuelanos opunham-se a Chávez. E a oposição não aceitou, por muito tempo, a derrota, apesar do respaldo de todos os órgãos de observação internacional, inclusive ligados aos Estados Unidos. O conselho eleitoral ainda realizou uma auditoria no processo, atendendo aos pedidos da oposição, sob a inspeção do Centro Carter e de outros observadores internacionais. Contudo, a mesma oposição afastou-se da auditoria, exigida por eles próprios, a fim de manterem o discurso de que houve fraude não detectável naquele processo.

2.3.3. O projeto bolivariano e o socialismo do século XXI

Com a oposição derrotada e desqualificada, e a superação de Chávez a três sucessivos processos de tirá-lo do poder: um golpe de Estado, a paralisação do setor petrolífero e um referendo revogatório, em meio a protestos, greves, e intensa campanha midiática contra suas políticas e à sua própria pessoa, muitas vezes agressiva, partia o presidente venezuelano para o contra-ataque. Os anos de 2005 a 2007 seriam marcados por intensa atividade de seu governo na esfera internacional, propagandeando a revolução bolivariana e constituindo-se num contraponto mundial ao governo estadunidense.

Este período, a partir de 2004, foi marcado por uma renovação ou mesmo alteração no quadro político na América Latina. Na Argentina, Néstor Kirchner era presidente; o Brasil havia eleito Lula em 2002; o Uruguai tinha pela primeira vez um socialista na presidência, com a eleição em novembro de 2004 de Tabaré Vázquez; em 2005, numa eleição surpreendente, Evo Morales tornara-se o primeiro indígena presidente da Bolívia; em 2006, o Chile elege a primeira presidente socialista de sua história; na Nicarágua, em novembro de 2006, os sandinistas retomam o poder com Daniel Ortega; pouco tempo depois, era a vez do Equador eleger o economista de

esquerda Rafael Correa à presidência. No entanto, o apoio de Chávez a Ollanta Humala, no Peru; e as insinuações de ligação entre Chávez e Andrés Manuel Lopez Obrador, no México, tiveram o efeito inverso, levando a derrota dos dois representantes da esquerda no Peru e no México, no ano de 2006, em virtude da exploração, por parte dos adversários de que se trataria de um caso de intromissão estrangeira na política interna daqueles dois países. Contudo, não era apenas Chávez que se “intrometia” na política interna dos outros países, o governo estadunidense ameaçou cortar ajuda aos bolivianos em caso de vitória de Evo Morales e à Nicarágua, em caso de vitória de Daniel Ortega. Nestes dois países, as declarações dos vizinhos do norte, contribuíram para alavancar a campanha dos dois líderes esquerdistas.

Chávez, neste novo cenário geopolítico, destacava-se como uma importante liderança de esquerda no continente e no mundo, uma voz alternativa às políticas neoliberais do Consenso de Washington, e um contraponto à hegemonia estadunidense. No Fórum Social Mundial de 2005⁵⁰, realizado em Porto Alegre, Brasil, foi recebido como uma grande personalidade mundial e lotou um ginásio de esporte, com 15 mil ativistas, que o saudavam com gritos: “*Aí vem o chefe!*”. Lula, nesta época, havia sido ofuscado, uma vez que não apresentava, com a mesma clareza de Chávez, um perfil antagônico aos interesses das elites, do FMI e dos Estados Unidos. Chávez havia superado a desconfiança inicial de diversos grupos e movimentos de esquerda, em virtude de sua trajetória e educação militar, e havia se tornado a maior liderança de esquerda da América Latina, após Fidel Castro.

Por outro lado, a imprensa venezuelana e internacional não lhe poupavam críticas e ataques, somando-se aos adversários de Chávez. Pat Robertson, ministro evangélico que mantinha laços estreitos com o governo Bush, chegou a defender publicamente, em um canal de TV a cabo *The 700 Club*, em agosto de 2005, o assassinato de Chávez: “*Se ele acha que estamos tentando assassiná-lo, acho que deveríamos seguir em frente com isso. Seria muito mais barato do que iniciar uma guerra.*” (JONES, 2008, P. 445). Em fevereiro de 2003, a Reuters replicou as palavras dos opositores de Chávez que o acusavam de “governar como um ditador,

⁵⁰ Evento realizado como contraponto ao Fórum Econômico de Davos, na Suíça, onde se encontram os capitalistas e os representantes dos governos capitalistas.

arruinar a economia com políticas anticapitalistas, ameaçar a liberdade de expressão e tentar fazer da Venezuela uma cópia da Cuba comunista”. (JONES, 2008, p. 452). No entanto, em nenhum momento, tornavam presentes as vozes ligadas ao governo Chávez que apontassem o golpe de Estado e a greve do petróleo como responsáveis pela destruição da economia naquele período, nem que a liberdade de expressão era tamanha que permitia que os canais televisivos divulgassem ataques ultrajantes ao presidente, convocando inclusive sua deposição; ou que ainda a tal denominada ditadura venezuelana mantinha também um sistema multipartidário, com eleições livres e constantes, diferente do modelo cubano. Em um estudo sobre a cobertura da imprensa internacional com relação à Venezuela, Justin Delacour, especialista em questões referentes à América Latina, analisou as páginas de opinião dos 25 jornais norte-americanos de maior circulação durante os primeiros seis meses de 2005, descobrindo que *“95% dos quase cem comentários que avaliaram o cenário político da Venezuela expressaram uma hostilidade declarada em relação ao presidente democraticamente eleito”* (JONES, 2008, p. 453).

Diante da imensa cobertura negativa nacional e internacional por parte dos meios de comunicação de massas, o governo venezuelano resolveu criar alternativas. Em 2006, 2,6 milhões de dólares foram investidos em rádio e estações de tv comunitárias. Em novembro de 2003, já havia criado a *Vive TV*, o canal de TV público. Mais tarde, Chávez criaria, em consórcio inicial com Argentina, Cuba e Uruguai, um canal de notícias regional 24 horas: a *Telesur*, Televisão do Sul. A Bolívia e o Brasil adeririam mais tarde, este último oferecendo sua rede pública para realização do projeto. Se para o governo venezuelano, tais iniciativas representavam uma tentativa de furar o cerco midiático que lhe fora imposto pelos grandes meios de comunicação, a oposição as concebia como instrumentos de patrulhamento ideológico. Além das iniciativas em torno de uma mídia alternativa, Chávez buscou, em junho de 2006, construir um complexo com estúdios de gravação de cinema em Caracas, chamado *Caracas Town*, como alternativa aos filmes hollywoodianos que costumavam apresentar os latinos como membros de gangues ou barões das drogas. E ainda, de acordo com sua lei de responsabilidade dos meios de comunicação, aprovada em dezembro de 2005, ao menos 50% da música tocada

em estações do país deveriam ser venezuelanas, e dentre estas, metade deveria apresentar “um elemento tradicional, tal como a utilização da harpa *llanera*”. A lei alavancou a produção nacional e deu visibilidade a artistas populares que tocavam harpa, maraca, flauta, rebeca e o *cuatro*, uma bandola de quatro cordas. Canções populares passavam a ser mais procuradas e artistas e orquestras locais não encontravam mais as dificuldades que antes possuíam nas vendas de seus CDs. Tal medida demonstrou que se representava ela alguma espécie de patrulhamento, por outro lado, talvez ocorresse o mesmo, porém em outro sentido, com relação à grande indústria fonográfica que, com seu poder econômico, determinava o que um povo poderia escutar, ajudando a formar seletivamente os gostos. O líder venezuelano levaria ainda sua “*revolução cultural*” à literatura, ao encomendar, para distribuição gratuita, 1 milhão de exemplares do clássico *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes, quando do aniversário de 400 anos da obra, além da distribuição de mais 500 mil exemplares de outro livro de sua preferência, *Les Misérables*⁵¹, de Victor Hugo.

Depois do Fórum Social Mundial no início de 2005, Chávez encerraria o ano de maneira triunfante. Conseguiria na Quarta Cúpula das Américas, em novembro de 2005, quando se reuniram 33 presidentes da América Latina e George W. Bush, enterrar definitivamente o projeto da ALCA [Área de Livre Comércio das Américas], apesar das enormes pressões exercidas pelos Estados Unidos e outros países da região. Numa Argentina, recentemente arrasada pela adoção das medidas neoliberais, que a levaram à maior crise do século, desestruturando sua economia e levando milhões à pobreza e extrema pobreza, o ódio em relação a Bush extravasava em violência nas ruas de Mar del Plata, com uma multidão de manifestantes que buscavam romper as barreiras de ferro para chegar aos locais de reunião da cúpula. Num evento paralelo, tendo ao lado a maior lenda da história do futebol argentino, Diego Maradona, e diante de um estádio de futebol lotado por 25 mil fãs, Chávez, num discurso de duas horas, afirmava taxativamente: “Todos nós trouxemos uma pá porque Mar del Plata vai enterrar a Alca. A Alca está morta, e nós, o povo das Américas, somos os que a enterramos.”

⁵¹ Obra traduzida como “*Os Miseráveis*” para o português, que retrata o antológico e comovente personagem Jean Valjean, vítima de uma sociedade injusta e opressiva na França, escrita no século 19.

Em todos estes eventos, Chávez tecia críticas às políticas neoliberais propostas pelo consenso de Washington e impostas pelo Fundo Monetário Internacional [FMI] a diversos países para a liberação de recursos. Como alternativa, Chávez propunha um projeto que fosse capaz de promover um desenvolvimento “*desde dentro*” [endógeno] e articulado entre os diversos países da América Latina e demais povos do Sul como os povos africanos, além de contribuir com a construção de um mundo multipolar, no estabelecimento e fortalecimento de relações com outros países, como a China, outros países asiáticos e membros da comunidade árabe. Foi no V Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, Brasil, que Chávez utilizou a expressão *socialismo do século 21* para denominar este projeto que tinha, também, entre suas premissas, o fortalecimento do papel do Estado como promotor das políticas sociais; a participação da população nas decisões políticas; mecanismos de autogestão como as cooperativas e fábricas controladas por trabalhadores; o combate à concentração fundiária, a partir da realização de uma reforma agrária que, além de distribuir terras, a partir da desapropriação de propriedades improdutivas, fornecesse assistência técnica e créditos em condições acessíveis aos trabalhadores. Antes do governo de Chávez, 5% dos fazendeiros possuíam 75% das terras férteis. No começo de 2007, o governo tinha distribuído quase 9 milhões de acres para 800 mil famílias de agricultores, mas ainda insuficiente para o propósito pleno da revolução bolivariana.

A economia venezuelana deu um salto em sua taxa de crescimento, ficando em torno de 28% entre 2004 e 2005, a melhor da região. O *boom* continuou em 2006, com 10,3% de crescimento, o que levou o jornal *The Economist* afirmar que, não obstante as políticas econômicas de Chávez apontarem para algumas tendências preocupantes, elas “nem mesmo remotamente lembram o comunismo cubano” (JONES, 2008, p. 468). A ideia chavista sobre economia não se pautava nas noções competitivistas de comércio entre as nações, baseadas na obtenção de maior lucro possível para si próprio, bastante usuais no mundo inteiro. Ao contrário, o governo venezuelano introduzia o princípio da solidariedade, sob o qual firmou vários acordos com países da América Latina, através dos quais, ofertava petróleo a preços mais baixos e com condições de financiamento que garantiam longos prazos a taxas de juros ínfimas como 1%; em troca recebia desde vacas argentinas, arroz

caribenho até médicos cubanos. Afinal, em suas palavras: “*Quanto custariam 20 mil médicos cubanos?*”. Entre estes pactos, estavam o da *PetroCaribe* e da *PetroSul*, organizações regionais criadas para estabelecer alianças entre países do Caribe e da América do Sul. A Venezuela ainda aderiria ao Mercosul e criaria o Banco do Sul, uma versão latino-americana do FMI. Outras propostas de integração latino-americana foram lançadas por Chávez como a criação de um gasoduto de 9 mil quilômetros, estendendo-se desde a Venezuela até o sul da Argentina, cujo projeto teve o custo calculado em torno de 20 bilhões de dólares; o envio de um satélite latino-americano ao espaço e a organização de uma versão latino-americana da Otan. Tais propostas estavam inseridas naquilo que Chávez chamou de “*Consenso Sul-Americano*”, como oposição e decreto do fim do Consenso de Washington. Chávez ainda estabeleceu parcerias com Rússia, Indonésia e Austrália, que previa, por exemplo, a facilitação da exportação de petróleo para China, além de alianças polêmicas como as que realizou com o Irã, cujo governo constava do eixo do mal, instituído pelo governo norte-americano.

O governo venezuelano também buscava fortalecer sua segurança interna, pois se encontrava vivo ainda em sua memória as diversas invasões protagonizadas pelos Estados Unidos ou financiadas por seus governos a territórios latino-americanos e mesmo de outras regiões do mundo, além das diversas suspeitas de tentativas de assassinato do líder cubano Fidel Castro. Os Estados Unidos haviam suspenso a venda de peças de reposição dos caças de combate F-16, de fabricação norte-americana, que correspondiam a 177 das 277 aeronaves da Força Aérea Venezuela, e ainda pressionaram a Espanha e o Brasil a não venderem sobressalentes à Venezuela. Desse modo, Chávez comprou peças, armas, helicópteros e outros equipamentos da Rússia. Apesar das enormes críticas que recebeu da oposição, o governo venezuelano ainda gastava menos em armamentos do que sua vizinha Colômbia ou o Chile.

Na diplomacia internacional, Chávez procurava contrabalançar a imagem negativa com que era tratado. Num programa que começou no inverno de 2005-2006, Chávez decidiu distribuir a preços mais baixos para moradores de baixa renda dos Estados Unidos combustível usado no aquecimento de suas casas, o que levou

a que o próprio governo norte-americano, mesmo a contragosto, elogiasse a iniciativa. Naquela época, em que houvera alta recorde dos preços do petróleo, vários senadores norte-americanos solicitaram a empresas de petróleo daquele país que distribuíssem parte de seus lucros recorde com a população mais carente, sem, contudo, obterem qualquer êxito. A Venezuela aproveitou a oportunidade para publicar anúncios de página inteira no *The New York Times* com os dizeres: “*Como a Venezuela está mantendo aquecidos os lares de Massachussets*”. Com a propagação da notícia, vários pedidos se acumularam e a medida antes dirigida à Massachussets e ao Bronx, foi estendida a áreas do Maine, Vermont, Rhode Island, Connecticut, Delaware e Filadélfia. Toda publicidade, contudo, fracassaria quando, naquele mesmo ano, em 20 de setembro de 2006, Chávez faria um ácido pronunciamento na LVI Assembleia Geral da ONU, onde chamaria ao presidente estadunidense de diabo, entre outros pejorativos utilizados em seus comentários numa visita ao bairro do Harlem. Em virtude disso, a subsidiária norte-americana da PDVSA, a Citgo, passou a gastar com publicidade e advogados para sanar os problemas criados com as palavras do presidente venezuelano. Por outro lado, os comentários de Chávez tiveram outro tipo de efeito na Venezuela, onde a maioria de seus cidadãos nutria uma antipatia com relação ao presidente George W. Bush, o governante mais antipopular que os Estados Unidos já teve perante os povos latino-americanos.

Outra eleição se aproximava e em 3 de dezembro de 2006, a mesma movimentação que se vira em outras eleições se repetiu. Milhares de simpatizantes de Chávez saíram de casa às 3 horas da madrugada e colocaram alto-falantes montados sobre os carros fitas com o toque de clarim para acordar seus vizinhos e lembrarem de se dirigirem para os locais de votação antes de amanhecer. Estabeleceu-se novo recorde com o comparecimento de 75% dos eleitores aptos a votar. E mais uma retumbante vitória de Chávez, que alcançou uma larga vantagem de 26% sobre seus adversários. Da sacada de Miraflores, Chávez discursou para uma multidão em êxtase, afirmando aos presentes: “Essa é mais uma derrota para o demônio que quer dominar o mundo” e lembrou que os venezuelanos haviam votado pelo “*socialismo do século XXI*”.

Neste quadro conjuntural, de disputas internas e de lutas hegemônicas na América Latina, procuro analisar como, no nível semiótico, posições são assumidas na disputa pelo poder que se trava em território venezuelano, mas que se conecta temporal e espacialmente com, pelo menos, duzentos anos de histórias de lutas dos povos deste continente. Desse modo, a análise histórico-sociológica das relações interamericanas realizadas na primeira seção; do pensamento bolivariano, na segunda; e a descrição do quadro conjuntural na Venezuela do período em que Chávez assume, pela primeira vez, a presidência, até a posse de seu último mandato, em janeiro de 2007; permite perceber como os diferentes agentes políticos atuam na arena de disputa política pelo poder, visando o estabelecimento, manutenção ou subversão de hegemonias.

O quadro por mim composto para a análise destas relações visa, pois, uma articulação entre a pesquisa social e a análise linguístico-discursiva, a fim de compreender, de modo mais amplo possível, o conjunto das relações e as implicações políticas deste que constitui mais um dentre os vários jogos de poder existentes em nossa sociedade e, ao final, apontar, numa perspectiva crítica, possibilidades para resolução deste conflito, do ponto de vista daqueles/as que se encontram oprimidos/as.

CAPÍTULO 3

Percursos teórico-metodológicos

No capítulo 1, discuti os pressupostos teóricos que nortearam esta pesquisa, buscando estabelecer um percurso teórico capaz de subsidiar uma análise crítica dos discursos do presidente Hugo Chávez, compreendidos em termos de uma disputa ideológica pelo estabelecimento e subversão de hegemonias. Como método qualitativo, utilizei nesta pesquisa o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso Crítica [ADC] proposto por Chouliaraki & Fairclough (1999) e Fairclough (2003), numa articulação com o conceito de *ethos* na Análise do Discurso Francesa, de acordo com a categorização de *ethos* político proposto por Charaudeau (2006). Na primeira seção, discuto sobre a metodologia qualitativa. Na segunda seção, discorro sobre a constituição do corpus. Na terceira, apresento os passos do processo investigativo, de acordo com o arcabouço teórico-metodológico da ADC. Na última seção, discuto os interesses epistemológicos que nortearam esta pesquisa.

3.1 A metodologia qualitativa

A investigação social, de acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2010) possui quatro dimensões: os princípios estratégicos do delineamento da pesquisa [como levantamento por amostragem, estudos de caso, etc.]; os métodos de coleta [entrevista, busca de documentos, etc.]; tratamento analítico dos dados [análise de conteúdo, análise estatística, análise de discurso, etc.]; e os interesses de conhecimento.

Concordo com a proposição dos autores de que todas as dimensões devam ser escolhas relativamente independentes no processo de pesquisa e que a escolha qualitativa ou quantitativa é “primariamente uma decisão sobre a geração de dados e os métodos de análise, e só secundariamente uma escolha sobre os

princípios estratégicos do delineamento ou de interesses do conhecimento” (BAUER, GASKELL e ALLUM, 2010, p. 20).

A escolha pela metodologia qualitativa neste trabalho deve-se à utilização do modelo teórico-metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) – discutido na seção 3 - e à operacionalização neste arcabouço do conceito de *ethos* de acordo com o estudo deste conceito no discurso político realizado por Charaudeau (2006); além do método de construção do corpus a ser analisado, discutido na segunda seção. Os interesses do conhecimento desta pesquisa são abordados na última seção.

O fazer investigativo depende de uma consciência adequada dos diferentes métodos, de uma avaliação de suas vantagens e limitações e de uma compreensão de seu uso em diferentes situações sociais, diferentes tipos de informações e diferentes problemas sociais. (BAUER, GASKELL e ALLUM, 2010, p. 22).

Logo, não há um instrumento mais eficaz do que outro, tornando-se também estéril a polêmica entre método qualitativo e quantitativo. Ambos trabalham com interpretação, embora, de modo normalmente distintos, enquanto, por exemplo, uma construção de corpus categoriza atributos desconhecidos, uma amostragem estatística aleatória descreve a distribuição de atributos já categorizados ou conhecidos no espaço social. O caráter emancipatório também não pode ser relacionado exclusivamente ao enfoque qualitativo; há pesquisas quantitativas que apontam diversas injustiças sociais, em dados estatísticos e, desse modo, denunciam um estado de desigualdade social, podendo ser apropriadas para uma ação transformadora.

3.2 A construção do corpus

A construção de um corpus é o princípio que permite uma coleta sistemática de dados, sem seguir a lógica da amostragem estatística, porém,

garantindo eficiência na seleção de um material para caracterizar o todo. (BAUER & GASKELL, 2010).

Barthes (apud BAUER & AARTS, 2010, p. 56-57) sugere três aspectos a serem seguidos no delineamento de um corpus: relevância, homogeneidade e sincronicidade. Os assuntos devem ser teoricamente relevantes e os materiais presentes no corpus terem apenas um foco temático. E como um corpus é uma interseção da história, os materiais devem ser escolhidos dentro de um ciclo natural de estabilidade e mudanças.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, busquei construir um corpus que permitisse identificar o jogo de disputa hegemônico e contrahegemônico em nível semiótico que ocorre no discurso do presidente Hugo Chávez.

Esta pesquisa não visa à análise, portanto, de como os adversários do presidente relatam seu discurso. O material semiótico a ser analisado corresponde aos discursos do presidente venezuelano e, desse modo, as vozes de seus adversários serão analisadas, a partir da forma como o líder venezuelano procura implica-las.

Primeiramente, realizei uma pesquisa bibliográfica de diversos textos escritos ou proferidos pelo presidente venezuelano. No sítio eletrônico da presidência da República⁵², é possível encontrar centenas de textos. Entre eles, artigos de opinião do presidente venezuelano sobre diversos assuntos, intitulados como *Líneas de Chávez*; um link para seus programas *Alo Presidente*; e ainda centenas de discursos proferidos pelo presidente daquela nação, por meio de pronunciamentos. Escolhi, arbitrariamente, trabalhar com os pronunciamentos, discursos oficiais pronunciados em diversas ocasiões.

O material semiótico corresponde a dados sociais obtidos de situação de comunicação formal, pois são pronunciamentos presidenciais e, desse modo, estão sujeitos a regras mais explícitas que as de comunicação informal, embora haja espaço para mudanças, o que normalmente acontece em alguns pronunciamentos

⁵²<http://www.presidencia.gob.ve/>

do presidente venezuelano, que adota um tom informal, em algumas situações de comunicação formal.

Os dados formais, de acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2010, p. 22), reconstroem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo social. Um presidente ao dirigir-se a sua nação, por meio de um pronunciamento oficial, ele o faz a partir de visões de mundo que podem ser compartilhadas pelo conjunto da nação ou por seus partidários, em contraponto aos que lhe fazem oposição. Desse modo, o pronunciamento do presidente é um indicador de uma visão de mundo para algum grupo social específico ou mesmo para diversos grupos sociais.

Em face da grande extensão que costumam ter os pronunciamentos do presidente Hugo Chávez e os aspectos que me propus investigar, de acordo com o modelo teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), selecionei três discursos do presidente venezuelano, procurando observar os aspectos propostos por Barthes.

Selecionei textos que pudessem ser representativos de momentos significativos da disputa hegemônica travada entre Chávez e seus adversários, entre os quais, os internos, representados pela elite econômica da Venezuela, a cúpula da Igreja Católica e a mídia venezuelana; e o adversário externo, ainda que dentro do mesmo continente: os governos e os poderes fácticos dos Estados Unidos da América.

Os discursos proferidos pelo presidente Hugo Chávez que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa são: o discurso de restituição dos poderes em 14 de abril de 2002; o pronunciamento na LXI Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas [ONU] no dia 20 de setembro de 2006 e o discurso de posse de seu terceiro mandato em 10 de janeiro de 2007.

Escolhi o discurso de restituição dos poderes por ser um extrato do primeiro momento de grande tensão política na Venezuela no período em que Chávez esteve e ainda está na presidência da república. Com três anos de sua ascensão ao poder, Chávez sofrera uma tentativa de golpe de Estado, articulada

pela mídia grande [meios de comunicação de massa sob controle das elites], pelas elites econômicas e setores das Forças Armadas, com o apoio da cúpula da Igreja Católica e fortes suspeitas de apoio estadunidense. No entanto, em apenas três dias, o presidente venezuelano, com o apoio de setores das Forças Armadas que lhe eram fiéis, consegue retomar o poder. Foi um momento de enorme ebulição política, com grandes manifestações antes, durante e após o período em que ocorreu o golpe, e que atingiu ampla repercussão internacional, acompanhado com enorme expectativa pelo governo estadunidense que se apressou em reconhecer o governo instalado por ocasião do golpe, isolando-se, desse modo, do posicionamento político adotado pela ampla maioria dos países americanos e da comunidade internacional.

O pronunciamento por ocasião da realização da LXI Assembleia Geral da ONU representa um discurso em um organismo internacional, fora do lócus político da Venezuela, e cinco anos depois do 11 de setembro de 2001, em um evento que ocorria na cidade de Nova York. Chávez encontrava-se já no último ano de seu primeiro mandato, depois de aprovada a constituição da recém-denominada República Bolivariana da Venezuela, e era reconhecido internacionalmente como uma liderança no campo da oposição às iniciativas do governo estadunidense. Este pronunciamento seu teve ampla repercussão na imprensa internacional, em virtude do tom desafiador e agressivo com que contra-atacou o então presidente dos Estados Unidos George W. Bush que, reiteradas vezes, houvera utilizado artifícios para impor sanções econômicas à Venezuela. O governo norte-americano chegou a incluir a Venezuela entre os seis países mais envolvidos com o tráfico de seres humanos, numa manobra para evitar a liberação de recursos por instituições financeiras internacionais àquele país. Coincidentemente, outros países, cujos governos eram inimigos de Bush estavam nesta mesma lista: Cuba, Coréia do Sul, Sudão, Mianmar e Guiné Equatorial. Este pronunciamento de Chávez se constrói como que numa cena de um debate, uma vez que, ao tempo em que contradiz afirmações do presidente Bush que havia se pronunciado no dia anterior, instiga-o ante a outras polêmicas e vai além, fazendo um convite à unidade dos povos e governos dos países que se sentem oprimidos pelo atual regime de dominação capitalista. Este pronunciamento demonstra ser um dos momentos discursivos mais

tenso entre as representações reivindicadas pelo presidente venezuelano e as que ele se contrapõe.

Para caracterizar o período do atual terceiro⁵³ mandato do presidente Hugo Chávez, escolhi o pronunciamento, por ocasião de sua posse em 2007, como representação de seus compromissos políticos atuais de governo, o que ajuda a compreender como ele representa o seu projeto bolivariano para o conjunto da nação venezuelana, América Latina e o mundo. É neste discurso que o presidente venezuelano procura definir quais são as diretrizes do que ele definira em diversos momentos como *socialismo do século XXI* ou *a via venezuelana rumo ao socialismo*, como dito por ele neste seu pronunciamento. Neste discurso, também recorrerá por diversas vezes aos trechos de discursos e proclamas do *Libertador*, Simón Bolívar e, desse modo, buscará tecer a articulação entre o pensamento político bolivariano, como discutido na seção 2 do segundo capítulo, e a proposta socialista de igualdade e justiça social.

Considerando que dada a abrangência do período pelo que Chávez esteve e está no comando da Venezuela, a seleção de um corpus que fosse quantitativamente representativo resultaria em um trabalho inexecutável para os objetivos e o percurso teórico-metodológico por mim traçado, optei por esta seleção qualitativa que, embora, seguindo os aspectos de relevância, homogeneidade e sincronicidade propostos por Barthes, não deixa de ser uma construção arbitrária.

3.3 Análise

O arcabouço teórico-metodológico por mim utilizado nesta pesquisa corresponde ao modelo formulado por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) que se baseia na crítica explanatória do realismo crítico que considera a vida social e natural um sistema aberto, constituído por várias dimensões, cada qual com suas estruturas distintivas, seus mecanismos particulares e seu poder gerativo. “Na

⁵³Se considerado o primeiro mandato que durou apenas um ano [1999-2000], em virtude da necessidade de confirmação nos cargos de todos os representantes políticos do país, em virtude da aprovação da nova constituição da Venezuela.

produção da vida, social ou natural, a operação de cada mecanismo é mediada pelos outros, de forma que as dimensões nunca se excluem, nem se reduzem uma a outra”. (BHASKAR apud RAMALHO, 2005, p. 74).

Este arcabouço propõe que a análise deve partir da percepção de algum *problema*, relacionado ao discurso, em alguma parte da vida social. O problema de como, no espaço de lutas hegemônicas na América Latina, o presidente venezuelano Hugo Chávez busca constituir discursivamente seu projeto bolivariano como uma representação dos povos latino-americanos e, desse modo, antagônico aos interesses hegemônicos dos Estados Unidos.

Em seguida, de acordo com tal modelo, busco verificar quais são as características permanentes nas redes de práticas que permeiam o problema observado – através de três focos de análise inter-relacionados: *análise da conjuntura*, *análise da prática particular* e, finalmente, *análise de discurso*. A análise da conjuntura e da prática particular do presidente venezuelano e dos demais agentes políticos envolvidos são discutidas na terceira seção do capítulo 2, quando descrevo as relações e acontecimentos ocorridos, sob forte tensão política e social, durante os anos de 1999 a 2007 na Venezuela, época que abrange o período em que os textos que compõem o corpus foram produzidos. Discuto ainda na primeira seção do segundo capítulo os antecedentes sócio-político-econômico-históricos das bicentenárias relações entre os diversos países do continente americano, que levaram os Estados Unidos a constituir-se como uma potência hegemônica e estabelecer uma relação imperialista com os demais países do continente. E na segunda seção, abordo a origem e as características do pensamento e ação política bolivariana. Desse modo, os textos são vistos como eventos semióticos dialeticamente conectados a outros momentos de várias redes de práticas sociais e históricas.

No capítulo quatro, apresento a análise discursiva, em que investigo os significados acional, representacional e identificacional. Os textos dos pronunciamentos políticos são vistos como formas de agir, representar e identificar na prática social. Com relação ao significado acional, analiso as relações intertextuais construídas nos três discursos constitutivos do corpus para análise;

com relação ao significado representacional; investigo as relações interdiscursivas tecidas na constituição do discurso bolivariano do presidente Hugo Chávez; e, quanto à investigação do significado identificacional, analiso os diversos tipos de *ethos* político, de acordo com a categorização proposta por Charaudeau (2006), mobilizados discursivamente pelo presidente venezuelano como forma de constituir para si uma identificação de representante da unidade dos povos latino-americanos, entre outras *imagens*.

O passo seguinte, de acordo com o modelo proposto, é a verificação das *funções do problema na prática*, ou seja, para além da descrição dos problemas em que a instância discursiva se envolve, deve-se também avaliar a função de tais problemas nas práticas discursiva e social, para, em seguida, especular sobre possíveis maneiras de superar os obstáculos. No entanto, aqui faço uma revisão do modelo, no sentido em que não se trata de um problema a ser superado, mas de pensar como o discurso do presidente venezuelano busca constituir-se como instrumento de contra-hegemonia, com relação à dominação historicamente exercida pelos Estados Unidos em nosso continente. E, desse modo, investigar como se dá a disputa ideológica pela fixação/estabilização e/ou subversão de sentidos.

Finalmente, a pesquisa deve conter uma reflexão sobre a análise. Embora não seja algo particular da crítica explanatória de Bhaskar, Fairclough (2003) considera que se trata de uma adição importante, ao requerer do analista uma reflexão sobre seu próprio posicionamento social, uma vez que não há pesquisa neutra. Desse modo, outras questões mostram-se relevantes como em que medida esta pesquisa contribui para uma prática social emancipatória. Estas duas últimas etapas serão discutidas nas Considerações Finais.

3.4 Interesses epistemológicos

Habermas (apud BAUER, GASKELL & ALLUM, 2010, p. 30) identifica três “interesses do conhecimento”, que devem ser compreendidos, a fim de dar sentido à prática da ciência social e de suas consequências na sociedade. Estes três

interesses seriam o de controle técnico, estabelecimento do consenso e emancipatórios.

Esta pesquisa se constitui como um processo crítico-reflexivo sobre as disputas de poder, concebidas em termos de estabelecimento, manutenção ou subversão de hegemonias, num jogo instável pela universalização de determinadas representações, em detrimento de outras.

Neste trabalho, por meio da análise socialmente orientada, busquei identificar o que, na prática social, sustenta o poder hegemônico norte-americano em nosso continente e no mundo e, nesse contexto, como alternativas contra-hegemônicas surgem nesse espaço-tempo de tensões políticas, e como os diversos atores políticos oscilam entre posições de colaboração e antagonismo entre si e com a potência estadunidense. Na análise discursiva, busquei identificar como o presidente venezuelano procura desestabilizar esta hegemonia estadunidense, ao passo em que vê seu próprio poder desestabilizado internamente por atores, entre os quais, alguns deles, apoiados pela potência estadunidense. Assim, ao passo que Chávez procura construir para si uma posição contra-hegemônica com relação aos Estados Unidos, procura garantir discursivamente sua legitimidade no exercício do poder interno em seu país.

Quero com este trabalho contribuir para o aprofundamento do debate sobre as relações latino-americanas e o projeto-ação hegemônico dos Estados Unidos, tendo, neste caso, a Venezuela e o governo bolivariano, como atores fundamentais desta investigação. A partir da análise crítica de como o presidente venezuelano procura constituir seu discurso como instrumento articulador de uma unidade dos povos latino-americanos; e do percurso histórico das relações bicentenárias entre as nações de nosso continente, problematizo a origem de desigualdades históricas que perduram até hoje e questiono sobre a necessidade de outro patamar nas relações inter-americanas e mesmo de uma outra sociabilidade entre os povos. É neste sentido que inscrevo este trabalho numa perspectiva emancipatória, buscando, como afirma Fairclough (2003) prover uma base científica para o questionamento crítico da vida social.

CAPÍTULO 4

Ação, representação e identificação no discurso político

De acordo com Fairclough (2003), há três maneiras principais pelas quais o discurso figura como parte da prática social: modos de agir, modos de representar e modos de ser, que correspondem a três tipos de significação textual, por meio dos quais o texto estabelece uma relação com o evento; com o que há de mais amplo no mundo físico e social, e com as pessoas envolvidas no evento: ação, representação e identificação.

O significado acional diz respeito ao texto como modo de [inter-] ação em eventos sociais; o significado representacional aponta para a representação de aspectos do mundo [físico, mental e social] em textos; e o significado identificacional se refere ao processo de construção/contestação de identidades no texto.

Os três significados estão dialeticamente relacionados e, portanto, atuam simultaneamente em todo enunciado. Ao representar o mundo de um determinado modo [significado representacional], um sujeito se compromete mais ou menos com uma determinada representação e, nesse sentido, isso diz a respeito de sua identidade [significado identificacional], de como se situa e, ao mesmo tempo, é uma ação [significado acional] na busca pela legitimação de uma representação e não outra.

Este capítulo está dividido em três seções: 4.1. *Discursos como modos de agir*; 4.2. *Discursos como modos de representar*; e 4.3. *Discursos como modos de ser*; nas quais analiso os discursos do presidente Hugo Chávez que constituem o corpus desta pesquisa, a partir dos significados acional, representacional e identificacional, por meio dos conceitos de intertextualidade, interdiscursividade e *ethos* discursivo.

4.1 Discursos como modos de agir

O significado acional focaliza o texto como modo de [inter] ação em eventos sociais. Para analisar como Chávez age com relação aos seus interlocutores, aliados ou inimigos, à cena enunciativa e ao contexto histórico-social, analisarei a intertextualidade presente nos discursos do presidente Hugo Chávez, em termos de fechamento ou abertura para a diferença.

4.1.1 Intertextualidade: orientação para a diferença

Todo texto faz parte de uma cadeia de enunciados em que um está reformulando, remetendo, concordando ou polemizando, enfim, dialogando com o outro, numa perspectiva dialógica da linguagem, conforme apontada por Bakhtin (1997, p. 352):

...o enunciado se determina não só por sua relação com o objeto e com o sujeito-“autor” falante [e pela relação deste com a língua como sistema de potencialidades, e como dado], mas também, sendo isso que nos interessa, por sua relação imediata com os outros enunciados dentro dos limites de uma esfera de comunicação.

A intertextualidade é a “combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas.” (RESENDE, V. & RAMALHO, V., 2006, p. 65) e considera “as relações entre um texto com outros textos ‘externos’ a ele, fora dele, embora, de alguma forma, presentes nele” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 39), constituindo sempre uma forma de recontextualização. Desse modo, o texto é dialógico tanto interna quanto externamente. À análise da intertextualidade, é necessário que nos perguntemos a respeito de quais textos e vozes são incluídas, quais são excluídos, e que ausências significantes há. (FAIRCLOUGH, 2003, pg. 47).

Mesmo entre produções verbais profundamente monológicas, observa-se sempre uma relação dialógica (BAKHTIN, 1997, p. 356). E não é diferente no discurso de Chávez no qual é profundamente significativa a forma como ele

implicará as outras vozes, notadamente a do cristianismo. Além do mais, seu discurso tem endereço certo, ou melhor, endereços certos, entre os quais, destacam-se os de seus opositores.

Entre os tipos de intertextualidades estudadas por Fairclough (2003, p. 50), estão:

- Discurso relatado [direto, indireto, indireto livre e narrativo de ato de fala] – atribui o que é citado às pessoas que o disseram;
- Intertextualidade especialmente atribuída a um grupo particular de pessoas, ou não-especialmente [vagamente] atribuída;
- Suposições – sem atribuição.

Um contraste importante entre intertextualidade e suposição destacado por Fairclough (2003) é que aquela marca largamente a diferença trazendo outras vozes para o texto, enquanto esta reduz em demasia a diferença assumindo um campo comum. Ou, em outras palavras, intertextualidade acentua a dialogicidade do texto, o diálogo entre a voz do autor do texto e outras vozes, enquanto a suposição a diminui. Assim, a suposição diminui a capacidade de contestação pelo outro, pois apresenta o enunciado como dado, pré-construído, contribuindo para sua naturalização e, agindo ideologicamente na manutenção e estabelecimento de hegemonias.

A propriedade persuasiva das suposições é destacada por Fairclough (2003, p. 56) ao dizer que:

Todas as formas de fraternidade, comunidade e solidariedade dependem dos sentidos que são compartilhados e podem ser tomados como dados, e nenhuma forma de comunicação ou interação social é concebida sem tais 'campos comuns'. Por outro lado, a capacidade de exercer poder social, dominação e hegemonia inclui a capacidade de se adequar, em um nível significativo, à natureza e conteúdo desses 'campos comuns', o que faz dos implícitos e suposições questões importantes com respeito à ideologia [minha tradução].

As suposições podem ser de três tipos: existenciais, proposicionais e morais. Elas podem apresentar ou não determinadas marcas linguísticas.

As suposições existenciais dizem respeito ao que existe e quando são 'armadas' trazem como marcadores linguísticos os artigos e os demonstrativos.

As suposições factuais ou proposicionais referem-se ao que é ou pode ser ou será o caso e quando são 'armadas' apresentam como marcas linguísticas certos verbos factivos como *esquecer*, *lembrar*.

As suposições morais sugerem o que é bom ou desejável e podem vir marcadas linguisticamente por verbos como *ajudar*.

De acordo com o que propõe Fairclough (2003, p. 41-42), textos - enquanto elementos de eventos sociais - podem variar, de acordo com a orientação para a diferença, de cinco maneiras, esquematizadas através dos seguintes cenários:

- a) uma abertura para, aceitação de reconhecimento de diferença; uma exploração da diferença, como em 'diálogo' no sentido mais rico do termo;
- (b) uma acentuação da diferença, conflito, polêmica, uma luta pelo sentido, normas, poder;
- (c) uma tentativa de resolver ou superar a diferença;
- (d) colocar a diferença entre parênteses, um foco nos aspectos comuns, solidariedade;
- (e) consenso, uma normalização e aceitação das diferenças de poder que suprime ou coloca a diferença de sentido e normas entre parênteses.

Estes cenários, apresentados e discutidos em *Analysing Discourse*, podem combinar-se de diferentes maneiras.

E é sob este aspecto que analisarei a intertextualidade na fala de Chávez, examinando como ele omite, coaduna e conflita com as diferentes vozes presentes em seus discursos, em seus textos.

Por tratar-se de uma recontextualização, é necessário identificar como estas diferentes vozes são 'enquadradas' no texto, isto é, em que posição aparecem, como são apresentadas, positiva ou negativamente, se de maneira

saliente explícita ou sutil e implicitamente, quais os contrastes utilizados entre as vozes, se são apresentadas em termos mais concretos ou abstratos, etc.

A forma como estas vozes são representadas indica também a posição assumida diante das relações de poder, no jogo ideológico para o estabelecimento ou contestação de hegemonias.

A intertextualidade aqui compreendida abrange também as suposições e é uma maneira eficaz de buscar tornar universal uma representação particular de mundo, um tipo de discurso, neste jogo entre abertura e fechamento para a diferença na articulação das diversas vozes.

Quando duas vozes, dois textos diferentes são trazidos para o diálogo, há uma tensão potencial, pois são duas perspectivas distintas, porém, a forma como esta tensão será resolvida depende de como será tratada esta diferença. Com relação ao nível de dialogicidade e, portanto, abertura para a diferença, reproduzo no quadro 3 o esquema de Fairclough (2003, p. 48):

QUADRO 3 – NÍVEL DE DIALOGICIDADE

Mais dialógicos:	Atributo; citação Asserção modalizada Asserção não-modalizada
Menos dialógicos:	suposição

Fonte: Fairclough (2003, p. 48)

A intertextualidade quando é atribuída, pode ainda ser especialmente atribuída ou não especialmente [vagamente] atribuída. Este lugar discursivamente deixado vago tem o propósito de evitar que o discurso seja contestado ou, ao menos, tornar bem mais difícil esta contestação. É o que ocorre quando uma enunciação é atribuída a um pronome indefinido, como *alguns*.

Entre as formas de relato, Fairclough (2003, p. 50) diferencia quatro:

- relato direto: citação, quando o texto relatado é reproduzido na íntegra. Há aqui marcas de citação, com oração de relato.

- relato indireto: é o resumo do que foi dito ou escrito, com oração de relato, porém sem marcas de citação.

- relato indireto livre: mais significativo na forma literária, é um intermediário entre o discurso direto e indireto. Não há oração de relato, mas apresenta mudanças de tempo e dêixis típicas do discurso indireto.

- relato narrativo de ato de fala: relata um tipo de ato de fala sem relatar seu conteúdo.

A partir da análise das diversas formas como o discurso do outro é acolhido pelo discurso bolivariano de Chávez, torna-se possível investigar não apenas o significado acional, mas também estabelecer uma relação dialética com os demais aspectos da significação, uma vez que a forma como, em nossa ação discursiva, estabelecemos o diálogo com as outras perspectivas implica uma representação particular de mundo e, por conseguinte, uma identificação com uma e não outra representação.

A análise da intertextualidade nos três pronunciamentos do presidente Hugo Chávez, que constituem o corpus desta pesquisa, foi realizada mediante a identificação de outras vozes articuladas pelo presidente venezuelano em seu discurso e realizadas linguisticamente através do discurso direto, citações, discurso indireto, e de pressuposições utilizadas pelo presidente Hugo Chávez, com relação a si mesmo e seus aliados; com relação aos seus adversários; com relação às suas ações e de seus aliados; e com relação às ações de seus adversários. Entre os tipos de pressuposições acima descritos, analisei apenas as existenciais, “marcadas linguisticamente” por artigos e demonstrativos.

Considerei esta seleção eficaz para analisar textualmente como os discursos proferidos pelo presidente Hugo Chávez orientam para a diferença, no sentido de uma abertura ou fechamento, operando, desse modo, na construção, manutenção ou subversão de hegemonias. Portanto, corroboro com a afirmação de Resende & Ramalho (2006), que consideram a análise da representação das vozes no texto em termos de discurso direto e indireto não apenas uma mera questão gramatical, mas um processo ideológico, uma vez que a forma como estas vozes são representadas implica numa valorização ou depreciação do que foi dito e, neste sentido, sua análise pode contribuir para a compreensão sobre questões de poder no uso da linguagem.

4.1.1.1 Intertextualidade no Pronunciamento de Restituição dos Poderes (2002)

QUADRO 4 – Representação de vozes no Pronunciamento de Restituição dos Poderes

Realizações linguísticas	Vozes Representadas
Discurso Direto	general Jacinto Pérez Arcay O próprio locutor [Chávez] em outros momentos enunciativos Um soldado Outro soldado Um jovem da Guarda Nacional Isaías Rodríguez [espécie de Controlador Geral da República] Consciência de Chávez [algo de dentro] presidente de Petróleos de Venezuela, Gastón Parra Luzardo
Citações	Jesus Cristo Cultura Popular
Discurso Indireto	O próprio locutor [Chávez] em outro momento. Um venezuelano de nossa história [Bolívar] De maneira indeterminada pessoas que o informam.
Exemplos de pressuposições existenciais	Com relação aos antagonistas
	la oposición El país virtual un grupo virtual
	Com relação a si próprio e aos aliados
	esos soldados del pueblo del Gobierno revolucionario y bolivariano, pacífico y democrático esta casi sagrada Constitución, después de la Biblia, la Constitución Bolivariana de Venezuela nosotros los bolivarianos nosotros los revolucionarios glorioso pueblo el de Bolívar la fuerza más poderosa [el Pueblo y los militares] los círculos bolivarianos la Venezuela bolivariana El país real
	Com relação às ações dos antagonistas
	esas desesperaciones y ese aventurerismo esta especie de película aquel vendaval de mentiras

QUADRO 4 – Representação de vozes no Pronunciamento de Restituição dos Poderes (Continuação)

Exemplos de pressuposições existenciais	Com relação suas próprias ações [de Chávez] e dos aliados
	su responsabilidad histórica esa fuerza un renacimiento la legitimidad la soberanía el valor el coraje del pueblo venezolano un proyecto en marcha que no tiene vuelta atrás un nuevo camino esta Venezuela de hoy este proceso de cambio indetenible La semilla esta jornada histórica el sueño de Bolívar la verdad

FONTE: VENEZUELA (2005, p. 277-290)

Na análise da intertextualidade presente no pronunciamento por ocasião da restituição dos poderes do presidente Hugo Rafael Chávez Frías, verifiquei a completa ausência de vozes de seus adversários políticos ou qualquer outra que polemizasse com ele, mesmo no caso da análise do discurso direto, citações e discurso indireto, que sugerem abertura para a diferença.

É apenas através da voz de Chávez e, portanto, de sua perspectiva, que a oposição aparece, relatada e descrita a partir de pressuposições existenciais, que constroem para ela uma identificação de traidora e golpista, com relação aos interesses da população e da República. A ela é atribuída a caracterização de ser um grupo virtual, que “fabrica” um *país virtual* ao conspirar contra o poder, através de *vendaval de mentiras, avalanche de ódio*, entre outros artifícios.

As suposições conectam os textos uns aos outros, porém, diferente da intertextualidade, não são atribuídas a textos específicos. Como afirma Fairclough (2003, p. 41), “*trata-se de uma relação entre o texto e o que foi dito, escrito ou pensado em outro lugar, com o ‘outro lugar’ deixado vago*”⁵⁴.

⁵⁴ Tradução minha para: “It is a matter rather of a relation between this text and what has been said or written or thought elsewhere, with the ‘elsewhere’ left vague” [texto original].

Ao não atribuir explicitamente o lugar daquilo que foi dito, o enunciador opera uma fusão entre sua voz e a outra voz alegada, tornando-se uma só. Desse modo, há um engajamento por parte do autor e um fechamento para a diferença.

As suposições que Chávez levanta provavelmente foram, são e/ou serão compartilhadas por tantos outros textos da rede de práticas sociais, especialmente reforçadas por seus aliados e diversas vezes reiteradas em outros discursos seus, de modo a buscar garantir um caráter universal a sua representação particular daquele evento específico. Representam também uma resposta ao que seus adversários afirmam, desestabilizando outras suposições por eles também levantadas, ao mesmo tempo em que desencadeia uma série de outros discursos por parte destes mesmos adversários, mantendo a polêmica em vigor numa cadeia de significações.

A suposição, como a intertextualidade, é uma alegação por parte de quem fala e, portanto, pode ser contestada. Porém, esta contestação será tanto mais difícil quanto maior for a adesão a essas vozes e o que elas representam por outros textos. Assim, as suposições são uma forma bastante útil para o estabelecimento de hegemonias, considerando esse conceito como uma questão de busca pela universalização de sentidos particulares, a fim de manter o controle sobre uma relação de dominação instável.

Por isso, para si e os seus aliados, Chávez se utiliza de pressuposições que lhes garantam características positivas, como *a glória* [glorioso pueblo el de Bolívar] *a força* [la fuerza más poderosa], e *a legitimidade* [esta casi sagrada Constitución], além do caráter *democrático* e *pacífico* atribuído ao seu governo *bolivariano* e *revolucionário*, que propõe um *novo caminho* ou uma *jornada histórica*, *semente do sonho de Bolívar*, sem que nada o contenha [este proceso de cambio indetenible] ou faça retroceder.

Assim, o discurso de Chávez estabelece uma oposição clara entre o *país virtual* dos adversários e o *país real* [La Venezuela de hoy] que ele governa com ajuda dos *revolucionários bolivarianos*, de acordo com as designações por ele utilizadas.

Já no caso da intertextualidade manifesta no discurso do presidente venezuelano por meio do discurso direto e indireto, a presença exclusiva de vozes de aliados seus ou dele mesmo [em outros momentos discursivos] servem tão somente para reafirmar sua posição como vítima de um golpe, chefe soberano e promotor da reconciliação, procurando demonstrar uma superação das divisões políticas. Desse modo, apesar da orientação para a diferença no sentido de uma abertura, o que ocorre é um fechamento à polêmica.

É necessário para que o discurso de Chávez alcance o efeito necessário, entre os quais, o de restabelecimento da ordem, que construa para si uma posição acima dos demais agentes.

O texto oscila entre um relato pessoal dos acontecimentos vividos pelo presidente Venezuelano Hugo Chávez Frías e uma cena contratual, em que ele implica seus adversários e aliados, atribuindo-lhes papéis, obrigações, para a necessária reunificação do país. Neste jogo de cena, ainda toma Cristo como inspiração para, através da figura daquele que redimiu e perdoou, chamar todos à re-união.

Com estes objetivos, Chávez começa o pronunciamento citando a voz de Jesus Cristo, maior representante do povo cristão, quando afirma: "*A Dios lo que es de Dios, al César lo que es del César, y al pueblo lo que es del pueblo*"⁵⁵.

Embora não nomeie Jesus Cristo, o enunciado de Chávez faz parte da memória coletiva do povo venezuelano, majoritariamente cristão. Como a intertextualidade é sempre contextualização, Chávez acrescenta ainda: *ao povo o que é do povo*, construindo uma identificação sua com o próprio povo, reforçando sua imagem como a de chefe soberano, mas representante de uma soberania maior: a do próprio povo, soberania popular, da qual ele é apenas um mandatário. E lá está de volta pela vontade do povo.

⁵⁵ "A Deus o que é de Deus, a César o que é de César e ao povo o que é do povo." [minha tradução].

Desse modo, ele procura superar as diferenças, mas em seu favor. Logo, temos o cenário (d), com relação à orientação para a diferença, quando a diferença é colocada entre parênteses, buscando um foco nos aspectos comuns ou, ainda, a partir do sentido que a passagem bíblica assume - de respeito às autoridades estabelecidas -, na contextualização do discurso de Chávez, há um cenário de consenso (e), quando as diferenças de poder são aceitas pelas partes [dominante/dominado – situação/oposição].

As vozes são implicadas, segundo a orientação para a diferença, entre um cenário (c) e (d), visando um cenário (e) de normalização ou supressão das diferenças de sentidos.

Ainda remetendo à passagem bíblica de Marcos 12, 13-17, a que se refere o enunciado proferido por Chávez, poderiam aqui estar implicadas as vozes dos seus adversários políticos, como no caso dos fariseus e herodianos com relação a Jesus, mas não de modo explícito. Neste trecho do evangelho, é travado um diálogo entre Jesus e aqueles que o questionam. Ao recontextualizar o trecho bíblico, Chávez, no entanto, não faz remissão às vozes de seus adversários. Contudo, é especialmente a eles que se dirige, pois foram eles que puseram à prova sua legitimidade e seu poder.

A remissão a sua própria voz em outras situações aparece por doze vezes em seu discurso. É a que mais se faz sentir. Isto é feito com o objetivo de dar seu próprio testemunho do que lhe ocorreu nestes dias em que esteve retido sob o jugo de seus opositores que chegaram, inclusive, a declarar que havia renunciado.

Chávez faz isso como se tratasse de um relato pessoal, compartilhando momentos da sua intimidade, dando um caráter informal e de proximidade com a sua gente, com o seu povo, como pude observar no trecho a seguir:

“Yo decía: ‘Espérate, que tengo que recoger mi ropa y algunas cosas que me llevé, unas cositas allí. Estaba lavando interiores y lavando un par de medias...⁵⁶”

E ainda para dar a sua própria versão dos acontecimentos, quando relata o que disse aos oficiais que lhe entregaram um documento de renúncia para que assinasse: *“No, guárdenla porque yo no voy a renunciar. Soy Presidente prisionero, pero yo no renuncio⁵⁷”*.

Segue narrando outros momentos com a ajuda das vozes de soldados [cujos nomes não são referidos], e que servem para representar a fidelidade de parte das Forças Armadas, as quais demonstravam preocupação com o estado do presidente e lealdade à sua autoridade, inclusive pedindo uma maior aproximação do presidente com as bases deste organismo. Como nos trechos a seguir:

Uno [soldado] me dijo: ‘Ay, yo no podía respirar hasta que no lo viera. Me sentía muerto’, me dijo. Entonces me dijo: ‘No, porque han dicho que a usted lo han golpeado, que si no sé que más, que lo torturaron para que firmara la renuncia, no sé que más...⁵⁸’.

“Uno [soldado] de ellos me dijo: ‘Mi Comandante, no se olvide de nosotros. No permita que ese tránsito entre nosotros y el alto mando y los altos mandos, por ahí se van quedando las verdades que a usted no le llegan⁵⁹’.”

Y llega un muchacho de la Guardia Nacional, y él me hace una pregunta: ‘Mire, mi Comandante, aclárame algo’. (...) me habló muy bajo: ‘Dígame una cosa -me dijo- aclárame algo. ¿Es verdad que usted renunció? Yo le dije: ‘No, hijo, ni renuncié ni voy a renunciar’. Entonces él se paró firme, me saludó, y me dijo: ‘Entonces, usted es mi Presidente⁶⁰’.

⁵⁶ “Eu dizia: Espera que preciso pegar minha roupa e algumas coisas que levei, umas coisinhas ali. Estava lavando as peças íntimas e um par de meias” [minha tradução].

⁵⁷ “Não, guardem-na porque não vou renunciar. Sou presidente prisioneiro, mas eu não renuncio.” [minha tradução].

⁵⁸ “Um soldado me disse: ‘Ah, eu não podia respirar até que pudesse vê-lo. Me sentia morto’, me disse. Então me disse: ‘Não, porque disseram que tinham batido no senhor, que não sei mais o que, que o torturaram para que assinasse a renúncia, que não sei mais o que...’ [minha tradução].

⁵⁹ “Um [soldado] deles me disse: Meu comandante, não se esqueça de nós. Não permita que esse trânsito entre nós e o alto comando e os altos comandos, por aí vão ficando as verdades que não chegam ao senhor.” [minha tradução].

⁶⁰ “E chega um rapaz da Guarda Nacional, e ele me faz uma pergunta: “Olhe, meu comandante, me esclarece uma coisa”. (...) me falou muito baixo “Diga-me uma coisa – me disse – esclarece-me uma coisa. É verdade que o senhor renunciou? Eu lhe disse: ‘Não, filho, nem renunciarei nem vou renunciar’. Então ficou firme, me cumprimentou, e me disse: ‘Então, o senhor é meu Presidente’ [minha tradução].

A voz do general Jacinto Pérez Arcay reforça esse sentimento de lealdade e preocupação com o presidente ao afirmar: "Hijo, llévate a Cristo"⁶¹.

Assim, Chávez cria uma cena enunciativa que procura demonstrar a lealdade do povo e das Forças armadas a ele e a seu governo como quando compartilha neste mesmo discurso um momento de reflexão interior que teve quando estava em uma das prisões: *“algo desde dentro me dijo: ‘Tranquilo, Hugo, que ni ese pueblo ni esos muchachos militares - para utilizar un término bien criollo - verdaderos se van a calar este atropello. Algo tiene que ocurrir’⁶².”*

E para selar a cena contratual em que Chávez chama o país à reunificação, utiliza-se da sua voz, da de um membro de seu governo e da cultura popular.

Primeiramente, quando relata o seu pedido de perdão ao cardeal Ignacio Velasco, um daqueles a quem se referia como *“diabos de batina”* e, desse modo coloca-se como dando o exemplo:

"Monseñor vamos a orar a la orilla de este mar", y le pedí perdón y le dije que era necesario que todos los sectores del país pusiéramos mayor empeño toda la buena voluntad que podamos para poder convivir en paz aceptando las reglas del juego, aceptando las normas de la convivencia ciudadana⁶³.

Depois, quando faz um gesto no sentido de revisar algumas medidas, através da voz do presidente da PDVSA que apresenta pedido de demissão coletiva da diretoria, com o objetivo de que possa conseguir um pacto entre os diversos setores políticos: *"Presidente, para contribuir con la búsqueda de una solución definitiva al problema de Pdvsa..."⁶⁴*

⁶¹ Filho, leva Cristo com você [minha tradução].

⁶² Algo de dentro de mim me disse: 'Fique tranquilo, Hugo, que nem esse povo nem esses rapazes militares – para utilizar um termo bem genuíno – verdadeiros serão calados por esta violência. Algo tem de acontecer' [minha tradução].

⁶³ "Monsenhor vamos rezar à beira deste mar", e lhe pedi perdão e lhe disse que era preciso que todos os setores do país tivessem o maior empenho e toda a boa vontade possível para poder conviver em paz aceitando as regras do jogo, aceitando as normas de convivência cidadã [minha tradução].

⁶⁴ "Presidente, para contribuir com a busca de uma solução definitiva para o problema da PDVSA..." [minha tradução].

E, finalmente, quando encerra o seu discurso afirmando: “*Amor con amor se paga*”⁶⁵, traz para o seu pronunciamento a voz da cultura popular, conferindo o significado de paz e reconciliação que quer ele imprimir a seu discurso, num tom de reciprocidade, em que paz e amor são uma via de mão dupla. Todavia, fazendo uma inferência a partir do não-dito, fica a questão se o contrário também não seria recíproco: Ódio se pagaria com ódio?

Desse modo, analisando o modo como as vozes trazidas ao discurso do presidente Hugo Chávez foram incorporadas, apresentando uma orientação de fechamento à diferença, percebi que serviram a uma estratégia de adesão à perspectiva construída pelo presidente, operando ideologicamente no sentido de restabelecer-lhe a hegemonia perdida.

4.1.1.2 Intertextualidade no Pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU (2006)

QUADRO 5 – Representação de vozes no Pronunciamento da LXI Assembleia da ONU

Realizações linguísticas	Vozes Representadas
Discurso Direto	Presidente dos Estados Unidos Os povos oprimidos [voz suposta]
Citação	Silvio Rodríguez [cantor]
Discurso Indireto	Uma voz vagamente atribuída [aos imperialistas]
Exemplos de pressuposições existenciais	Com relação aos antagonistas el diablo [oito vezes citado] del Presidente-tirano mundial el más grande terrorista de este continente El veto inhumano del Gobierno de los Estados Unidos los extremistas los imperialistas el terrorista [Luis Posada Carriles]

⁶⁵ “Amor com amor se paga” [minha tradução].

QUADRO 5 – Representação de vozes no Pronunciamento da LXI Assembleia da ONU
(Continuação)

Exemplos de pressuposições existenciais	Com relação a si próprio e os aliados
	este humilde servidor [Chávez] uno de los más prestigiosos intelectuales de esta América y del mundo [Chomsky] los pueblos del Sur el pueblo inocente de Palestina y el pueblo del Líbano los pueblos atropellados las voces independientes esta Patria de Bolívar la voz del tercer mundo, la voz de los pueblos del planeta el Grupo de los No Alineados el compañero presidente Fidel Castro
	Com relação às ações dos antagonistas
	La estrategia imperialista de Estados Unidos la pretensión hegemónica del imperialismo norteamericano ese peligro esta amenaza la amenaza imperialista del imperialismo [norteamericano] el actual esquema de dominación, de explotación y de saqueo a los pueblos del mundo el modelo de dominación su hegemonía a punta de guerras las amenazas contra Venezuela su sistema hegemónico de dominación la dictadura mundial la falsa democracia de las élites al imperio de los Estados Unidos la realidad terrible el hambre la miseria la violencia la violación a los derechos humanos del colapso del sistema de Naciones Unidas la pretensión imperialista norteamericana la persecución y las agresiones del hegemonismo contra los pueblos del planeta más allá de las amenazas, de las bombas, de las guerras, de las agresiones, de la guerra preventiva, de la destrucción de pueblos enteros la tesis del fin de la historia la tesis de la instauración del imperio americano la pax americana la instauración del modelo capitalista, neoliberal el horrible asesinato del ex canciller chileno Orlando Letelier aquel hecho terrorista [...] la voladura del avión cubano

QUADRO 5 – Representação de vozes no Pronunciamento da LXI Assembleia da ONU
(Continuação)

Exemplos de pressuposições existenciais	Com relação às ações de si e dos aliados
	la verdad la libertad plena del mundo la igualdad de los pueblos la soberanía de las naciones. la expansión del Consejo de Seguridad la aplicación de métodos eficaces de atención y resolución de los conflictos mundiales la supresión inmediata de ese mecanismo antidemocrático del veto la dignidad la búsqueda de la paz la reformulación del sistema internacional esa lucha (por um mundo novo e melhor) la lucha contra el terrorismo el nacimiento de una nueva era la salvación de este planeta

FONTE: VENEZUELA (2009, 469-476)

A voz proeminente no discurso direto com a qual Chávez dialoga, ou melhor, duela, é a do presidente estadunidense George W. Bush. A cena enunciativa de seu discurso é construída como a de um combate, em que se defende e ataca intercaladamente ou, às vezes, ataca mais que defende ou se defende atacando. É uma contra-ofensiva ao discurso proferido no dia anterior pelo presidente norte-americano.

É nesse jogo discursivo que a orientação para a diferença se move para o cenário (b), em que há “*uma acentuação da diferença, conflito, polêmica, uma luta pelo sentido, normas, poder*”. Chávez assegura para si o *status* de representante de uma contra-hegemonia ao poder unilateral estabelecido hoje pelo vizinho do norte.

Nessa luta pelos sentidos, Chávez disputa a significação da palavra *extremista*, constituinte do vocabulário do Império, e próxima ao signo de *terrorista*, mais corrente no discurso da potência capitalista.

Ao citar o que disse Bush: “*Hacia dondequiera que usted mira, oye a extremistas que le dicen que puede escapar de la miseria y recuperar su dignidad a*

*través de la violencia, el terror y el martirio*⁶⁶”, Chávez contesta que tal designação é utilizada pelos imperialistas para desqualificar aqueles que se insurgem contra o que o líder venezuelano intitulou, em seu pronunciamento, de pretensão hegemônica norte-americana.

Questiona também o caráter do presidente Bush, ao denunciar a hipocrisia na fala do líder norte-americano quando afirma: *así lo dijo [Bush]: ‘Hoy quiero hablarles directamente a las poblaciones del Oriente Medio, mi país desea la paz...’*⁶⁷” Chávez então opera ideologicamente com a divisão do inimigo, afirmando acreditar que, de fato, o país, o povo norte-americano quer a paz, porém seu governo agiria no sentido oposto, uma vez que declara ou apoia guerras e ataques no Iraque, Líbano e Palestina, além das ameaças contra a Venezuela e Irã.

Enfático⁶⁸, Chávez acusa Bush de cínico por ter dito: *“Muchos de ustedes han visto como sus hogares y sus comunidades quedaron atrapadas en el fuego cruzado”*⁶⁹, uma vez que as bombas lançadas por Israel contra Beirute, capital do Líbano [vítima do que o presidente norte-americano chamou de fogo cruzado] eram dotadas de precisão milimétrica. Os Estados Unidos, na época, haviam utilizado seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU para evitar uma condenação de Israel pelos ataques que fizeram mais de mil mortos. Assim define Chávez tais ataques: *“¡Fuego imperialista, fuego fascista, fuego asesino y fuego genocida, el del imperio y el de Israel contra el pueblo inocente de Palestina y el pueblo del Líbano!”*⁷⁰ E rivaliza com uma voz em discurso indireto, mas sem especificar quem disse, apenas fica subtendido pelo contexto que se refere aos países alinhados com

⁶⁶ “Para onde quer que você olhe, ouve a extremistas que lhe dizem que pode escapar da miséria e recuperar sua dignidade por meio da violência, do terror e do martírio” [minha tradução].

⁶⁷ “Ele [Bush] falou assim: ‘Hoje eu quero falar diretamente às populações do Oriente Medio, meu país deseja a paz...’” [minha tradução].

⁶⁸ Consideração que faço em virtude da frase dita por Chávez e do vídeo de seu pronunciamento que assisti na internet. Sítio: <<http://www.youtube.com/watch?v=mwQz6TRtXOg>> Acessado em: 05.01.2012.

⁶⁹ “Muitos de vocês viram como seus lares e suas comunidades ficaram destruídas no fogo cruzado” [minha tradução].

⁷⁰ “Fogo imperialista, fogo fascista, fogo assassino e fogo genocida, o do império e o de Israel contra o povo inocente da Palestina e o povo do Líbano!” [minha tradução].

os Estados Unidos: *“dicen que sufren, que estamos sufriendo porque vemos sus hogares destruídos”*.⁷¹

Mais adiante, em seu discurso, Chávez critica o método disciplinar com que o presidente Bush se dirige aos demais países. Faz referência a essa maneira de falar, citando os seguintes trechos do discurso de Bush: *“Al pueblo de Irán le digo..., al pueblo del Líbano le digo..., al pueblo de Afganistán le digo...”*⁷². E, utilizando-se de uma pergunta retórica: *“¿qué le dirían esos pueblos a él, si esos pueblos pudieran hablar?, ¿qué le dirían?”*⁷³, e faz supor a existência dessas vozes [dos povos oprimidos], através da sua, quando diz: *“Yo se los voy a recoger porque conozco a la mayor parte del alma de esos pueblos, los pueblos del Sur, los pueblos atropellados. Dirían: ‘Imperio yankee go home’. Ése sería el grito que brotaría por todas partes si los pueblos del mundo pudieran hablarle a una sola voz al imperio de los Estados Unidos.”*⁷⁴

E, por fim, Chávez remete a uma voz que corrobora com o seu anúncio de uma nova era, de novos tempos para o povo sofrido. É a voz do cantor cubano Silvio Rodríguez que é citada: *“La era está pariendo un corazón”*⁷⁵. E declara o levante de *“corrientes alternativas, pensamientos alternativos, movimientos alternativos, juventudes con pensamiento distinto.”*⁷⁶

Tanto a voz suposta dos povos oprimidos, como a de Silvio Rodríguez servem para construir um cenário no sentido de fechamento à diferença, no sentido em que são vozes que corroboram com a perspectiva do presidente venezuelano, como no cenário (d), que aponta para um foco nos aspectos comuns, solidariedade.

⁷¹ “dizem que sofrem, que estamos sofrendo porque vemos seus lares destruídos” [minha tradução].

⁷² “Ao povo do Irã lhe digo..., ao povo do Líbano lhe digo..., ao povo do Afeganistão lhe digo...” [minha tradução].

⁷³ “que lhe diriam esses povos a ele, se esses povos pudessem falar?, que lhe diriam?” [minha tradução].

⁷⁴ “Eu vou lhes dizer por que eu conheço a maior parte da alma desses povos, os povos do Sul, os povos explorados. Diriam: ‘Império yanque vá embora’. Esse seria o grito que brotaria por todas as partes se os povos do mundo pudessem lhe falar a uma só voz ao império dos Estados Unidos [minha tradução].

⁷⁵ “A era está parindo um coração” [minha tradução].

⁷⁶ “correntes alternativas, pensamentos alternativos, movimentos alternativos, juventudes com pensamento diferente” [minha tradução].

Apesar de normalizadora das diferenças, buscando estabilizar um único sentido ao signo, as pressuposições alegadas por Chávez ajudam a perceber o quadro polêmico de seu discurso, uma vez que simboliza, através de diversas designações, a si, aos seus adversários, notadamente o imperialismo norte-americano, e as ações, causas e efeitos de ambos os lados.

Todas as pressuposições servem ao propósito de construir uma identificação negativa para o Império e uma identificação positiva para os que se insurgem contra *a estratégia imperialista dos Estados Unidos*, denunciada por Chávez.

Assim, Chávez busca legitimar-se como representante de um polo contra-hegemônico, dos *Povos do Sul*, como ele se refere.

Atribui ao governo norte-americano e seus aliados toda sorte de males, descritos como realidade terrível: *a fome, a miséria, a violência, a violação aos direitos humanos, golpes de Estado, atentados terroristas, guerras* e tudo isso sustentando pelo que ele afirma serem *as teses do fim da história*, propagadas pelo *modelo capitalista, neoliberal*. São, em sua metáfora, como a espada de Dâmocles⁷⁷ ou um filme de Alfred Hitchcock, *“A receita do diabo”*, nome sugerido por Chávez.

Enquanto isso, do outro lado, estão os *povos oprimidos* que se reerguerão por um *mundo de paz, uma nova era*, que representará a *salvação do planeta*. Estes são os *não-alinhados* ao sistema hegemônico de dominação dos Estados Unidos. E entre os não-alinhados, estaria um intelectual norte-americano reconhecido internacionalmente, Noam Chomsky.

Nessa luta por representações, Chávez atribui a Bush um dos piores qualificativos: *diabo*, citado oito vezes durante o seu discurso. A fúria de Chávez não é sem razão. O governo norte-americano é suspeito de haver contribuído com o golpe de Estado desferido contra o representante venezuelano e foi a primeira nação [entre pouquíssimas] a reconhecer o governo golpista em tão pouco tempo.

⁷⁷ Espada que pende sobre o pescoço dos que a carregam. Dâmocles, protagonista de uma história moral, era um cortesão bastante bajulador na corte do tirano Dionísio, que resolveu oferecer-lhe as benesses do trono. Porém, deveria carregar consigo uma espada que pendia do pescoço, o que levou o cortesão a desistir do trono. É uma metáfora com relação à insegurança que o poder provoca.

Desse modo, mais uma vez demonstro que há uma luta pela universalização de sentidos, em detrimento de outros. Ao tempo em que Chávez busca desestabilizar o signo ideológico⁷⁸ *terrorista*, ele propõe outros signos ideológicos que possam representar uma contra-hegemonia, como: *Povos do Sul*.

4.1.1.3 Intertextualidade no Pronunciamento de Posse do 3º Mandato (2007)

QUADRO 6 – Representação de vozes no Pronunciamento de Posse do Terceiro Mandato Presidencial

Realizações linguísticas	Vozes Representadas
Discurso Direto	Simón Bolívar Um irmão de Chávez Ele [Chávez] em outros momentos Presidenta da Assembleia Nacional José Martí Alguns jornais [modo genérico de referir-se à parte da imprensa que faz oposição ao seu governo] Eclesiastes* Lucas, o evangelista** Pedro [apóstolo de Jesus] Ananias [personagem bíblico] Napoleão Bonaparte De maneira indeterminada [seus adversários] Trotsky Coronel Hugo Trejo [que defendeu os líderes do levante militar de 4/02/1992] Héctor Mujica [intelectual venezuelano] Os políticos em geral [de maneira indeterminada] Fidel Castro
Citação	Pablo Neruda Jesus Cristo [sugerida] Antonio Gramsci [fragmentos] Ezequiel Zamora Luis Perú de Lacroix [relatando o que lhe disse Bolívar] Einstein [de maneira equivocada] Héctor Navarro [professor e deputado pelo PSUV] Antonio Negri [filósofo marxista italiano] Bertolt Brecht
Discurso Indireto	Não identifiquei vozes relatadas no discurso indireto

⁷⁸ Conceito baseado em Bakhtin (1979), em que todo signo é um signo ideológico, pois constitui-se numa arena sónica de disputa pelo poder.

* Não se sabe ao certo a autoria do livro. Há quem afirme seja de Salomão. Há quem afirme seja de algum Pregador, porém não conhecido.

** Autor do livro bíblico Atos dos Apóstolos, do qual Chávez extrai algumas passagens.

QUADRO 6 – Representação de vozes no Pronunciamento de Posse do Terceiro Mandato Presidencial - (Continuação)

Exemplos de pressuposições existenciais	Com relação aos antagonistas
	las élites la oligarquía el imperialismo
	Com relação a si próprio e aos aliados
	la indianidad venezolana el Padre Bolívar el Socialismo venezolano el [sistema] socialista los activadores de los procesos históricos el Jefe del Estado el carro de la revolución el Poder [la soberanía] popular El Poder Constituyente [o povo] el Poder Constituido el Poder Comunal este caballo volador [país venezolano]
Com relação às ações de seus adversários	
	la gran crisis [a crise econômico que levou aos levantes populares contra os governos anteriores em fevereiro de 1989, fevereiro e novembro de 1992] la Crisis Catastrófica de Venezuela la mentira El chantaje la manipulación el camino de la maldad el odio el consumismo la corrupción La impunidad el alarmismo esa dictadura su voluntad de minoría el fascismo la burocracia

QUADRO 6 – Representação de vozes no Pronunciamento de Posse do Terceiro Mandato Presidencial - (Continuação)

Exemplos de pressuposições existenciais	Com relação às ações suas e dos aliados
	la verdad la redención de nuestra Patria el fin de una época el advenimiento de una Nueva Época del Proyecto Bolivariano la esencia revolucionaria la próxima edad la hora del fin de los privilegios del fin de las desigualdades el camino de la revolución socialista en Venezuela la democracia [revolucionaria] la Soberanía de Venezuela la dignidad de un pueblo la Revolución Bolivariana la decencia esta Nueva Era de Construcción los motores constituyentes [La Ley Habilitante, la reforma de la Constitución, Jornada Moral y Luces, nueva geometría del poder] la Liberación Nacional el sueño de Angostura el camino de la revolución

Fonte: <<http://vulcano.wordpress.com/2007/01/11/discurso-de-hugo-chavez-en-su-toma-de-posesion/>> Acesso em: 08/04/2012.

Na análise da intertextualidade do discurso de posse do terceiro mandato do presidente Hugo Rafael Chávez Frías, mais uma vez abundam as pressuposições existenciais com as quais procura Chávez identificar a si, seus adversários e as ações de ambos. Um aspecto relevante, nesta análise, é a ausência de vozes em discurso indireto, enquanto há 09 citações de 17 vozes relatadas em discurso direto.

Fazendo uma análise comparativa com relação aos demais discursos analisados neste trabalho, fica claro que o discurso direto, através da citação das vozes de outros, é um recurso comum no discurso de Chávez. Em seu discurso de restituição dos poderes, ele recorreu sete vezes ao relato direto de outras vozes, além de duas citações e da sua própria voz referida também naquele discurso, ao remeter a seus dizeres em outros momentos. No caso do discurso da LXI

Assembleia Geral da ONU, isso não se mostrou com a mesma recorrência, em virtude de tratar-se aquele discurso mais de um duelo enunciativo entre o presidente venezuelano e o estadunidense George W. Bush, adquirindo a voz deste último quase que um status de exclusividade na cadeia dialógica daquele discurso, no que diz respeito às demais vozes citadas. Não obstante, outras três vozes ainda foram relatadas, duas no discurso direto e uma no indireto, além de uma citação.

Na verdade, tem-se tornado comum ao presidente venezuelano, quase sempre que discursa, o recurso a outras vozes, seja para validar o seu discurso, seja para ele contestá-las. No caso do pronunciamento de posse de seu terceiro mandato, apenas três das vinte e seis vozes, entre discurso direto e citações, representam posições antagônicas às defendidas pelo líder venezuelano. Talvez, em virtude de ser o momento de posse mais um momento de afirmação de sua autoridade e de seu projeto que se encontra legitimado, após o sufrágio nas urnas, diferentemente do espaço de embate criado na Assembleia da ONU, em que teses opostas se defrontaram.

Além das vozes do próprio Chávez, quando ele se refere ao que disse em outros momentos e das que se lhe opõem, podemos dividir as vozes apresentadas no discurso de Chávez em algumas categorias ou grupos aos quais ele quer reivindicar uma aproximação com seus valores e seu modo de representar [que discutirei na análise da interdiscursividade] ou que as utiliza para endossar aquilo que defende. É o caso de vozes de cientistas e intelectuais como Einstein e Héctor Mujica⁷⁹; de marxistas como o poeta chileno Pablo Neruda, o comunista italiano Antonio Gramsci, o revolucionário russo Leon Trotsky, o filósofo italiano Antonio Negri, o escritor Bertolt Brecht e o líder da revolução cubana, Fidel Castro; do cristianismo, como Jesus Cristo [voz sugerida a partir do Pai Nosso], do Eclesiastes, de Lucas, evangelista, autor do livro Atos dos Apóstolos, e de Pedro [apóstolo de Cristo, que tem sua voz citada em passagem do livro Atos dos Apóstolos]; de membros do partido e aliados, como é o caso da presidenta da Assembleia Nacional, de seu irmão, do coronel Hugo Trejo, Héctor Navarro e eventualmente políticos [a quem se refere de um modo em geral] que viessem a

⁷⁹ Intelectual mexicano que escreveu o prólogo do renomado romance venezuelano de Herrera Luque: *“La casa del pez que escupe agua”*.

renunciar de seus salários; de líderes nacionalistas que ficaram gravados na história da América Latina, como José Martí, Ezequiel Zamora e Simón Bolívar, este último, com vinte citações suas no discurso do Chávez, sendo a maioria referente ao conhecido *Discurso de Angostura*, além do *Juramento de Roma*, *Carta de Jamaica* e correspondência sua a Urdaneta, desde Cartagena. Além disso, é através da voz de Peru de La Croix, que remete outra vez a Bolívar, citando o que teria dito ele, através do que escreveu La Croix, no *Diário de Bucaramanga*⁸⁰.

Embora o discurso direto seja a opção mais dialógica na representação de outras vozes incorporadas ao discurso daquele que enuncia, a forma como elas são trazidas para o pronunciamento do presidente venezuelano apontam para o cenário (e) de *uma normalização e aceitação das diferenças de poder que suprime ou coloca a diferença de sentido e normas entre parênteses*, isto é, servem para consolidar a posição hegemônica de Chávez como representante do povo venezuelano.

É o que ocorre com as vozes do cristianismo que Chávez traz para afirmá-las como convergentes ou mesmo inspiradoras de um projeto socialista. Ao relatar o que está escrito em Atos dos Apóstolos 2:45: *“Vendían sus propiedades y sus bienes y los repartían según las necesidades...”*⁸¹, arremata: *“Principio del Socialismo...”*⁸²

Tais relações entre o discurso bolivariano de Chávez, o pensamento marxista e a doutrina cristã serão trabalhadas na análise da interdiscursividade.

Com relação às vozes que lhe fazem oposição, há uma acentuação da diferença que caracteriza o cenário (b) da cadeia de orientação para a diferença.

Nenhuma das vozes faz, porém, uma referência a um grupo de oposição de maneira específica. Ou é apresentada de maneira vaga e indeterminada como:

⁸⁰ O diário de Bucaramanga foi uma obra escrita pelo general de francês Luis Perú de Lacroix, baseada no diário escrito por ele mesmo no período de 01 de abril até 26 de junho de 1828 na cidade de Bucaramanga na Colômbia. Considerado um documento de valor biográfico, com detalhes sobre a vida pessoal e pensamentos políticos de Simón Bolívar (BELLOTO & CORREA, 1983).

⁸¹ “Vendiam suas propriedades e os seus bens e os repartiam segundo as necessidades...” [minha tradução].

⁸² “Princípio do Socialismo...” [minha tradução].

“*Decían: Violación a la Constitución...*”⁸³ e ele em seguida contesta: “*¡No!*”, inferência possível de ser feita, pois os grupos opositores colocavam-se contra suas medidas, inclusive de reforma constitucional, como sendo violadoras da constituição. Ou é a voz de Napoleão Bonaparte: “*La Révolution est finie*”...⁸⁴, que é trazida para que Chávez possa replicar e explicitar a sua posição quanto ao caráter permanente do processo de transformação, trazendo logo, em seguida, a voz de um revolucionário marxista russo, Leon Trotsky, lembrando de sua obra e do que teria dito: “*¡La Revolución es permanente!*”⁸⁵ Isso também poderia ter o efeito de lembrar seus aliados da importância de estarem sempre atentos a que não permitam um golpe que possa derrotar a revolução, como ocorreu no caso de Napoleão, o que também significaria necessidade do presidente venezuelano em manter-se no poder. Contudo, não foi nestes termos que Trotsky utilizou, mas no sentido de permanente transformação social.

O único momento que faz uma referência mais clara à oposição é quando remete a setores da imprensa, porém, também de maneira indeterminada, ao afirmar: “*Ya algunos periódicos especulando... Uribe no va a la toma... Lula no va...*”⁸⁶, representando a voz da imprensa que procura representar sua posse como desprestigiada pelos líderes internacionais, e que ele contesta, por afirmar que queria uma cerimônia simples, apenas com a presença de seus *amigos*, os *embaixadores*.

Com relação às pressuposições existenciais, mesmo sendo indicativas de uma normalização e um fechamento à diferença, tomando aquilo que é dito como dado, é, através delas, que se fazem representar aqueles que se opõem ao presidente Chávez. Todavia, exatamente pelo seu caráter de fechamento à diferença, estas vozes serão representadas de acordo com a perspectiva do líder venezuelano, atribuindo mais uma vez características positivas a si e aos seus aliados, enquanto busca desqualificar seus adversários.

⁸³ “Diziam: Violação da Constituição...” [minha tradução].

⁸⁴ “A Revolução acabou”... [minha tradução].

⁸⁵ “A Revolução é permanente!” [minha tradução].

⁸⁶ “Já alguns jornais especulando... Uribe não vai à posse... Lula não vai...” [minha tradução].

É assim que do *lado de lá*, dos que se lhe opõem, conforme pode ser observado no quadro 6, estão *as elites, as oligarquias* que, aliadas ao *imperialismo*, utilizam-se da *chantagem*, da *manipulação* e da *mentira* pra propagar o *ódio*, promover o *alarmismo*, gerar a *corrupção* e a *impunidade*, sendo ainda responsáveis pela *burocracia*, levando ao *caminho da maldade* e do *fascismo*. Teriam sido eles os responsáveis pelas diversas crises que abalaram o país.

Para superar a crise e combater toda a devastação provocada por estes setores que se opõem a Chávez, é estabelecida uma aliança entre o povo, que representa o *Poder Constituinte* e o governante, *chefe de Estado*, que representa o *Poder Constituído* que, inspirados por *Bolívar* e pelas raízes da *indianidade venezuelana*, formam juntos os *ativadores do processo histórico*, que conduzirão o *carro da revolução* ou o *cavalo voador* [país venezuelano] ao *socialismo venezuelano*, a partir de suas próprias palavras.

Só desse modo, é que se pode alcançar, nas palavras do próprio presidente venezuelano, a *“redenção de nossa Pátria”* [a Venezuela], com o *advento de uma nova época*, baseada na *essência revolucionária* do *projeto bolivariano*, uma *oportunidade histórica* que representa o *sonho de Angostura*, a *Liberação Nacional*, o *caminho da revolução*, capazes de trazer *dignidade ao povo*, através da *transformação dos valores* e do *fim dos privilégios* e das desigualdades. Isto é o que, de acordo ainda com Chávez, significa a *democracia revolucionária*.

As vozes trazidas pelo discurso direto só ajudam, em sua maioria, a reforçar este universo de *“evidências”* criado por Chávez para legitimar a si como verdadeiro líder capaz de trazer para o seu povo a prosperidade, baseada em valores nobres como o *igualitarismo*, a *democracia* e a *unidade*. Ao trazer Bolívar e diversos líderes da América Latina para o seu discurso de maneira a corroborar com ele, Chávez busca também construir para si uma posição de líder no continente, especialmente dos povos latino-americanos.

Com esta análise, mais uma vez demonstro como as maneiras de agir do presidente venezuelano, ao articular algumas vozes em detrimento de outras, apagando a de seus adversários ou negando-as, dependendo da conveniência, e

maneja vozes que lhe poderiam ser contrárias como lhe sendo favoráveis, demonstra a importância do discurso, através da intertextualidade construída, como instrumento na disputa por significações e sendo ele, em todos os seus signos, permeado por esta luta que visa estabelecer, manter ou modificar hegemonias.

4.2 Discursos como modos de representar

O significado representacional refere-se ao modo como aspectos do mundo são representados, o que pode ser feito a partir de diferentes perspectivas e, nesse sentido, por meio de discursos diferentes, que podem estabelecer uma relação de cooperação ou antagonismo. Neste caso, refiro-me ao conceito de discurso como diferentes modos de representar o mundo, a partir de perspectivas particulares (FAIRCLOUGH, 2003). Na análise do significado representacional, estudarei a interdiscursividade presente nos pronunciamentos do presidente venezuelano Hugo Chávez.

4.2.1 Relações interdiscursivas

Nesta pesquisa, examino as relações interdiscursivas que são estabelecidas no diálogo entre o discurso político bolivariano de Chávez e os outros discursos que fazem parte de sua constituição, rivalizando ou cooperando. Desse modo, analiso como o presidente Hugo Chávez constrói discursivamente aproximações ou distanciamentos entre as representações que se fazem presentes na textualidade de seus pronunciamentos, a fim de garantir a legitimidade a sua forma particular de representação.

É a partir desta perspectiva dialógica que Maingueneau (2008) inscreve o primado do interdiscurso na perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, como propõe o “círculo de M. Bakhtin”, que faz da relação com o *Outro* o fundamento da discursividade. O enunciado é constitutivamente dialógico e, portanto, heterogêneo, pois faz parte da cadeia complexa de enunciados, sendo um de seus elos.

Mainaugeneau (2008, p. 37), afirma ainda que o interdiscurso não se inscreve numa exterioridade, mas no interior do intradiscurso, daí decorre o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso:

Essa imbricação do Mesmo e do Outro retira à coerência semântica das formações discursivas todo o caráter de essência, cuja inscrição na história seria acessória; não é dela que a formação discursiva retira o princípio de sua unidade, mas de *um conflito regulado* [grifo meu].

A noção de conflito também está presente em Fairclough (2003, p. 125) quando afirma que *“as relações entre discursos diferentes são um elemento das relações entre pessoas diferentes – eles podem complementar-se, competir entre si, um pode dominar o(s) outro(s), e assim por diante”*.

Esse conflito é regulado pelas diversas perspectivas em que um discurso pode representar a realidade. Como diz Fairclough (2003, pg. 125), demonstrando a interação entre os três tipos de significado:

Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, e elas estão associadas às diferentes relações que as pessoas têm com o mundo, que, por seu turno, dependem de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais, e das relações sociais com outras pessoas.

De fato, temos uma tendência à essencialização, a buscar estabilizar os sentidos, dada a nossa necessidade de classificar, de mensurar a realidade, de apreendê-la tal como ela é. Mas este *tal qual* não existe, porque o que ela é somos nós que construímos por meio da troca semântica presente na interação social. É a noção de conflito regulado que lembra a disputa por representações que vivemos na língua, buscando tornar universal uma visão particular do mundo e, a partir disso, manter ou estabelecer o poder, através de hegemonias. Quanto maior o grau de universalização adquirido ou atribuído a uma representação, maior a sua força de dominação ideológica e, nesse sentido, de sustentação de uma determinada hegemonia.

A função interdiscursiva funciona como um domínio de memória que tanto opera um reagrupamento de enunciados, como o seu esquecimento, através de um deslocamento, num jogo de remetimento-apagamento (COURTINE, 2006, p. 81). É

neste jogo que analisei como Chávez recorre à memória de outros discursos - como é o caso do discurso religioso - para legitimar seus propósitos, e a serviço de que opera esta mobilização de valores em seu discurso.

Para precisar melhor o conceito de interdiscurso, Maingueneau (2008) propõe uma tríade de conceitos: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O universo discursivo seria *o conjunto de formações discursivas de todos os tipos numa dada conjuntura* (MAINGUENEAU, 2008, p. 33). O campo discursivo é entendido como *o conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência (...) entre discursos que possuem a mesma formação social e divergem sobre o modo pela qual ela deve ser preenchida* (MAINGUENEAU, 2008, p. 34). A concorrência de que fala Maingueneau aqui, assim como Bakhtin (1997), não é a de uma relação de discordância, mas também de concordância, compreendendo a dialogicidade de uma maneira mais ampla. Como não é possível determinar a priori as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo, faz-se necessário isolar no campo espaços discursivos que são, de acordo com Maingueneau (2008, p. 35):

conjunto de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação. Tais restrições são resultado direto de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir.

Para cada um dos discursos analisados, estabeleço um universo discursivo. E dentro deste universo discursivo [Restituição dos Poderes, Assembleia Geral da ONU, Posse do 3º Mandato], ponho em relação campos discursivos que julgo relevantes na constituição da representação [discurso] pretendida pelo presidente venezuelano. É o caso de quando coloco em relação, por exemplo, no discurso de Restituição dos Poderes, dois campos discursivos distintos, pois pertencem a formações sociais diferentes: o discurso religioso cristão e o político bolivariano. No entanto, serão muito mais. O discurso do presidente Hugo Chávez apresenta uma cadeia interdiscursiva ampla.

A “delimitação” destes campos discursivos foi feita com base na identificação de vocábulos e das relações semânticas estabelecidas no texto que apontassem uma representação particular, que o enunciador [Chávez] coloca em relação com outras, com a finalidade de constituir o seu discurso [uma outra representação particular].

A análise foi realizada, portanto, pondo em relação as diversas representações particulares de que o discurso político de Chávez – o qual intitularei de discurso político bolivariano – lança mão na sua composição. A categorização que utilizei nas análises para designar cada um dos discursos, que compõem o quadro constitutivo do discurso do presidente Hugo Chávez, resultou de minhas inferências particulares sobre a constituição de tais discursos, a partir dos vocábulos e relações semânticas por eles mobilizados. Não me proponho, até porque julgo não haver como, esgotar todas as possibilidades interdiscursivas, mas por em relação algumas que considero capazes de representar a(s) luta(s) [contra-] hegemônica(s) que se expressa(m) na heterogeneidade constitutiva do discurso do presidente venezuelano.

4.2.1.1 Análise da Interdiscursividade no Pronunciamento de Restituição dos Poderes (2002)

O discurso político bolivariano estabelece um diálogo com o religioso cristão, apropriando-se de valores e conceitos cristãos e ressignificando-os em termos do vocabulário e interesses bolivarianos.

Além disso, o discurso político bolivariano apropria-se de outros discursos que serão úteis a sua constituição, como os de Soberania popular, Ordem e Legalidade, de Libertação Nacional, Humanismo, e o do Mundo da Vida⁸⁷, todos eles se reforçando mutuamente numa composição capaz de garantir uma representação relativamente estável do discurso bolivariano como um discurso

⁸⁷ Habermas (apud RAMALHO 2005, p. 83) distingue sistemas, domínio da racionalidade econômica e burocrática, de mundo da vida, domínio da reprodução cultural, da integração social e da socialização cotidianas.

popular, legal [da legalidade ou ordem vigente], libertador, humanista e conectado à vida das pessoas e, de algum modo, como particularmente é construído pelo discurso do presidente venezuelano, profundamente cristão.

A delimitação que faço destes discursos responde a uma necessidade metodológica, uma abstração necessária, que não quer significar um “fechamento”, mas uma rede possível de trocas. E foi feita com base na forma de designar e, mais ainda, nas relações semânticas estabelecidas por estes discursos.

Assim, é que logo no princípio de seu discurso, ao afirmar: “*A Dios lo que es de Dios al César lo que es del César...*”, estará incorporando o discurso do Cristianismo e seus preceitos com relação à justiça, e, desse modo, o discurso de [respeito à] Ordem.

Esta máxima: “*Dai a César o que é de César*”, como todos os ensinamentos de Jesus, é um princípio geral, consequência daquele que manda agir com os outros como quereríamos que os outros agissem conosco. Condena todo prejuízo moral e material causado aos outros, toda violação dos seus interesses, e prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja ver os seus respeitados [*discurso da Ordem*].

Com isso, Chávez compartilha dos valores cristãos, o que ajuda a construir sua imagem como a de um cristão na defesa dos direitos instituídos e reforça sua identidade como a de chefe soberano. Num grau de abstração maior, aqui estaria presente o *discurso de justiça*, onde a cada um deve ser dado o que lhe é de direito, porém, revestido de aspectos particulares, refere-se ao *discurso cristão*, porque aqui é Jesus quem dá o tom, que fala em nome de Deus.

Ainda remetendo à passagem bíblica de Marcos 12, 13-17, aqui poderiam estar implicadas as vozes dos seus adversários políticos, como no caso dos fariseus e herodianos com relação a Jesus. Assim como Cristo saiu-se da cilada armada pelos fariseus e herodianos, Chávez recuperou-se do golpe realizado por seus opositores.

Chávez ressignifica este ensinamento cristão ao acrescentar: “...y al *pueblo lo que es del pueblo*”, construindo uma identificação sua com o próprio povo, reforçando sua imagem como a de chefe soberano, mas representante de uma soberania maior, a do próprio povo, soberania popular, da qual ele é apenas um mandatário. Chávez coloca-se na cena enunciativa performativizando seu retorno ao poder como vontade do povo. Aqui se faz presente, pois, o *discurso da Soberania Popular*. Não apenas nessa enunciação, percebi como diversos discursos conectam-se na constituição de um outro discurso [neste caso, o *discurso bolivariano* de Chávez]. Desse modo, assim como afirmei anteriormente, os discursos não são delimitados completamente, ao contrário, atravessam-se num espaço de troca, o espaço do Interdiscurso.

Courtine (2006, p. 88) diz que: “Na política, a memória é um poder: ela funda uma possibilidade de se exprimir, ela abre um direito à fala, ela possui, até mesmo, um valor performativo de proposição eficaz”. Assim, buscando esta memória dos valores cristãos a partir da passagem bíblica que evoca, Chávez constrói uma legitimidade para o seu discurso.

O *discurso de Soberania Popular* é recorrente em seu discurso de Restituição dos Poderes [a partir de agora, RP], como será em outros. O vocábulo “*pueblo*”, por exemplo, aparece quarenta vezes em seu discurso, sendo três apenas neste trecho:

...desde este Palacio que es el del *pueblo* y que el *pueblo*, lo dije en mi mensaje de hace unas tres noches allá en la avenida o río Urdaneta en donde vi que hay mucha gente cuando veníamos en el helicóptero, hay mucha gente en la avenida Urdaneta y más allá y por acá, pero decíamos allí, el *pueblo* llegó a este Palacio para no irse más y, ha quedado demostrado.⁸⁸ [R.P.]

Em seu discurso, Chávez performatiza o seu retorno como se fosse o retorno do povo. Chávez implica a voz do povo, sem relatar o que este diz. Uma voz que não está textualmente explicitada, mas supõe-na. Dizer que o povo não deixará

⁸⁸ ...desde este palácio que é do povo e que o povo, o que disse em minha mensagem de umas três noites atrás lá na avenida ou rio Urdaneta, onde vi que tem muita gente quando vínhamos no helicóptero, tem muita gente na avenida Urdaneta por um lado e outro, porém dizíamos ali, o povo chegou a este Palácio para não ir mais embora e, isso ficou demonstrado [minha tradução].

o Palácio é dizer que o povo está com Chávez. Relata, desse modo, o ato de apoio deste povo a ele, articulando assim um *discurso de Soberania Popular*, em que ele está lá porque o povo quis e não permitiu a manutenção do golpe.

Afinal de contas, quem retornou ao Palácio foi ele, Chávez, mas opera uma articulação simbólica em que o seu retorno é o retorno do povo. E que o Palácio pertence ao povo, buscando assim uma aproximação entre ele e o povo, uma identificação entre um e outro. O povo, porém, é quem é o soberano, é quem legitima e confere o poder a Chávez, como no trecho: “...*una vez recibido el poder legítimo que el pueblo me dio*”.⁸⁹

A soberania precisa ser reconhecida pelos outros e assim Chávez a representa em seu discurso ao afirmar que: “...*la Comunidad Internacional reconoce la legitimidad y la soberanía, el valor y el coraje del pueblo venezolano*”.⁹⁰

O *discurso de Soberania Popular* é incorporado na constituição do discurso político bolivariano, normalmente, associado ao léxico militar. Numa análise que fiz, considerando os quinze vocábulos antes e depois da ocorrência da palavra *pueblo*, detectei sete vezes a ocorrência do vocábulo *Fuerza Armada*, três vezes o vocábulo *soldados*, duas vezes o vocábulo *militares* e uma vez o vocábulo *arma*. Numa demonstração de que o discurso de *Soberania Popular* no discurso de Hugo Chávez é representado como uma aliança cívico-militar, como, em alguns momentos, foi defendida por Simón Bolívar, na época da luta pela independência de países da América Latina, inclusive agregando a seus exércitos negros libertos. Como duas forças inseparáveis, Chávez arremata: “*Esos dos elementos que en el fondo son el mismo, el mismo: el pueblo y los militares, el pueblo y la Fuerza Armada*”.⁹¹

Este discurso de *Soberania Popular* como aliança cívico-militar articula-se a um discurso de *Libertação Nacional*, em que soldados e povo estão juntos, como

⁸⁹ uma vez recebido o poder legítimo que o povo me deu [minha tradução].

⁹⁰ a Comunidade Internacional reconhece a legitimidade e a soberania, a valentia e a coragem do povo venezuelano [minha tradução].

⁹¹ Esses dois elementos que, no fundo, são o mesmo, o mesmo: o povo e os militares, o povo e as Forças Armadas [minha tradução].

foi na época da independência, lutando por sua libertação. Essa articulação pode ser vista no seguinte trecho:

El **pueblo** venezolano y sus verdaderos **soldados**, el **pueblo** venezolano y su **Fuerza Armada** esos **soldados** del **pueblo** han escrito y esto no es grandilocuencia es una verdad es una nueva página y qué gran página para la historia venezolana de América Latina y también pudiera ser del mundo ejemplo de un **pueblo** que **ha despertado definitivamente**, de un **pueblo** que ha reconocido y **asumido sus derechos, sus obligaciones**, de una **Fuerza Armada** cuya esencia, cuyo corazón estructural, cuyos oficiales, suboficiales, tropas están conscientes de su **responsabilidad histórica**...⁹²
[R.P.]

O povo é representado como um setor que estava adormecido, sem acesso aos seus direitos, ignorante com relação a suas obrigações, mas que despertou e, agora, aliado a seus soldados das Forças Armadas, consegue despertar e ser protagonista de sua libertação, tornando-se, senhores [soberanos] de seu destino:

... **glorioso pueblo de Bolívar** – [...] si es verdad que durante muchos años **lo engañaron**, si es verdad que durante muchos años **lo manipularon**, si es verdad que durante muchos años a veces **lo llevaron como un borrego**, ha quedado demostrado que **ciertamente despertó como conciencia de su propia fuerza y se ha convertido en actor histórico que construye un nuevo camino**.⁹³ [R.P.]

É o *discurso da Soberania Popular* que também fundamenta o *Discurso da Ordem e da Legalidade*, como percebido na sequência de um trecho anterior em seu discurso:

“...y no se han dejado confundir ni manipular ni engañar y ha brotado desde el fondo de la situación, desde el fondo de un alma, de un cuerpo ha

⁹² O povo venezuelano e seus verdadeiros soldados, o povo venezuelano e suas Forças Armadas, esses soldados do povo escreveram, e isto não é grandiloquência, é uma verdade, é uma nova página e que grande página para a história venezuelana, da América Latina e também possa ser do mundo, exemplo de um povo que acordou definitivamente, de um povo que reconheceu e assumiu seus direitos, suas obrigações, das Forças Armadas cuja essência, cujo coração estrutural, cujos oficiais, sub-oficiais, tropas estão conscientes de sua responsabilidade histórica... [minha tradução]

⁹³ glorioso povo de Bolívar – [...] se é verdade que durante muitos anos o enganaram, se é verdade que durante muitos anos o manipularam, se é verdade que durante muitos anos às vezes os levaram como a um borrego, ficou demonstrado que certamente acordou como consciência de sua própria força e se transformou num ator histórico que constrói um novo caminho. [minha tradução].

brotado *esa fuerza que ha restituido la legitimidad y la Constitución de la República Bolivariana de Venezuela.*⁹⁴ [R.P.]

Esta aliança entre o *discurso da Soberania Popular* e o *da Legalidade e da Ordem* também pode ser percebida em outros trechos, como o seguinte:

...que todos los sectores del país terminemos de **aceptar** de una buena vez y definitivamente que aquí hay **un gobierno legítimamente constituido**, que aquí hay **una Constitución la más legítima** de toda nuestra historia enamorada, **discutida por el pueblo y aprobada por el pueblo.**⁹⁵ [R.P.]

O Discurso da Ordem, como normalização da vida pode ser percebido também numa articulação com o Discurso do Mundo da Vida, que se refere às práticas cotidianas:

Me han informado ahora que he llegado y venía desde el helicóptero veníamos desde La Orchila y venía viendo con preocupación algunas columnas de humo en algunas partes de Caracas y, me han informado que ha habido algunos disturbios en las últimas horas sobre todo en el día de hoy, y algunos saqueos en algunas partes de Caracas, y yo hago un llamado a todos ustedes compatriotas vuelvan a sus casas todos, vamos a casa, **vamos a reordenar la casa.** Vamos a reflexionar sobre la marcha y a **continuar trabajando.**⁹⁶ [R.P.]

Este chamado ao restabelecimento da ordem será reforçado pelo *Discurso Cristão* da Reconciliação, uma vez que o momento político vivido na Venezuela era de cisão e se fazia necessário restabelecer a ordem e a unidade. Abaixo segue o trecho que demonstra, como através do *Discurso Cristão*, Chávez representa essa necessidade imperiosa de reconciliação:

⁹⁴ “...e não se deixaram confundir nem manipular nem enganar e brotou desde o fundo da situação, desde o fundo de uma alma, de um corpo brotou essa força que restituiu a legitimidade e a Constituição da República Bolivariana da Venezuela” [minha tradução].

⁹⁵ ...que todos os setores do país acabemos por aceitar de uma vez por todas que aqui existe um governo legitimamente constituído, que aqui tem uma Constituição a mais legítima de toda nossa apaixonada história, discutida pelo povo e aprovada pelo povo [minha tradução].

⁹⁶ Informaram-me agora que chegou, e vinha desde o helicóptero vínhamos desde La Orchila e vinha vendo com preocupação algumas colunas de fumaças em algumas partes de Caracas, e informaram-me que ocorreram alguns distúrbios nas últimas horas, sobretudo no dia de hoje, e alguns saques em algumas partes de Caracas, e eu faço um chamado a todos vocês compatriotas que voltem para suas casas, todos, vamos para casa, vamos rearrumar nossa casa. Vamos refletir sobre o ocorrido e continuar trabalhando. [minha tradução].

A partir de este momento todo el mundo a la casa, todo el mundo a la familia. Vamos a recogernos allí en la casa, vamos a reflexionar. **Vamos a poner a Dios por delante, esta imagen del Cristo crucificado** [...] Pues **invoquemos a Cristo a Dios nuestro Señor y llenémonos de paz**, hace mucha paz espiritual en este momento para todo el país, para todos los sectores hago un llamado a la paz, hago **un llamado a la calma, hago un llamado a la racionalidad de todos. Hago un llamado a que volvamos a la reunión del país.**⁹⁷ [R.P.]

Chávez em diversos momentos de seus discursos mobiliza cenas validadas, “*que são cenas previamente instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos que se valorizam*” (MAINGUENEAU, 2001, p. 93) para compor uma cenografia⁹⁸ capaz de garantir-lhe força argumentativa a seus discursos. Costuma ser geralmente uma cenografia baseada no cristianismo [trechos e símbolos].

A cena validada nessa cenografia de uma família cristã é a da figura de Cristo como reconciliador [símbolo]. Uma imagem contraditória, mas que se sobrepõe entre redenção e arrependimento. A primeira figura, a do Cristo crucificado representa o esquema da redenção, em que um se sacrifica para o resgate dos demais. A segunda figura que se supõe nessa cenografia é como se fosse uma família cristã que estivesse desunida [o povo venezuelano] e o pai [o presidente] os chama [a todos] à reunião. Isso compreendido porque se refere ao discurso de Chávez no momento da restituição dos poderes, depois de ter sofrido um golpe de Estado. Isso suporia, pois, um ato de arrependimento de ambas as partes. O arrependimento, de acordo com Charaudeau (2006), age de modo mais restrito, pois salva só uma comunidade definida [a venezuelana, no exemplo], porém a salva duplamente: dela mesma, à medida que, sem esse chefe [Chávez], não haveria tido a iniciativa, e a salva de uma parte dela mesma, daqueles que estariam contra essa iniciativa – a oposição a Chávez.

⁹⁷ A partir deste momento todo mundo para casa, todo mundo em família. Vamos nos recolher para nossas casas e vamos refletir. Vamos colocar Deus à frente, esta imagem do Cristo crucificado [...] Pois invoquemos a Cristo, a Deus nosso Senhor e enchamo-nos de paz, precisamos de muita paz espiritual neste momento para todo o país, para todos os setores eu faço um chamado à paz, faço um chamado à calma, faço um chamado à racionalidade de todos. Faço um chamado a que nos voltemos para a reunião do país [minha tradução].

⁹⁸ A cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, [...] é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala e que se pode apoiar em cenas validadas, isto é, já instaladas na memória coletiva (MAINGUENEAU, 2001, p. 87-92).

Nesta cena política [cena englobante]⁹⁹, representada pelo discurso oral de um presidente a sua gente, como cena genérica¹⁰⁰, é que o discurso de Chávez constrói a cenografia cristã, a qual leva o quadro cênico a deslocar-se para o segundo plano; assim o povo que ouve a enunciação, recebe-a inicialmente como uma reflexão cristã, e não como um discurso político.

Chávez mais adiante em seu discurso visando reforçar o apelo à unidade, conta de uma conversa que teve com o cardeal Ignacio Velasco, da Igreja Católica:

Yo tuve por ejemplo en La Orchila hace unas horas una buena conversación con monseñor el cardenal Ignacio Velasco y le pedí que habláramos a solas a la orilla del mar y nos sentamos a la orilla del mar y, le dije: "**Monseñor vamos a orar a la orilla de este mar**", y **le pedí perdón y le dije que era necesario que todos los sectores del país pusiéramos mayor empeño toda la buena voluntad** que podamos para poder convivir en paz **aceptando las reglas del juego**, aceptando las normas de la convivencia ciudadana.¹⁰¹ [R.P.]

Aqui se faz presente a voz da Igreja que prega o perdão para a remissão dos pecados. É o *Discurso religioso Cristão* que remete ao "*Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*", palavras presentes no Pai Nosso, oração universalmente conhecida entre os cristãos. É preciso compreender que Ignacio Velasco era um dos bispos a quem Chávez chamava de "*diabos de batina*", como fora dito anteriormente na análise da intertextualidade. É perdoando que Chávez espera ser perdoado. E, desse modo, restabelecer a ordem.

O *Discurso religioso Cristão* serve como instrumento de legitimação do chamado de Chávez à unidade e à ordem, e assim é de tal forma que, ao referir-se à Constituição como símbolo da legalidade que chama todos a seguir, coloca-a abaixo apenas da Bíblia Sagrada. Quando afirma: "Siempre, siempre, y para siempre apegados a esta *casi* sagrada Constitución, después de la Biblia la Constitución

⁹⁹ Cena englobante para Maingueneau diz respeito ao tipo de discurso (MAINGUENEAU, 2001, p. 86).

¹⁰⁰ Cena genérica diz respeito ao gênero do discurso (MAINGUENEAU, 2001, p. 86-88).

¹⁰¹ Eu, por exemplo, tive há poucas horas na Orchila uma conversa com o monsenhor cardeal Ignacio Velasco e lhe pedi que falássemos a sós à beira do mar e nos sentamos à beira do mar, e lhe disse: "Monsenhor, vamos orar à beira deste mar", e lhe pedi perdão e lhe disse que era necessário que todos os setores do país nos empenhássemos ao máximo com toda a boa vontade que pudéssemos para conseguir conviver em paz aceitando as regras do jogo, aceitando as normas de convívio cidadão [minha tradução].

Bolivariana de Venezuela”¹⁰² [R.P.], Chávez opera uma articulação entre o *Discurso Cristão* e o *Discurso da Ordem e da Legalidade*, traduzindo aquele nos termos deste.

O *Discurso Bolivariano* se apresenta ainda como um *Discurso Humanista*, que respeita o ser humano, a dignidade, a liberdade de expressão e o direitos humanos em geral, e se demonstra contrário a quaisquer formas de retaliação ou perseguição. Concordo com Fairclough (2003, p. 125) quando afirma que: “listar é um mecanismo textual para realizar a combinação de discursos que constituem o novo discurso [minha tradução].”¹⁰³ Assim, na busca de constituir o seu discurso bolivariano como um *Discurso Humanista*, Chávez declara:

...nosotros los revolucionarios **somos humanistas, respetamos al ser humano, respetamos la dignidad** y tenemos que demostrarlo sobre todo en momentos como este, así que ninguna retaliación, aquí no habrá ninguna cacería de brujas, no vengo con ánimos revanchistas. No. Aquí **no habrá persecuciones**, aquí **no habrá atropellos ni abusos, ni irrespetos a la libertad de expresión o de pensamientos, a los Derechos Humanos en forma general.**¹⁰⁴ [R.P.]

Esse *Discurso Humanista* se faz presente também na representação da solidariedade dos soldados com relação a Chávez, durante o momento em que esteve sob a custódia dos golpistas: “*donde me llevaban conseguía el abrazo de los muchachos, y hasta lágrimas. Los que me llevaban la comida se quedaban un rato ahí, diciéndome algo, dándome aliento.*”¹⁰⁵ [R.P.], demonstrando assim o elo que une Chávez aos seus soldados, a maior parte tendo permanecido leal a ele, o que foi um dos fatores que propiciou o seu retorno ao poder.

É para ajudar a construir uma representação de si como igual ao seu povo e aos seus soldados que Chávez recorre ao *Discurso do Mundo da Vida*:

¹⁰² “Sempre, sempre e para sempre apegados a esta quase sagrada Constituição, depois da Bíblia, a Constituição Bolivariana da Venezuela [minha tradução].

¹⁰³ listing is a texturing device for effecting the combination of discourses which constitute the new discourse [texto original].

¹⁰⁴ Nós os revolucionários somos humanistas, respeitamos o ser humano, a dignidade e temos que demonstrá-lo, sobretudo, em momentos como este, assim, não haverá aqui nenhuma retaliação, nenhuma caça às bruxas, não venho com ânimos revanchistas. Não. Aqui não haverá perseguições, aqui não haverá violências nem abusos, nem desrespeitos à liberdade de expressão ou de pensamentos, aos Direitos Humanos, de uma forma em geral [minha tradução].

¹⁰⁵ Para onde quer que me levassem recebi o abraço dos rapazes, e até lágrimas. Os que me traziam a comida ficavam um momento ali, dizendo-me uma coisas, dando-me uma alento [minha tradução].

Estaba lavando interiores y lavando un par de medias [...] Lavando una franela. Me puse a trotar un rato y corrí con unos muchachos allá comando, no tanto como ellos que son comandos entrenados, un sol sabroso hacía en Turiamo, y cuando llego a darme un baño, entonces me voy a vestir y me apuran que llegó el helicóptero.¹⁰⁶ [R.P.]

O *Discurso do Mundo da Vida* ajuda também a constituir para ele a representação de um chefe de família: “...pensando en muchas cosas, en la familia, Marisabel, pude hablar con ella; mis hijos, mis 5 hijos. ¿Dónde estarán -decía- Dios? ¡Cúídamelos!”¹⁰⁷ [R.P.], e de um homem sensível: “Sí. Miren, me había puesto a escribir unos poemas, no pude terminar ni el primero, no me dieron tiempo ni de descansar un día, y se los agradezco mucho”¹⁰⁸ [R.P.].

O *Discurso Cristão* mais uma vez se faz presente na representação da reconciliação como necessidade imperiosa para a reunificação do país, em torno de um objetivo maior: “el sueño de Bolívar”¹⁰⁹. Bolívar é o *Pai da Pátria*, é uma figura extremamente positiva na memória coletiva do povo venezuelano, logo, é mais uma vez, em nome dele, depois de Deus, que Chávez faz um chamado à reconciliação:

...hago un llamado sobre todo -y **agarro la cruz**- hago un llamado a los dueños de los medios de comunicación. **¡Por Dios!** Reflexionen pero de una vez, este país también es de ustedes, yo también tengo que reflexionar muchas cosas. Sí. Lo he hecho en muchas horas. Y me traigo lecciones aquí y aquí, que no voy a olvidar, de tanto pensar, de tanta angustia, de tanto dolor, de tanta incertidumbre. Así que vengo dispuesto a rectificar donde tenga que rectificar, pero no sólo debo ser yo el rectificador, todos tenemos que rectificar muchas cosas para que volvamos a la calma, al trabajo, al empuje y a la construcción de la Venezuela bolivariana, para que sigamos construyéndole la patria a nuestros hijos, a nuestros nietos; para que sigamos haciendo realidad **el sueño de Bolívar**.¹¹⁰ [R.P.]

¹⁰⁶ Estava lavando as peças íntimas e lavando um par de meias [...] Lavando uma flanela. Fui então trotar um pouco e corri com uns rapazes do comando, não tanto como eles que são treinados, fazia um sol delicioso em Turiamo, e quando fui tomar banho, depois me vestir, me dão conta de que chegou o helicóptero. [minha tradução].

¹⁰⁷ “...pensando em muitas coisas, na família, Marisabel, pude falar com ela; meus filhos, meus 5 filhos. Onde estarão – dizia – Deus? Cuide deles! [minha tradução].

¹⁰⁸ Sim. Vejam, comecei a escrever uns poemas, não pude terminar nem o primeiro, não me deram tempo nem para descansar um dia, e os agradeço muito. [minha tradução].

¹⁰⁹ o sonho de Bolívar. [minha tradução].

¹¹⁰ ...faço um chamado, - e agarro a cruz – sobretudo, faço um chamado aos donos dos meios de comunicação. Por Deus! Reflitam, porém, de uma vez, que este país também é de vocês, eu também preciso tenho de refletir muitas coisas. Sim. Fiz isso por muitas horas. E trago comigo lições daqui e dacolá, que não vou esquecer, de tanto pensar, de tanta angústia, de tanta dor, de tanta incerteza. É assim que venho disposto a retificar onde seja preciso retificar, mas não sou só eu quem devo ser o retificador, todos precisamos retificar muitas coisas para que voltemos à tranquilidade, ao trabalho, ao

O *Discurso Cristão* da reciprocidade, do “*perdoar para ser perdoado, dando que se recebe...*” gera um efeito de sentido da reconciliação entre as partes envolvidas no conflito. Assim, Chávez pede: “*Reflexionen*” e em seguida se compromete: “*Yo también tengo que reflexionar*”, se dispõe a “*rectificar*”, mas ressalva que isso todos devem fazer: “*todos tenemos que rectificar...*” Reciprocidade confirmada com a penúltima oração de seu discurso: “*Amor con amor se paga*”, que além de remeter a um ditado popular, lembra também a oração de São Francisco de Assis, santificado pela Igreja Católica, que diz: “*Amar que ser amado. Pois é dando que se recebe...*”

Percebi, com a análise da interdiscursividade no pronunciamento de Restituição dos Poderes do presidente Hugo R. Chávez Frías, que, por tratar-se de um momento de enorme conflito em seu país, em que foi vítima de um golpe de Estado, precisou recorrer a diversos discursos que pudessem garantir um efeito de retorno à normalidade. Assim, vários discursos foram articulados com o *Discurso da Ordem*. E para a constituição das representações de seu *Discurso Bolivariano*, Chávez se utilizou dos *Discursos Cristão*, da *Soberania Popular*, da *Libertação*, *Humanista*, do *Mundo da Vida* e o *da Ordem e da Legalidade*, todos se complementando mutuamente, buscando constituir o seu discurso como a representação de um discurso cristão, popular, libertador, humanista, preocupado com as questões que afligem o mundo da vida das pessoas, e com o respeito à ordem e à legalidade.

4.2.1.2 Análise da Interdiscursividade no Pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU (2006)

O pronunciamento do presidente Hugo R. Chávez Frías por ocasião da LXI Assembleia Geral da ONU, a partir de agora, intitulado LXI-ONU, é representado predominantemente como um *Discurso Anti-imperialista* que se constitui a partir da polêmica com o *Discurso Imperialista*, contra o qual se trava uma disputa

estímulo e à construção da Venezuela bolivariana, para que continuemos construindo a pátria para nossos filhos, nossos netos; para que continuemos tornando real o sonho de Bolívar [minha tradução].

hegemônica, em nível semiótico, pela desestabilização de sentidos dos signos tal como utilizados pelo *Discurso Imperialista*.

Apresenta ainda em sua constituição discursos com os quais corrobora, como o *Discurso de Futuro* [que promete ser melhor que o presente], de *Refundação*, de *Soberania Nacional*, de *Perseverança* e um *Discurso Sulista*, cujas representações participam, de maneira articulada, da constituição do *Discurso Anti-imperialista*, que se apresenta logo no começo do discurso de Chávez ao solicitar a leitura do livro de Noam Chomsky¹¹¹, cujo título opõe dois signos: *hegemonia* ou *sobrevivência*, de modo a representar o poderio estadunidense como uma ameaça à própria sobrevivência da espécie humana: “*la pretensión hegemónica del imperialismo norteamericano pone en riesgo la supervivencia misma de la especie humana*”.¹¹²

O *Discurso Cristão* que vê na figura do diabo a encarnação do mal¹¹³, é utilizado por Chávez para descrever aquele que simboliza a representação do imperialismo, o presidente George W. Bush, e dividir a nação norte-americana, cujo presidente deve ser combatido, ao tempo em que ele, Chávez, coloca-se numa posição de igualdade com os cidadãos daquele país: “*ciudadanos **hermanos y hermanas** de los Estados Unidos*”¹¹⁴, todos filhos de Deus e de uma mesma América.

Outra estratégia de desqualificação do adversário é a de descrevê-lo como um ser perturbado, louco. Desse modo, Chávez recorre ao *discurso médico-psiquiátrico* quando diz: “*Un psiquiatra no estaría demás para analizar el discurso de ayer del Presidente de los Estados Unidos*”.¹¹⁵

¹¹¹ Linguista norte-americano reconhecido internacionalmente não apenas por seu trabalho acadêmico, mas também por sua militância anti-globalização.

¹¹² A pretensão hegemônica do imperialismo norte-americano põe em risco a própria sobrevivência da espécie humana [minha tradução].

¹¹³ Ver o artigo “*As imagens das figuras de Satanás na Bíblia Hebraica como tipologia do mal*”, de Wandermurem (2006).

¹¹⁴ Cidadãos irmãos e irmãs dos Estados Unidos [minha tradução].

¹¹⁵ Bastaria um psiquiatra para analisar o discurso de ontem do Presidente dos Estados Unidos [minha tradução].

E nesta disputa por sentidos, é que Chávez questiona a legitimidade e o modo como o conceito de *democracia* é utilizado no *Discurso Imperialista*, ironizando-o como “*muito original*”:

El discurso del Presidente-tirano mundial, lleno de cinismo, lleno de hipocresía, es la hipocresía imperial, el intento de controlar todo. Ellos quieren **imponernos el modelo democrático** como lo conciben: **la falsa democracia** de las élites. Y además un modelo democrático **muy original: ¡impuesto a bombazos, a bombardeos y a punta de invasiones y de cañonazos!** ¡Vaya qué democracia! Habría que revisar las tesis de Aristóteles, ¿no? Y de los primeros que hablaron por allá en Grecia, de la democracia, a ver qué modelo de democracia es ése, el **que se impone a punta de marines, de invasiones, de agresiones y de bombas.**¹¹⁶ [LXI-ONU]

Neste mesmo trecho acima referido, Chávez torna presente o *Discurso da Democracia*, como concebido pelos gregos, nas teses de Aristóteles, para afirmar que não se pode haver democracia quando ela é imposta, sobretudo, a base de invasões, agressões, bombas e outros artifícios de violência.

O vocábulo *extremistas*, comum ao *Discurso Imperialista*, é polemizado por Chávez:

Dice el Presidente de los Estados Unidos ayer, en esta misma sala, lo siguiente: “Hacia dondequiera que usted mira, oye a extremistas **que le dicen que puede escapar de la miseria** y recuperar su dignidad **a través de la violencia, el terror y el martirio**”. ¡Dondequiera que él mira ve a extremistas! Yo estoy seguro de que te ve a ti, hermano, con ese color, y cree que eres un extremista. Con este color, **Evo Morales** —que vino ayer, el digno presidente de Bolivia— es **un extremista**. Por todos lados ven extremistas los imperialistas.¹¹⁷ [LXI-ONU]

¹¹⁶ O discurso do Presidente-tirano mundial, cheio de cinismo, cheio de hipocrisia, é a hipocrisia imperial, a tentativa de controlar tudo. Eles querem nos impor o modelo democrático como o concebem: a falsa democracia das elites. E ainda um modelo democrático muito original: imposto a explosões, a bombardeios e à base de invasões e de cacetadas! Isso que é democracia! Tinha que revisar as teses de Aristóteles, não? E dos que primeiro falaram, lá na Grécia, da democracia, para saber que modelo de democracia é esse, o que se impõe à base de marines, de invasões, de agressões e de bombas [minha tradução].

¹¹⁷ O presidente dos Estados Unidos disse ontem, nesta mesma sala, o seguinte: “Para onde quer que você olhe, ouve extremistas que lhe dizem que se pode escapar da miséria e recuperar a dignidade através da violência, do terror e do martírio. Para onde quer que ele olhe ele vê extremistas! Eu estou certo de que é assim que ele te vê, irmão, com este matiz, e acredita que você é um extremista. Com este matiz, Evo Morales – que veio ontem, o digno presidente da Bolívia – é um extremista. Por todos os lados vêem extremistas os imperialistas [minha tradução].

No *Discurso Imperialista*, aqueles que defendem o fim da miséria e a recuperação da dignidade de seus povos [contra o modelo estadunidense], fazem-no na base da violência, do terror e do martírio. Esta representação coloca Evo Morales, Chávez e diversos outros aliados seus com esta “coloração” de *extremista*, que é contestada com um *Discurso de Soberania Nacional*, a partir de um chamado à insurgência:

No, no es que somos extremistas; lo que pasa es que el mundo está despertando y por todos lados insurgimos los pueblos. Yo tengo la impresión, señor dictador imperialista, de que usted va a vivir el resto de sus días con una pesadilla, porque por dondequiera que vea, vamos a surgir **nosotros, los que insurgimos contra el imperialismo norteamericano**, los que **clamamos por la libertad plena del mundo, por la igualdad de los pueblos, por el respeto a la soberanía de las naciones.**¹¹⁸ [LXI-ONU]

Através de um *Discurso de Soberania Nacional*, Chávez ressignifica aqueles a quem Bush chamou de *extremistas* como os povos que lutam pelo *respeito à soberania das nações*, pela *igualdade dos povos*, pela *liberdade plena do mundo* e que são qualificados como *extremistas* porque se insurgem contra o imperialismo estadunidense, representado por Chávez como uma ditadura mundial.

É contra este modelo imperialista que Chávez, através do *Discurso da Soberania Nacional*, chama todos à insurgência. Charaudeau (2006, p. 238) afirma que em nome da soberania popular costumam ser praticados atos de insubmissão. Neste caso, trata-se de um ato de insurgência dos povos dos países explorados contra a potência imperialista, como ocorre também em outro trecho, cuja referência à palavra povo, por exemplo, é feita dez vezes. Neste trecho a voz desses povos aparece como um *grito* que irrompe por todas as partes contra o império ianque:

“Al **pueblo** de Irán le digo..., al **pueblo** del Líbano le digo..., al **pueblo** de Afganistán le digo...”. Bueno, uno se pregunta: así como el Presidente de los Estados Unidos le dice “le digo...” a esos **pueblos**, ¿qué le dirían esos **pueblos** a él, si esos **pueblos** pudieran hablar?, ¿qué le dirían? Yo se los voy a recoger porque conozco a la mayor parte del alma de esos **pueblos**, los **pueblos** del Sur, los **pueblos** atropellados. Dirían: “Imperio yankee go

¹¹⁸ Não, não é que sejamos extremistas; o que ocorre é que o mundo está acordando e por todos os lados insurgimos os povos. Eu tenho a impressão, senhor ditador imperialista, de que você vai viver o resto de seus dias com um pesadelo, porque por onde quer que você olhe, surgiremos nós, os que nos insurgimos contra o imperialismo norte-americano, os que clamamos pela liberdade plena do mundo, pela igualdade dos povos, pelo respeito à soberania das nações [minha tradução].

home”, ése sería el grito que brotaría por todas partes si los **pueblos** del mundo pudieran hablarle a una sola voz al imperio de los Estados Unidos.¹¹⁹
[LXI-ONU]

Ante o *Discurso Imperialista*, representado pelo presidente Bush que fala aos demais povos como quem manda, insurge-se uma voz, a dos *Povos do Sul*, os povos explorados, entre os quais, está Venezuela, que o mandam embora: “go home”. É um discurso que constrói uma polarização entre os povos do Norte e do Sul. O Norte representa os países dominantes, e o Sul os países explorados. Esta representação de um *Discurso Sulista* se faz presente também nesta passagem já no final de seu pronunciamento:

[...] ahí nació un movimiento muy fuerte: **el del Sur**. Nosotros **somos** hombres y mujeres **del Sur**, nosotros somos portadores, con estos documentos, con estas ideas, con estas críticas, con estas reflexiones [...] Creo que a Naciones Unidas tenemos que ubicarla en otro país, en alguna ciudad **del Sur**, hemos propuesto desde Venezuela.¹²⁰

Neste embate entre o *Discurso Imperialista* e *Anti-Imperialista*, o vocábulo de paz também é disputado como um signo ideologicamente marcado:

Luego, el señor Presidente vino a hablarles, así lo dijo: “Hoy quiero hablarles directamente a las poblaciones del Oriente Medio, **mi país desea la paz...**”. Esto es cierto. Si nosotros nos vamos por la calles del Bronx, si nosotros nos vamos por las calles de Nueva York, de Washington, de San Diego, de California, de cualquier ciudad, de San Antonio, de San Francisco y le preguntamos a la gente en las calles, a los ciudadanos estadounidenses. **Este país quiere la paz**. La *diferencia* está en que **el Gobierno de este país**, de Estados Unidos, **no quiere la paz**, quiere imponernos su modelo de explotación y de saqueo, y su hegemonía a punta de guerras. Ésa es la pequeña diferencia, quiere la paz, ¿y qué está pasando en Irak?, ¿y qué ha pasado en el Líbano y en Palestina?, ¿y qué ha pasado en 100 años, pues, en América Latina y en el mundo? Y ahora las amenazas contra Venezuela, nuevas amenazas contra Venezuela, nuevas amenazas contra Irán...¹²¹ [LXI-ONU]

¹¹⁹ Vide tradução anterior na página 135.

¹²⁰ [...] aí nasceu um movimento muito forte: o do Sul. Nós somos homens e mulheres do Sul, nós somos portadores, com estes documentos, com estas ideias, com estas críticas, com estas reflexões [...] Acredito que as Nações Unidas temos que localizá-la em outro país, em alguma cidade do Sul, propusemos isso a partir da Venezuela [minha tradução].

¹²¹ Depois, o senhor Presidente veio lhes falar, disse assim: “Hoje eu quero falar diretamente às populações do Oriente Médio, meu país deseja a paz...”. Isto é verdade. Se nós andarmos pelas ruas do Bronx, se nós andarmos pelas ruas de Nova Iorque, de Washington, de San Diego, da Califórnia, de qualquer cidade, de San Antonio, de San Francisco e perguntarmos ao povo nas ruas, aos cidadãos estadunidenses. Este país quer a paz. A diferença é que o Governo deste país, dos Estados Unidos, não quer a paz, quer nos impor seu modelo de exploração e de saque, e sua hegemonia à

O *Discurso Imperialista* busca construir o conceito de *paz* como submissão à Ordem mundial, sob o domínio dos Estados Unidos, por isso Bush se dirige ao Oriente Médio, numa manobra discursiva para responsabilizar os militantes palestinos como causadores da desordem, por resistirem à ocupação de seus territórios por Israel, aliado dos Estados Unidos, além de referir-se a outros povos daquela região considerada estratégica para as pretensões políticas, econômicas e militares do governo norte-americano. A paz seria a aceitação do *status quo*, da situação vigente.

Chávez, mais uma vez, opera discursivamente, com a estratégia de divisão do adversário ao afirmar que, de fato, o país norte-americano quer a paz, mas é o seu povo quem a deseja, não o seu governo. E desestabiliza o sentido ideológico do signo *paz*, tal como usado pelo governo estadunidense e seus aliados, questionando como se pode querer a paz, se eles [os imperialistas] são os principais responsáveis por desencadear guerras e destruições. E a disputa sígnica segue com o vocábulo *fogo*:

[Bush] Le habló al pueblo del Líbano: “Muchos de ustedes han visto cómo sus hogares y sus comunidades quedaron atrapadas en el **fuego cruzado**”. ¡Vaya qué cinismo!, ¡vaya qué capacidad para mentir descaradamente ante el mundo! **Las bombas en Beirut, lanzadas con precisión milimétrica, ¿son fuego cruzado?** Creo que el Presidente está pensando en las películas del Oeste, cuando se disparaba desde la cintura y alguien quedaba atravesado en el fuego cruzado. **¡Fuego imperialista, fuego fascista, fuego asesino y fuego genocida, el del imperio y el de Israel contra el pueblo inocente de Palestina y el pueblo del Líbano!** ¡Ésa es la verdad!¹²² [LXI-ONU]

No discurso do dia anterior na LXI-ONU, o presidente estadunidense teria sugerido que a morte de mais de mil pessoas no Líbano teria sido provocado

base de guerras. Essa é a pequena diferença, quer a paz, e o que está acontecendo no Iraque? O que ocorreu no Líbano e na Palestina? O que tem acontecido em 100 anos, pois, na América Latina e no mundo? E agora as ameaças contra a Venezuela, novas ameaças contra a Venezuela, novas ameaças contra o Irã... [minha tradução].

¹²² [Bush] disse para o povo do Líbano: “Muitos de vocês viram como seus lares e suas comunidades ficaram destruídas no fogo cruzado”. Quanto cinismo! Que capacidade para mentir descaradamente diante do mundo! As bombas em Beirute, lançadas com precisão milimétrica, são fogo cruzado? Acho que o Presidente está pensando nos filmes do Oeste, quando se disparava desde a cintura e alguém ficava atravessado no fogo cruzado. Fogo imperialista, fogo fascista, fogo assassino e fogo genocida, o do império e o de Israel contra o povo inocente da Palestina e o povo do Líbano! Essa é a verdade! [minha tradução].

por fogo cruzado entre os libaneses e israelenses. Porém, é sabido, conforme noticiado na imprensa internacional¹²³, que os mísseis de Israel tinham uma precisão milimétrica, ao contrário das armas em poder dos libaneses. Na verdade, trata-se de contestar aqui a posição dos Estados Unidos, que foram responsáveis, no Conselho de Segurança da ONU, por vetarem uma resolução de solução do conflito, até que Israel destruísse bases militares e aeroportos do Líbano. Assim, o fogo que é denominado pelos Estados Unidos, como *fogo cruzado*, é requalificado por Chávez como *fogo imperialista, fascista, assassino e genocida*.

O vocábulo *terrorista*, comum ao léxico do *Discurso Imperialista*, tem seu sentido subvertido na medida em que Chávez utiliza-o para referir-se às atrocidades praticadas por setores que têm a cumplicidade do governo norte-americano:

Luis Posada Carriles se llama **el terrorista**, está protegido aquí. Como protegidos están aquí grandes **corruptos** que se fugaron de Venezuela; un **grupo de terroristas** que allá pusieron bombas contra embajadas de varios países, que allá **asesinaron** gente durante el golpe de Estado, **secuestran** a este humilde servidor y lo iban a fusilar, sólo que Dios metió su mano, y un grupo de buenos soldados y un pueblo que se fue a las calles; y de milagro estoy aquí. Están aquí, **protegidos por el Gobierno de Estados Unidos** los líderes de aquel golpe de Estado y de aquellos actos terroristas. Yo **acusó al Gobierno de Estados Unidos de proteger al terrorismo**, y de tener un discurso totalmente cínico.¹²⁴ [LXI-ONU]

Chávez responsabiliza o governo estadunidense por proteger e abrigar terroristas, golpistas, corruptos, sequestradores e assassinos, mantendo-os livres. A subversão daqueles a quem o vocábulo *terrorista* se propõe a designar no *Discurso Imperialista* fica explícita, a partir da operação de ressignificação que Chávez faz em seu discurso. Exponho aqui um jogo de inversão dos sentidos que pode ser vista

¹²³ Ver repercussão na imprensa local no sítio eletrônico: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u98496.shtml>>. Acessado em: 04.01.2012. Ver também *España y el conflicto del Líbano*, Ministerio de Defensa de España, nov/2007. Disponível em: <http://www.ceseden.es/centro_documentacion/documentos/16.pdf>. Acessado em: 04.01.2012.

¹²⁴ Luis Posada Carriles é assim que se chama o terrorista, está protegido aqui. Como protegidos estão aqui grandes corruptos que fugiram da Venezuela; um grupo de terroristas que lá colocaram bombas contra embaixadas de vários países, que lá assassinaram gente durante o golpe de Estado, sequestraram este humilde servidor e fusilariam, só que Deus colocou sua mão, e um grupo de bons soldados e um povo que foi às ruas; e por um milagre eu estou aqui. Estão aqui, protegidos pelo Governo dos Estados Unidos os líderes daquele golpe de Estado e daqueles atos terroristas. Eu acuso o Governo dos Estados Unidos de proteger o terrorismo, e de ter um discurso totalmente cínico [minha tradução].

claramente no trecho, quando Chávez devolve a acusação de terrorista ao governo estadunidense, que costuma em seus pronunciamentos insinuar o apoio da Venezuela a movimentos que a potência imperialista designa como terroristas: “*El Gobierno de los Estados Unidos tiene un doble rasero y protege el terrorismo. Estas reflexiones, para decir que Venezuela está comprometida en la lucha contra el terrorismo*”.¹²⁵ [LXI ONU].

O *Discurso de Refundação* é mobilizado como uma necessidade histórica pelo *Discurso Anti-Imperialista*, para reformular os organismos multilaterais, neste caso, o maior deles, a ONU, cujo sistema colapsou, entre outros motivos, pela *pretensão imperialista norte-americana*, nas palavras do presidente venezuelano.

O Discurso de Refundação é baseado na ampliação do multilateralismo:

Primero, la expansión —ayer lo decía Lula aquí mismo— del Consejo de Seguridad, tanto en sus categorías permanentes como en las no permanentes, dando entrada a nuevos países desarrollados y a países subdesarrollados, el tercer mundo, como nuevos miembros permanentes. Eso en primer lugar.¹²⁶ [LXI-ONU]

Na eficácia e na transparência: “*En segundo lugar, la aplicación de métodos eficaces de atención y resolución de los conflictos mundiales, métodos transparentes de debate, de decisiones*”¹²⁷ [LXI ONU].

Na democracia, com a supressão de mecanismos anti-democráticos como o veto: “*Tercero, nos parece fundamental la supresión inmediata —y eso es un*

¹²⁵ O Governo dos Estados Unidos tem dois pesos e duas medidas e protege o terrorismo. Estas reflexões, para dizer que a Venezuela está comprometida com a luta contra o terrorismo [minha tradução].

¹²⁶ Primeiro, a expansão – ontem dizia Lula aqui mesmo – do Conselho de Segurança, tanto nas suas categorias permanentes como nas não permanentes, dando entrada a novos países desenvolvidos e a países subdesenvolvidos, o terceiro mundo, como novos membros permanentes. Isso em primeiro lugar. [minha tradução].

¹²⁷ Em segundo lugar, a aplicação de métodos eficazes de atenção e resolução dos conflitos mundiais, métodos transparentes de debate, de decisões [minha tradução].

*clamor de todos— de ese mecanismo antidemocrático del veto, el veto en las decisiones del Consejo de Seguridad*¹²⁸ [LXI ONU].

E no fortalecimento de suas instâncias e dos papéis de seus representantes: “*Y en cuarto lugar, necesario fortalecer —decimos siempre— el papel, las atribuciones del secretario general de Naciones Unidas.*”¹²⁹ [LXI ONU].

Desse modo, o *Discurso Anti-Imperialista* se constitui como um discurso que se compromete com o multilateralismo das relações diplomáticas internacionais, evitando concentrar os poderes nas mãos de um único país, como seria o caso do que hoje ocorre, através da dominação estadunidense, apesar da existência de vários organismos multilaterais internacionais.

O *Discurso Anti-imperialista* é representado ainda como uma voz independente, relacionada àqueles que, como Chávez, não estão submissos aos ditames do governo norte-americano. A Venezuela se coloca, através de Chávez, como essa voz: “*una voz independiente somos para representar la dignidad y la búsqueda de la paz, la reformulación del sistema internacional; para denunciar la persecución y las agresiones del hegemonismo contra los pueblos del planeta*”¹³⁰ [LXI ONU].

Uma voz que representa também o *Discurso do Futuro*, simbolizado por uma *nova era*, um *amanhecer*, um *mundo novo e melhor*. É um discurso que se constitui como uma promessa, mediante o otimismo que persevera, apesar dos obstáculos:

...creo que hay razones para que seamos optimistas, irrenunciamente optimistas, diría un poeta, porque más allá de las amenazas, de las bombas, de las guerras, de las agresiones, de la guerra preventiva, de la destrucción de pueblos enteros, uno puede apreciar que se está levantando **una nueva era**, como canta Silvio Rodríguez: “**La era está pariendo un corazón**”. Se levantan corrientes alternativas, pensamientos alternativos,

¹²⁸ Terceiro, nos parece fundamental a supressão imediata – e isso é um clamor de todos – desse mecanismo anti-democrático do veto, o veto nas decisões do Conselho de Segurança [minha tradução].

¹²⁹ E em quarto lugar, necessário fortalecer – dizemos sempre – o papel, as atribuições do secretário geral das Nações Unidas [minha tradução].

¹³⁰ Uma voz independente somos para representar a dignidade e a busca da paz, a reformulação do sistema internacional; para denunciar a perseguição e as agressões do hegemonismo contra os povos do planeta [minha tradução].

movimientos alternativos, juventudes con pensamiento distinto; se demostró ya en apenas una década que era totalmente falsa la tesis del fin de la historia, totalmente falsa la tesis de la instauración del imperio americano, de la pax americana, la instauración del modelo capitalista, neoliberal que lo que genera es miseria y pobreza, es totalmente falsa la tesis, se vino abajo, ahora hay que definir el futuro del mundo. Hay **un amanecer** en el planeta y se ve por todas partes, por América Latina, por Asia, por África, por Europa, por Oceanía. Quiero resaltar esa visión de optimismo para que fortalezcamos nuestra conciencia y nuestra voluntad de batalla por **salvar al mundo** y construir un **mundo nuevo**, un **mundo mejor**.¹³¹ [LXI-ONU]

Esta nova era é representada como uma tomada de consciência pelos *Povos do Sul* [*Discurso Sulista*], explorados, que resolvem enfrentar todas as dificuldades [perseverança], para não mais subordinar-se aos ditames *imperialistas* da potência do Norte [*Discurso da Soberania*], baseada, portanto, numa *Refundação* das relações entre os povos e as nações do mundo inteiro, capaz de construir um *mundo de paz*. É nessa tessitura que o discurso de Chávez, como representante da *Pátria de Bolívar*, constitui-se como um discurso *Anti-Imperialista*. Assim, a unidade dos *povos do Sul*, entre os quais, significativamente, no caso da América, são os povos situados ao sul do Rio Bravo e da península da Flórida, a unidade latino-americana, é representada como força contra-hegemônica capaz de fazer frente, se unida, ao poderio estadunidense.

4.2.1.3 Análise da Interdiscursividade no Pronunciamento de Posse do 3º Mandato (2007)

Na análise do pronunciamento do presidente Hugo Chávez, por ocasião da posse de seu 3º mandato presidencial [a partir de agora, PP], identifiquei uma longa cadeia interdiscursiva na base de constituição de seu discurso de

¹³¹ ...acredito que há razões para sermos otimistas, irrenunciavelmente otimistas, diria um poeta, porque para além das ameaças, das bombas, das guerras, das agressões, da guerra preventiva, da destruição de povos inteiros, a gente pode perceber que está se levantando uma nova era, como canta Silvio Rodríguez: “A era está parindo um coração”. Levantam-se correntes alternativas, pensamentos alternativos, movimentos alternativos, juventudes com pensamento diferente; demonstrou-se em menos de uma década que era totalmente falsa a tese do fim da história, totalmente falsa a tese da instauração do império americano, da pax americana, a instauração do modelo capitalista, neoliberal que o que gera é miséria e pobreza, é totalmente falsa a tese, veio abaixo, agora é preciso definir o futuro do mundo. Há um amanhecer no planeta e se vê por todas as partes, pela América Latina, pela Ásia, pela África, pela Europa, pela Oceania. Quero ressaltar essa visão de otimismo para que fortaleçamos nossa consciência e nossa vontade de luta para salvar o mundo e construir um mundo novo, um mundo melhor [minha tradução].

mandatário como um discurso bolivariano. Um *Discurso da Ordem*, uma vez que é como representante da ordem constitucional vigente que Chávez se mostra mais uma vez e, especialmente, nesse momento, em que se trata de sua investidura no cargo de Chefe de Estado, chefe da nação venezuelano. *Discursos do Mundo da Vida, Marxista, Cristão, de Libertação, Socialista, Democrático, da História e Tradição, de Futuro, Anti-Oligárquico, da Soberania Popular, da Cultura*, articulam-se na composição do discurso do presidente venezuelano que busca uni-los todos numa única representação do *Discurso Bolivariano*, que se referencia nas ideias manifestas pelo Pai da Pátria, Simón Bolívar, em cartas, manifestos, juramentos e discursos¹³².

Chávez costuma adotar em seus discursos um tom conversacional que o aproxima dos demais locutores. E visando torná-lo ainda mais próximo, é com um *Discurso do Mundo da Vida* que Chávez dá início ao seu pronunciamento presidencial: “*Le estoy viendo la cara a mi mamá, y estará diciendo: ¿Qué irá a decir ese muchacho?*”¹³³ e desse modo constrói para si a representação de alguém ligado à família, em especial, neste caso, à sua mãe. A cena familiar é normalmente utilizada pelos políticos não apenas para aproximar-se do povo que o elegeu, mas para demonstrar que seu caráter é o mesmo tanto na vida privada quanto em todas as circunstâncias da vida.

Os discursos de *História e Tradição* e de *Futuro* contribuem para uma representação retrospectiva e prospectiva do mundo: olhar como era, aprender com isso e mudar, sabendo que o novo é parcialmente constituído pelas contradições do velho. Por isso, corroborando com o que disse, anteriormente ao seu discurso, a presidenta da Assembleia Nacional, Chávez atesta:

Lo recordaba la Presidenta de la Asamblea Nacional: **de dónde venimos**, es fundamental, siempre, siempre fundamental, amigos y amigas, **el conocimiento de la historia**, y no olvidar de dónde venimos, cuáles son **nuestras raíces**, las causas que generaron los acontecimientos que aquí nos trajeron a todos nosotros ¡Es esencial! Por eso decía, la última década del siglo XX fue estremecida y estremecedora. Desde antes de comenzar. 1989, amaneciendo la última década, la explosión de las fuerzas retenidas

¹³² Aqui discurso é utilizado numa acepção de pronunciamento político oral.

¹³³ Estou vendo a cara de minha mãe, e deve estar dizendo: Que esse rapaz vai dizer? [minha tradução].

durante ¡Cuánto tiempo! Fuerzas éticas, morales y espirituales de un pueblo reprimido explotaron aquel 27 de febrero por estas mismas calles, y luego el 4 de febrero de 1992 y 27 noviembre de 1992. Tres terremotos políticos que fueron señalando **el fin de una época**, anunciando más bien el fin de una época y **el advenimiento de una Nueva Época**. De allí venimos, tal cual lo prueba la gran crisis, **crisis histórica**.¹³⁴ [PP]

Essa representação retrospectiva e prospectiva da história serve normalmente aos políticos para mostrar-se como representantes de uma nova época, de um novo ciclo, capaz de ser melhor com relação ao anterior. Por isso, Chávez lembra o Caracazo de 1989 e as duas tentativas de golpe militar em 1992. Esta visão de novo como uma ruptura do passado, mas com elementos dele, é reforçada com o *Discurso do Marxismo* sobre o conceito de crise de acordo com as palavras de Gramsci citadas por Chávez: *Voy a recordar a Antonio Gramsci: “Una crisis histórica consiste en que lo viejo muere sin que pueda nacer lo nuevo”*.¹³⁵ Na verdade, Gramsci¹³⁶ trabalha com o conceito de crise orgânica do capital, em que há a abertura de uma “*janela histórica*”, com possibilidade tanto da ascensão de movimentos anti-sistêmicos, como da retomada do poder por grupos reacionários. Outra articulação com o *Discurso Marxista* é feita quando Chávez defende o caráter permanente da revolução, citando as palavras de Trótsky: “*La revolución es permanente*”, para defender o caráter permanente do processo revolucionário em curso na Venezuela, que se confunde com, ou em outras palavras, tem como expressão, seu governo.

Numa articulação entre os *Discursos de História e Tradição, de Futuro e Cristão*, Chávez constrói uma cadeia discursiva, a fim de estabelecer uma conexão entre o passado [raízes venezuelanas] e o futuro:

¹³⁴ Lembrava a Presidenta da Assembleia Nacional: de donde viemos, é fundamental, sempre, sempre, fundamental, amigos e amigas, o conhecimento da história e não nos esquecer de onde viemos, quais são nossas raízes, as causas que geraram os acontecimentos que nos trouxeram todos nós até aqui. É essencial! Por isso dizia, a última década do século XX foi estremecida e estremecedora. Desde antes de começar. 1989, amanhecendo a última década, a explosão de umas forças represadas durante quanto tempo! Forças éticas, morais e espirituais de um povo reprimido explodiram naquele 27 de fevereiro por estas mesmas ruas, e depois em 4 de fevereiro de 1992 e 27 de novembro de 1992. Três terremotos políticos que foram apontando o fim de uma época, anunciando, melhor dizendo, o fim de uma época e o advento de uma Nova Época. Dali viemos, tal qual atesta a grande crise, crise histórica [minha tradução].

¹³⁵ Uma crise histórica consiste em que o velho morre sem que possa nascer o novo [minha tradução].

¹³⁶ O conceito de crise orgânica que propõe Gramsci pode ser melhor compreendido, a partir de uma leitura do Caderno 13 (1932-1934), com destaque para as notas §17, §23 e §24 (GRAMSCI, 2007).

Agradezco a la ciudadana Presidenta esos trazos tan claros y nítidos de nuestra **historia más reciente**, tomando como inspiración a **nuestras raíces de la indianidad venezolana** de lo profundo de nuestra venezolanidad. Decía Bolívar, el padre Bolívar... "Bolívar todo lleva tu nombre en nuestra morada..." -grabó Neruda en las rocas de la historia para siempre - " ¡Todo lleva tu nombre Padre! ... **¡Padre nuestro que estás en la tierra...en el agua...y en el aire!** ¡Padre nuestro Bolívar!" Escribió Bolívar: "Yo espero mucho del tiempo, su inmenso vientre contiene **más esperanzas que sucesos pasados, y los acontecimientos futuros han de ser superiores a los pretéritos.**"¹³⁷ [PP]

Como diz Marc Augé (1994, apud CHARAUDEAU, 2006, p. 212): "A *palavra política... ao dirigir-se a todos, deve prevenir as rupturas de sentido entre gerações.*" É o modo que Chávez busca para que, ao tempo em que defende uma transformação social, se apresente como defensor das raízes culturais da Venezuela e da América Latina. Assim, ele articula dois discursos que poderiam parecer conflituosos, o *da Tradição* e o *de Futuro*. A remissão que "*¡Padre nuestro Bolívar!*" faz ao *Discurso Cristão* de uma voz de origem, de um *Pai Onipresente*: "*que estás en la tierra...en el agua...y en el aire*", reivindica tal representação [tradição e futuro] como de um *discurso bolivariano*, pois foi Bolívar quem disse que os acontecimentos futuros superariam os pretéritos.

O *Discurso do Futuro* é também útil aos políticos para que sejam fiadores de um porvir generoso, mas que não está longe. Um futuro, cuja distância com o presente pode ser diminuída, desde que ele e seu projeto [suas ideias, propostas] estejam à frente, liderando as mudanças, rumo a uma nova era de prosperidade. Para tanto, Chávez se valerá do final do discurso de Bolívar no Congresso de Angostura, o que lhe conferirá legitimidade por uma previsão¹³⁸, feita pelo líder já eternizado na memória do povo venezuelano:

¹³⁷ Agradeço à cidadã Presidenta por estes traços tão claros e nítidos de nossa história mais recente, tomando como inspiração nossas raízes da indianidade venezuelana do profundo de nossa venezuelanidade. Dizia Bolívar, o pai Bolívar... "Bolívar tudo leva teu nome em nossa morada..." – gravou Neruda nas rochas da história para sempre – " Tudo leva teu nome Pai!... Pai nosso que está na terra... na água... e no ar! Pai nosso Bolívar! Escreveu Bolívar: "Eu espero muito do tempo, seu imenso ventre contém mais esperanças que acontecimentos passados, e os acontecimentos futuros hão de ser superiores aos passados" [minha tradução].

¹³⁸ A expressão "ya la veo" é dita por seis vezes neste trecho: "Já estou vendo/já posso vê-la" [minha tradução].

Al final Bolívar: "...Volando por entre **las próximas edades**, mi imaginación se fija en los siglos futuros y observando desde allá, con admiración y pasmo, **la prosperidad, el esplendor**, la vida que ha recibido esta vasta región, me siento arrebatado y me parece que **ya la veo** en el corazón del universo extendiéndose sobre sus dilatadas costas entre esos océanos que la naturaleza había separado y que nuestra Patria reúne con prolongados y anchurosos canales; **ya la veo** servir de lazo, de centro, de **emporio a la familia humana**; **ya la veo** enviando a todos los recintos de la Tierra **los tesoros** que abrigan sus montañas de oro y plata; **ya la veo** distribuyendo todas sus divinas plantas **la salud y la vida** a los hombres dolientes del antiguo universo; **ya la veo** comunicando sus preciosos secretos a los sabios que ignoran cuan superior es **la suma de las luces, a la suma de las riquezas** que le ha prodigado la naturaleza; **Ya la veo** sentada sobre el **trono de la libertad** empuñando el cetro de la **justicia**, coronada por la **gloria, mostrar al Mundo Antiguo la majestad del Mundo Moderno**"¹³⁹
[PP]

Chávez, em seguida, dirá: "*Esta es la próxima Edad*"¹⁴⁰, performatizando [e representando] sua chegada ao poder como o cumprimento da "*profecia*" de Bolívar. Afirma mais adiante: "*comienza la Nueva Era. Entramos en la construcción del Proyecto Nacional Simón Bolívar*".¹⁴¹

A memória discursiva baseada nas declarações de Bolívar que constituíram seu pensamento político simboliza, entre outras coisas, o resgate histórico das lutas pelas independências na América Latina, um *Discurso de Libertação*, que será atualizado por Chávez como a libertação da exploração do povo oprimido pelas elites.

Este *Discurso da Libertação* é ainda articulado com o *Discurso Cristão* que representa a Cristo como o redentor da humanidade, que libertou a todos de seus pecados. Esta figura do Cristo redentor é traduzida no *Discurso da Libertação*

¹³⁹ Ao final Bolívar: "...Voando pelas próximas eras, minha imaginação se fixa nos séculos futuros e observando desde lá, com admiração e espanto, a prosperidade, o esplendor, a vida que recebeu esta vasta região, me sinto arrebatado e parece que eu já a vejo no coração do universo se estendendo sobre suas dilatadas costas entre esses oceanos que a natureza havia separado e que nossa Pátria reúne com prolongados e largos canais; já posso vê-la servir de laço, de centro, de empório para a família humana; já posso vê-la enviando a todos os recintos da Terra os tesouros que abrigam suas montanhas de ouro e prata; já posso vê-la distribuindo todas suas divinas plantas a saúde e a vida aos homens doentes do antigo universo; já a vejo comunicando seus preciosos segredos aos sábios que ignoram o quão superior é a soma das luzes, a soma das riquezas que lhe proporcionou a natureza; Já posso vê-la sentada sobre o trono da liberdade empunhando o cetro da justiça, coroadada pela glória, mostrar ao Mundo Antigo a majestade do Mundo Moderno" [minha tradução].

¹⁴⁰ Esta é a próxima Era [minha tradução].

¹⁴¹ Começa a Nova Era. Entramos na construção do Projeto Nacional Simón Bolívar [minha tradução].

como a de um mártir revolucionário, que dá a vida por amor aos outros, ou melhor, pelos mais humildes, mais pobres, mais desamparados:

Cristo es la imagen suprema del revolucionario, del aquel que da la vida por amor a los demás, el que va a la cruz por los más humildes, por los más pobres, por los más desamparados. Cristo el redentor, el atormentado, el vilipendiado, Cristo crucificado y resucitado. A Cristo, como símbolo revolucionario dedico siempre mis palabras, inspiración del pueblo profundo.¹⁴² [PP]

Não é qualquer discurso cristão que reivindica Chávez, mas um que sugere afinidade com a ala progressista da Igreja Católica, baseado especialmente na opção que faz a Igreja pelos pobres, de acordo com o que propõe a Teologia da Libertação e o Concílio Vaticano II¹⁴³, embora, ainda assim, seja uma resignificação que faz Chávez do *Discurso religioso Cristão*.

O *Discurso Socialista* faz parte desta articulação, na medida em que será aproximado do *Discurso Cristão*, do *de Libertação* e *de Futuro*, como no trecho abaixo:

¡Socialismo venezolano! En ello se nos irá la vida. ¡Toda la vida! Pero no me cabe la menor duda que ese es el único ***camino a la redención*** de nuestra Patria y en la ***construcción de un nuestro mundo*** donde se haga realidad la mayor felicidad. ***El sueño de tantos*** y de tantas. ***Aquello de Bolívar*** en Angostura: la mayor suma de felicidad posible.¹⁴⁴ [PP]

O *Discurso de Soberania Nacional*, que remete à memória das independências na América Latina é convocado, através da voz de Bolívar, para dar maior força ilocucionária a essa representação reivindicada pelo *Discurso de Libertação*, como percebi nesta e em outras passagens do discurso do presidente Hugo Chávez: “*Aquel rayo que Bolívar lanzó, que Bolívar encendió en Angostura:*

¹⁴² Cristo é a imagem suprema do revolucionário, daquele que dá a vida por amor aos demais, o que vai à cruz pelos mais humildes, pelos mais pobres, pelos mais desamparados. Cristo o redentor, o atormentado, o vilipendiado, Cristo crucificado e ressuscitado. A Cristo, como símbolo revolucionário dedico sempre minhas palavras, inspiração do povo profundo [minha tradução].

¹⁴³ Neste sentido, ver o trabalho “*João Paulo II e a Teologia da Libertação: Volta à grande disciplina?*”, de CONTIERO (2006). Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Contiero,%20Tiago%20Tadeu.pdf>. Acessado em 9.01.2012.

¹⁴⁴ Socialismo Venezuelano! Por ele daremos nossa vida. Toda a vida! Mas não me resta a menor dúvida que esse é o único caminho para a redenção de nossa Pátria e na construção de um mundo nosso onde se faça realidade a maior felicidade. O sonho de tantos e de tantas. Aquilo que Bolívar disse em Angostura: a maior soma de felicidade possível [minha tradução].

*‘Dichoso el ciudadano - dijo Bolívar - que bajo el escudo de las armas de su mando convoca **la soberanía nacional** para que ejerza su voluntad absoluta’.*¹⁴⁵ [PP]

O *Discurso de Libertação* faz-se presente também mediante um *Discurso Anti-Oligárquico*: *¡Porque estaba presente la elite allí! Bolívar decretó no sé cuantas veces la libertad de los esclavos y murió oyéndoles sus cantos y cuatro esclavos lo llevaron hasta el edificio de la Aduana donde tuvo que esperar para ser sepultado*¹⁴⁶.

O *Discurso Bolivariano*, a partir do que diz Bolívar em Angostura: *El fundamento de nuestro sistema depende inmediata y exclusivamente de la igualdad establecida y practicada*¹⁴⁷, citado por Chávez, é mapeado como uma representação também comum do *Socialismo* como sistema político baseado na igualdade, ao arrematar Chávez: *“¡Ésto se llama Socialismo! ¡Es imposible la igualdad en el Capitalismo, por eso el Socialismo! ¡El pensamiento de Bolívar es claro pensamiento socialista!”*¹⁴⁸, estabelecendo uma representação antagônica que gera incompatibilidade entre o *Discurso Bolivariano* [que se assemelha ao *Socialismo*] e o capitalismo. O discurso da representação da igualdade como pertencente ao *Discurso Bolivariano* e *Socialista* se faz presente também em outro trecho do discurso de Bolívar no Congresso de Angostura, citado por Chávez: *“Y dice en Angostura: ‘... Que los hombres nacen todos con derechos iguales a los bienes de la sociedad, eso está sancionado por la pluralidad de los sabios.’ ¡Díganme si esto no es Socialismo!”*¹⁴⁹ [PP].

Outro discurso que se associa ao da *Libertação* é o *Discurso da Cultura*, como fonte do conhecimento, um dos instrumentos indispensáveis para o

¹⁴⁵ Aquele raio que Bolívar lançou, que Bolívar acendeu em Angostura: ‘Ditoso o cidadão – disse Bolívar – que sob o escudo das armas de seu comando convoca a soberania nacional para que exerça sua vontade absoluta [minha tradução].’

¹⁴⁶ Porque ali estava presente a elite! Bolívar decretou não sei quantas vezes a liberdade dos escravos e morreu ouvindo seus cantos e quatro escravos o levaram até o edifício da Alfândega onde teve que esperar para se sepultado [minha tradução].

¹⁴⁷ O fundamento de nosso sistema depende imediata e exclusivamente da igualdade estabelecida e praticada [minha tradução].

¹⁴⁸ Isto se chama socialismo! É impossível a igualdade no Capitalismo, por isso, Socialismo! O pensamento de Bolívar é claramente um pensamento socialista! [minha tradução].

¹⁴⁹ E diz em Angostura: ‘...Que os homens nascem todos com direitos iguais aos bens da sociedade, isso está sancionado pela pluralidade dos sábios.’ Digam-me se isto não é Socialismo! [minha tradução].

alcance da liberdade plena pelo ser humano, como representado no chamado que o presidente venezuelano faz à leitura: “*Cada uno de nosotros debería dedicarle dos horas diarias al estudio, no menos de dos horas, a la lectura en la reflexión en la soledad y en discusión de equipo*”¹⁵⁰; na citação de José Martí: “*es de José Martí la frase: ‘ser cultos para ser libres*”¹⁵¹; e nas palavras de Bolívar ditas por Chávez: “*Bolívar dice: ‘Por la ignorancia nos han dominado más que por la fuerza*”¹⁵² e, mais adiante, no seu discurso: “*Bolívar dice: ‘...La educación popular debe ser el amor del Congreso...Moral y luces son los polos de una República, nuestras necesidades....*”¹⁵³

A oposição entre o *Discurso Socialista* e o *Capitalista* faz-se também através da representação da felicidade como algo incompatível com o último: “*El Capitalismo lo que genera es la mayor suma de infelicidad. Es imposible la felicidad en el marco capitalista. La felicidad, sólo es posible, en la vía diaria, permanente endógena, profunda del sistema socialista venezolano*”¹⁵⁴, representação sancionada pelo que dissera Chávez sobre o discurso de Bolívar: “*El mejor sistema de Gobierno, el más perfecto es aquel que produce mayor suma de felicidad, mayor suma de seguridad social y mayor suma de estabilidad*”¹⁵⁵ [palabras de Bolívar no Discurso do Congresso de Angostura] *¡Ese sistema es el socialista, sin duda!*”¹⁵⁶ [palabras de Chávez, fazendo a inter-relação com o que dissera Bolívar].

O *Discurso Socialista* reivindicado por Chávez representa um sistema político, baseado no poder comunal. Ao defender sua proposta de cidades federais, Chávez defende um modelo territorial dividido em cidades que sejam controladas, inclusive em seu orçamento e planejamento, por conselhos comunais, o que remete

¹⁵⁰ Cada um de nós deveria dedicar duas horas para o estudo, não menos que duas horas; à leitura na reflexão individual e em discussão em grupo [minha tradução].

¹⁵¹ Frase dita por Martí, em seu artigo: *Maestros ambulantes*, escrito em 1884: Ser cultos para ser livres [minha tradução].

¹⁵² “Bolívar diz: ‘Pela ignorância nos dominaram mais do que pela força’” [minha tradução].

¹⁵³ “Bolívar diz: ‘... A educação popular deve ser o amor do Congresso... Moral e Luzes são os dois focos de uma República, nossas necessidades...’” [minha tradução].

¹⁵⁴ O que o capitalismo gera é a maior soma de infelicidade. É impossível a felicidade no marco capitalista. A felicidade, só é possível, na via diária, permanente endógena, profunda do sistema socialista venezuelano [minha tradução].

¹⁵⁵ O melhor sistema de governo, o mais perfeito é aquele que produz maior soma de felicidade, maior soma de segurança social e maior soma de estabilidade [minha tradução].

¹⁵⁶ Esse sistema é o socialista, sem dúvida! [minha tradução]

à ideia dos *soviets* russos, ou às teses defendidas por Farruco, quem ele diz ser um arquiteto socialista. Declara Chávez:

No se trata de un capricho. Se trata de marchar hacia el modelo socialista. En un territorio federal X, la ciudad X, por ejemplo de 10 kilómetros por 10 kilómetros, sobre ese territorio federal concentremos esfuerzos políticos y sociales hacia la Ciudad Comunal, donde no haga falta Alcaldía, sino el Poder Comunal.¹⁵⁷ [PP]

O *Discurso Socialista* é conectado, ao longo de todo o discurso de Hugo Chávez, ao *Discurso Bolivariano*, do qual ele é constituinte, na maneira que o presidente o representa. É assim quando ele faz um paralelo entre o socialismo e o sonho bolivariano de Angostura: “Apuremos la marcha para llegar a **la construcción del Socialismo** con las mejores condiciones de la economía, de la política, y de la sociedad y 200 años después se hará realidad **el sueño de Angostura**”.¹⁵⁸

A revolução é representada como o único caminho para se chegar ao socialismo ou ao *sonho de Angostura*:

Por eso Bolívar dijo: "El impulso de esta Revolución ya está dado. Nuestro partido está tomado. Debemos triunfar por el camino de la Revolución y no por otro." **¡Debemos triunfar por el camino de la Revolución y no por otro!** Él sabía que sólo por ese camino conseguiría la victoria. 200 años después debemos gritarlo y cantarlo. ¡Nosotros con Bolívar por el camino de la Revolución triunfaremos! Patria o muerte ¡Venceremos!¹⁵⁹ [PP]

Esse novo sistema, baseado no socialismo, constitui-se também a partir de uma revolução nos valores que se faz representar através do *Discurso da Moral*, uma nova moral, capaz de regenerar os costumes que se viram corrompidos pelos colonizadores [com relação aos índios que viviam em comunhão]:

¹⁵⁷ Não se trata de um capricho. Trata-se de marchar rumo o modelo socialista. Em um território federal X, a cidade X, por exemplo, de 10 quilômetros por 10 quilômetros, sobre esse território federal concentremos esforços políticos e sociais rumo à Cidade Comunal, onde não precise de Prefeitura, mas do Poder Comunal [minha tradução].

¹⁵⁸ Apressemos a marcha para chegar à construção do Socialismo com as melhores condições da economia, da política, e da sociedade e 200 anos depois se tornará realidade o sonho de Angostura [minha tradução].

¹⁵⁹ Por isso Bolívar disse: “O impulso desta Revolução já está dado. Nosso partido está tomado. Devemos triunfar pelo caminho da Revolução e não por outro.” Devemos triunfar pelo caminho da revolução e não por outro! Ele sabia que só por esse caminho conseguiria a vitória. 200 anos depois devemos gritar e cantar. Nós com Bolívar pelo caminho da Revolução triunfaremos! Pátria ou morte. Venceremos! [minha tradução].

¿Cuáles son las cosas que nos han traído **la tiranía y la guerra**? Los **vicios, la corrupción, los antivalores, desprecio por la otra, por el otro, el odio, divisiones de clases**. Son vestigios de las pesadas cadenas de **300 años de coloniaje**. Hoy Venezuela requiere de un verdadero auténtico y sólido Poder Moral, que nazca desde la conciencia. **Poder Moral** para luchar contra los vicios que por tantos años nos han dado. Allí hay una esencia revolucionaria, [referindo-se aos conceitos de Bolívar] **regenerar las costumbres, salir de los vicios, transformar pues los valores de la sociedad**. Eh allí la esencia.¹⁶⁰ [PP]

Um *Discurso da Moral* que Chávez atualiza para os dias de hoje, com relação às oligarquias, representadas, inclusive, pela mídia grande e os velhos partidos [AD e COPEI] participantes do Pacto de Punto Fijo, responsáveis pelo que seria a reprodução dos anti-valores:

¡Esto tiene que ver con **cambio de valores**! Bolívar decía: “...**regenerar las costumbres** que nos dejó la tiranía...”, las costumbres **que nos dejó la IV República, el Pacto de Punto Fijo**, el mal ejemplo aquel... “con **los Adecos** se vive mejor, **roban, pero dejan robar**”... “¡A mí no me den, pónganme donde haya!” El honesto era bobo, inteligente era aquel que sale con camioneta y hacienda. ¡Ese sí es un vivo! **Eso nos lo vendieron los grandes medios de comunicación capitalistas que desmoronaron los valores humanos, la honestidad...**¹⁶¹ [PP]

É na oposição entre *povo* e *oligarquia*, *decência* e *anti-valores*, e na equivalência *povo = decência*, *oligarquia = anti-valores*, que Chávez constrói uma articulação entre o *Discurso Moral* e o *Anti-Oligárquico*, para defender a não renovação da concessão pública de TV para a RCTV¹⁶²: “*¿Quiénes son los responsables de esos anti valores? El odio, el consumismo... ¡Esa oligarquía arrodillada al imperialismo va a perder el canal y va a ganar la decencia! ¡Va a ganar*

¹⁶⁰ Quais são as coisas que nos trouxeram a tirania e a guerra? Os vícios, a corrupção, os anti-valores, desprezo pela outra, pelo outro, o ódio, divisões de classes. São vestígios das pesadas correntes de 300 anos de colonização. Hoje a Venezuela precisa de um verdadeiro autêntico e sólido Poder Moral, que nasça desde a consciência. Poder Moral para lutar contra os vícios que por tantos anos nos deram. Ali existe uma essência revolucionária, regenerar os costumes, sair dos vícios, transformar pois os valores da sociedade. Ai está a essência [minha tradução].

¹⁶¹ Isto tem a ver com mudança de valores! Bolívar dizia: “...regenerar os costumes que nos deixou a tirania...”, os costumes que nos deixou a IV República, o Pacto de Punto Fijo, mau exemplo aquele... “com os Adecos se vive melhor, roubam, ma deixam roubar”... “Não me deem dinheiro, coloquem-me onde tenha!” O honesto era bobo, inteligente era aquele que sai com caminhonete e fazenda. Este sim é um esperto! Isso nos venderam os grandes meios de comunicação capitalistas que arruinaram os valores humanos, a honestidade... [minha tradução].

¹⁶² Rede Caracas de Televisión. Principal canal de TV da Venezuela que diuturnamente desqualifica o presidente venezuelano e uma das responsáveis pela legitimação do golpe de Estado contra Chávez.

el pueblo, va a ganar la Nación, va a ganar la decencia!"¹⁶³ Afinal, se ganha o povo, ganha a decência. Se a oligarquia [representada pelo canal de TV] perde, perdem os anti-valores. Esta é a construção simbólica urdida por Chávez em seu discurso.

O discurso bolivariano, desse modo, é também constituído como um *Discurso Anti-Oligárquico*, quando Chávez, ao citar o que disse Ezequiel Zamora: "*¡Tierra y hombres libres!*"¹⁶⁴, acrescenta: "*¡Y horror a la oligarquía! El Profundo pensamiento de Bolívar.*"¹⁶⁵ Essa representação do discurso bolivariano como um Discurso Anti-Oligárquico é trazida também quando o presidente venezuelano cita um trecho do *diário de Bucaramanga*, no qual Perú de la Croix, faz apontamentos do que dizia Bolívar:

En Diario de Bucaramanga con el alma partiéndosele en pedazos, le decía a Perú de La Croix, el 24 de mayo de 1828, Perú de la Croix escribe lo que le oyó decir a Bolívar esa mañana cuando llegaron correos de Bogotá y de Venezuela: "... Esas cartas y documentos recibidos prueban el **estado de esclavitud** en que se halla aún el bajo **pueblo colombiano**; que está no sólo **bajo el yugo de los alcaldes y curas** de las parroquias, sino también bajo el de los **tres o cuatro magnates** que hay en cada una de ellas; que en las ciudades es lo mismo, con la diferencia que los amos son más numerosos, porque se aumentan con muchos **clérigos, frailes y doctores**; que la liberta y las garantías son sólo para aquellos hombres y para **los ricos** y nunca para **los pueblos, cuya esclavitud es peor que la de los mismos indios que esclavos eran bajo la Constitución de Cúcuta**, y esclavos quedarían bajo la Constitución más democrática; que **en Colombia hay una aristocracia de rango, de empleos y de riquezas**, equivalente por su influjo, por sus pretensiones y peso sobre el pueblo, a **la aristocracia de títulos** y de nacimiento de la **más despótica de Europa**; que en aquella aristocracia entran también los clérigos, los frailes, los doctores y abogados, los militares y los ricos; pues aunque habla de **libertad y de garantías, es para ellos solos que las quieren, y no para el pueblo**, que según ellos debe continuar bajo su operación; quieren también la igualdad pero para elevarse y ser iguales con los más caracterizados, pero **no nivelarse ellos con los individuos de las clases inferiores de la sociedad**; a estos los quieren considerar siempre como **sus siervos** a pasar de todo su liberalismo..."¹⁶⁶[PP]

¹⁶³ Quem são os responsáveis por estes anti-valores? O ódio, o consumismo... Essa oligarquia ajoelhada ao imperialismo vai perder o canal e vai ganhar a decência! O povo vai ganhar, a nação vai ganhar, a decência vai ganhar! [minha tradução]

¹⁶⁴ Terra e homens livres [minha tradução].

¹⁶⁵ E horror à oligarquia. O profundo pensamento de Bolívar [minha tradução].

¹⁶⁶ Em Diário de Bucaramanga com a alma partindo-se em pedaços, dizia a Perú de La Croix, em 24 de mayo de 1828, Perú de la Croix escreve o que ouviu lhe dizer Bolívar essa manhã quando chegaram os correios de Bogotá e da Venezuela: "... Essas cartas e documentos recebidos provam o estado de escravidão em que ainda se encontra o povo pobre colombiano; que está não só submetido ao jugo dos prefeitos e padres das paróquias, mas também de três ou quatro magnatas que tem em cada uma delas; que nas cidades ocorre o mesmo, com a diferença que os amos são mais numerosos, porque se acrescentam muitos clérigos, frades e doutores; que a liberdade e os

Chávez, mais uma vez, estabelece uma oposição entre o *Discurso Bolivariano* e o capitalismo, aproximando-o do que seria o *Discurso Socialista*, como oposição à acumulação de riquezas por um pequeno grupo, ao afirmar: “*Reflexiones de un socialista, un capitalista jamás haría reflexiones como estas*”¹⁶⁷, referência feita ao que acabara de ler das reflexões de Bolívar transcritas ao *Diário de Bucaramanga*.

Respaldando o *discurso da Moral e Anti-Oligárquico*, há a presença do *Discurso Cristão* com a representação da *Providência*, em que há um tempo para tudo, planejado por Deus e que vem em socorro dos seus. E o tempo agora, com o comando da Venezuela nas mãos de Chávez, é o do fim de toda e qualquer desigualdade, promovida pelas elites oligárquicas. Cita Chávez o Livro do Eclesiastes: “*Todo lo que va a ocurrir tiene su hora*”¹⁶⁸ e ressignifica, afirmando que tempo é este: “*Llegó la hora del fin de los privilegios, del fin de las desigualdades !Llegó la hora!*”¹⁶⁹

Outra articulação entre os *Discursos da Moral, Anti-Oligárquico e Cristão* é feita quando Chávez narra o que aconteceu a Ananias e sua esposa, Safira, por não seguirem os ensinamentos cristãos de compartilhar com os demais o fruto de suas riquezas, de seu trabalho e que está escrito em Atos dos Apóstolos 5:1-11:

Ananías y Safira. Vendió una heredad y sustrajo del precio -apartó...era un corrupto - sabiéndolo su mujer también y trayendo sólo una parte la puso a los Apóstoles. Pedro le dijo: ¿Por qué llenó Satanás tu corazón hizo que sustrajeres del precio de tu heredad? ¿Por qué permitisteis esto en tu corazón? No has mentido esto a los hombres sino a Dios. Ananías al oír esto, ¡cayó y expiró! [Chávez ri]. [...] Y sepultaron a Ananías, pasado un lapso como de tres horas entró su mujer, no sabiendo ella lo que acontecía.

direitos são somente para aqueles homens e para os ricos e nunca para os povos, cuja escravidão é pior que a dos próprios índios que eram escravos sob a Constituição de Cúcuta, e escravos permaneceriam sob a Constituição mais democrática; que na Colômbia existe uma aristocracia de classe, de empregos e de riquezas, equivalente por sua influência, por suas pretensões e peso sobre o povo, à aristocracia de títulos e de nascimento da mais despótica da Europa; que naquela aristocracia entram também os clérigos, os frades, os doutores e advogados, os militares e os ricos; pois ainda que fale de liberdade e de direitos, é somente para eles solos que querem, e não para o povo, que segundo eles deve continuar sob seu comando; querem também a igualdade, mas para elevar-se e serem iguais aos mais nobres, e não nivelar-se aos indivíduos das classes inferiores da sociedade; para estes quem considerá-los sempre seus servos ao invés de transmitir todo o seu liberalismo... [minha tradução].

¹⁶⁷ Reflexões de um socialista, um capitalista jamais faria reflexões como estas [minha tradução].

¹⁶⁸ Tudo o que vai acontecer tem sua hora [minha tradução].

¹⁶⁹ Chegou a hora do fim dos privilégios, do fim das desigualdades. Chegou a hora! [minha tradução].

Ella no supo lo de Ananías. Entonces Pedro le dijo: Dime, ¿vendiste en tanto la heredad? Y ella dijo el precio que había dicho Ananías. - O sea que mintió – Pedro: ¿Por qué conviniste en tentar al Espíritu Santo? Te sacarán a ti también. ¡Ella cayó a los pies de él y expiró! La hallaron muerta y la sepultaron. Y vino un gran temor sobre toda la Iglesia y sobre todos los que vieron estas cosas. Palabra de Dios.¹⁷⁰ [PP].

Também é na descrição da oligarquia como representação do mal, que Chávez se vale do *Discurso Cristão*, mais uma vez ressignificando-o como um *Discurso Anti-Oligárquico*, e vice-versa. Os oligarcas, como representantes do mal, não vão para o céu: “¿No ven que es un oligarca? ¡Él no va para el cielo! Cómo le encanta atropellar la verdad, decir mentiras...”¹⁷¹

O *Discurso da Democracia*, também constitutivo do discurso bolivariano, representa esta forma de poder como uma vontade das maiorias, a qual se deve respeitar: “...asumamos la decisión de la mayoría, regla de oro si creemos en la democracia. Algunos andan diciendo que la democracia debe respetar a las minorías. Sí, pero ellos están escondiendo el irrespeto a la voluntad de las mayorías.”¹⁷² Uma democracia que é construída desde baixo: “Y elecciones desde abajo, desde la base”¹⁷³ e, portanto, anti-oligárquica:

Bolívar y su **concepción democrática y revolucionaria, no democrática burguesa**. Bolívar ataca a las elites [Discurso anti-oligárquico], siempre convoca al pueblo. Bolívar antes de Marx señala conceptúa y coloca al **pueblo en el centro de los activadores de los procesos históricos**. No son los particulares, es la masa. Esa es visión la desarrolló años después Carlos Marx, no hay que tenerle miedo a eso.¹⁷⁴ [PP].

¹⁷⁰ Ananias e Safira. Vendeu uma propriedade e reteve parte do preço -apartou...era um corrupto - sabendo também sua mulher disso e trazendo só uma parte passou para os Apóstolos. Pedro lhe disse: Por que encheu Satanás teu coração fez com que retivesses parte do preço de tua propriedade? Por que permitistes isto em teu coração? Não mentiste para os homens, mas para Deus. Ananias ao ouvir isto, caiu e expirou! [Chávez ri]. [...] E sepultaram Ananias, passado um lapso de aproximadamente três horas entrou sua mulher, não sabendo ela o que acontecia. Ela não soube de Ananias. Então Pedro lhe disse: Diz-me: vendeste por quanto a propriedade? E ela disse o preço que havia dito Ananias. - Ou seja, mentiu – Pedro: Por que aceitaste tentar o Espírito Santo? Levarão a ti também. Ela caiu aos pés dele e expirou! Acharam-na morta e a sepultaram. E veio um grande temor sobre toda a Igreja e sobre todos os que viram estas coisas. Palavra de Deus [minha tradução].

¹⁷¹ Não veem que é um oligarca? Ele não vai para o céu! Como adora massacrar a verdade, dizer mentiras... [minha tradução].

¹⁷² Assumamos a decisão da maioria, regra de ouro, se acreditamos na democracia. Alguns andam dizendo que a democracia deve respeitar as minorias. Sim, mas eles estão escondendo o desrespeito à vontade das maiorias [minha tradução].

¹⁷³ E eleições desde baixo, desde a base [minha tradução].

¹⁷⁴ Bolívar e sua concepção democrática e revolucionária, não democrática burguesa. Bolívar ataca as elites [Discurso anti-oligárquico], sempre convoca o povo. Bolívar antes de Marx aponta, conceitua

Mais uma vez o discurso bolivariano estabelece uma correspondência semântica com o *Discurso Marxista*, em que ambos defendem que o povo, a massa, seja o ativador do processo histórico, o protagonista. Nesse sentido, há também novamente uma confrontação com a concepção de democracia no capitalismo, denominada de democracia burguesa, contrária à concepção revolucionária, reivindicada pelo discurso de Chávez como bolivariana e marxista, portanto, socialista.

O papel protagonista do povo no processo revolucionário é mais uma vez reforçado como representação do *Discurso da Democracia* articulado por Chávez quando procura relativizar o seu papel na revolução como sendo um mandatário do que o povo decide. É o povo quem decide:

Lo importante es que **es pueblo el que va a tomar la decisión... ¡Democracia!** No se puede hacer nada si no lo aprueba el pueblo. La propuesta si es rechazada, yo seré el primero en aplaudirla. Si es aprobada, pues, aquí, ahora **la Revolución Bolivariana no depende de un hombre, ¡No depende de Chávez! ¡Es el pueblo el que está activando** y sobre todo a partir de hoy!¹⁷⁵ [PP].

O *Discurso da Ordem* serve para normalizar ou submeter seus adversários, como é o caso da cúpula da Igreja Católica Venezuelana que chegou a legitimar o golpe de Estado contra Chávez. Em seu discurso Chávez convoca a Igreja a respeitar a hierarquia e as instituições, tal como ela defende. Aqui, Chávez insta a cúpula eclesial venezuelana à coerência, em tom de advertência: “*El Estado respeta a la Iglesia, la Iglesia debe respetar al Estado. Yo no quiero volver a los tiempos de la confrontación con los obispos venezolanos, pero aquí los derechos del Estado son insustituibles e inalienables.*”¹⁷⁶

e coloca o povo no centro dos ativadores dos processos históricos. Não são os indivíduos, é a massa. Essa é a visão que desenvolveu anos depois Karl Marx, não se pode temer isso [minha tradução].

¹⁷⁵ O importante é que é o povo quem vai tomar a decisão.... Democracia! Não se pode fazer nada se o povo não aprovar. Se a proposta for recusada, eu serei o primeiro a aplaudi-la. Se for aprovada, pois, aqui, agora a Revolução Bolivariana não depende de um homem, não depende de Chávez! É o povo quem está ativando sobretudo a partir de hoje! [minha tradução].

¹⁷⁶ O Estado respeita a Igreja, a Igreja deve respeitar o Estado. Eu não quero voltar aos tempos da confrontação com os bispos venezuelanos, mas aqui os direitos do Estado são insubstituíveis e inalienáveis [minha tradução].

E referindo-se aos livros que a presidência trocou com a Igreja Católica, Chávez procura demonstrar como a doutrina cristã é tão próxima do comunismo [sistema condenado pela cúpula da Igreja Católica]. Para isso, Chávez usará algumas passagens dos *Atos dos Apóstolos*, em seu segundo capítulo, quando narra a vida dos primeiros cristãos. Primeiro cita o versículo 43:

Yo no invento cuando digo que **Jesús es** uno de los grandes **socialistas** de la historia. Está escrito aquí. [mostra a Bíblia] Leo en los Hechos de los Apóstoles sobre la vida de los primeros cristianos: “Y sobrevino el temor a toda persona y muchas maravillas. Todos los que habían creído estaban juntos y **tenían en común, todas las cosas...**”¹⁷⁷ [PP].

Arremata, então, Chávez: “*Esto es más que Socialismo, señor Cardenal. ¡Esto es Comunismo!*”¹⁷⁸ Continuando a leitura do mesmo capítulo, porém, agora, do versículo 45: ...“*Estaban juntos...y tenían en común todas las cosas, vendían sus propiedades y sus bienes y los repartían según las necesidades...*”¹⁷⁹, diz Chávez: “*Principio del Socialismo....Hechos de los Apóstoles*”¹⁸⁰ e termina com o versículo 46: ...“*y perseverando reunidos cada día en el templo partían el pan, comían juntos, con sencillez de corazón...*”¹⁸¹

Através da representação da vida comunal, da vida em comum, onde valores como a solidariedade, representada na partilha, fazem-se presentes, Chávez defende que isso seja o comunismo: *vida em comum*. Como afirma o presidente: “*El socialismo es eminentemente cristiano*”.¹⁸²

A representação dos valores do *Discurso Bolivariano* se faz presente ao longo de todo o pronunciamento presidencial, mas seleciono este trecho em que Chávez mais uma vez refere-se ao *Discurso de Angostura*, por condensar a maior parte do que ele reivindica do pensamento bolivariano:

¹⁷⁷ Eu não invento quando digo que Jesus é um dos grandes socialistas da história. Está escrito aqui. [mostra a Bíblia] Leo nos Atos dos Apóstolos sobre a vida dos primeiros cristãos: “E sobreveio o temor a toda pessoa e muitas maravilhas. Todos os que acreditaram estavam juntos e tinham em comum todas as coisas... [minha tradução].

¹⁷⁸ Isto é mais que Socialismo, senhor Cardeal. Isto é Comunismo! [minha tradução].

¹⁷⁹ Estavam juntos... e tinham em comum todas as coisas, vendiam suas propriedades e seus bens e os repartiam segundo as necessidades... [minha tradução].

¹⁸⁰ Princípio do Socialismo... Ato dos Apóstolos [minha tradução].

¹⁸¹ e perseverando reunidos cada dia no templo partiam o pão, comiam juntos, com simplicidade de coração... [minha tradução].

¹⁸² O socialismo é eminentemente cristão [minha tradução].

y dice Bolívar: "...Dignaos concederle a Venezuela un Gobierno eminentemente **popular**, eminentemente **justo**, eminentemente **moral** que **encadene la opresión, la anarquía y la culpa**. Un gobierno que haga **reinar la inocencia, la humanidad y la paz**. Un gobierno que haga triunfar, bajo el imperio de leyes inexorables **la igualdad y la libertad**."¹⁸³ [PP]

O *Discurso da Soberania Popular*, em que o povo é o principal ator político, a quem Chávez chama de *Poder Constituinte*, é representado em termos de um discurso nacionalista para defender a nacionalização dos hidrocarbonetos, como o caso do gás e petróleo, garantindo o monopólio total de sua exploração para o Estado, poder constituído pelo povo:

[...] **acabar con el último vestigio de la apertura petrolera**... La Reserva petrolera más grande del planeta la estamos recuperando totalmente, la había entregado la IV República, por eso decía que apenas comienza esta Nueva Era de Construcción. Cuando Bolívar plantea en Angostura la convocatoria al Poder Popular, **la Soberanía Popular** para que ejerza su soberanía absoluta se está llegando a la médula del actor por excelencia **¡El Poder Constituyente!**¹⁸⁴ [PP]

É no Poder Constituinte que se funda a legitimidade da 5ª República, como declara Chávez: "*Nosotros somos simples representantes del Poder Constituyente. ¡Ese es el dueño de la República!*"¹⁸⁵

O *Discurso de Reforma*, como necessário ao seu *Discurso de Futuro*, é simbolizado em termos de metáforas que representam a modernidade, quando afirma Chávez:

Yo lo convoco ahora para **acelerar**, pido a todos que lo hagamos. ¡2007 escenario de acción! ¿Cómo conformar un conjunto de lo que se llama **motores**? El 3 de diciembre de 2006 no fue un día de llegada sino punto de

¹⁸³ E diz Bolívar: "Dignai-os conceder-lhe à Venezuela um governo eminentemente popular, eminentemente justo, eminentemente moral que acorrente a opressão, a anarquia e a culpa. Um governo que faça reinar a inocência, a humanidade e a paz. Um governo que faça triunfar, sob o império de leis inexoráveis, a igualdade e a liberdade. [minha tradução]."

¹⁸⁴ [...] acabar com o último vestígio da abertura petrolífera... A reserva petrolífera maior do planeta estamos recuperando-a totalmente, havia-a entregue a IV República, por isso dizia que está apenas começando esta Nova Era de Construção. Quando Bolívar propõe em Angostura a convocação do Poder Popular, a Soberania Popular para que exerça sua soberania absoluta estava se aproximando à medula do ator por excelência: O Poder Constituinte! [minha tradução].

¹⁸⁵ Nós somos simples representantes do Poder Constituinte. Esse é o dono da República! [minha tradução].

partida, **punto de arranque**. Y eso tenemos que convertirlo en **acelerada realidad**.¹⁸⁶ [PP]

Uma realidade representada em termos de um *cenário de corrida* [acelerar], cujas medidas são representadas como *motores* de um automóvel, que precisam sair do *punto de arranque* e *acelerar*. Chávez dá, então, o tom de urgência às reformas que deseja implementar, entre as quais, reforma constitucional, reforma político-territorial, lei dos hidrocarbonetos e, para acelerá-las, solicita ao Congresso a aprovação da Lei Habilitante, que lhe dá [ao presidente] plenos poderes para legislar.

Com tantos discursos e tantas vozes, não poderia faltar o *Discurso da Unidade*, implícito já de algum modo, dada a forma como Chávez buscou coesionar em seu discurso de posse representações, vindas de diversos discursos, estabelecendo algumas correspondências semânticas que lhe foram fundamentais e apagando outras diferenças de sentido, omitindo-as, em função de determinados interesses. Chávez fala então que só lhe falta a união de todos, o mesmo que declarou Bolívar na *Carta de Jamaica*. Recupero um sentido que considero importante para a avaliação desta correspondência semântica, ainda que possa não ter sido pretendida pelo presidente venezuelano. E não é disso que trato: de querer recuperar um sentido original ou mesmo chegar a uma essência das intenções de Chávez, mas pôr em relação e problematizar o que está em jogo, o que está em disputa. Neste sentido, considero necessário destacar que a *Carta de Jamaica* serviu como marco de uma auto-crítica de Simón Bolívar com relação aos erros cometidos em outras investidas suas para libertar países latino-americanos de suas colônias. Bolívar percebeu que as diferenças internas, inclusive com relação ao comando, foram decisivas para a vitória do adversário. Fazendo este paralelo, penso que, ao reproduzir o que dissera Bolívar na *Carta de Jamaica*: “*Sólo la unión nos falta para completar la obra*”¹⁸⁷, Chávez busca aparar algumas arestas entre seus

¹⁸⁶ Eu o convoco agora para acelerar, peço a todos que o façamos. 2007, cenário de ação! Como conformar um conjunto do que se chamam motores? O dia 3 de dezembro de 2006 não foi um dia de chegada, mas um ponto de partida, ponto de arranque. E temos que transformar isso em realidade acelerada [minha tradução].

¹⁸⁷ Só a união nos falta para completar a obra [minha tradução].

próprios aliados e, talvez, estejam implicados mesmo alguns adversários, que se colocariam contrários a esta união.

É através de uma interdiscursividade bastante diversa e complexa que Chávez urde sua teia discursiva capaz de dar “liga” às diversas representações como compartilhadas por um discurso particular, o *Discurso Bolivariano*.

4.3. Discursos como modos de ser

A representação é típica do discurso político, uma vez que o representante político busca *identificar-se* com os anseios e expectativas daqueles/as que ele busca representar e, a partir da representação, administrar o poder, o poder de falar e decidir em nome dos outros. Como afirma Castoriadis (1982, p. 14-15), “por mais que o político sugira falar em nome dos outros, é em nome dele mesmo que o faz”.

Na democracia, o poder do político advém de uma delegação e esta tem um caráter sagrado. De fato, ela é, metaforicamente falando, e de maneira inversa, um ato de investidura (CHARAUDEAU, 2006, p.78). Como um príncipe que arma um jovem nobre em cavaleiro, é o povo que sagra o político, tornando-o seu “servidor” e nessas condições, Charaudeau (2006, p. 78) afirma que o político:

desempenha um papel de mediação entre o “social divino” de que fala Durkheim e o povo que lhe conferiu o mandato. Não é de admirar que ele procure construir para si a imagem de um antecessor benfeitor, capaz de unir a condição humana da realidade social a um invisível ideal social, pois ele deve retribuir ao povo esse porquê que o fez conferir-lhe um mandato: o benefício de uma “felicidade de ser”.

Para estudar o significado identificacional, procurei compreender melhor o conceito de identificação, como um processo contínuo, que apesar de buscar sempre uma fixação, nunca a alcança, conforme afirma Hall (2000, p. 106):

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste

completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.

Nesse jogo da diferença, Chávez ao representar-se como defensor da unidade dos povos latino-americanos, o faz atribuindo discursivamente o papel de opositor deste projeto bolivariano de unidade à potência estadunidense localizada ao Norte. É, pois, por meio da diferença, que Chávez constrói a sua identidade de líder bolivariano, em defesa de uma América Latina livre e soberana, com justiça e igualdade social. E que o principal responsável para que isso não ocorra é o governo norte-americano, maior representante do capitalismo globalizado no mundo contemporâneo.

Nas palavras de Resende & Ramalho (2006, p. 78):

Uma questão para a ADC é investigar como se dá o embate discursivo entre identidades. A luta hegemônica sobre modos de identificação é a luta entre a fixação/estabilização e a subversão/desestabilização de construções identitárias.

4.3.1 O *ethos* no discurso político

Para analisar o significado identificacional nos discursos de Chávez e, portanto, com que representações de mundo ele se compromete, trabalharei com o conceito de *ethos* discursivo e a categorização do *ethos* político proposta por Charaudeau (2006), o que representa uma inovação com relação às categorias de análise para estudo deste significado, não constando entre as utilizadas por Fairclough (2003). Seu uso e operacionalização serão justificados mais adiante.

O *ethos* “diz respeito à imagem daquele que fala e que é igualmente suscetível de tocar o auditório pela identificação possível entre este e a pessoa do orador”. (Mathieu-Castellani, apud CHARAUDEAU, 2006, p. 82).

Diferente do que se propõe na filiação de Isócrates¹⁸⁸, Cícero e os retóricos da Idade Clássica, para os quais o *ethos* seria um dado pré-existente ao discurso e se referiria ao enunciador [à pessoa como ser que fala], situo-me na filiação aristotélica e no que diz Maingueneau: “O *ethos* está [...] ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde o seu discurso...” (apud CHARAUDEAU, 2006, p. 114-115).

Assim afirma CHARAUDEAU (2006, p. 115):

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê.

É necessário destacar, no entanto, que a imagem do sujeito que fala, além de ser construída discursivamente, é apoiada também nos dados preexistentes ao discurso que servirão tanto ao olhar do outro, como podem ser utilizados por aquele que fala como parte de sua estratégia enunciativa. Ao contrário, pois, de uma dicotomia entre identidade social e discursiva, o conceito de *ethos*, que afirma Charaudeau (2006), é resultado dessa dupla identidade: psicológica e social atribuída ao locutor; e discursiva construída a partir do que é enunciado.

É neste jogo de olhares que se opera a dissimulação, um percurso entre o ser e o parecer ser, que também é. Como o público a que se dirige o político é bastante heterogêneo, ele precisa jogar com diversas figuras discursivas, mesmo contraditórias, ora rivalizando com elas, ora dando-lhes aparência de unidade.

Este jogo de dissimulação é característico da linguagem, um “vai-e-vem”, sempre em movimento. Desse modo, parece bastante apropriada a palavra discurso, como *dis-curso*, *per-curso*, algo que desliza, sentidos em movimento, num jogo permanente de tornar estáveis certos sentidos e ocultar, ou mesmo, oprimir, eliminar outros.

¹⁸⁸ Orador e retórico ateniense que combateu a filosofia platônica e viveu de 436 a.C. até 338 a.C.

A metáfora do olhar acima referida nas palavras de Charaudeau (2006) tornar-se bastante pertinente não apenas para referir-se às trocas de papéis no jogo discursivo, mas à própria percepção que temos do papel do outro, do que ele [ela] representa, isto porque jamais alcançaremos a “verdade” última, a “essência” do que é a identidade, seja do outro ou mesmo a minha própria, uma vez que sua constituição não depende apenas do olhar de quem representa, mas também de quem vê ou simula que vê, numa troca social. Dessa forma o *ethos* não é totalmente voluntário, consciente, o destinatário pode muito bem construir um *ethos* do locutor que este não desejou, como frequentemente acontece na comunicação política (CHARAUDEAU, 2006).

O político desta forma está sempre “tomado por uma dramaturgia que o obriga a construir para si um personagem”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 82) Mas questiono aqui, em que medida, dada a regulação social do mundo em que vivemos, não estamos todos tomados por esta dramaturgia.

Afinal, como afirma mais adiante o próprio Charaudeau (2006, p. 86), “*não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si*”.

Charaudeau (2006), ao analisar a construção do *ethos* político, distingue duas categorias de *ethos*, no caso do desenvolvimento das figuras identitárias do discurso político:

Não se pode separar o *ethos* das ideias, pois a maneira de apresentá-las tem o poder de construir imagens. As ideias não valem senão pelo sujeito que as divulga, as exprime e as aplica. É preciso que este seja, ao mesmo tempo, crível e suporte da identificação à sua pessoa. Crível porque não há político sem que se possa crer em seu poder de fazer; suporte de identificação porque para aderir às suas ideias é preciso aderir à sua pessoa. Daí o desenvolvimento das figuras identitárias do discurso político, que se reagrupam em duas grandes categorias de *ethos*: o *ethos* de credibilidade e o *ethos* de identificação. Os primeiros são fundados em um discurso da razão: “Para ser é preciso [...]”; os segundos, em um discurso do afeto: “Aí está o chefe!” (CHARAUDEAU, 2006, p. 118).

Com o objetivo de investigar como Chávez opera, em seu discurso bolivariano, para arregimentar adeptos, numa estratégia de identificação e como busca tornar ou demonstrar o seu discurso como algo crível e factível, analisei o

ethos discursivo de acordo com a categorização proposta por Charaudeau (2006), através da qual agrupa diversas figuras discursivas, dividindo-as em duas grandes categorias: os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação, conforme quadro 7.

Não se trata, porém, de oferecer uma lista completa para classificação dos *ethé*, nem considero que haja características que sejam específicas de apenas um deles. Tal categorização foi por mim escolhida para que pudesse traçar um percurso na análise desse processo de performatização identitária do presidente Hugo Chávez em sua cena enunciativa e, de modo algum, esgota outras possibilidades interpretativas. Essa minha escolha deve-se fundamentalmente ao fato de tal categorização ter sido construída especificamente a partir da análise de discursos políticos e tê-la considerado eficaz para identificar as estratégias discursivas de identificação dos políticos na sua busca por uma aceitação por parte de seus interlocutores, garantindo-lhes maior adesão a eles [políticos] e, desse modo, a suas ideias.

Após discorrer, de modo sumário, a respeito de como define Charaudeau (2006) cada uma das categorias esboçadas no quadro 7, apresentarei o quadro analítico de cada um dos discursos, seguido de minhas análises.

QUADRO 7 - CATEGORIZAÇÃO DOS ETHÉ

1. Ethos de credibilidade
1.1. Ethos de sério
1.2. Ethos de virtude
1.3. Ethos de competência
2. Ethos de identificação
2.1. Ethos de potência
2.2. Ethos de caráter
2.3. Ethos de inteligência
2.4. Ethos de humanidade
2.5. Ethos de chefe
2.6. Ethos de solidariedade

4.3.1.1 *Ethos* de credibilidade

O *ethos* de credibilidade é, ao mesmo tempo, como afirma Charaudeau (2006, p. 136), um construto sobre um atributo. É um construto pela maneira como o

sujeito encena sua identidade discursiva e é um atributo, pois também depende da identidade social do sujeito, isto é, de seu estatuto e de como o público o percebe.

O posicionamento de cada país no cenário geopolítico e os valores defendidos por seus representantes, desse modo, intervêm no julgamento da credibilidade.

A credibilidade repousa sobre um poder fazer e para que o político seja considerado digno de crédito, ele precisa atender a três condições: (i) condição de sinceridade ou transparência, capaz de verificar se o que ele diz corresponde ao que pensa; (ii) condição de performance, isto é, se tem condições de pôr em prática o que promete; (iii) condição de eficácia, se o que ele anuncia é seguido de efeito; que corresponderiam à três tipos de *ethos* de credibilidade necessários ao político: o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente (CHARAUDEAU, 2006, p. 119-120).

a) *Ethos* de sério

Como todos os *ethé*, o de sério depende também das representações que cada grupo social faz de quem é sério de quem não é. E envolve vários índices corporais, comportamentais e verbais. Entre outras características, o *ethos* de sério é atribuído àquele que não aceita mentiras.

b) *Ethos* de virtude

Este *ethos* exige do político que demonstre, entre outras coisas, fidelidade e honestidade pessoal, que sempre seguiu uma mesma linha de pensamento e ação, que age em nome de valores que estão na base de seu projeto político e são eles que inspiram sua ação, diga o que pensa, seja transparente e direto e apresente certa força de convicção. E o político, como representante do povo, deve ser o primeiro a dar o exemplo.

c) *Ethos* de competência

Este *ethos* exige do político saber e habilidade, devendo ele demonstrar que conhece profundamente as engrenagens que envolvem o meio em que atua e que possui os meios necessários para lograr seus objetivos, causando efeitos positivos.

4.3.1.2 *Ethé* de identificação

Como no *ethos* de credibilidade, a construção do *ethos* de identificação se faz em uma relação triangular entre si, o outro e um terceiro ausente, portador de uma imagem ideal de referência. “O si procura endossar essa imagem ideal; o outro se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa mesma imagem ideal de referência”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 137).

Os *ethé* de identificação buscam tocar o maior número de indivíduos, jogando com imagens opostas, por vezes contraditórias, num processo de identificação que visa fundir a identidade do/a (s) outro/a (s) à do político. Aqui apresentamos algumas das imagens que Charaudeau (2006) considerou mais recorrentes nos discursos políticos. Estão classificadas em seis categorias.

a) *Ethos* de potência

É visto como *uma energia física que emerge das profundezas terrestres, anima e impulsiona os corpos na ação* (CHARAUDEAU, 2006, p. 138). Apresenta figuras que variam entre virilidade, vigor físico, violência verbal à saúde e disposição para participar da vida pública.

b) *Ethos* de caráter

Este *ethos* também remete a um imaginário de força, porém trata-se de uma força do espírito, que é invocada como uma demonstração de caráter.

E aparece por meio de diversas figuras, entre as quais: a *vituperação*, cujas variantes são a *provocação* e a *polêmica*; o *controle de si/força tranquila*; a *coragem*; o *orgulho* [do seu povo, seus valores, vontade de deixar um grande legado]; *firmeza* [determinação inabalável]; e a *moderação*.

Discorro aqui sobre a *vituperação*, que corresponde ao ato de bradar, criticar e indignar-se, podendo chegar a exprimir-se aos “berros”. O berro, contudo, é dominado, ele testemunha uma indignação pessoal e provém de um julgamento da mente, que tem necessidade de ser expresso com força. (CHARAUDEAU, 2006, p.

140). Para chegar a um ato extremado como esse, é necessário que haja algo que justifique e, por isso, costuma ser resultado de uma reação a declarações, decisões ou comportamentos de alguém – na maior parte dos casos, do adversário.

Na proposta de Charaudeau (2006), as variantes dessa figura são a *provocação* e a polêmica. A *provocação* é feita mediante declarações cujo único fim é fazer alguém reagir, aparecendo, sobretudo, nos debates, quando os adversários se encontram em conflito, um rebatendo os argumentos do outro. O debate, porém, costuma visar mais ao adversário que suas afirmações, na medida em que questiona – na verdade, acusa – sua moralidade [mentiroso], seu caráter [diabo], seu comportamento [dono do mundo].

c) *ethos* de inteligência

A inteligência aqui é considerada como um imaginário coletivo e, portanto, depende de como os indivíduos de um grupo social a concebem e valorizam. Nesse *ethos*, destacam-se dois tipos de figuras: ao homem culto e a do homem astuto ou malicioso.

d) *ethos* de humanidade

Assim como o de inteligência, o *ethos* de humanidade é constituído a partir de um imaginário importante para o político, a sua capacidade de apresentar-se como um “ser humano”, não um produto, uma máquina. E isso se faz pela demonstração, entre outras, de algumas das seguintes figuras: *sentimento*, *confissão*, *gosto* e *intimidade*.

e) *ethos* de chefe

De todos os *ethé* de identificação, este é o que mais se direciona para o cidadão, sendo uma *construção de si para que o outro adira, siga, identifique-se a este ser que supostamente é representado por um outro si-mesmo idealizado* (CHARAUDEAU, 2006, p. 153).

O *ethos* do chefe requer propriedades que destacam essa relação de dependência entre o político e o cidadão. Ele se manifesta por meio de diversas figuras, *de guia*, *de soberano* e *de comandante*.

A figura do *guia supremo* é uma necessidade para a permanência de um grupo social que demonstra uma necessidade de ressuscitar a existência de um ser superior capaz de guiá-lo em meio às incertezas (CHARAUDEAU, 2006, p. 154). Esse guia pode ser originário do grupo ou exterior a ele. No primeiro caso, ele é feito de carne e osso, mas com qualidades que fazem dele um ser fora do comum, um *herói*. No segundo caso, ele é um *ser abstrato*, uma voz que indica o caminho a seguir, revela um destino, diz como obter a salvação eterna. Essa figura conhece diversas variantes: o *guia-pastor*, o *guia-profeta* e o *guia-soberano*.

O *guia-pastor* é um agregador, aquele que reúne o rebanho, o acompanha e o precede, ilumina seu caminho com uma perseverança tranquila (CHARAUDEAU, 2006, p. 154). Remete a uma figura serena e sábia que sabe para onde caminha.

O *guia-profeta* é aquele que, ao mesmo tempo, é fiador do passado e é voltado para o futuro, para o destino dos homens. *Ele se parece com o guia-pastor em seu papel agregador, mas o pastor é mais ancorado no aqui-agora, enquanto o profeta se encontra em um além* (CHARAUDEAU, 2006, p. 155). Esta figura também pode ser utilizada por políticos que buscam consolidar para si uma posição de liderança, apresentando-se como alguém “inspirado”, à frente de seu tempo.

A figura do *chefe-soberano* é ligeiramente diferente da do guia. Sendo a soberania o que funda a legitimidade do político, este ethos procura construir para o político uma imagem de fiador dos valores, chegando a confundir-se com eles.

Há ainda a figura do comandante, que participa das precedentes, porém, de uma maneira mais autoritária, ou mesmo, agressiva. *Corresponde à imagem do senhor da guerra, daquele que pode ser levado a declarar guerras em suas fronteiras, a fazer declarações grosseiras contra inimigos próximos ou distantes.* (CHARAUDEAU, 2006, p. 159).

f) *ethos* de solidariedade

De acordo com Charaudeau (2006, p. 163), *o ethos de solidariedade faz do político um ser que não somente está atento às necessidades dos outros, mas*

que as partilha e se torna responsável por elas. Solidariedade não deve ser confundida com compaixão. Enquanto esta última corresponde a um movimento assimétrico entre um indivíduo que, embora não sofrendo, se emociona perante a dor alheia; a solidariedade é igualitária e recíproca, em que ambas as partes se colocam como que na mesma posição.

QUADRO 8 - ETHÉ DE CREDIBILIDADE NO PRONUNCIAMENTO DE RESTITUIÇÃO DE PODERES

Sério	O pronunciamento como um todo é tomado por um tom sereno, daquele que busca a reconciliação.
Virtude	<p><i>"A Dios lo que es de Dios al César lo que es del César y al pueblo lo que es del pueblo".</i></p> <p><i>"y ha brotado (...) esa fuerza que ha restituido la legitimidad y la Constitución de la República Bolivariana de Venezuela".</i></p> <p><i>"Vamos a poner a Dios por delante..."</i></p> <p><i>"...que aquí hay una Constitución la más legítima de toda nuestra historia enamorada, discutida por el pueblo y aprobada por el pueblo y que ahora se ha comenzado a aplicar para que de allí veamos la necesidad de moderar, de aceptarnos los unos a los otros y este llamado es para todos, me pongo de primero para dar el ejemplo".</i></p> <p><i>"...le dije que era necesario que todos los sectores del país pusiéramos mayor empeño toda la buena voluntad que podamos para poder convivir en paz aceptando las reglas del juego, aceptando las normas de la convivencia ciudadana".</i></p> <p><i>"...no vengo ni con ninguna carga de odio ni de rencor contra nadie, absolutamente, no cabe en mi corazón ni el odio ni el rencor".</i></p> <p><i>"Siempre, siempre, y para siempre apegados a esta casi sagrada Constitución, después de la Biblia la Constitución Bolivariana de Venezuela".</i></p> <p><i>"...nosotros los bolivarianos, nosotros los revolucionarios somos humanistas, respetamos al ser humano (...) aquí no habrá ninguna cacería de brujas, no vengo con ánimos revanchistas. No. Aquí no habrá persecuciones, aquí no habrá atropellos ni abusos, ni irrespetos a la libertad de expresión o de pensamientos, a los Derechos Humanos en forma general".</i></p> <p><i>"...que aquí hay un proyecto en marcha que no tiene vuelta atrás, que los que se opongan tienen todos los derechos, y los hemos demostrado, derecho de participación, derecho de expresión, derecho de organización".</i></p> <p><i>"Porque el país real tiene en sus manos las banderas de la razón, las banderas de la verdad y la fuerza infinita de la fe, y sobre todo la fuerza infinita del amor".</i></p> <p><i>"No, guárdenla porque yo no voy a renunciar. Soy Presidente prisionero, pero yo no renuncio".</i></p> <p><i>"Yo estaba seguro que eso no podía ocurrir. Porque sino hubiese sido como que uno no hubiese vivido. No. La semilla que hemos sembrado retoñó, creció y allí están las siembras, la sementera, y los frutos en los corazones del pueblo."</i></p> <p><i>"le pido a Dios que esto no sea palabra que se la lleve el viento."</i></p> <p><i>"Así que vengo dispuesto a rectificar donde tenga que rectificar, pero no sólo debo ser yo el rectificador, todos tenemos que rectificar muchas cosas(...) para que sigamos construyéndole la patria (...) haciendo realidad el sueño de Bolívar."</i></p>
Competência	Não identifiquei trechos significativos deste discurso que pudessem apontar para a mobilização deste tipo de ethos.

QUADRO 9 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE RESTITUIÇÃO DE PODERES

Potência	Não observei nenhuma marca significativa que indicasse o ethos de potência.
Caráter	<ul style="list-style-type: none"> <p>• Força tranqüila: Em diversos trechos, especialmente onde se pode perceber a caracterização como a figura do guia-pastor, daquele que demonstra uma perseverança tranqüila para conduzir seus representados. Estão representadas estas passagens como categoria de ethos de chefe, através da figura do guia-pastor, como no exemplo a seguir: <i>“Vamos a recogerlos allí en la casa, vamos a reflexionar. Vamos a poner a Dios por delante...”</i></p> <p>• Moderação [figura daquele que busca amenizar as diferenças] <i>“...veamos la necesidad de moderar, de aceptarnos los unos a los otros y este llamado es para todos, me pongo de primero para dar el ejemplo.”</i> <i>“...y yo le acepté la renuncia como se la acepto a todos, para abrir el camino a una recomposición de la junta directiva de Petróleos de Venezuela.”</i></p> <p>• Orgulho [do seu povo]: <i>“...Así que mi reconocimiento (y el de todos) a esos dos entes a los que yo siempre me he referido, y que constituyen la fuerza más poderosa -después de Dios- de esta Venezuela de hoy, de este proceso de cambio indetenible. Esos dos elementos que en el fondo son el mismo, el mismo: el pueblo y los militares, el pueblo y la Fuerza Armada.”</i> <i>“Entonces se ha demostrado, por una parte, la gran capacidad de respuesta del pueblo organizado, que me siento tan orgulloso de ello.”</i> <i>“...retorno cargado espiritualmente de un gran amor, y sobre todo si hace dos días yo los amaba a ustedes, hoy, después de esta jornada histórica, de esta demostración sin precedentes en el mundo de cómo un pueblo y sus soldados detienen una contrarrevolución y hacen una contra-contrarrevolución, sin disparar un tiro, sin derramar sangre, y reponen las cosas en su sitio. Después de esta jornada memorable, histórica, imborrable para siempre jamás, si ayer los amaba, hoy los amo muchísimo más. Amor con amor se paga.”</i></p>

QUADRO 9 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE RESTITUIÇÃO DE PODERES
(Continuação)

Caráter	<ul style="list-style-type: none"> • Advertência: <p><i>“Ustedes venezolanas, ustedes venezolanos que me adversan, pues advérsenme, yo no puedo... trataré de hacerlos cambiar, ojalá, pero ustedes no pueden adversar esta Constitución...”</i></p> <p><i>“Los que no estén de acuerdo con nuestras políticas, con nuestras decisiones, díganlo, pero lealmente, honestamente, para ir buscando el mayor consenso posible, porque el objetivo tiene que ser el mismo para todos -con nuestras diferencias- la Patria, la Venezuela que es de todos.”</i></p> <p>*Destaco que o controle e a tranquilidade, duas figuras que compõem este ethos, foram marcas importantes ao longo de todo o pronunciamento de Chávez.</p>
Inteligência	Não observei nenhuma marca significativa que indicasse o ethos de inteligência.
Humanidade	<p><i>“comienzo así con estas palabras llenas de, no sé cuántos sentimientos que cruzan por mi pecho, por mi alma, por mi mente; pensamientos, sentimientos. En este momento soy como un mar multicolor, todavía debo confesarles con los buenos días a toda Venezuela a todo el pueblo venezolano a toda la sociedad venezolana, les confieso que todavía estoy estupefacto...”</i> (figuras de sentimento e confissão)</p> <ul style="list-style-type: none"> • sentimento <p><i>“...este saludo antes de que mensaje es un saludo de mi corazón a Venezuela y al mundo desde este Palacio que es el del pueblo.”</i></p> <p><i>“...allá en La Orchila nos abrazamos en una sola masa de sentimiento, porque esos soldados que ustedes ven con un fusil cruzado y una cara a veces un poco arrugada, esos son puro amor, y entonces uno me dijo: "Ay, yo no podía respirar hasta que no lo viera. Me sentía muerto", me dijo.”</i></p> <p><i>“Y cuando terminó de hablar Isaías en verdad dos lágrimas afloraron aquí, a mis ojos, y dije: ‘Ahí está, un varón diciendo la verdad’...”</i></p> <p><i>“¡Cúdamelos! Mi nieta, mi viejo, mis amigos, mis compañeros más cercanos, porque yo intuía que sobre ellos se iba a desatar persecución, atropellos y amenazas hasta de muerte.”</i></p> <p><i>“...si ayer los amaba, hoy los amo muchísimo más. Amor con amor se paga.”</i></p>

QUADRO 9 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE RESTITUIÇÃO DE PODERES
(Continuação)

Humanidade	<ul style="list-style-type: none"> • Intimidade e simplicidade <p><i>“Les voy a contar una anécdota...”</i></p> <p><i>“Les dije: “No, no se den mala vida por mí, muchachos, pónganme una sábana que yo soy un soldado como ustedes”.”</i></p> <p><i>“Y nos quedamos hablando un rato, y tomando mucho café, por supuesto, el capitán Marino, así se llama, me atendió a las mil maravillas, y hablamos mucho.”</i></p> <p><i>“Así que me sentí otra vez soldado. Incluso le dije a uno de ellos esta mañana: “Mira, yo no sé que irán a hacer conmigo por allá, pero si deciden degradarme, a lo mejor les pido que me dejen de soldado raso aquí en esta unidad de soldados”.”</i></p> <p><i>“Estaba lavando interiores y lavando un par de medias...”</i></p> <p><i>“Miren, me había puesto a escribir unos poemas, no pude terminar ni el primero.”</i></p>
Chefe	<ul style="list-style-type: none"> • Guia <p>Guia-pastor</p> <p><i>“... digo a todos los venezolanos es que vuelvan a sus casas, que vuelva la calma.”</i></p> <p><i>“...Las causas de esto que ha ocurrido ya las analizaremos con calma para correr en donde hay que corregir... pero mientras tanto calma y cordura como diría un venezolano de nuestra historia, calma en este momento... calma”.</i></p> <p><i>“Hago un llamado a quienes tienen responsabilidad de dirigir los cuerpos policiales que llamen a la calma, que cese todo esto”.</i></p> <p><i>“...hago un llamado a la paz, hago un llamado a la calma, hago un llamado a la racionalidad de todos”.</i></p> <p><i>“Vamos a reflexionar sobre la marcha y a continuar trabajando.”</i></p> <p><i>“Vamos a recogernos allí en la casa, vamos a reflexionar. Vamos a poner a Dios por delante...”</i></p> <p><i>“Pues invoquemos a Cristo a Dios nuestro Señor y llenémonos de paz, hace mucha paz espiritual en este momento para todo el país, para todos los sectores hago un llamado a la paz, hago un llamado a la calma, hago un llamado a la racionalidad de todos. Hago un llamado a que volvamos a la reunión del país.”</i></p> <p><i>“...y le pedí perdón y le dije que era necesario que todos los sectores del país pusiéramos mayor empeño toda la buena voluntad que podamos para poder convivir en paz aceptando las reglas del juego, aceptando las normas de la convivencia ciudadana. Esto que ha pasado es un llamado para todos, necesario es que reflexionemos todos.”</i></p> <p><i>“...llegó la hora de hacer profundas rectificaciones, es obligatorio que se hagan esas rectificaciones, que se vuelva a los carriles de la razón, porque es que parece que han perdido hasta la razón.”</i></p> <p><i>“Llamo a la vuelta a la calma al país. Llamo a que fortalezcamos la unidad de los venezolanos, llamo a que continuemos la marcha a paso de vencedores.”</i></p> <p><i>“...Oye, hago un llamado de verdad a la unidad de los venezolanos, a la unidad respetándonos las diferencias, hago un llamado a la cordura, hago un llamado al entendimiento, hago un llamado a la Iglesia Católica, Apostólica y Romana, a la Iglesia Evangélica, a las religiones; hago un llamado a los empresarios del sector privado, hago un llamado a los partidos políticos, todos</i></p>

QUADRO 9 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE RESTITUIÇÃO DE PODERES
(Continuação)

Chefe

- **Guia**

- **Guia-pastor**

...a todos; hago un llamado a los dirigentes de esos partidos, a los dirigentes sindicales, hago un llamado a los dirigentes empresariales, hago un llamado sobre todo -y agarro la cruz- hago un llamado a los dueños de los medios de comunicación. ¡Por Dios! Reflexionen pero de una vez, este país también es de ustedes, yo también tengo que reflexionar muchas cosas. Sí. Lo he hecho en muchas horas. Y me traigo lecciones aquí y aquí, que no voy a olvidar, de tanto pensar, de tanta angustia, de tanto dolor, de tanta incertidumbre.”

“...hago un llamado a todos los trabajadores de la nómina mayor, de los demás sectores, técnicos medios y los trabajadores, no se atropellará a nadie, pero hago un llamado a que trabajemos, que depongamos algunas actitudes y nos vamos a trabajar; para producir, para refinar, para exportar, para vender el petróleo y sus derivados y poner en el tope de eficiencia y eficacia esa empresa que es -como hemos dicho- de todos los venezolanos.”

- **Chefe soberano**

"A Dios lo que es de Dios al César lo que es del César y al pueblo lo que es del pueblo."

"calma en este momento llamo una vez instalado de nuevo en el Palacio de Gobierno y una vez recibido el poder legítimo que el pueblo me dio del Vicepresidente" (mezclado con a figura do guia-pastor)

"...y yo hago un llamado a todos ustedes compatriotas vuelvan a sus casas todos, vamos a casa, vamos a reordenar la casa."

"...que cesen las acciones que todavía pudieran quedar por allí en algunos pequeños focos de disturbios de las últimas horas, y hago un llamado a los cuerpos policiales."

"...que todos los sectores del país terminemos de aceptar de una buena vez y definitivamente que aquí hay un gobierno legítimamente constituido."

"Yo, así lo digo a nombre del Gobierno revolucionario y bolivariano, pacífico y democrático."

"...así que hago un llamado igualmente a los poderes locales: gobernadores, alcaldes, a todos los hombres y mujeres ... que no vamos a caer, nadie va a caer en el extremo en que cayeron algunos sectores en los últimos días..."

"Pero las cosas tienen que volver al marco constitucional de donde salieron por voluntad de una minoría enceguecida, a lo mejor por la ambición, a lo mejor por el rencor."

"Repito, ya lo dije, que aquí hay una Constitución Nacional, que aquí hay un Gobierno Nacional legítimo, con el apoyo de las grandes mayorías del país, y con el apoyo del núcleo y la estructura central de la Fuerza Armada, que aquí hay un proyecto en marcha que no tiene vuelta atrás."

"Entonces escribí ésto, lo que me salió del alma:

QUADRO 9 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE RESTITUIÇÃO DE PODERES
(Continuação)

Chefe

"Turiamo, 13 de abril 2002

A las 14:45 hrs.

Al pueblo venezolano...

(y a quien pueda interesar).

Yo, Hugo Chávez Frías, venezolano, Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, declaro:

No he renunciado al poder legítimo que el pueblo me dio.

¡¡Para siempre!!:

Hugo Chávez Frías"."

"No, guárdenla porque yo no voy a renunciar. Soy Presidente prisionero, pero yo no renuncio".

"... y así termino este mensaje madrugador a mi querido país, a mi querida Venezuela, a mi queridísimo pueblo, a mis queridísimos muchachos de la Fuerza Armada, y muchachas de la Fuerza Armada."

"Conociendo el coraje del pueblo venezolano, conociendo los niveles de organización que tiene el pueblo venezolano, (...) el nivel de organización y de respuesta: partidos políticos, círculos bolivarianos, que aprovecho para reivindicarlos."

"...allá ellos ante la historia y ante la Ley."

"Hago un llamado a todos los sectores del país, a esas mesas redondas de diálogo nacional."

- **Guia-profeta**

"...esto es un libro para todos, es como el "Popol-Vuh", aquel libro de los mayas, el "Popol-Vuh" (el libro de todos, el libro de la comunidad)."

"...mirando aquella estrella yo llegué a la conclusión, algo desde dentro me dijo: 'Tranquilo, Hugo, que ni ese pueblo ni esos muchachos militares -para utilizar un término bien criollo- verdaderos se van a calar este atropello. Algo tiene que ocurrir'."

QUADRO 9 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE RESTITUIÇÃO DE PODERES
(Continuação)

Solidariedade	<p><i>“...esta travesía por 5 sitios militares me sirvió para hacer algo que yo no hacía desde algún tiempo, hablar con los muchachos de allá abajo, oír a los sargentos, oír a los tenientes, oír a los capitanes; sus críticas, sus aportes, ellos tienen mucho qué decir.”</i></p> <p><i>“¡Cuidamelos! Mi nieta, mi viejo, mis amigos, mis compañeros más cercanos, porque yo intuía que sobre ellos se iba a desatar persecución, atropellos y amenazas hasta de muerte.”</i></p> <p><i>“Pensaba mucho en Diosdado (...) Pensaba mucho en Rodríguez Chacín (...) Pensaba mucho en todos ustedes, en millones, en la angustia, en la incertidumbre... porque tengo ya casi una década metido en la entraña del pueblo y de ahí no voy a salir más nunca jamás”</i></p>
---------------	---

4.3.1.3 Análise do *ethos* no Pronunciamento de Restituição dos Poderes (2002) ou “O chefe está de volta”

Conforme a análise que fiz dos trechos significativos do pronunciamento do presidente venezuelano que pudessem apontar para um dos tipos de *ethos* categorizados por Charaudeau (2006), verifiquei que houve uma preponderância de três tipos de *ethos*: o de *virtude*, o de *caráter* e o de *chefe*, este último, sobretudo, através das figuras do *guia-pastor* e do *chefe soberano*.

Na verdade, o discurso do presidente Chávez como um todo é tomado por um tom de serenidade e de busca pela reconciliação, de acordo com a estratégia enunciativa por ele utilizada e a gravidade do momento, apontando também, desse modo, para o *ethos* de *sério*. Trata-se do momento de restabelecimento da normalidade constitucional e da restituição dos poderes presidenciais, após um duro processo de golpe.

Outro dos *ethé* de credibilidade que se faz destacar é o de *virtude*, uma vez que, objetivando a reunificação do país, busca Chávez demonstrar ser um homem de valores: religiosos, humanistas, de justiça, que aceita as regras do jogo, não foge às suas responsabilidades e está disposto a retificar suas ações, sempre que necessário, portanto, submete-se ao julgamento dos demais. Ao colocar-se nesta posição, Chávez sugere aos seus adversários que façam o mesmo. E, desse modo, a partir de valores universais, o líder venezuelano busca construir para si uma imagem de reconciliador e, mais, de um guia, de um pastor capaz de apontar o caminho a ser seguido.

Assim, os outros *ethé* mais presentes: o de *caráter* e o de *chefe*, principalmente, nas figuras do *guia-pastor* e do *soberano* [além do *guia-profeta*], reforçam-se mutuamente.

Na construção do *ethos* de *caráter*, Chávez demonstra ser alguém equilibrado que age com moderação e tranquilidade. É a partir desta posição que ele adverte àqueles que se jogaram a aventuras e abandonaram a razão, criando uma situação caótica, ao desrespeitar as normas constitucionais, a legalidade.

Ainda, através deste *ethos*, demonstra um orgulho do seu povo e das Forças Armadas que, em suas palavras são “*la fuerza más poderosa – después de Dios*”¹⁸⁹ e se sente devedor desta fidelidade e deste amor: “*Amor con amor se paga*”.

É o *ethos* de chefe o que, de fato, mais prepondera. A performatização gira em torno do retorno do chefe, do líder. É assim que Chávez se legitima na cena enunciativa ao fazer um chamado, “*en nombre del gobierno*”¹⁹⁰, aos seus *compatriotas*, aos *corpos policiais*, aos *poderes locais*, às *Forças Armadas*, a *todos os setores*, para que retomem o estado de paz. Para isso, Chávez reivindica sua legitimidade, baseada no *marco constitucional* e na vontade das *maiorias*. O chefe está de volta.

Mas não basta deter a soberania que o marco constitucional e a legalidade, em geral, lhe confere. Nem mesmo lhe foi suficiente a vontade das maiorias. E Chávez sabe disso. O país estava fortemente dividido e não seria fácil reunificá-lo. É, por isso, que o tom de seu discurso é mais ameno, contudo, não menos firme. Ele precisa investir-se da figura de um agregador, detentor de uma sabedoria de quem está seguro para onde vai e para onde quer levar o seu povo, de modo que todos possam segui-lo. É invocando os valores cristãos, pedindo a que todos coloquem “*Dios por delante*”¹⁹¹, que ele propõe guiar o seu povo rumo a uma reconciliação. Ele, investido nessa imagem, não se cansa de chamar o povo à paz, à calma e à unidade. Inclusive, ao longo de seu discurso, estas palavras aparecem quatro, quatro e nove vezes, respectivamente. A palavra *chamado*, por sua vez, apresenta vinte e duas ocorrências, fazendo referência à *reflexão*, à *responsabilidade*, à *reunificação*, à *boa vontade*, entre tantos outros.

Já figura do guia-profeta apresenta-se como uma voz inspiradora que vem à consciência: “*...mirando aquella estrella yo llegué a la conclusión, algo desde*

¹⁸⁹ a força mais poderosa – depois de Deus [minha tradução].

¹⁹⁰ em nome do governo [minha tradução].

¹⁹¹ Deus à frente [minha tradução].

*dentro me dijo...*¹⁹² ou da onipotência de um além, da História: “...esto es un libro para todos, es como el “Popol-Vuh”, aquel libro de los mayas, el “Popol-Vuh”.¹⁹³

Um ser inspirado [guia-profeta], o chefe soberano, o guia [-pastor] são as figuras que ajudam a compor este quadro enunciativo do retorno do chefe, capaz de restituir-lhe de fato, de direito, e discursivamente, seus poderes.

O *ethos* de *humanidade* compõe esta cena legitimadora, pois falando, Chávez demonstra ser alguém que se preocupa com os seus: “¡Cuídamelos!...”¹⁹⁴, que os ama: “...si ayer los amaba, hoy los amo muchísimo más...”¹⁹⁵, que se enternece: “en verdad dos lágrimas afloraron aquí, a mis ojos...”¹⁹⁶ e que é grato por este amor: “...este saludo antes de que mensaje es un saludo de mi corazón a Venezuela y al mundo desde este Palacio que es el del pueblo.”¹⁹⁷

Mais do que gratidão e tantos outros sentimentos, Chávez demonstra, através do *ethos* de *solidariedade*, que ele é um governante atento às necessidades de seus compatriotas, sempre disposto a ouvi-los: “ellos tienen mucho qué decir”.¹⁹⁸

Está claro como disse Arendt (apud CHARAUDEAU, 2006, p. 41-42) que “o ato não adquire um sentido senão pela palavra na qual o agente identifica-se como ator, anunciando o que ele faz, o que fez, o que ele quer fazer”. É, pois, ao dizer e por dizer que, de fato, Chávez reassume o poder e busca legitimar-se.

¹⁹² Olhando aquela estrela eu cheguei à conclusão, algo de dentro de mim me disse... [minha tradução].

¹⁹³ ...isto é um livro para todos, é como o “Popol-Vuh”, aquele livro dos maias, o “Popol-Vuh” [minha tradução].

¹⁹⁴ Cuide deles! [minha tradução].

¹⁹⁵ ... se ontem os amava, hoje os amo muitíssimo mais... [minha tradução].

¹⁹⁶ na verdade, duas lágrimas afloraram aqui, dos meus olhos [minha tradução].

¹⁹⁷ ...este cumprimento antes de ser uma mensagem é um agradecimento do meu coração à Venezuela e ao mundo desde este Palácio que é o do povo [minha tradução].

¹⁹⁸ Eles têm muito a dizer [minha tradução].

QUADRO 10 - ETHÉ DE CREDIBILIDADE NO PRONUNCIAMENTO DA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

Sério	As enunciações elocutivas, através das quais o presidente venezuelano contesta o pronunciamento de Bush podem apontar também para um ethos de sério, daquele que não admite mentiras, porém, o que se sobressai, em termos de “força de sentido”, em minha investigação, é a sua capacidade ou sua disposição, coragem em enfrentar o adversário, o presidente estadunidense. Desse modo, classifiquei tais trechos como <i>ethos</i> de <i>comandante</i> , representada pela figura do <i>combatente</i> , daquele que enfrenta seus adversários.
Virtude	<p>“...<i>vamos a surgir nosotros, los que insurgimos contra el imperialismo norteamericano, los que clamamos por la libertad plena del mundo, por la igualdad de los pueblos, por el respeto a la soberanía de las naciones...</i>”</p> <p>“...<i>una voz independiente somos [Venezuela] para representar la dignidad y la búsqueda de la paz, la reformulación del sistema internacional; para denunciar la persecución y las agresiones del hegemonismo contra los pueblos del planeta</i>”.</p> <p>“... <i>creo que hay razones para que seamos optimistas (...) porque más allá de las amenazas, de las bombas, de las guerras, de las agresiones, de la guerra preventiva, de la destrucción de pueblos enteros, uno puede apreciar que se está levantando una nueva era ... Se levantan corrientes alternativas, pensamientos alternativos, movimientos alternativos, juventudes con pensamiento distinto; se demostró ya en apenas una década que era totalmente falsa la tesis del fin de la historia, totalmente falsa la tesis ... neoliberal que lo que genera es miseria y pobreza, es totalmente falsa la tesis, se vino abajo, ... Hay un amanecer en el planeta y se ve por todas partes, por América Latina, por Asia, por África, por Europa, por Oceanía</i></p> <p>“<i>Estas reflexiones, para decir que Venezuela está comprometida en la lucha contra el terrorismo, contra la violencia, y se une a todos los pueblos que luchamos por la paz, y por un mundo de iguales</i>”.</p>
Competente	Não identifiquei trechos significativos deste discurso que pudessem apontar para a mobilização deste tipo de ethos.

QUADRO 11 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

Potência	Os índices de violência verbal como quando o presidente venezuelano chama de diabo o presidente estadunidense podem ser considerados como indicativos de um <i>ethos</i> de <i>potência</i> , porém, o discurso de Chávez configura-se como uma resposta ao pronunciamento do dia anterior do presidente Bush. Desse modo, o pronunciamento do Chefe de Estado venezuelano se apresenta como uma modalidade de <i>polêmica</i> entre dois adversários políticos, como quando ocorre num debate público. Sendo assim, optei por apresentar tais trechos como significativos de um <i>ethos</i> de caráter, daquele que não aceita injustiças e mentiras, e ainda está disposto a defender seus ideais e dos que com ele compartilham.
Caráter	<ul style="list-style-type: none"> • Vituperação, figura que aparece através da polêmica, sobretudo, nos debates, quando os adversários se encontram em uma situação conflituosa, cada qual negando os argumentos de seu oponente. <i>Essa negação, porém, visa menos às afirmações do outro e mais à própria pessoa do adversário, na medida em que questiona – na verdade, acusa –</i> <p><u>- sua moralidade</u> <i>“lleno de cinismo, lleno de hipocresía” (cínico, hipócrita)</i> <i>“¡Vaya qué cinismo!, ¡vaya qué capacidad para mentir descaradamente ante el mundo!” (cínico e mentiroso)</i> ao referir-se à atitude do presidente estadunidense em insinuar que as mortes de civis em Beirute, capital do Líbano, teriam sido resultado de fogo cruzado e não das bombas lançadas com precisão milimétrica por Israel, ataque que não fora impedido pela ONU, graças ao veto do governo dos Estados Unidos. <i>“el Gobierno de los Estados Unidos ha iniciado una agresión abierta, una agresión inmoral” (agressivo e imoral)</i> – contra Venezuela por sua candidatura como membro não-permanente ao Conselho de Segurança da ONU <i>“El veto inmoral del Gobierno de los Estados Unidos permitió libremente a las fuerzas israelíes destrozar el Líbano” (imoral e conivente)</i></p> <p><u>- seu caráter</u> <i>“Ayer, señoras, señores, desde esta misma tribuna el señor Presidente de los Estados Unidos, a quien yo llamo ‘el diablo’”</i> <i>“vocero del imperialismo” (imperialista)</i> <i>“un psiquiatra no estaría demás para analizar el discurso de ayer del Presidente de los Estados Unidos” (louco)</i> <i>“Presidente-tirano mundial” (tirano)</i> <i>“señor dictador imperialista”, (ditador)</i> <i>“el imperio tiene miedo a la verdad” (medroso)</i> <i>“Ellos son los extremistas” (extremista)</i></p>

QUADRO 11 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU
(Continuação)

Caráter

- **seu comportamento**

“vino aquí hablando como dueño del mundo” (propietário do mundo)

“vino a dar sus recetas para tratar de mantener el actual esquema de dominación, de explotación y de saqueo a los pueblos del mundo” (xerife, “manda-chuva”, regulador das relações entre os demais países)

“Ya Estados Unidos planificó, financió e impulsó un golpe de Estado en Venezuela y Estados Unidos sigue apoyando movimientos golpistas en Venezuela y contra Venezuela, sigue apoyando el terrorismo.” (terrorista)

“¿y dónde está el más grande terrorista de este continente y quien asumió la voladura del avión cubano, como autor intelectual? Estuvo preso en Venezuela unos años, se fugó, allá por complicidad de funcionarios de la CIA y del Gobierno venezolano de entonces. Está aquí viviendo en Estados Unidos, protegido por este Gobierno, y fue convicto y confeso.” (cómplice e promotor do terrorismo)

Enunciado com relação à explosão de avião cubano há mais de trinta anos.

“El Gobierno de los Estados Unidos tiene un doble rasero y protege el terrorismo.” (protetor do terrorismo e que age em duplicidade: “dois pesos e duas medidas”)

“Yo acuso al Gobierno de Estados Unidos de proteger al terrorismo, y de tener un discurso totalmente cínico.” (terrorista e cínico)

“Ustedes saben que mi médico personal se tuvo que quedar encerrado en el avión, el jefe de mi seguridad se tuvo que quedar encerrado en el avión: no les permitieron venir a Naciones Unidas. Otro abuso y atropello, señora Presidenta, que pedimos desde Venezuela quede registrado como atropello —hasta personal— del diablo.” (violador dos direitos internacionais).

- Firmeza, figura que demonstra uma determinação inabalável:

¡Fuego imperialista, fuego fascista, fuego asesino y fuego genocida, el del imperio y el de Israel contra el pueblo inocente de Palestina y el pueblo del Líbano! ¡Ésa es la verdad!

“Nosotros no podemos permitir que eso ocurra, no podemos permitir que se instale la dictadura mundial”

Reivindicação de ação efetiva, ao propor mudança no sistema das Nações Unidas. Propõe Chávez quatro mudanças, ao menos, novamente, sem as quais, segundo ele, continuará colapsada, inerte a estrutura do organismo multilateral.

“Por eso nosotros volvemos a proponer, Venezuela vuelve a proponer aquí hoy, este día 20 de septiembre, que refundemos las Naciones Unidas.”

QUADRO 11 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU
(Continuação)

Caráter	<ul style="list-style-type: none"> • Coragem: <p><i>“Dirían: “Imperio yankee go home”, ése sería el grito que brotaría por todas partes si los pueblos del mundo pudieran hablarle a una sola voz al imperio de los Estados Unidos”.</i></p> <p><i>“una voz independiente somos... para denunciar la persecución y las agresiones del hegemonismo contra los pueblos del planeta.”</i></p> <p><i>“Quiero resaltar esa visión de optimismo para que fortalezcamos nuestra conciencia y nuestra voluntad de batalla por salvar al mundo y construir un mundo nuevo, un mundo mejor. Venezuela se suma a esa lucha y por eso somos amenazados.”</i></p>
Inteligência	<ul style="list-style-type: none"> • Através da figura do homem culto, Chávez demonstra conhecimento da cultura e literatura universal, quando em diversos trechos mostra que lê e recomenda a leitura de livros de intelectuais reconhecidos internacionalmente, como Noam Chomsky. Faz alusão a figuras que demonstram um nível de conhecimento a respeito da cultura ocidental: espada de Dámocles, filme de Alfred Hitchcock, Aristóteles, filmes de faroeste, poeta e cantor Silvio Rodríguez. Seguem alguns trechos abaixo: <p><i>“En primer lugar quiero invitarles con mucho respeto a quienes no hayan podido leer este libro, a que lo leamos; Noam Chomsky, uno de los más prestigiosos intelectuales de esta América y del mundo, Chomsky, uno de sus más recientes trabajos: Hegemonía o supervivencia, hegemonía o supervivencia, La estrategia imperialista de Estados Unidos”.</i></p> <p><i>“Seguimos alertando sobre ese peligro y haciendo un llamado al propio pueblo de los Estados Unidos y al mundo para detener esta amenaza que es como la propia espada de Damocles.”</i></p> <p><i>“Habría que revisar las tesis de Aristóteles, ¿no? Y de los primeros que hablaron por allá en Grecia, de la democracia...”</i></p>
Humanidade	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento: <p>Às vezes, expressão de sentimentos e visão política se juntam, quando, por exemplo, Chávez demonstra sua preocupação com o destino da humanidade, que estaria sob ameaça do imperialismo estadunidense:</p> <p><i>“...la más grande amenaza que se cierne sobre nuestro planeta: la pretensión hegemónica del imperialismo norteamericano pone en riesgo la supervivencia misma de la especie humana.”</i></p> <p><i>“Yo quiero agradecer aquí a todos aquellos países que han anunciado su apoyo a Venezuela, aun cuando la votación es secreta y no es necesario que nadie lo anuncie.”</i></p> <p><i>“Más allá de todo esto, señora Presidenta, creo que hay razones para que seamos optimistas, irrenunciablemente optimistas: ...‘La era está pariendo un corazón’”</i></p>

QUADRO 11 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU
(Continuação)

Chefe

- **Guia-profético:**

“...uno puede apreciar que se está levantando una nueva era, como canta Silvio Rodríguez: ‘La era está pariendo un corazón’.”

“Hay un amanecer en el planeta y se ve por todas partes...”

“...y allí se puede ver el nacimiento de una nueva era”

- **Chefe Soberano:** figura que pode ser encontrada quando se profere discursos que lembram quais são seus valores: falar da democracia, soberania do povo, da identidade nacional, do que vem a ser as grandes linhas de um projeto político, celebrando o povo, o país, o regime institucional ou mesmo assumindo determinados compromissos.

“...al ocupar un puesto en el Consejo de Seguridad va a traer la voz no sólo de Venezuela, la voz del tercer mundo, la voz de los pueblos del planeta, ahí estaremos defendiendo la dignidad y la verdad.” (modalidade de compromisso)

“...vamos a surgir nosotros, los que insurgimos contra el imperialismo norteamericano, los que clamamos por la libertad plena del mundo, por la igualdad de los pueblos, por el respeto a la soberanía de las naciones.

“una voz independiente somos para representar la dignidad y la búsqueda de la paz”

“Estas reflexiones, para decir que Venezuela está comprometida en la lucha contra el terrorismo, contra la violencia, y se une a todos los pueblos que luchamos por la paz, y por un mundo de iguales”.

QUADRO 11 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU
(Continuação)

Chefe

- **Comandante**

“porque la amenaza la tienen en su propia casa; el diablo está en casa, pues. El diablo, el propio diablo está en casa. Ayer vino el diablo aquí.”

“Nosotros no podemos permitir que eso ocurra, no podemos permitir que se instale la dictadura mundial; que se consolide, pues, que se consolide la dictadura mundial.”

“El discurso del Presidente-tirano mundial, lleno de cinismo, lleno de hipocresía, es la hipocresía imperial, el intento de controlar todo. Ellos quieren imponernos el modelo democrático como lo conciben: la falsa democracia de las élites.”

“Yo tengo la impresión, señor dictador imperialista, de que usted va a vivir el resto de sus días con una pesadilla, porque por dondequiera que vea, vamos a surgir nosotros...”

“...insurgimos contra el imperio, insurgimos contra el modelo de dominación.”

“La diferencia está en que el Gobierno de este país, de Estados Unidos, no quiere la paz, quiere imponernos su modelo de explotación y de saqueo, y su hegemonía a punta de guerras.”

“¡Vaya qué cinismo!, ¡vaya qué capacidad para mentir descaradamente ante el mundo! Las bombas en Beirut, lanzadas con precisión milimétrica, ¿son fuego cruzado? Creo que el Presidente está pensando en las películas del Oeste, cuando se disparaba desde la cintura y alguien quedaba atravesado en el fuego cruzado. ¡Fuego imperialista, fuego fascista, fuego asesino y fuego genocida, el del imperio y el de Israel contra el pueblo inocente de Palestina y el pueblo del Líbano! ¡Ésa es la verdad!”

“...una voz independiente somos para (...) denunciar la persecución y las agresiones del hegemonismo contra los pueblos del planeta.”

“Ellos [gobierno de Estados Unidos] son los extremistas.”

“¿y dónde está el más grande terrorista de este continente y quien asumió la voladura del avión cubano, como autor intelectual?”

“Estuvo preso en Venezuela unos años, se fugó, allá por complicidad de funcionarios de la CIA y del Gobierno venezolano de entonces. Está aquí viviendo en Estados Unidos, protegido por este Gobierno, y fue convicto y confeso.”

“El Gobierno de los Estados Unidos tiene un doble rasero y protege el terrorismo.”

“He hablado del avión cubano, Luis Posada Carriles se llama el terrorista, está protegido aquí. Como protegidos están aquí grandes corruptos que se fugaron de Venezuela; un grupo de terroristas que allá pusieron bombas contra embajadas de varios países, que allá asesinaron gente durante el golpe de Estado, secuestran a este humilde servidor y lo iban a fusilar, sólo que Dios metió su mano, y un grupo de buenos soldados y un pueblo que se fue a las calles; y de milagro estoy aquí. Están aquí, protegidos por el Gobierno de Estados Unidos los líderes de aquel golpe de Estado y de aquellos actos terroristas. Yo acuso al Gobierno de Estados Unidos de proteger al terrorismo, y de tener un discurso totalmente cínico.”

QUADRO 11 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU
(Continuação)

Solidariedade	<p><i>“Como vocero del imperialismo vino a dar sus recetas para tratar de mantener el actual esquema de dominación, de explotación y de saqueo a los pueblos del mundo ... Nosotros... no podemos permitir que se instale la dictadura mundial.”</i></p> <p><i>“¿qué le dirían esos pueblos a él [George Bush], si esos pueblos pudieran hablar?, ¿qué le dirían? Yo se los voy a recoger porque conozco a la mayor parte del alma de esos pueblos, los pueblos del Sur, los pueblos atropellados. Dirían: ‘Imperio yankee go home’.”</i></p> <p><i>“Porque Venezuela, al ocupar un puesto en el Consejo de Seguridad va a traer la voz no sólo de Venezuela, la voz del tercer mundo, la voz de los pueblos del planeta...”</i></p> <p><i>“Quiero resaltar esa visión de optimismo para que fortalezcamos nuestra conciencia y nuestra voluntad de batalla por salvar al mundo y construir un mundo nuevo, un mundo mejor. Venezuela se suma a esa lucha y por eso somos amenazados.”</i></p> <p><i>“Nosotros somos hombres y mujeres del Sur, nosotros somos portadores, con estos documentos, con estas ideas, con estas críticas, con estas reflexiones (...) tratamos de aportar ideas para la salvación de este planeta, para salvarlo de la amenaza imperialista y para que, ojalá pronto, en este siglo, no muy tarde, ojalá podamos verlo nosotros y vivirlo mejor nuestros hijos y nuestros nietos: un mundo de paz, bajo los principios fundamentales de la Organización de Naciones Unidas, pero relanzada, relanzada y reubicada.”</i></p>
---------------	---

4.3.1.4 Análise do *ethos* no Pronunciamento da LXI Assembleia Geral da ONU (2006) ou “O comandante Chávez contra-ataca”

No ataque ao imperialismo como eixo central desse seu pronunciamento, Chávez mobiliza diversos *ethé*: o de chefe, através das figuras do guia profético, chefe soberano e comandante; o de solidariedade; caráter, entre outros.

Logo no início de seu discurso, através de uma enunciação elocutiva, Chávez, como locutor, faz uma interpelação retórica, mediante solicitação, aos chefes de Estado presentes na LXI Assembléia da ONU [LXI A-ONU], para que lhes tome como testemunhas do que dirá, combatendo o imperialismo norte-americano:

En primer lugar quiero invitarles con mucho respeto a quienes no hayan podido leer este libro, a que lo leamos; Noam Chomsky, uno de los más prestigiosos intelectuales de esta América y del mundo, Chomsky, uno de sus más recientes trabajos: Hegemonía o supervivencia, la estrategia imperialista de Estados Unidos.¹⁹⁹ [LXI A-ONU]

E depois, toma por testemunha particular a presidenta da Assembleia: “*Es muy bueno, señora Presidente. Seguramente usted lo conoce.*”²⁰⁰ Dessa forma consegue envolver e transferir os convidados [os que ouvem] ao evento a sua cena discursiva, implicando-lhes.

Mais adiante em seu discurso, ao mostrar-se convicto da ameaça imperialista [enunciação elocutiva], e revestido dessa figura de *guia profético*, que adverte aos outros dos riscos e perigos que os ameaçam, busca consolidar esse *ethos de chefe combatente* do imperialismo:

Miren [alocução], yo creo [elocução] que los primeros ciudadanos que deberían leer este libro son los ciudadanos hermanos y hermanas de los Estados Unidos, porque la amenaza la tienen en su propia casa; el diablo

¹⁹⁹ Em primeiro lugar, quero convidá-los com muito respeito a quem possa não ter lido este livro, a que leiamos; Noam Chomsky, um dos mais prestigiados intelectuais desta América e do mundo, Chomsky, um de seus mais recentes trabalhos: Hegemonia ou sobrevivência, a estratégia imperialista dos Estados Unidos [minha tradução].

²⁰⁰ É muito bom, senhora Presidente. Com certeza, a senhora o conhece [minha tradução].

está en casa, pues. [...] El señor Presidente de los Estados Unidos, a quien yo llamo el diablo.²⁰¹ [LXI A-ONU]

A declaração acima oscila ou participa de vários *ethé*, desde o que poderia ser considerado como *ethos de potência*, pela violência verbal com que acusa ao presidente norte-americano, um *ethos de caráter*, que está conectado com um imaginário de força de espírito (CHARAUDEAU, 2006, p. 139) daquele que sente a necessidade de demonstrar a indignação que lhe toma e um *ethos de comandante*, representado pela ideia daquele que sabe lutar, que pode, no entanto, produzir tanto efeitos positivos como negativos.

A afirmação do presidente demonstra a típica encenação dos discursos políticos – apesar de não ser o único – que se realiza seguindo o cenário clássico dos contos populares e das narrativas de aventura: uma situação inicial que descreve o mal, a determinação de sua causa, a reparação desse mal pela intervenção de um herói natural ou sobrenatural. É na estigmatização da origem do mal que se inscreve uma das estratégias de desqualificação do adversário (CHARAUDEAU, 2006, p. 91-92), como no trecho abaixo:

Como vocero del imperialismo [governo norte-americano, causador do mal] vino a dar sus recetas para tratar de mantener el actual esquema de dominación, de explotación y de saqueo a los pueblos del mundo [o mal imperialista]... Nosotros... no podemos permitir que se instale la dictadura mundial [implica a todos os outros povos e se coloca numa situação de solidariedade].²⁰² [LXI A-ONU]

E mais adiante “vestido” da figura do que ouve e conhece a esses povos oprimidos põe em evidência em seus discursos o *ethos de solidariedade*: “¿qué le dirían esos pueblos a él [George Bush], si esos pueblos pudieran hablar? ¿qué le dirían? Yo [enunciação elocutiva] se los voy a recoger porque conozco a la mayor parte del alma de esos pueblos, los pueblos del Sur, los pueblos atropellados.

²⁰¹ Olhem [alocução], eu acredito [elocução] que os primeiros cidadãos que deveriam ler este livro são os cidadãos irmãos e irmãs dos Estados Unidos, porque a ameaça a têm em sua própria casa; o diabo está em casa, pois. [...] O senhor Presidente dos Estados Unidos, a quem eu chamo de diabo [minha tradução].

²⁰² Como porta-voz do imperialismo [governo norte-americano, causador do mal] veio a dar suas receitas para tratar de manter o atual esquema de dominação, de exploração e de saque aos povos do mundo [o mal imperialista]... Nós... não podemos permitir que se instale a ditadura mundial [implica a todos os outros povos e se coloca numa situação de solidariedade]. [minha tradução].

*Dirían: “Imperio yankee go home”*²⁰³. Aqui é Chávez que se coloca em cena como porta-voz [*ethos de solidariedade*] dos povos do Sul e contra o imperialismo.

É em nome desse ideal de soberania popular que se praticam os atos de insubmissão (CHARAUDEAU, 2006, p. 238) como o proposto na fala de Chávez, além do que o *ethos de solidariedade* faz do político um ser que não só está atento às necessidades dos outros, mas que as compartilha e se torna responsável por elas (CHARAUDEAU, 2006, p. 163).

Como em todos os discursos analisados do presidente Hugo Chávez, são os *ethé* de identificação que se sobressaem, mostrando que seu maior propósito é o de angariar aliados que possam identificar-se consigo e com o que ele propõe. Entretanto, esta aliança estabelece fronteiras que dividem os que estão e/ou podem estar ao seu lado, de suas ideias, e o campo adversário, aqueles a quem o líder bolivariano combate.

Chávez, portanto, estabelece campos distintos que se antagonizam. Isso fica subentendido quando ele fala como se representasse a voz dos Povos do Sul, grupo do qual ele faz parte. Fica subentendido que há uma polarização entre Povos do Sul e Povos do Norte. O primeiro representaria a maioria dos países em desenvolvimento e explorados, enquanto no segundo grupo, estariam as superpotências, que historicamente exploraram os países sulistas [no hemisfério sul]. Quando remete ao grupo dos Não-alinhados, é numa referência àqueles/as que não estão alinhados aos ditames imperialistas dos Estados Unidos que, entre outras coisas, estabeleceu o embargo econômico contra a pequena ilha cubana. Entre outros subtendidos, através de pressuposições existenciais, que foram analisadas na intertextualidade.

Entre os *ethé* de *credibilidade*, apenas identifiquei trechos significativos que apontavam para o *ethos* de *virtude* e, ainda assim, dos quatro trechos selecionados, três estão igualmente representados no *ethos* de *chefe soberano*, pois se referem a valores que estão na base do projeto político defendido por Chávez, porém também se fundem com os daqueles/as a quem o soberano demonstra representar e em nome de quem ele fala.

²⁰³ Tradução na página 135.

O trecho que classifiquei quase que exclusivamente como *ethos* de *virtude*: “...*Creo que hay razones para que seamos optimistas...*”²⁰⁴, deve-se ao fato de ser uma enunciação elocutiva na modalidade de *convicção*, em que o enunciador/locutor demonstra uma força de convicção com relação aos seus valores, porém, ainda assim há partes deste trecho selecionado que representam, por exemplo, o *ethos* de *chefe*, na modalidade de *guia profético*, quando se refere ao surgimento de *uma nova era*, de um *amanhecer*.

Mesmo os trechos que poderiam apontar para o *ethos* de *sério*, daquele que não aceita mentiras, estão classificados ou como *ethos* de *caráter* ou como *chefe* [figura do *comandante*, daquele que combate], em virtude do vigor verbal com que Chávez se pronuncia, produzindo efeitos de sentido que apontam para uma construção para si de uma identidade contra-hegemônica.

As figuras predominantes em seu discurso de *chefe soberano*, de *guia profético* e, sobretudo, da de *comandante*, compondo o *ethos* de *chefe*, apontam o objetivo de Chávez em constituir-se como liderança e referência no continente americano e no mundo. Como disse antes, não uma liderança qualquer, mas uma liderança que se coloca numa posição antagônica e, como ele mesmo afirma em seu discurso, contra-hegemônica com relação às pretensões imperialistas dos Estados Unidos da América, os “*yankee*”²⁰⁵, que têm um projeto de integração que submete aos demais países do continente, e explora povos pobres de todo o mundo.

Bolívar, inspirador de seu projeto de libertação, também se faz presente neste seu pronunciamento, quando se refere à *Pátria de Bolívar*, a Venezuela. E é como se fosse uma voz profética que se fará presente em alguns trechos de seu discurso a figura do *guia profético*, daquele que anuncia novos tempos, um visionário e que compõe o *ethos* de *chefe*.

A arena de debate criada na performatização discursiva do líder venezuelano, que responde às acusações e mentiras desferidas por aquele que se

²⁰⁴ Acredito que há razões para sermos otimistas [minha tradução].

²⁰⁵ Termo, aliás, muito apropriado para referir-se à estratégia expansionista estadunidense, uma vez que este vocábulo popularizou-se como designação dada pelos soldados das províncias do sul dos Estados Unidos aos soldados que representavam os confederados do Norte na Guerra de Secessão [1861-1865] (SALAZAR & LORENZO, 2008).

constitui como seu adversário principal [o governo estadunidense], propiciou criar para si uma imagem que corresponde ao *ethos* de *caráter*, daquele que não aceita injustiças, mentiras ou hipocrisia, que demonstra *firmeza* e tem *coragem* de enfrentar o adversário, *ethos* que se torna mais proeminente em seu discurso, através da *polêmica*, uma das modalidades da *vituperação*, em que alguém se sente na obrigação, por um estado de indignação, de dizer certas coisas, de enfrentar o adversário e, por isso, também se une ao *ethos* de *comandante*, daquele que combate o adversário. No entanto, mais do que combater as ideias, a *polêmica* presente nos debates visa à *moralidade*, ao *caráter* e ao *comportamento* do adversário, conforme ficou demonstrado no quadro 11.

Por isso, são as figuras do *comandante* [*ethos* de *chefe*], e a *vituperação* [*ethos* de *caráter*], as mais recorrentes no pronunciamento de Chávez.

Ainda se fazem presentes outros *ethé* de identificação, como o de inteligência, através de seu conhecimento sobre a cultura ocidental; de humanidade, demonstrando seus sentimentos [preocupação com os demais, agradecimento e otimismo]; e de solidariedade.

Se, por um lado, a construção identitária urdida pelo presidente venezuelano lhe garante muitos adeptos, também é seguida de poderosos adversários. E isso é feito de maneira consciente pelo líder bolivariano.

Dessa forma, demonstro que a identificação faz parte de um processo de disputa por sentidos, algumas vezes, um duelo aberto, sempre numa disputa por hegemonias.

QUADRO 12 - ETHÉ DE CREDIBILIDADE NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL

Sério	<p><i>“Yo no invento...”</i> [Além do caráter de sobriedade e tranquilidade com que transcorre o discurso. Boa parte dos trechos que apresentam o ethos de virtude também apontam um ethos de sério]</p>
Virtude	<p><i>“¡Juro por Dios y mi madre!”</i> <i>“¡Y aprendí a amar a Cristo! Y lo amo.”</i> <i>“Vuelvo a cumplir con mi deber. Y no sólo por cumplir con mi deber... ¡que siento como Presidente! ¡Que lo hago por Venezuela toda! Como venezolano...como ciudadano... ¡como soldado! ¡No sólo es deber!”</i> <i>“¡Es que siento que es la conciencia la que me ordena...! No solo el deber del cargo que tengo...”</i> <i>“La propuesta si es rechazada...Yo seré... ¡el primero en aplaudirla!”</i> (lealdade com os adversarios) <i>“va a perder el canal... ¡va a ganar la decencia!”</i> <i>“Podré haber cometido muchos errores... pero lo digo...tres mil días después... ¡Venezuela está liberada! ¡No somos colonia de nadie! ¡ Es paso esencial!”</i> <i>“¡Éso es una grosería! Yo no voy a poner sueldo de Presidente como referencia. Y no debo...porque no tengo gastos... Pero cuando gana u trabajador...sueldo mínimo Bs 500.000/mes... ¿Y Bs. 10 millones nosotros? No debe haber ningún poder autónomo para tomar esas decisiones. ¡Tiene que haber una tabla!”</i> <i>¡Me entregaré todo entero...Trataré de hacerlo mejor!</i> [lealdade/convicção] <i>“Si yo aspiro a estar en dirección...debo estar en la de mi Batallón...para que me elijan...Y de allí se nombran los Delegados.”</i></p>
Competente	<p><i>“La Reserva petrolera más grande del Planeta la estamos recuperando totalmente... la había entregado la 4º Republica...”</i></p> <p>E todos os momentos em que demonstra como tomará as medidas cabíveis, como no exemplo abaixo:</p> <p><i>“Antier en reunión con ministros y ministras...les di Guías de Planeamiento para orientar su trabajo”</i></p> <p>Quando demonstra conhecimento sobre o que está falando e tem especialista que o auxiliam:</p> <p><i>“Farruco arquitecto socialista tiene toda una Tesis sobre esto.”</i></p>

QUADRO 13 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL

Potência	Não identifiquei trechos significativos relacionados a este <i>ethos</i> de <i>potência</i> . Embora discursos longos possam ser indicativos deste <i>ethos</i> , trata-se de uma posse presidencial.
Caráter	<ul style="list-style-type: none"> • Orgulho [de seu povo, seus valores] e desejo de construir uma grande obra: <i>“¡Construir el Socialismo venezolano! ¡En ello se nos irá la vida! ¡Toda la vida!”</i> • Firmeza [determinação inabalável], uma força de espírito que lhe exige dizer o que diz: <i>“...y el amor que es profundo grande e infinito...me lleva a decir cosas...mas allá de lo prudente... pero no me arrepiento... ¡estoy defendiendo la dignidad de un pueblo! ¡de un país!”</i> • Vituperação [polémica] <i>“Monseñor Linke él le encanta... no ven que es el oligarca... ¡él no va pal cielo! ¡Cómo le encanta atropellar la verdad, decir mentira!...”</i>
Inteligência	<p><i>“De allí venimos...tal cual lo prueba la gran crisis...crisis histórica...Voy a recordar...a Antonio Gramsci... Una crisis histórica...”</i></p> <p><i>“Cada uno de nosotros...debería dedicarle...dos horas diarias dedicadas al estudio...¡No menos de dos horas!...A la lectura...en la reflexión de la soledad...Estudiar...estudiar...Es de José Martí la frase: ‘¡Ser cultos para ser libres!’ dice Martí. Bolívar: ‘¡Por la ignorancia nos han dominado más... que por la fuerza!’”</i></p> <p><i>“Bolívar antes de Marx...Bolívar señala, conceptúa y coloca al pueblo en el centro... de los activadores de los procesos históricos...No son los particulares... ¡es la masa! Esa visión la desarrolló años después Carlos Marx!”</i></p> <p><i>“...cuando Napoleón decía: ‘La Révolution est finie’...”</i></p>
Humanidade	<ul style="list-style-type: none"> • Intimidade: <i>“Le estoy viendo la cara a mi mamá y estará diciendo: ¡Qué irá a decir ese muchacho!”</i> <i>“Cuando fui monaguillo... ¡Lástima que no fui cura!”</i> <i>“Leíamos mucho los niños allí en la modesta Iglesia de la Sabaneta de Barinas de los 62 y 63...”</i> <i>“Yo aprendí de mi mamá...”</i> • Sentimento: <i>“Mi afecto a todos los Partidos políticos.”</i>

QUADRO 13 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL
(Continuação)

Chefe

• **Chefe Soberano:**

“Ciudadana Cilia Flores...Alcaldes y Alcaldesas...Gobernadores y Gobernadoras (...) Personalidades Diplomáticas de la República Bolivariana de Venezuela...Sr. Embajador Alí Rodríguez Araque de la Republica de Cuba (...) ¡Pueblo todo de Venezuela!”

“Yo juraba. Yo Juré aquí. Juré entonces sobre aquella moribunda Constitución de 1961.”

“¡Ocho años después...ratifico el Juramento! ¡Ahora sobre nuestra maravillosa Constitución Bolivariana de Venezuela!”

“Mi opinión es que el fundamento de nuestro Sistema depende... de la Igualdad establecida y practicada en Venezuela... ¡Esto se llama socialismo! ¡Es imposible la igualdad en el capitalismo! ¡Por eso... socialismo!”

“El mejor sistema de Gobierno más perfecto es aquel que produce mayor suma de felicidad, mayor suma de seguridad social y mayor suma de estabilidad.”

“Es imposible lograr la mayor suma de felicidad en el capitalista... lo que genera es la mayor suma de infelicidad. Es imposible la felicidad en el marco capitalista... sólo es posible...en vía diaria...permanente, endógena, profunda del sistema socialista venezolano.

“Moral y luces son los polos de una república...nuestras necesidades”

“¡Las dos palancas más grandes de la industria: saber y trabajo! (...) ¡trabajo y saber! las dos palancas más grandes de la industria!”

“¡Juro conceder a Venezuela un gobierno que haga triunfar la igualdad y la libertad! Oigamos pues...compatriotas...la tremenda carga moral...política y más aún la tremenda carga socialista...del proyecto de Simón Bolívar.”

“y no sólo por cumplir con mi deber... ¡que siento como presidente! ¡Que lo hago por Venezuela toda! (...) Vuelvo a hacer un llamado a Venezuela toda! (...) para que respetándonos...reconociéndonos...en nuestros enfoques...asumamos la decisión de la mayoría...regla de oro...si creemos en la democracia!”

“Aquí hay una voluntad mayoritaria que priva que impone la Democracia... ¡Queremos Democracia...Los invitamos a la Democracia!”

“El Estado respeta a la Iglesia... La Iglesia debe respetar al Estado. Yo aquí con los derechos del Estado... ¡son insustituibles! ¡Son inalienables!”

“Es lo mismo que lo ocurrido con el Secretario general de la OEA... (...) Lo menos que ha debido hacer...por respeto a su cargo, a su investidura, por respeto... a la Soberanía de Venezuela...un Estado de la OEA...lo menos que pudo hacer... una llamada telefónica...Un enviado especial... ¡que bastantes tiene allá...! O me hubiera solicitado una conversación mañana esta noche...en Managua... ¡Pero no! El chantaje...la manipulación...Y él se rebaja... ¡cuando sale a defender lo indefendible! ¡Y ofende a Venezuela!”

“Y Uds. saben ¡cómo yo amo a este país!”

QUADRO 13 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL
(Continuação)

Chefe

- **Chefe Soberano:**

“¡Democracia! No se puede hacer nada si no lo aprueba el pueblo.”

“Dichoso el ciudadano... que bajo el escudo de las armas... convoca la Soberanía Nacional para que ejerza... ¡su voluntad absoluta!”

“¡Se están metiendo con el Jefe del Estado! Yo soy el Jefe del Estado.”

“No puede seguir habiendo impunidad, ¡por amor de Dios!” (oscila entre o chefe soberano e o guia profético)

“¡Se requiere lucha nacional! Pero de verdad, ¡verdad! ¡Esto tiene que ver con cambio de valores!”

“La Bolsa de Caracas podrá caer...Lo que no va a caer es la economía venezolana... ¡Una cosa es la Bolsa de Caracas...y otra cosa es la economía de Venezuela!”

“¡Que lo que viene es bueno! (...) acabar con el último vestigio de la apertura petrolera... La Reserva petrolera más grande del Planeta la estamos recuperando totalmente... la había entregado la 4º Republica...”

“Invocamos...convocamos...al Poder Constituyente...”

“Nosotros somos simples representantes del Poder Constituyente. ¡Ese es el Dueño de la República!”

“Romper con el racionalismo modernizante. Aceleración del tiempo. Darle nueva dinámica.”

“5 motores constituyentes le pido a la Asamblea Nacional...”

[E todas as vezes que ele for se referir aos 5 motores, pois são medidas de governo, bem como as outras medidas, que é o que ele fará até o final de seu discurso, em maior parte.]

“Y es socialismo lo que necesita la patria!”

“Burocracia...4º República... !Ineficiencia! ¡Intacto el Modelo! ¡Cambiémoslo! Vamos a barajear!”

“Progresivamente nosotros el Poder Constituido debemos irle transfiriendo poder... ¡y salgamos del Estado Capitalista!”

“¡Pido poderes especiales porque esas Leyes las vamos a modificar!”

¡Y elecciones desde abajo...desde la base!

“Vamos a profundizar esta Revolución.”

“Máximo esfuerzo para ser conductor de este caballo volador que decidió ser libre. ¡Lo es y lo será cada día más!”

“Venezuela quiere seguir luchando por un Mundo donde no haya Imperios.”

- **Guia pastor**

“Todos somos una familia...”

QUADRO 13 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL
(Continuação)

Chefe

• **Guia profético:**

“En nombre de Dios.”

“...tomando como inspiración a nuestras raíces de la indianidad venezolana de lo profundo de nuestra venezolanidad. Decía Bolívar...el Padre Bolívar... Bolívar todo lleva tu nombre en nuestra morada... grabó Neruda en las rocas de la Historia para siempre... ¡Todo lleva tu nombre Padre! ¡Padre nuestro que estás en la Tierra...en el agua...y en el aire! ¡Padre nuestro Bolívar!”

“Escribió Bolívar...‘Yo espero mucho del tiempo...su inmenso vientre contiene más esperanzas que sucesos pasados...Y los acontecimientos futuros han de ser superiores a los pretéritos.’”

“A Cristo...como símbolo Revolucionario dedico siempre mis palabras... ¡Inspiración del pueblo profundo!”

“Jesús...es uno de las grandes Socialistas de la Historia...Está escrito aquí...”

“Por eso recordaba a Bolívar: ‘yo espero mucho del tiempo...en su inmenso vientre hay muchas más esperanzas que sucesos... ¡y los acontecimientos futuros han de ser muy superiores a los pretéritos!’”

“Y ahora lanzándonos hacia el futuro... ¡construir la vía venezolana al Socialismo! ¡Construir el Socialismo venezolano! ¡En ello se nos irá la vida! ¡Toda la vida! Pero no me cabe la menor duda...que ese es el único camino a la redención de nuestra Patria... ¡Y en la construcción de un nuestro Mundo donde se haga realidad la mayor felicidad! El sueño de tantos y de tantas. ¡Y aquello de Bolívar en Angostura la mayor suma de felicidad posible!”

“Aquel rayo que Bolívar lanzó que Bolívar encendió en Angostura: “Dichoso el ciudadano...dijo Bolívar...que bajo el escudo de las armas de su mando convoca la Soberanía nacional para que ejerza su voluntad absoluta!”

“De dónde venimos es fundamental siempre...siempre fundamental...amigos y amigas...el conocimiento de la Historia!...y el no olvidar de dónde venimos...cuáles son nuestras raíces. Las causas que generaron los acontecimientos aquí nos trajeron...a todos nosotros ¡Es esencial!”

“Una crisis histórica... Algo muriendo...algo naciendo... ¡Del ojo del Huracán venimos nosotros! ¡En el ojo del Huracán estamos nosotros y estaremos toda la vida! Toda nuestra vida estará marcada por esa crisis...”

“Bolívar...Una vez más cuán vigente estará este planteamiento... para que veamos cuán vigente está...cuán vivo...cuán en el corazón de la Venezuela de hoy...en la esencia del Proyecto Bolivariano. ¡Por eso se llama Bolivariana!”

“¡El pensamiento de Bolívar es claro pensamiento Socialista! La igualdad...Bolívar lo sabemos era maestro de la palabra! (...) Por eso dice aquí: “el fundamento de nuestro Sistema depende... ‘inmediata y exclusivamente’... (...) ¡para salir del Coloniaje de 300 años...! (...) de ¡la Igualdad establecida y practicada!” (...) Más adelante... sigue señalando Bolívar... buscando la fórmula... catorce años antes 1805...en el Juramento de Roma...había dicho: ¿Cuál es la fórmula del hombre en libertad? (...) Sólo en el Nuevo Mundo tendrá lugar el despeje de la misteriosa incógnita... ¡del hombre en libertad!”

“¡Traerlo a la conciencia! Para que nos guie este principio... ¡Es omnipotente! ¡Es la Revolución misma!”

QUADRO 13 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL
(Continuação)

Chefe

- **Guia profético:**

Em vários outros trechos que não enumerei aqui, Chávez continua a citar as ideias de Bolívar, de modo a demonstrar que o que diz e faz é inspirado pelas palavras daquele que promoveu a independência de Venezuela, entre outros países.

“Por ello nos viene la idea de la necesidad de profundizar las ideas de Bolívar...”

“Meditando sobre un modo efectivo de regenerar el carácter y las costumbres de lo que la tiranía y la guerra nos han dado...me he sentido con la audacia de inventar un Poder Moral.”

“hoy... requiere Venezuela un verdadero, auténtico, sólido poder moral... ¡que nazca desde la conciencia! poder moral para luchar contra los vicios que por tantos años nos han dado...allí hay una esencia revolucionaria...regenerar las costumbres...salir de los vicios...transformar pues los valores de la sociedad...he allí la esencia revolucionaria...transformar todo, si no se transforma la cultura...habríamos perdido todo...y todo se vendría abajo...”

“Al final Bolívar: “Volando por entre las próximas edades...mi imaginación se fija en los siglos futuros...y observando desde allá...con admiración y pasmo...la prosperidad, el esplendor...la vida que ha recibido esta vasta región...me siento arrebatado y me parece que ya la veo en el corazón del universo...extendiéndose sobre sus dilatadas costas...entre esos océanos que la naturaleza había separado...y que nuestra patria reúne con prolongados y anchurosos canales. Ya la veo servir de lazo, de centro, de emporio a la familia humana...Ya la veo enviando a todos los recintos de la Tierra los tesoros que abrigan sus montañas de oro y plata; ya la veo distribuyendo todas sus divinas plantas la salud y la vida a los hombres dolientes del antiguo universo; y la veo comunicando sus preciosos secretos a los sabios que ignoran cuán superior es la suma de las luces a la suma de las riquezas que le ha prodigado la naturaleza. Ya la veo sentada sobre el trono de la libertad empuñando el cetro de la justicia; coronada por la gloria, mostrar al mundo antiguo la majestad del mundo moderno.”

“Estamos en la edad a la que se refería Bolívar y sus sueños...”

“... cuando la oligarquía amparándose en la traición logró asesinar a uno de los grandes líderes Ezequiel Zamora. ¡que viva Zamora! Ezequiel Zamora...en su memoria y con su inspiración, juramos hoy también: ¡tierra y hombres libres! ¡Y horror a la oligarquía! ... el profundo pensamiento de Bolívar.”

QUADRO 13 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL
(Continuação)

Chefe

- **Guia profético:**

Em vários outros trechos que não enumerei aqui, Chávez continua a citar as ideias de Bolívar, de modo a demonstrar que o que diz e faz é inspirado pelas palavras daquele que promoveu a independência de Venezuela, entre outros países.

“Pero...llegó la hora... ¡está escrito en el Eclesiastes! Todo lo que va a ocurrir tiene su hora... llegó la hora del fin de los privilegios, del fin de las desigualdades... ¡llegó la hora! Nada ni nadie...óiganme bien ¡nos hará detener el carro de la revolución! ¡Cuéstenos lo que nos cueste! Nada ni nadie logra detener el camino de la revolución socialista en Venezuela... ¡Cueste lo que cueste!” (inspiração divina)

“Leo en los Hechos de los Apóstoles... La vida de los primeros cristianos: Y sobrevino temor a toda persona y muchas maravillas... Todos los que habían creído estaban juntos... y tenían en común...todas las cosas...”

“Digo: ¡que Dios lo perdone! ¡Ese es el camino de la maldad de la mentira...! ¡Quizás...no sabe lo que dice...!”

Quando fala da passagem bíblica que se refere a Ananias e Safira:

Vendían sus propiedades y sus bienes y los repartían según las necesidades... principio del socialismo (...) Más adelante dice: Ananías y Safira. ¿Sabían lo que les pasó? (...) Ananías y Safira...vendió una heredad y sustrajo del precio (apartó...Era un corrupto...) sabiéndolo su mujer también...Y trayendo solo una parte la puso a los apóstoles. Pedro le dijo: Por qué llenó satanás tu corazón...he hizo que sustrajese del precio de tu heredad... ¿Por qué permitiste esto en tu corazón? No has mentido esto a los hombres sino a Dios... Ananías al oír esto... ¡cayó y expiró! (...) ¡Que expire la corrupción!”

Retomando sobre a história de Ananias e Safira para evocar o combate à corrupção, diz mais:

*“Y sepultaron a Ananías... Pasando un lapso como de tres horas...Y entró su mujer...No sabiendo ella lo que acontecía...Ella no supo lo de Ananías... Entonces Pedro le dijo: Dime, ¿vendiste en tanto la heredad? Y ella dijo el precio que había dicho Ananías. O sea mintió... Pedro: Por qué conviniste en tentar al espíritu santo. Te sacarán a ti también... ¡Ella cayó a los pies de él...y expiró! La hallaron muerta y la sepultaron... Y vino un gran temor...sobre toda la Iglesia y sobre todo los que vieron estas cosas...Palabra de Dios. **(aplauden)** El Socialismo es eminentemente cristiano...”*

“Sólo la unión nos falta para completar la obra...”

QUADRO 13 - ETHÉ DE IDENTIFICAÇÃO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO TERCEIRO MANDATO PRESIDENCIAL
(Continuação)

Chefe	<ul style="list-style-type: none"> • Guia profético: <i>“¡Hemos cerrado un ciclo! (...) ¡acelerar los tiempos! “La estamos viendo...pero como caballo al galope...uno debe regular la marcha.” Y comienza la Nueva Era. Entramos en la construcción del proyecto nacional Simón Bolívar. “Apuremos la marcha para llegar a la construcción del Socialismo...” “¡Y 200 años después se hará realidad el sueño de Angostura!” “¡Debemos triunfar por el camino de la Revolución! ¡Y no por otro!” ¡Él sabía que sólo por ese camino conseguiría la victoria! 200 años después debemos gritarlo y cantarlo. Nosotros con Bolívar por el camino de la revolución. ¡Triunfaremos! Patria o muerte. ¡Venceremos!</i> • Comandante: <i>“¿quiénes son los responsables...de esos antivalores? el odio... el consumismo... esa oligarquía arrodillada al imperialismo...!” “Monseñor Linke él le encanta... no ven que es el oligarca... ¡él no va pal cielo! ¡Cómo le encanta atropellar la verdad, decir mentira!...” “No. ¡Con el cierre... la oligarquía pierde! ¡Eso sí! La crema oligárquica pierde... los que desde hace muchos años están envenenando el alma...de los niños...de las niñas... ¿quiénes son los responsables...de esos antivalores? el odio... el consumismo... esa oligarquía arrodillada al imperialismo...!” “Sigán jugando pues... ¡Diviértanse pues! ¡Que lo que viene es bueno!”</i>
Solidariedade	Não identifiquei trechos significativos deste ethos no discurso presidencial de posse do 3º mandato.

4.3.1.5 Análise do *ethos* no Pronunciamento de Posse do Terceiro Mandato Presidencial: *A posse do chefe e a voz do profeta.*

Neste discurso, dos três analisados, é o primeiro em que se fazem presentes trechos significativos que apontam para o *ethos* de competente, abrangendo, junto com os *ethé* de sério e de virtude, a cadeia dos *ethé* de credibilidade.

Isso ocorre, principalmente, por tratar-se de um pronunciamento de posse presidencial, quando, de algum modo, torna-se necessário ao político prestar contas de sua obra, em caso de re-eleição, demonstrando que está disposto a corrigir onde seja necessário, e a avançar com relação ao que já fora conquistado. Assim, precisará demonstrar capacidade para gerir a máquina governamental, apontando de que maneira poderá realizar suas promessas.

Nas passagens selecionadas para esse *ethos* no quadro 12, Chávez fala da recuperação da reserva petrolífera realizada em seu governo, do monitoramento que mantém com relação à gerência no planejamento das atividades de seu ministério e relata sobre seu conhecimento a respeito de assuntos urbanísticos, tendo como referências especialistas reconhecidos no assunto. Assim, mostra ser um dirigente atento às tarefas de governo e conhecedor da engrenagem da máquina pública, além de exitoso com relação a desafios alcançados.

O *ethos* de virtude, mais uma vez, está presente em seu discurso, a fim de reforçar sua imagem de fiel cristão: “*¡Y aprendí a amar a Cristo! Y lo amo.*”²⁰⁶, cumpridor de seus deveres: “*Vuelvo a cumplir con mi deber...*”²⁰⁷, zeloso dos valores familiares: “*¡Juro por Dios y mi madre!*”²⁰⁸, capaz de aceitar uma derrota, demonstrando lealdade com relação aos adversários: “*La propuesta si es rechazada... Yo seré... ¡el primero en aplaudirla*”²⁰⁹, e que mesmo quando erra, agiu pensando no melhor e, normalmente consegue bons resultados: “*Podré haber cometido muchos errores... pero lo digo... tres mil días después... ¡Venezuela está*

²⁰⁶ E aprendi a amar a Cristo! E o amo [minha tradução].

²⁰⁷ Volto a cumprir com meu dever [minha tradução].

²⁰⁸ Juro por Deus e minha mãe [minha tradução].

²⁰⁹ Se a proposta for recusada, eu serei o primeiro a aplaudi-la [minha tradução].

liberada.²¹⁰ Faz demonstração de honestidade pessoal quando propõe uma tabela para estabelecimento de seu salário e dos demais funcionários públicos e agentes governamentais. E coloca-se como exemplo ao dizer que, mesmo ele, deverá submeter-se à base, caso deseje concorrer a um cargo diretivo.

Esse *ethos* é um dos fundamentais ao político, pois se mostra como alguém fiel aos seus princípios, dos quais não abre mão, além de honestidade pessoal.

Embora estejam presentes todos os *ethé* de credibilidade, continuam sendo os *ethé* de identificação os que mais se destacam no discurso presidencial de Chávez, especialmente o de chefe, através das figuras do guia-pastor, mas, neste pronunciamento, sobretudo, as de guia-profeta e de chefe soberano.

A do chefe soberano já seria comum de ser encontrada pois, além de ser o discurso de um presidente, trata-se aqui de uma posse, em que poderes lhe são conferidos formalmente, e ele dirige-se à nação e demais autoridades presentes. Já a do guia profeta mais uma vez se faz notar no pronunciamento do líder venezuelano e dessa vez ainda mais predominante, dada a recorrência e a forma como aparece em diversos momentos de seu discurso a voz de Bolívar, o *Pai da Pátria*.

A do chefe soberano está presente quando dos diversos juramentos que faz e das saudações dirigidas às autoridades, além dos valores com os quais se compromete, como o da ordem institucional, da igualdade, da liberdade, da moralidade, da Democracia como vontade das maiorias, do amor à Pátria e da soberania nacional, entre outros.

As diversas enunciações delocutivas contribuem para o investimento desta imagem de *soberano* ao presidente Hugo Chávez, uma vez que apresentam o que é dito como se não fosse de responsabilidade de nenhum dos interlocutores presentes, dependendo apenas do ponto de vista de uma terceira voz e, com isso, fazem com que o auditório entre em um mundo de evidência, construindo para o

²¹⁰ Poderei ter cometido muitos erros... mas digo... três mil dias depois... Venezuela está liberta! [minha tradução].

político uma posição acima dos demais e de portador desta voz, que seria *a voz da verdade*.

É o que ocorre por meio de frases que se apresentam sob a forma impessoal, como as definicionais: *“El mejor sistema de Gobierno más perfecto es aquel que produce mayor suma de felicidad”*²¹¹, as infinitivas: *“No puede seguir habiendo impunidad”*²¹², *“Romper con el racionalismo modernizante. Aceleración del tiempo [nominalizada].”*²¹³ *Darle nueva dinámica.”*²¹⁴, e os slogans: *¡trabajo y saber!, ¡moral y luces!*²¹⁵, etc.

Investido da autoridade conferida a ele por meio dos atos enunciativos em um discurso de posse presidencial, chama a outras instituições a que respeitem o Estado venezuelano, como é o caso da Igreja, instituição que abriga diversos desafetos do líder bolivariano: *“El Estado respeta a la Iglesia... La Iglesia debe respetar al Estado”*²¹⁶, assim como faz referência à ausência de representação da Organização dos Estados Americanos [OEA]: *“Es lo mismo que lo ocurrido con el Secretario general de la OEA... [...] Y él se rebaja... ¡cuando sale a defender lo indefendible! ¡Y ofende a Venezuela!”*²¹⁷

Demonstra cumpridor dos compromissos assumidos e grande realizador, como quando fala da recuperação do empreendimento petrolífero venezuelano e o legitima para assumir novos compromissos como o de controle da economia de seu país: *“Lo que no va a caer es la economía venezolana... ¡Una cosa es la Bolsa de Caracas...y otra cosa es la economía de Venezuela!”*²¹⁸

A figura do ethos de chefe mais proeminente, entretanto, é a do guia-profeta, daquele que é, ao mesmo tempo, fiador do passado e voltado para o futuro, o destino da humanidade, como no trecho que ele cita sua voz inspiradora, Bolívar:

²¹¹ O melhor sistema de governo mais perfeito é aquele que produz maior soma de felicidade [minha tradução].

²¹² Não pode continuar havendo impunidade [minha tradução].

²¹³ Romper com o racionalismo modernizante. Aceleração do tempo [minha tradução].

²¹⁴ Dar-lhe nova dinâmica [minha tradução].

²¹⁵ trabalho e saber!, moral e luzes! [minha tradução].

²¹⁶ O Estado respeita a Igreja... A Igreja deve respeitar o Estado [minha tradução].

²¹⁷ É o mesmo que aconteceu com o Secretário geral da OEA... [...] E ele se rebaixa... quando sai a defender o indefensável! E ofende à Venezuela! [minha tradução].

²¹⁸ O que não vai cair é a economia venezuelana... Uma coisa é a Bolsa de Caracas... e outra coisa é a economia da Venezuela! [minha tradução].

*“Escribió Bolívar...”Yo espero mucho del tiempo...su inmenso vientre contiene más esperanzas que sucesos pasados...Y los acontecimientos futuros han de ser superiores a los pretéritos.”*²¹⁹

É “en nombre de Dios” e “del padre Nuestro” Bolívar, o “¡Padre nuestro que estás en la Tierra...en el agua...y en el aire!”²²⁰ que fala o chefe de Estado venezuelano. Uma voz que o inspira como um *raio*, um *mistério*, uma *onipotência*, palavras utilizadas por Chávez para se referir ao que disse Bolívar em diversos momentos.

É o passado que morre para dar origem a uma “*nueva era*”: “*algo muriendo... algo naciendo*”²²¹, uma era que promete ser de “*mayor suma de felicidad posible*”²²², representada como “*el sueño de tantos y tantas*”²²³, o *projeto bolivariano*, resultado de uma *obra incompleta*. Para alcançar tamanha prosperidade e completar a obra “*Sólo la unión nos falta...*”²²⁴, união de todos/as para alcançar aquele que é o “*único camino a la redención*”²²⁵, o que exige uma dedicação por completo: *¡En ello se nos irá la vida! ¡Toda la vida!*”²²⁶

Esta voz, alegada por Chávez, é atestada pelas escrituras sagradas da Bíblica e pelos escritos de Bolívar, ambos documentos de largo conhecimento por parte da nação venezuelana. Ao afirmar Chávez em diversos momentos: “*Está escrito...*”, estabelece o que diz como algo pré-destinado e assume uma posição visionária, daquele que é capaz de enxergar o porvir, através da voz que o inspira, neste caso, Bolívar:

Volando por entre las próximas edades... mi imaginación se fija en los siglos futuros... y observando desde allá...con admiración y pasmo...la prosperidad, el esplendor... la vida que ha recibido esta vasta región...me

²¹⁹ Escreveu Bolívar... “Eu espero muito do tempo... seu imenso ventre contém mais esperanças que acontecimentos passados... E os acontecimentos futuros hão de ser superiores aos passados” [minha tradução].

²²⁰ Pai nosso que estás na Terra... na água... e no ar! [minha tradução].

²²¹ nova era: algo morrendo... algo nascendo [minha tradução].

²²² maior soma de felicidade possível [minha tradução].

²²³ o sonho de tantos e tantas [minha tradução].

²²⁴ Só falta a união [minha tradução].

²²⁵ único caminho para a redenção [minha tradução].

²²⁶ Por isso daremos a vida! Toda a vida! [minha tradução].

siento arrebatado y me parece que ya la veo en el corazón del universo...²²⁷
[PP]

Bolívar foi aquele que lutou pela independência da Venezuela e outros países da América Latina. A Bíblia é um dos principais símbolos dos cristãos, uma coletânea de livros com os diversos ensinamentos de sua doutrina. Deus, o pai de todos, Cristo, seu filho, o Redentor, junto com Bolívar, o Libertador, completam a trindade que dá sentido à saga profética de Chávez, rumo a uma nova era.

A figura do profeta constitui-se numa tentação a todo político, que busca conquistar o maior número de adesão. Os símbolos com os quais o presidente venezuelano *joga*, ou dito de outra forma, *reivindica*, ajudam a construir esta imagem que parece ter se tornado bastante útil aos seus propósitos.

Chávez, quando ainda de sua primeira eleição, tornou-se a grande esperança para um povo, cansado do esquema político conservador que se mantinha no poder, através do revezamento entre representantes de apenas dois partidos, a AD e COPEI, responsáveis por grandes escândalos de corrupção, o enorme déficit público e a miséria da imensa maioria da população, apesar da fabulosa riqueza petrolífera que fazia daquele país o maior exportador do continente americano.

Sua imagem, construída, ao longo de sua carreira, como conectada umbilicalmente à do Libertador, Simón Bolívar, permanece como um dos grandes instrumentos de identificação a sua disposição.

Neste terceiro discurso de Chávez por mim analisado, foram novamente identificados trechos significativos que apontaram para os *ethé* de caráter, inteligência e humanidade.

O *ethos* de caráter aparece com menor frequência, com relação aos outros dois discursos analisados, através de três figuras: do orgulho, da firmeza e da vituperação [polêmica], conforme exposto no quadro 13.

²²⁷ Tradução na página 161.

O *ethos* de inteligência mais uma vez se faz presente, como é comum nos discursos do presidente venezuelano, que costuma recorrer a diversos representantes da literatura e cultura universal, de diversas áreas do conhecimento, como vozes a serem reafirmadas ou negadas em seu discurso, como, inclusive, ficou demonstrado nas análises da intertextualidade e interdiscursividade. Assim, Chávez cita Gramsci, Marx, Napoleão Bonaparte, Einstein, além de, pelo menos cinquenta e cinco vezes o nome de Bolívar, fazendo referência a diversos trechos de discursos e cartas do *Libertador*, bem como passagens e momentos da história da Venezuela, demonstrando um grande conhecimento a respeito da história de seu próprio país.

Ao demonstrar seus sentimentos e falar de momentos de sua vida pessoal e familiar, cria Chávez uma atmosfera de intimidade e informalidade, que o aproxima de seus interlocutores e constrói para si um *ethos* de *humanidade*, também típico de seus discursos, quando, em diversos momentos, adota um tom conversacional.

De acordo com a investigação que realizei, mais importante do que os próprios argumentos é a forma como o político consegue tocar as pessoas e fazê-las identificar-se consigo. Por isso, a construção de sua identidade discursiva e social não é um esquema tão simples. Como é necessário tocar o maior número de pessoas, um público o mais heterogêneo possível, é preciso construir uma teia que consiga ligar imagens que poderiam ser consideradas contraditórias e encontrar pontos de “costura”, capazes de estabelecer “efeitos de fronteira” e “dar liga” àquilo que aquele que enuncia considera ser o fundamental para atingir o que seriam seus objetivos. Por isso, Charaudeau (2006) considera haver uma instabilidade dos *ethé*, pois o político pode jogar com diversos deles, da forma como lhe convir.

A disputa por poder e por sentidos passa, desse modo, também pela construção de imagens, pelo jogo do *ethos*, como, aliás, não poderia ser diferente, uma vez que os modos de *ser*, de *agir* e de *representar* internalizam uns aos outros, de maneira dialética. O modo como alguém é diz como *age* e como *representa* o mundo, os eventos, as pessoas à sua volta, etc.

E nessa disputa por significação Chávez busca construir uma imagem daquele que representa o que seria a *alma do seu povo*, o que mais lhe toca, criando uma aliança com aqueles/as que supostamente compartilhariam dos mesmos valores, *povos do Sul*, *povos latino-americanos*, para enfrentar os que atualmente detêm a hegemonia [Estados Unidos e seus aliados, internos e externos à Venezuela] e são responsáveis por todo o mal que assola os que se encontram numa posição de dominados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o conceito de hegemonia parte de uma reflexão que Gramsci faz com relação à estratégia política apropriada para a conquista do poder por uma classe, é necessário lembrar que para um determinado projeto político ou uma classe social tornar-se hegemônica, não basta que ela alcance dirigir o poder central do Estado, aqui pensando como sociedade política, mas que tenha ocupado posições no interior de outros espaços de poder, os quais Gramsci chama de espaços privados de hegemonia e que constituem a sociedade civil. É o que ele considera a capacidade de uma classe em tornar-se Estado.

Chávez chegou ao poder de Estado, sociedade política pela via eleitoral democrática, porém ainda não havia conseguido o controle suficiente de posições em espaços privados de poder para manter-se. E isto o levou a sofrer, notadamente nos primeiros anos de governo, duras tentativas de restauração do poder pelas elites que comandavam o país até antes de sua eleição. E diante disso, Chávez percebe que não lhe basta o apoio do Exército e mesmo de setores expressivos da população se os que o apoiam também não ocuparem postos importantes nestes espaços privados. E é por isso que lança o programa de maior audiência do rádio Alo Presidente, posteriormente também transmitido na TV, investe em instrumentos alternativos de comunicação como rádios e tvs comunitárias, aprimora a rede estatal de TV, e lidera a criação de uma rede comunicativa para os países do sul, chamada Telesur; promove uma reforma universitária que abre os espaços das direções daquelas instituições a eleições diretas e paritárias²²⁸, avança no processo de construção de um partido político que lhe dê sustentação, o Partido Socialista Unido de Venezuela [PSUV], entre outras ações que buscam criar um tecido social que lhe garanta um apoio mais consistente e que faça frente à profusão das ideologias e disputa de poder pelos espaços privados de posse de seus adversários políticos.

²²⁸ Igual peso de participação no voto por estudantes, professores e técnico-administrativos.

Nessa arena política da disputa por hegemonias, os pronunciamentos de Chávez não apenas representam momentos semióticos desta disputa, no sentido de que neles estão representadas estas tensões entre as diversas formas de representação das forças políticas envolvidas, como também, é através do discurso, que Chávez procura constituir sua representação de mundo como, se não a única, a mais legítima e capaz de gerar “maior soma de felicidade possível²²⁹”. Deste modo, o discurso não apenas é constituído pela realidade social, como também é constitutivo dela e os textos aqui analisados, mais do que mero material linguístico, são vistos como processo e produto social.

A análise por mim realizada buscou, portanto, refletir sobre os modos como o momento semiótico da prática política do líder venezuelano articula-se com outros momentos das redes de práticas sociais: com a ação e interação sociais, com as relações sociais, com as pessoas [e suas crenças, valores, atitudes, histórias etc.] e com o mundo material. As relações entre estes diferentes elementos da prática social são dialéticas, conforme argumenta Harvey (apud FAIRCLOUGH, 2003, p. 15), em que cada elemento internaliza o outro, sem que, no entanto, se reduza a nenhum deles. O discurso de uma prática, por exemplo, embora não sendo o mesmo que sua relação social; a relação social é em parte de natureza discursiva, e o discurso é em parte relação social.

A análise das bicentenárias relações inter-americanas e de como o projeto expansionista e de hegemonia global dos Estados Unidos foi-se constituindo, a partir de seu papel como “tutor” do resto do continente, diante das metrópoles europeias, e, posteriormente, de grande potência do século XX até a contemporânea luta contra o terror, contribuem para compreender a conjuntura da Venezuela, a emergência política da liderança de Hugo Chávez, e o conjunto das tensões sociais naquele país, para além de uma equação política interna. Os conflitos pelo poder e as profundas desigualdades sociais que atingem aquele país, apesar de suas particularidades, inscreve-se no cenário político de um continente, cujos agentes sócio-históricos fazem parte de um processo dinâmico e instável entre reforma,

²²⁹ Palavras proferidas por Bolívar, no Discurso de Angostura, para quem o melhor sistema de governo é aquele capaz de gerar *a maior soma de felicidade possível*.

revolução, reformismo, contra-reforma e contra-revolução, numa permanente disputa pelo estabelecimento, manutenção e subversão de hegemonias.

Chávez, como político conhecedor e reivindicador desta história latino-americana, inscreve o seu projeto político na esteira dos ideais lançados pelos líderes das primeiras²³⁰ independências do continente latino-americano que defendiam, mais do que a independência política, ideais de justiça social. Assim, Chávez busca constituir seu discurso numa filiação às ideias do Libertador, o líder independentista Simón Bolívar, e de outros próceres das lutas pelas independências dos países latino-americanos. Reivindica o princípio da unidade entre as nações latino-americanas defendido por Bolívar e José Martí, como fundamental para fazer frente à dominação política, econômica, cultural e militar dos Estados Unidos da América.

É, portanto, por meio de uma cadeia interdiscursiva, que Chávez procura aproximar os discursos políticos de líderes das lutas pelas independências latino-americanas de discursos religiosos cristãos e revolucionários marxistas, numa síntese do que seria para ele o discurso bolivariano e socialista do século XXI, baseado na justiça social, fim das opressões aos povos de todo o mundo, solidariedade, entre outros valores humanistas.

Nesta mesma cadeia interdiscursiva, tais discursos rivalizam com os que representariam o pensamento e ação política de seus adversários: o discurso neoliberal de liberalização econômica; o discurso capitalista de acumulação de riquezas; entre outros. E, desse modo, algumas vozes são valorizadas, enquanto outras são representadas negativamente ou mesmo omitidas.

Como o discurso político vincula-se à imagem daquele que fala, sua credibilidade e a capacidade de gerar uma identificação entre aquele que enuncia e aqueles a quem se dirige o enunciador, Chávez, como chefe de Estado [*soberania*], procura criar para si uma imagem positiva daquele que se mostra como o grande *chefe* preocupado com os demais [*ethos de humanidade*] e que compartilha de suas

²³⁰ O termo *primeiras* aqui se refere a todas as independências das metrópoles europeias e projeta-se como a necessidade da realização de um segundo ciclo de independência, que diz respeito à dominação que exerce os Estados Unidos com relação aos demais países de nosso continente.

angústias [*ethos de solidariedade*], e é ainda capaz de guiar o seu povo por um caminho [*guia pastor*] ancorado na segurança das raízes e valores de seu povo [*tradição*], mas com a promessa [*guia profético*] de um futuro ainda melhor e grandioso [*modernidade*]. Está ainda disposto a lutar [*chefe combatente*] contra aqueles/as que se opõem à realização deste mundo *ideal*. É neste jogo de imagens relativamente instáveis, entendidas aqui não como reflexo da realidade, mas como algo que a faz entrar em universo de significações, que Chávez procurar construir um processo de identificação capaz de arregimentar seguidores/as, ao tempo em que também constrói um lugar de recusa para seus adversários. A estes caberia o “direito democrático” de contestação ou a acomodação à “nova ordem” estabelecida. Logo, a hegemonia não se exerce necessariamente por um consenso, mas uma aceitação, ainda que a contragosto, de que, de acordo com as *regras do jogo*, um determinado grupo social exerça o seu poder sobre os demais. Ou quando a força política dos grupos antagônicos, contra-hegemônicos, não é o suficiente para subverter a ordem vigente. Afinal, não seria correto afirmar que a atual e longa hegemonia do capital se deve, em absoluto, ao consenso. Mais explicitamente, isso parece ocorrer na Venezuela, em que a hegemonia política do projeto bolivariano de Chávez é duramente contestada por grupos que detêm forte poder político e, especialmente, econômico.

Entre as alternativas para superação da hegemonia estabelecida por um país que submete os demais ao seu poder, gerando desigualdades e uma ordem de injustiças sociais históricas, a partir de um sistema causador de todo tipo de violência, está, em primeiro lugar, a compreensão por parte “dos de baixo²³¹” das contradições que geraram e geram ainda estas disparidades, dos fatores que as naturalizaram, entre os quais, os discursos que contribuíram para inculcar determinadas representações como sendo as únicas possíveis.

Em segundo lugar, é preciso que esta compreensão seja uma atitude responsável ativa, isto é, que o conhecimento das causas geradoras destas desigualdades faça parte de um processo de constituição destes sujeitos como agentes históricos, capazes de transformar o atual quadro de injustiças, não para

²³¹ Expressão por mim utilizada para referir-se àqueles/as que se encontram numa posição de dominados/as.

inverter as posições de dominantes e dominados, gerando um novo sistema de dominação, mas para caminhar para uma sociabilidade que, em permanente movimento, busca na multiplicidade de sua existência a razão para não sermos tão socialmente desiguais.

A posição em que apresentei as alternativas não significa dizer que uma anteceda à outra, por exemplo, que seja necessário o conhecimento para poder agir, ou que só agindo é que se conhece, mas que são ações que se combinam. Conhecer e agir são partes de um mesmo processo de emancipação. Também ao fazer referência aos de baixo, não se deve considerar que estes devam “ser assistidos por um determinado conhecimento libertador”, inclusive porque a compreensão de conhecimento aqui não é de uma luz exterior que ilumina as consciências, mas de uma construção sócio-histórica e, portanto, ativa; não passiva. A opção que faço pelos “de baixo” é no sentido de colocar-me também como pesquisador numa posição daqueles/as que contestam o atual regime de dominação global capitalista e, desse modo, inscrever-me numa perspectiva emancipatória.

Por fim, este trabalho que não pretende, posto que também não alcançaria, uma completude, só poderá ser visto como uma ação emancipatória se, através de diálogos que possam escapar à própria “voz” deste pesquisador, for capaz de gerar crítica aos seus pressupostos, métodos e resultados, enfim, ao seu percurso. E, neste permanente diálogo, possamos eu, pesquisador e agente político, e demais agentes políticos implicados neste processo, refletir sobre o conjunto de práticas sociais em que estão inseridas nossa ação política e acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. As antinomias de Antonio Gramsci. **Crítica Marxista**, São Paulo: Juruê, 1986.
- AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer**: palavra e ação. Trad. Danilo Marcondes de Sousa Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês: Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1953].
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979 [1929].
- _____. Para uma filosofia do Ato Responsável. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-1924].
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BAUER, M. W. & AARTS, B. A construção do corpus : um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 39-63.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. & ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 17-36.
- BELLOTO, Manoel Lelo; CORRÊA, Ana Maria Martinez. Bolívar e a luta pela independência da América: ação e pensamento político. In: BELLOTO, Manoel Lelo; CORRÊA, Ana Maria Martinez (Org.). **Simón Bolívar**: política. São Paulo: Ática, 1983.
- BRAIT, Beth. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do discurso**: As materialidades do sentido. São Carlos, SP: Claraluz, 2001. p. 19-35.
- CASANOVA, Pablo González. Crisis del Estado y lucha por la democracia en América Latina. In: ESPINOZA, Dagoberto (ed.). Estado, nuevo orden económico y democracia en América Latina. Caracas: ALAS/CEA/**Nueva Sociedad**, nº 104, nov-dic. 1989, p. 95-104.
- CASTRO, Moacir Werneck de. **O libertador**: A vida de Simón Bolívar. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

CECEÑA, Ana Esther. Los peligros de la militarización en América Latina. **América Latina en movimiento**, 2011. Disponível em: <<http://alainet.org/active/48622&lang=es>>. Acesso em 11.01.2012

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relaciones Internacionais/Editoria UNB, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político** [tradução para o português de Le discours politique: les masques du pouvoir, 2005]. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CONTIERO, T. T. João Paulo II e a Teologia da Libertação: volta à Grande Disciplina? **Ensaios de História** (Franca), v. 11, p. 187-194, 2006.

COSTA, Nelson Barros da. O primado da prática: uma quarta época para a Análise do Discurso. In: COSTA, Nelson Barros da (Org.). **Práticas discursivas**: Exercícios analíticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005. p. 17-47.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

EAGLETON, Terry. Discurso e Ideologia. In: _____. **Ideologia**: uma introdução. Trad. de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: UNESP, Boitempo, 1997.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to systemic Functional Linguistics**. London: Continuum, 1994.

ELIZALDE, Miriam Rosa & BÁEZ, Luis. **Chávez Nuestro**. Cuba, Casa Editora Abril, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Unb, 2001.

_____. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. New York: Routledge, 2003.

FERREIRA, R. Críticas da linguagem: o ético, o político e o ideológico em questão. In: _____. **Guerra na língua: mídia, poder e terrorismo**. Fortaleza: EdUece, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 49 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009, 365 p.

_____. **Memoria del fuego**. Madrid: Siglo XXI de España Editores S.A, 1990, tomo II.

GOROSTIAGA, Xabier. Hacia una prospectiva participativa. Esquema metodológico. In: SEGRERA, Francisco López; FILMUS, Daniel (coord.). **América Latina 2020: escenarios, alternativas, estratégias**. Buenos Aires: FLACSO/Temas Grupo Editorial, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 3.

GROSGOUEL, Ramón. Colonialidad global y terrorismo antiterrorista. **Nueva Sociedad**, Caracas, nº177, enero/feb. 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, TOMAZ TADEU. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

_____. Context of situation. In: M.A.K. HALLIDAY, & R. HASAN. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Londres: Oxford University Press, 1991.

HARNECKER, Marta. **Hugo Chávez Frías**, un hombre, un pueblo. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2003.

HRISTOULAS, Athanasios. Canadá en América Latina. In: Hristoulas, Athanasios et al. (coords.) **Canadá: Política y gobierno en el siglo XXI**. México, DF: ITAM, 2005.

JONES, Bart. **Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da revolução permanente**. Tradução de Rodrigo Castro. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.

IANNI, Octavio. Imperialismo na América Latina. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: etapa superior do capitalismo**. In: Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.

MAESTRI, Mário; CANDREVA, Luigi. **Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTÍ, José. Nuestra América. 3. ed. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.

MATOS, Eliades Acosta. **El Apocalipsis según San George**. La Habana: Casa Editora Abril, 2005.

MOJICA, Francisco José. Determinismo y construcción del futuro. In: SEGRERA, Francisco López; FILMUS, Daniel (coord.). **América Latina 2020: escenarios, alternativas, estrategias**. Buenos Aires: FLACSO/Temas Grupo Editorial, 2000.

MÜLLERLEILE, Christoph. **El CARICOM en la integración de los estados caribeños**. Disponível em: <http://www.fundraising-buero.de/veroeffentlichungen_assets/caricomintegracion.pdf>. **Acesso em 04.01.2012**.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004, v.2.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução: Bethânia S. Mariani. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PETRAS, James. La geopolítica del Plan Colombia. **KOE'YU Latinoamericano**, Caracas, n. 82, p. 3-11, abr.-jun. 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguística e a política de representação. In: **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RAMALHO, Viviane. **O discurso da imprensa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque**. **Dissertação** (Mestrado em Linguística) – UnB, Brasília, 2005.

RESENDE, V. & RAMALHO, V. Linguística Sistêmica Funcional e Análise de Discurso Crítica. In: **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIVAS, Edelberto Torres. Los mecanismos de la ilusión: las elecciones centroamericanas. In: **Sistemas políticos, poder y sociedad [estudios de casos de América Latina]**, Caracas: ALAS/CEA/**Nueva Sociedad**, 1991.

RIVERA, Gisela García. Cuestiones claves del Tribunal Internacional Permanente en materia penal. El tema del Tribunal en la agenda de las relaciones EE.UU.-Caribe. **Boletín Electrónico**, no. 2. ISRI, Instituto Superior de Relaciones Internacionales Raúl Roa García, La Habana, Cuba: Enero-Feb. 2004.

ROMERO, Aníbal. Situación y perspectivas del sistema político venezolano. In: MAGALLANES, Manuel Vicente (org.). **Sistema político venezolano, clubes franceses y tendencias electorales**. Caracas: Consejo Supremo Electoral, 1989.

SALAZAR, Luis Suárez & LORENZO, Tania García. **Las relaciones interamericanas**: continuidades y cambios. Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales [CLACSO], 2008.

SALAZAR, Luis Suárez. Geopolítica y drogas en el hemisferio occidental: una reactualización. **Temas**, La Habana, enero-jun. 2005.

SCHOEN, Douglas & ROWAN, Michael. **The threat closer to home**. New York: Free Press, 2009.

SCHULMAN, José Ernesto. **La parte o el todo**: un mapa para recorrer la historia de la lucha de clases en Argentina. Buenos Aires: Manuel Suárez, 2005.

VENEZUELA. Gabinete do Presidente. **Simón Bolívar**: Ideario Político. 2. ed. Caracas: Ediciones de la Presidencia de la República, 2004.

_____. Gabinete do Presidente. **2002 “Año de la Resistencia Antiimperialista”**. Caracas: Ediciones de la Presidencia de la República, 2005.

_____. Gabinete do Presidente. **2006 “Año de la Participación y el Poder Popular”**. Caracas: Ediciones de la Presidencia de la República, 2009.

WANDERMUREM, Marli. As imagens das figuras de satanás na Bíblia Hebraica como tipologia do mal. **Maiêutica digital**, Salvador, v.1, n.1, p. 7-22, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.fbb.br/downloads/maieutica_marli.pdf>. Acesso em 18.01.2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

ZINN, Howard. **La otra historia de los Estados Unidos**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

Sítios eletrônicos pesquisados:

<http://www.venezuela-oas.org/Discursos%20del%20%20Presidente%20Chavez.htm>- Acesso em 04.04.2008

<http://www.gramsci.org.br> – Acesso em: 19.01.2012

<http://www.presidencia.gob.ve> - Acesso em: 19.01.2012

<http://www.youtube.com/watch?v=mwQz6TRtXOg> - Acesso em: 05.01.2012.

<http://vulcano.wordpress.com/2007/01/11/discurso-de-hugo-chavez-en-su-toma-de-posesion/> - Acesso em: 08/04/2012.

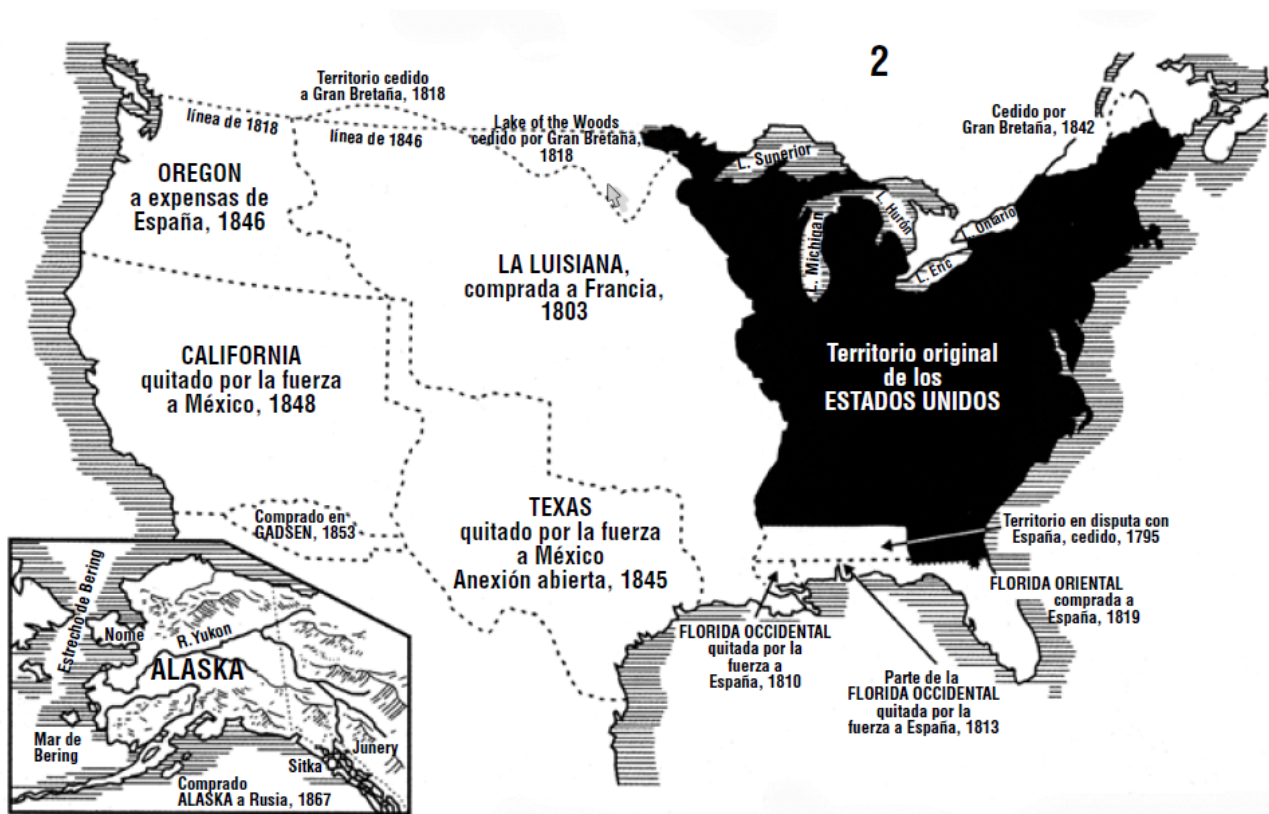
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u98496.shtml> - Acesso em: 04.01.2012.

http://www.ceseden.es/centro_documentacion/documentos/16.pdf - Acesso em: 04.01.2012.

<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Contiero,%20Tiago%20Tadeu.pdf> - Acesso em: 09.01.2012.

ANEXOS

ANEXO A – Processo de Expansão Territorial das Treze Colônias Unidas do Norte da América



Fonte: Salazar & Lorenzo (2008).

ANEXO B – MANIFIESTO DE CARTAGENA

MANIFIESTO DE CARTAGENA

Conciudadanos:

Libertar á la Nueva Granada de la suerte de Venezuela, y redimir á esta de la que padece, son los objetos que me he propuesto en esta Memoria. Dignaos, oh mis conciudadanos! de aceptarla con indulgencia en obsequio de miras tan laudables.

Yo soy, granadinos, un hijo de la infeliz Carácas, escapado prodigiosamente de en medio de sus ruinas físicas, y políticas, que siempre fiel al sistema liberal y justo, que proclamó mi patria, he venido á seguir aquí los estandartes de la independendencia, que tan gloriosamente tremolan en estos Estados.

Permitidme que animado de un celo patriótico me atreva á dirigirme á vosotros, para indicaros ligeramente las causas que condujeron á Venezuela á su destrucción: lisonjeándome que las terribles y ejemplares lecciones que ha dado aquella extinguida República, persuadan á la América, á mejorar de conducta, corrigiendo los vacios de unidad, solidez y energía que se notan en sus gobiernos.

El mas consecuente error que cometió Venezuela, al presentarse en el teatro político, fué sin contradiccion, la fatal adopcion que hizo del sistema tolerante: sistema improbado como débil é ineficaz, desde entónces, por todo el mundo sensato, y tenazmente sostenido hasta los últimos períodos, con una ceguedad sin ejemplo.

Las primeras pruebas que dió nuestro Gobierno de su insensata debilidad, las manifestó con la ciudad subalterna de Coro,

que denegándose á reconocer su legitimidad, la declaró insurgente, y la hostilizó como enemigo.

La Junta suprema en lugar de subyugar aquella indefensa ciudad, que estaba rendida con presentar nuestras fuerzas marítimas delante de su puerto, la dejó fortificar y tomar una actitud tan respetable, que logró subyugar despues la confederacion entera, con casi igual facilidad que la que teniamos nosotros anteriormente para vencerla; fundando la Junta su política en los principios de humanidad mal entendida que no autorizan á ningun Gobierno, para hacer por la fuerza, libres á los pueblos estúpidos que desconocen el valor de sus derechos.

Los códigos que consultaban nuestros magistrados, no eran los que podian enseñarles la ciencia práctica del Gobierno, sino los que han formado ciertos buenos visionarios que imaginándose repúblicas aéreas, han procurado alcanzar la perfeccion política, presuponiendo la perfectibilidad del linaje humano. Por manera que tuvimos filósofos por jefes, filantropía por legislacion, dialéctica por táctica, y sofistas por soldados. Con semejante subversion de principios y de cosas, el órden social se sintió extremadamente conmovido, y desde luego corrió el Estado á pasos agigantados á una disolucion universal, que bien pronto se vió realizada.

De aquí nació la impunidad de los delitos de Estado cometidos descaradamente por los descontentos, y particularmente por nuestros natos é implacables enemigos los españoles europeos, que maliciosamente se habian quedado en nuestro país, para tenerlo incesantemente inquieto, y promover cuantas conjuraciones les permitian formar nuestros jueces, perdonándolos siempre, aun cuando sus atentados eran tan enormes, que se dirigian contra la salud pública.

La doctrina que apoyaba esta conducta tenia su origen en las máximas filantrópicas de algunos escritores que defienden la

no residencia de facultad en nadie, para privar de la vida á un hombre, aun en el caso de haber delinquido este, en el delito de lesa patria. Al abrigo de esta piadosa doctrina, á cada conspiracion sucedia un perdon, y á cada perdon sucedia otra conspiracion que se volvia á perdonar; porque los Gobiernos liberales deben distinguirse por la clemencia. Clemencia criminal, que contribuyó mas que nada, á derribar la máquina, que todavía no habiamos enteramente concluido.

De aquí vino la oposicion decidida, á levantar tropas veteranas, disciplinadas, y capaces de presentarse en el campo de batalla, ya instruidas, á defender la libertad, con suceso y gloria. Por el contrario: se establecieron innumerables cuerpos de milicias indisciplinadas, que ademas de agotar las cajas del erario nacional, con los sueldos de las planas mayores, destruyeron la agricultura, alejando á los paisanos de sus lugares; é hicieron odioso el Gobierno que obligaba á estos á tomar las armas y á abandonar sus familias.

Las repúblicas, decian nuestros estadistas, no han menester de hombres pagados para mantener su libertad. Todos los ciudadanos serán soldados cuando nos ataque el enemigo. Grecia, Roma, Venecia, Génova, Suiza, Holanda, y recientemente el Norte de América, vencieron á sus contrarios sin auxilio de tropas mercenarias siempre prontas á sostener el despotismo y á subyugar á sus conciudadanos.

Con estos impolíticos é inexactos raciocinios, fascinaban á los simples: pero no convencian á los prudentes que conocian bien la inmensa diferencia que hay entre los pueblos, los tiempos y las costumbres de aquellas repúblicas, y las nuestras. Ellas, es verdad que no pagaban ejércitos permanentes; mas era porque en la antigüedad no los habia, y solo confiaban la salvacion y la gloria de los Estados en sus virtudes políticas, costumbres severas y carácter militar, cualidades que nosotros estamos muy distantes de poseer. Y en cuanto á las modernas que han sacudido el yugo de sus tiranos es notorio que han mantenido el competente número de veteranos que exige la

seguridad: exceptuando al Norte de América, que estando en paz con todo el mundo, y guarnecido por el mar no ha tenido por conveniente sostener en estos últimos años el completo de tropas veteranas que necesita para la defensa de sus fronteras y plazas.

El resultado probó severamente á Venezuela el error de su cálculo; pues los milicianos que salieron al encuentro del enemigo, ignorando hasta el manejo del arma, y no estando habituados á la disciplina y obediencia, fueron arrollados al comenzar la última campaña, á pesar de los heroicos y extraordinarios esfuerzos que hicieron sus jefes, por llevarlos á la victoria. Lo que causó un desaliento general en soldados y oficiales; porque es una verdad militar que, solo ejércitos aguerridos son capaces de sobreponerse á los primeros infaustos sucesos de una campaña. El soldado bisoño lo cree todo perdido, desde que es derrotado una vez; porque la experiencia no le ha probado que el valor, la habilidad y la constancia corrigen la mala fortuna.

La subdivision de la provincia de Carácas proyectada, discutida y sancionada por el Congreso federal, despertó y fomentó una enconada rivalidad en las ciudades y lugares subalternos, contra la capital: “la cual decian los congresales ambiciosos de dominar en sus distritos, era la tirana de las ciudades, y la sanguijuela del Estado”. De este modo se encendió el fuego de la guerra civil en Valencia que, nunca se logró apagar, con la reduccion de aquella ciudad: pues conservándolo encubierto, lo comunicó á las otras limítrofes Coro y Maracaibo: y estas entablaron comunicaciones con aquellas, facilitaron, por este medio, la entrada de los españoles que trajo consigo la caida de Venezuela.

La disipacion de las rentas públicas en objetos frívolos y perjudiciales; y particularmente en sueldos de infinidad de oficinistas, secretarios, jueces, magistrados, legisladores provinciales y federales dió un golpe mortal á la República, porque la obligó á recurrir al peligroso expediente de establecer el papel moneda, sin otra garan-

tía, que la fuerza y las rentas imaginarias de la Confederación. Esta nueva moneda pareció á los ojos de los mas, una violencia manifiesta del derecho de propiedad, porque se conceptuaban despojados de objetos de intrínseco valor, en cambio de otros cuyo precio era incierto, y aun ideal. El papel moneda remató el descontento de los estóolidos pueblos internos, que llamaron al Comandante de las tropas españolas, para que viniese á librarlos de una moneda que veían con mas horror que la servidumbre.

Pero lo que debilitó mas el Gobierno de Venezuela, fue la forma federal que adoptó, siguiendo las máximas exageradas de los derechos del hombre, que autorizándolo para que se rija por sí mismo, rompe los pactos sociales, y constituye á las naciones en anarquía. Tal era el verdadero estado de la Confederación. Cada provincia se gobernaba independientemente; y á ejemplo de estas, cada ciudad pretendía iguales facultades alegando la práctica de aquellas, y la teoría de que todos los hombres y todos los pueblos, gozan de la prerrogativa de instituir á su antojo, el gobierno que les acomode.

El sistema federal, bien que sea el mas perfecto, y mas capaz de proporcionar la felicidad humana en sociedad, es, no obstante, el mas opuesto á los intereses de nuestros nacientes Estados; generalmente hablando, todavía nuestros conciudadanos no se hallan en aptitud de ejercer por sí mismos y ampliamente sus derechos; porque carecen de las virtudes políticas que caracterizan al verdadero republicano: virtudes que no se adquieren en los gobiernos absolutos, en donde se desconocen los derechos y los deberes del ciudadano.

Por otra parte ¿qué país del mundo por morigerado y republicano que sea, podrá, en medio de las facciones intestinas y de una guerra exterior, regirse por un Gobierno tan complicado y débil como el federal?. No es posible conservarla en el tumulto de los combates y de los partidos. Es preciso que el Gobierno se identifique, por decirlo así, al carácter de las circunstancias, de los tiempos y de los hombres que lo rodean. Si estos son prósperos y serenos, él

debe ser dulce y protector; pero si son calamitosos y turbulentos, él debe mostrarse terrible, y armarse de una firmeza igual á los peligros, sin atender á leyes ni constituciones interin no se restablecen la felicidad y la paz.

Carácas tuvo mucho que padecer por defecto de la Confederacion que léjos de socorrerla le agotó sus caudales y pertrechos; y cuando vino el peligro la abandonó á su suerte, sin auxiliarla con el menor contingente. Ademas le aumentó sus embarazos habiéndose empeñado una competencia entre el poder federal y el provincial, que dió lugar á que los enemigos llegasen al corazón del Estado, ántes que se resolviese la cuestion, de si deberian salir las tropas federales, ó provinciales á rechazarlos cuando ya tenian ocupada una gran porcion de la provincia. Esta fatal contestacion produjo una demora que fué terrible para nuestras armas. Pues las derrotaron en San Cárlos sin que les llegasen los refuerzos que esperaban para vencer.

Yo soi de sentir que miéntras no centralicemos nuestros gobiernos americanos, los enemigos obtendrán las mas completas ventajas; serémos indefectiblemente envueltos en los horrores de las disensiones civiles, y conquistados vilipendiosamente por ese puñado de bandidos que infestan nuestras comarcas.

Las elecciones populares hechas por los rústicos del campo, y por los intrigantes moradores de las ciudades, añaden un obstáculo mas á la práctica de la federacion entre nosotros; porque los unos son tan ignorantes que hacen sus votaciones maquinalmente, y los otros, tan ambiciosos que todo lo convierten en faccion; por lo que jamas se vió en Venezuela una votacion libre y acertada; lo que ponía al Gobierno en manos de hombres ya desafectos á la causa, ya ineptos, ya inmorales. El espíritu de partido decidía en todo, y por consiguiente nos desorganizó mas de lo que las circunstancias hicieron. Nuestra division, y no las armas españolas, nos tornó á la esclavitud.

El terremoto de 26 de marzo trastornó, ciertamente, tanto lo físico como lo moral, y puede llamarse propiamente, la causa inmediata de la ruina de Venezuela; mas este mismo suceso habria tenido lugar sin producir tan mortales efectos. Si Carácas se hubiera gobernado entónces por una sola autoridad, que obrando con rapidez y vigor hubiese puesto remedio á daños sin trabas, ni competencias que retardando el efecto de las providencias dejaban tomar al mal un incremento tan grande que lo hizo incurable.

Si Carácas en lugar de una confederacion, lánguida é insubistente, hubiese establecido un gobierno sencillo, cual lo requería su situacion política y militar, tu existieras ¡oh Venezuela! y gozáras hoy de tu libertad.

La influencia eclesiástica tuvo, despues del terremoto, una parte muy considerable en la sublevacion de los lugares y ciudades subalternas; y en la introduccion de los enemigos en el pais: abusando sacrílegamente de la santidad de su ministerio en favor de los promotores de la guerra civil. Sin embargo, debemos confesar ingenuamente, que estos traidores sacerdotes se animaban á cometer los execrables crímenes de que justamente se les acusa porque la impunidad de los delitos era absoluta: la cual hallaba en el Congreso un escandaloso abrigo: llegando á tal punto esta injusticia que de la insurreccion de la ciudad de Valencia, que costó su pacificacion cerca de mil hombres, no se dió á la vindicta de las leyes un solo rebelde; quedando todos con vida, y los mas con sus bienes.

De lo referido se deduce, que entre las causas que han producido la caida de Venezuela, debe colocarse en primer lugar la naturaleza de su constitucion; que repito, era tan contraria á sus intereses, como favorable á los de sus contrarios. En segundo, el espíritu de misantropía que se apoderó de nuestros gobernantes. Tercero: la oposicion al establecimiento de un cuerpo militar que salvase la República y repudiese los choques que le daban los españoles. Cuarto: el terremoto acompañado del fanatismo que logró sacar de este fe-

nómeno los mas importantes resultados; y últimamente las facciones internas que en realidad fueron el mortal veneno que hicieron descender la patria al sepulcro.

Estos ejemplos de errores é infortunios, no serán enteramente inútiles para los pueblos de la América meridional, que aspiran á la libertad é independencia.

La Nueva Granada ha visto sucumbir á Venezuela; por consiguiente debe evitar los escollos que han destrozado á aquella. A este efecto presento como una medida indispensable para la seguridad de la Nueva Granda, la reconquista de Carácas. A primera vista parecerá este proyecto inconducente, costoso, y quizás impracticable: pero examinando atentamente con ojos previsivos, y una meditacion profunda, es imposible desconocer su necesidad, como dejar de ponerlo en ejecucion probada la utilidad.

Lo primero que se presenta en apoyo de esta operacion, es el origen de la destruccion de Carácas, que no fue otro que el desprecio con que miró aquella ciudad la existencia de un enemigo que parecia pequeño, y no lo era considerándolo en su verdadera luz.

Coro ciertamente no habria podido nunca entrar en competencia con Carácas, si la comparamos, en sus fuerzas intrínsecas, con esta; mas como en el orden de las vicisitudes humanas no es siempre la mayoría de la masa física la que decide, sino que es la superioridad de la fuerza moral la que inclina hácia sí la balanza política, no debió el Gobierno de Venezuela, por esta razon, haber descuidado la extirpacion de un enemigo, que aunque aparentemente débil, tenia por auxiliares á la provincia de Maracaibo; á todas las que obedecen á la Regencia; el oro, y la cooperacion de nuestros eternos contrarios los europeos que viven con nosotros; el partido clerical, siempre adicto á su apoyo y compañero el despotismo; y sobre todo, la *opinion inveterada* de cuantos ignorantes y supersticiosos contienen los límites de nuestros Estados. Así fué que apénas hubo un oficial traidor

que llamase al enemigo, cuando se desconcertó la máquina política, sin que los inauditos y patrióticos esfuerzos que hicieron los defensores de Carácas, lograsen impedir la caída de un edificio ya desplomado, por el golpe que recibió de un solo hombre.

Aplicando el ejemplo de Venezuela á la Nueva Granada, y formando una proporcion, hallarémos que Coro es á Carácas, como Carácas es á la América entera: consiguientemente el peligro que amenaza este pais, está en razon de la anterior progresion; porque poseyendo la España el territorio de Venezuela, podrá con facilidad sacarle hombres y municiones de boca y guerra para que bajo la direccion de jefes experimentados contra los grandes maestros de la guerra, los franceses, penetren desde las provincias de Barinas y Maracaibo hasta los últimos confines de la América meridional.

La España tiene en el dia gran número de oficiales generales, ambiciosos y audaces; acostumbrados á los peligros y á las privaciones, que anhelan por venir aquí, á buscar un imperio que reemplace el que acaban de perder.

Es muy probable, que al expirar la Península, haya una prodigiosa emigracion de hombres de todas clases; y particularmente de cardenales, arzobispos, obispos, canónigos y clérigos revolucionarios capaces de subvertir, no solo nuestros tiernos y lánguidos Estados, sino de envolver el Nuevo Mundo entero, en una espantosa anarquía. La influencia religiosa, el imperio de la dominacion civil y militar, y cuantos prestigios pueden obrar sobre el espíritu humano, serán otros tantos instrumentos de que se valdrán para someter estas regiones.

Nada se opondrá á la emigracion de España. Es verosímil que la Inglaterra proteja la evasion de un partido que disminuye en parte las fuerzas de Bonaparte en España; y trae consigo el aumento y permanencia del suyo en América. La Francia no podrá impedirlo: tampoco Norte-américa; y nosotros menos

aun, pues careciendo todos de una marina respetable, nuestras tentativas serán vanas.

Estos tráfugas hallarán ciertamente una favorable acogida en los puertos de Venezuela, como que vienen á reforzar á los opresores de aquel pais, y los habilitan de medios para emprender la conquista de los Estados independientes.

Levantarán 15 ó 20 mil hombres que disciplinarán prontamente con sus jefes, oficiales, sargentos, cabos y soldados veteranos. A este ejército seguirá otro todavía mas temible, de ministros, embajadores, consejeros, magistrados, toda la gerarquía eclesiástica y los grandes de España, cuya profesion es el dolo y la intriga, condecorados con ostentosos títulos, muy adecuados para deslumbrar á la multitud: que derramándose como un torrente, lo inundarán todo arrancando las semillas y hasta las raices del árbol de la libertad de Colombia. Las tropas combatirán en el campo; y estos desde sus gabinetes, nos harán la guerra por los resortes de la seduccion y del fanatismo.

Así pues, no nos queda otro recurso para precavernos de estas calamidades, que el de pacificar rápidamente nuestras provincias sublevadas, para llevar despues nuestras armas contra las enemigas; y formar de este modo, soldados y oficiales dignos de llamarse las columnas de la patria.

Todo conspira á hacernos adoptar esta medida: sin hacer mencion de la necesidad urgente que tenemos de cerrarle las puertas al enemigo, hay otras razones tan poderosas para determinarnos á la ofensiva, que seria una falta militar y política inexcusable, dejar de hacerla. Nosotros nos hallamos invadidos, y por consiguiente forzados á rechazar al enemigo mas allá de la frontera. Además, es un principio del arte que toda guerra defensiva es perjudicial y ruinosa para el que la sostiene; pues lo debilita sin esperanza de indemnizarlo; y que las hostilidades en el territorio enemigo, siempre son pro-

vechosas; por el bien que resulta del mal del contrario; así, no debemos, por ningún motivo, emplear la defensiva.

Debemos considerar también el estado actual del enemigo, que se halla en una posición muy crítica, habiéndosele desertado la mayor parte de sus soldados criollos; y teniendo al mismo tiempo que guarnecer las patrióticas ciudades de Carácas, Puerto Cabello, la Guaira, Barcelona, Cumaná y Margarita, en donde existen sus depósitos; sin que se atrevan á desamparar estas plazas, por temor de una insurrección general en el acto de separarse de ellas. De modo que no sería imposible que llegasen nuestras tropas hasta las puertas de Carácas, sin haber dado una batalla campal.

Es una cosa positiva, que en cuanto nos presentemos en Venezuela, se nos agregan millares de valerosos patriotas, que suspiran por vernos aparecer, para sacudir el yugo de sus tiranos, y unir sus esfuerzos á los nuestros, en defensa de la libertad.

La naturaleza de la presente campaña nos proporciona la ventaja de aproximarnos a Maracaibo, por Sta. Marta, y á Barinas, por Cúcuta.

Aprovechémos, pues, instantes tan propicios; no sea que los refuerzos que incesantemente deben llegar de España, cambien absolutamente el aspecto de los negocios, y perdamos quizás para siempre la dichosa oportunidad de asegurar la suerte de estos Estados.

El honor de la Nueva Granada exige imperiosamente, escarmentar á esos osados invasores, persiguiéndolos hasta sus últimos atrincheramientos. Como su gloria depende de tomar á su cargo la empresa de marchar á Venezuela á libertar la cuna de la independencia colombiana, sus mártires, y aquel benemérito pueblo caraqueño, cuyos clamores solo se dirigen á sus amados compatriotas los granadinos que ellos aguardan con una mortal impaciencia, como á sus redentores. Corramos á romper las cadenas de aquellas víctimas que

gimen en las mazmorras, siempre esperando su salvacion de vosotros: no burleis su confianza: no seais insensibles á los lamentos de vuestros hermanos. Id veloces á vengar al muerto, á dar vida al moribundo, soltura al oprimido y libertad á todos.

Cartagena de Indias, Diciembre 15 de 1812.

SIMON BOLIVAR (3)

3) Texto Original tomado de: José Félix Blanco y Ramón Azpurua, *Documentos para la Historia de la Vida pública del Libertador*, Caracas, Ediciones de la Presidencia de la República, 1978, t. IV, pp. 119 – 124.

ANEXO C – CARTA DE JAMAICA

CARTA DE JAMAICA

(Kingston, Jamaica, 06 de Septiembre de 1815)

Este documento fue conocido originalmente como «**Contestación de un americano meridional a un caballero de esta Isla**», el cual fue escrito por Simón Bolívar en Kingston; dirigido a un ciudadano inglés, identificado tiempo después como Henry Cullen. La idea central del documento, es la exposición de las causas y razones que justifican la decisión de los “españoles americanos” de independizarse; y además, tenía como propósito, llamar la atención de la nación más poderosa del mundo, en el siglo XIX, Inglaterra, con el objetivo de lograr la cooperación de dicha potencia, en la gesta americana.

CARTA DE JAMAICA

Mui señor mio:

Me apresuro á contestar la carta de 29 del mes pasado que U. me hizo el honor de dirigirme, y yo recibí con la mayor satisfaccion.

Sensible como debo, al interes que U. ha querido tomar por la suerte de mi patria, aflijiéndose con ella por los tormentos que padece, desde su descubrimiento hasta estos últimos períodos, por parte de sus destructores los españoles, no siento ménos el comprometimiento en que me ponen las solícitas demandas que U. me hace, sobre los objetos mas importantes de la política americana. Así, me encuentro en un conflicto, entre el deseo de corresponder á la confianza con que U. me favorece, y el impedimento de satisfacerle, tanto por la falta de documentos y de libros, quanto por los limitados conocimientos que poseo de un país tan inmenso, variado y desconocido como el Nuevo Mundo.

En mi opinion es imposible responder á las preguntas con que U. me ha honrado. El mismo baron de Humboldt, con su universalidad de conocimientos teóricos y prácticos, apénas lo haria con exactitud, porque aunque una parte de la estadística y revolucion de América es conocida, me atrevo á asegurar que la mayor está cubierta de tinieblas, y por consecuencia, solo se pueden ofrecer conjeturas más ó ménos aproximadas, sobre todo en lo relativo á la suerte futura, y á los verdaderos proyectos de los americanos; pues cuantas combinaciones suministra la historia de las naciones de otras tantas es susceptible la nuestra por sus posiciones físicas, por las vicisitudes de la guerra, y por los cálculos de la política.

Como me conceptúo obligado á prestar atención á la apreciable carta de U., no ménos que á sus filantrópicas miras, me animo a dirigir estas líneas, en las cuales ciertamente no hallará U. las ideas luminosas que desea, mas sí las ingénuas expresiones de mis pensamientos.

“Tres siglos ha, dice U., que empezaron las barbaridades que los españoles cometieron en el grande hemisferio de Colón”. Barbaridades que la presente edad ha rechazado como fabulosas, porque parecen superiores á la perversidad humana; y jamas serian creidas por los críticos modernos, si constantes y repetidos documentos no testificasen estas infaustas verdades. El filantrópico obispo de Chiapa, el apóstol de la América, Las Casas, ha dejado á la posteridad una breve relacion de ellas, extractada de las sumarias que siguieron en Sevilla á los conquistadores, con el testimonio de cuantas personas respetables habia entónces en el Nuevo Mundo, y con los procesos mismos que los tiranos se hicieron entre sí: como consta por los mas sublimes historiadores de aquel tiempo. Todos los imparciales han hecho justicia al celo, verdad y virtudes de aquel amigo de la humanidad, que con tanto fervor y firmeza denunció ante su gobierno y contemporáneos los actos mas horrorosos de un frenesí sanguinario.

Con cuánta emoción de gratitud leo el pasaje de la carta de U. en que me dice: “que espera que los sucesos que siguieron entónces á las armas españolas, acompañen ahora á las de sus contrarios, los mui oprimidos americanos meridionales”. Yo tomo esta esperanza por una prediccion, si la justicia decide las contiendas de los hombres. El suceso coronará nuestros esfuerzos; porque el destino de la América se ha fijado irrevocablemente; el lazo que la unia á la España está cortado: la opinion era toda su fuerza; por ella se estrechaban mutuamente las partes de aquella inmensa monarquía: lo que ántes las enlazaba ya las divide: mas grande es el odio que nos ha inspirado la Península que el mar que nos separa de ella: ménos difícil es unir los dos continentes,

que reconciliar los espíritus de ámbos países. El hábito á la obediencia; un comercio de intereses, de luces, de relijón: una recíproca benevolencia; una tierna solicitud por la cuna y la gloria de nuestros padres; en fin, todo lo que formaba nuestra esperanza, nos venia de España. De aquí nacía un principio de adhesion que parecia eterno; no obstante que la inconducta de nuestros dominadores relajaba esta simpatía; ó por mejor decir este apego forzado por el imperio de la dominacion. Al presente sucede lo contrario: la muerte, el deshonor, cuanto es nocivo, nos amenaza y tememos: todo lo sufrimos de esa desnaturalizada madrastra. El velo se ha rasgado, ya hemos visto la luz y se nos quiere volver á las tinieblas: se han roto las cadenas; ya hemos sido libres, y nuestros enemigos pretenden de nuevo esclavizarnos. Por lo tanto, la América combate con despecho; y rara vez la desesperación no ha arrastrado tras sí la victoria.

Porque los sucesos hayan sido parciales y alternados, no debemos desconfiar de la fortuna. En unas partes triunfan los independientes, miéntras que los tiranos en lugares diferentes, obtienen sus ventajas, y ¿cuál es el resultado final? ¿no está el Nuevo Mundo entero, conmovido y armado para su defensa? Echemos una ojeada y observaremos una lucha simultánea en la misma extension de este hemisferio.

El belicoso Estado de las provincias del Rio de la Plata ha purgado su territorio y conducido sus armas vencedoras al Alto Perú, conmoviendo á Arequipa, é inquietado á los realistas de Lima. Cerca de un millon de habitantes disfruta allí de su libertad.

El reino de Chile, poblado de ochocientas mil almas, está lidiando contra sus enemigos que pretenden dominarlo; pero en vano, porque los que ántes pusieron un término á sus conquistas, los indómitos y libres araucanos, son sus vecinos y compatriotas; y su ejemplo sublime es suficiente para probarles, que el pueblo que ama su independenciam, por fin lo logra.

El vireinato del Perú, cuya población asciende á millon y medio de habitantes, es sin duda el mas sumiso y al que mas sacrificios se le han arrancado para la causa del rei, y bien que sean vanas las relaciones concernientes á aquella porcion de América, es indubitable que ni está tranquila, ni es capaz de oponerse al torrente que amenaza á las mas de sus provincias.

La Nueva Granada, que es por decirlo así, el corazón de la América y obedece á un gobierno general, exceptuando el reino de Quito que con la mayor dificultad contiene sus enemigos, por ser fuertemente adicto á la causa de su patria; y las provincias de Panamá y Santa Marta que sufren, no sin dolor la tiranía de sus señores. Dos millones y medio de habitantes están esparcidos en aquel territorio que actualmente defienden contra el ejército español bajo el general Morillo, que es verosímil sucumba delante de la inexpugnable plaza de Cartagena. Mas si la tomare será á costa de grandes pérdidas, y desde luego carecerá de fuerzas bastantes para subyugar á los morijeros y bravos moradores del interior.

En cuanto á la heroica y desdichada Venezuela sus acontecimientos han sido tan rápidos y sus devastaciones tales, que casi la han reducido á una absoluta indigencia y á una soledad espantosa; no obstante que era uno de los mas bellos países de cuantos hacían el orgullo de la América. Sus tiranos gobiernan un desierto, y solo oprimen á tristes restos que, escapados de la muerte, alimentan una precaria existencia: algunas mugeres, niños y ancianos son los que quedan. Los mas de los hombres han perecido por no ser esclavos, y los que viven, combaten con furor en los campos y en los pueblos internos, hasta expirar ó arrojar al mar á los que, insaciables de sangre y de crímenes, rivalizan con los primeros mónstruos que hicieron desaparecer de la América á su raza primitiva. Cerca de un millon de habitantes se contaba en Venezuela; y sin exajeracion se puede asegurar que una cuarta parte ha sido sacrificada por la tierra, la espada, el hambre, la peste, las peregrinaciones, excepto el terremoto, todos resultados de la guerra.

En Nueva España habia en 1808, segun nos refiere el baron de Humboldt, 7.800,000 mil almas con inclusion de Goatemala. Desde aquella época, la insurreccion que ha ajitado á casi todas sus provincias, ha hecho disminuir sensiblemente aquel cómputo que parece exacto; pues mas de un millon de hombres han perecido, como lo podrá U. ver en la exposicion de Mr. Walton que describe con fidelidad los sanguinarios crímenes cometidos en aquel opulento imperio. Allí la lucha se mantiene á fuerza de sacrificios humanos y de todas especies, pues nada ahorran los españoles con tal que logren someter á los que han tenido la desgracia de nacer en este suelo, que parece destinado á empararse con la sangre de sus hijos. A pesar de todo, los mejicanos serán libres, porque han abrazado el partido de la patria, con la resignacion de vengar á sus pasados ó seguirlos al sepulcro. Ya ellos dicen con Reynal: llegó el tiempo en fin, de pagar á los españoles suplicios con suplicios y de ahogar á esa raza de exterminadores en su sangre ó en el mar.

Las islas de Puerto Rico y Cuba, que entre ámbas pueden formar una poblacion de 700 á 800,000 almas, son las que mas tranquilamente poseen los españoles, porque están fuera del contacto de los independientes. Mas, ¿no son americanos estos insulares? ¿No son vejados? ¿No desearán su bienestar?

Este cuadro representa una escala militar de 2.000 leguas de longitud y 900 de latitud en su mayor extension en que 16.000,000 de americanos defienden sus derechos ó están oprimidos por la nacion española que aunque fué en algun tiempo el mas vasto imperio del mundo, sus restos son ahora impotentes para dominar el nuevo hemisferio y hasta para mantenerse en el antiguo. ¿Y la Europa civilizada, comerciante y amante de la libertad permite que una vieja serpiente por solo satisfacer su saña envenenada, devore la mas bella parte de nuestro globo? Qué! ¿Está la Europa sorda al clamor de su propio interes? ¿No tiene ya ojos para ver la justicia? ¿Tanto se ha endurecido para ser de este modo insensible? Estas cuestiones cuanto mas las medito, mas me confunden: llevo á pensar que se aspira á

que desaparezca la América; pero es imposible porque toda la Europa no es España. ¡Qué demencia la de nuestra enemiga, pretender reconquistar la América, sin marina, sin tesoros y casi sin soldados! Pues los que tiene, apénas son bastantes para retener á su propio pueblo en una violenta obediencia y defenderse de sus vecinos. Por otra parte, ¿podrá esta nacion hacer el comercio exclusivo de la mitad del mundo sin manufacturas, sin producciones territoriales, sin artes, sin ciencias, sin política?. Lograda que fuese esta loca empresa, y suponiendo mas, aun lograda la pacificacion, los hijos de los actuales americanos, unidos con los de los europeos reconquistadores, ¿no volverían á formar dentro de veinte años los mismos patrióticos designios que ahora se están combatiendo?

La Europa haria un bien á la España en disuadirla de su obstinada temeridad, porque á lo ménos le ahorrará los gastos que expende y la sangre que derrama; á fin de que fijando su atencion en sus propios recintos, fundase su prosperidad y poder sobre bases mas sólidas que las de inciertas conquistas, un comercio precario y exacciones violentas en pueblos remotos, enemigos y poderosos. La Europa misma por miras de sana política deberia haber preparado y ejecutado el proyecto de la independendencia americana, no solo porque el equilibrio del mundo así lo exige, sino porque este es el medio legítimo y seguro de adquirirse establecimientos ultramarinos de comercio. La Europa que no se halla agitada por las violentas pasiones de la venganza, ambicion y codicia, como la España, parece que estaba autorizada por todas las leyes de la equidad á ilustrarla sobre sus bien entendidos intereses.

Cuantos escritores han tratado la materia se acordaban en esta parte. En consecuencia, nosotros esperábamos con razon que todas las naciones cultas se apresurarian á auxiliarnos, para que adquiriésemos un bien cuyas ventajas son recíprocas á entrambos hemisferios. Sin embargo ¡cuán frustradas esperanzas! no solo los europeos, pero hasta nuestros hermanos del Norte se han mantenido inmóviles espectadores en esta contienda, que

por su esencia es la mas justa, y por sus resultados la mas bella é importante de cuantas se han suscitado en los siglos antiguos y modernos ¿por qué hasta dónde se puede calcular la trascendencia de la libertad del hemisferio de Colón?

“La felonía con que Bonaparte, dice U., prendió á Cárlos IV y á Fernando VII reyes de esta nacion, que tres siglos ha aprisionó con traicion á dos monarcas de la América Meridional, es un acto mui manifiesto de la retribución divina, y al mismo tiempo una prueba de que Dios sostiene la justa causa de los americanos y les concederá su independenciam”.

Parece que U. quiere aludir al monarca de Méjico Moctezuma, preso por Cortés y muerto segun Herrera por él mismo, aunque Solís dice, que por el pueblo, y á Atahualpa Inca del Perú destruido por Francisco Pizarro y Diego Almagro. Existe tal diferencia entre la suerte de los reyes españoles y los reyes americanos, que no admiten comparacion; los primeros son tratados con dignidad, conservados y al fin recobran su libertad y trono; miéntras que los últimos sufren tormentos inauditos y los vilipendios mas vergonzosos. Si á Quauhtemotzin sucesor de Moctezuma, se le trata como emperador y le ponen la corona, fué por irrision y no por respeto, para que experimentase este escarnio ántes que las torturas. Iguales á la suerte de este monarca fueron las del rey de Michoacan, Catzontzin; el Zipa de Bogotá, y cuantos Toquis, Imas, Zipas, Ulmenes, Caciques y demás dignidades indianas sucumbieron al poder español. El suceso de Fernando VII es mas semejante al que tuvo lugar en Chile en 1535 con el Ulmen de Copiapó, entónces reinante en aquella comarca. El español Almagro pretextó como Bonaparte tomar partido por la causa del legítimo soberano y en consecuencia llama al usurpador como Fernando lo era en España; aparenta restituir al legítimo á sus estados y termina por encadenar y echar á las llamas al infeliz Ulmen, sin querer ni aun oír su defensa. Este es el ejemplo de Fernando VII con su usurpador; los reyes europeos solo padecen destierros, el Ulmen de Chile termina su vida de un modo atroz.

“Después de algunos meses, añade U., he hecho muchas reflexiones sobre la situación de los americanos y sus esperanzas futuras: tomo grande interés en sus sucesos; pero me faltan muchos informes relativos á su estado actual y á lo que ellos aspiran; deseo infinitamente saber la política de cada provincia como también su población; si desean repúblicas ó monarquías, si formarán una gran república ó una gran monarquía? Toda noticia de esta especie que U. pueda darme ó indicarme las fuentes á que debo ocurrir, la estimaré como un favor muy particular”.

Siempre las almas generosas se interesan en la suerte de un pueblo que se esmera por recobrar los derechos con que el Creador y la naturaleza le han dotado; y es necesario estar bien fascinado por el error ó por las pasiones para no abrigar esta noble sensación: U. ha pensado en mi país y se interesa por él: este acto de benevolencia me inspira el mas vivo reconocimiento.

He dicho la población que se calcula por datos más ó menos exactos, que mil circunstancias hacen fallidos, sin que sea fácil remediar esta inexactitud, porque los mas de los moradores tienen habitaciones campestres y muchas veces errantes; siendo labradores, pastores, nómades perdidos en medio de espesos é inmensos bosques, llanuras solitarias y aislados entre lagos y rios caudalosos. ¿Quién será capaz de formar una estadística completa de semejantes comarcas? Además, los tributos que pagan los indígenas; las penalidades de los esclavos; las primicias, diezmos y derechos que pesan sobre los labradores y otros accidentes, alejan de sus hogares á los pobres americanos. Esto es sin hacer mención de la guerra de esterminio que ya ha segado cerca de un octavo de la población, y ha ahuyentado una gran parte; pues entónces las dificultades son insuperables y el empadronamiento vendrá á reducirse á la mitad del verdadero censo.

Todavía es mas difícil presentar la suerte futura del Nuevo Mundo, establecer principios sobre su política, y casi profetizar la

naturaleza del gobierno que llegará á adoptar. Toda idea relativa al porvenir de este país me parece aventurada. ¿Se puede preveer cuando el género humano se hallaba en su infancia rodeado de tanta incertidumbre, ignorancia y error, cuál sería el régimen que abrazaria para su conservación? ¿Quién se habria atrevido á decir, tal nacion será república ó monarquía, esta será pequeña, aquella grande? En mi concepto, esta es la imágen de nuestra situacion. Nosotros somos un pequeño género humano; poseemos un mundo aparte, cercado por dilatados mares; nuevos en casi todas las artes y ciencias, aunque en cierto modo viejos en los usos de la sociedad civil. Yo considero el estado actual de la América, como cuando desplomado el imperio romano, cada desmembracion formó un sistema político, conforme a sus intereses y situacion ó siguiendo la ambición particular de algunos jefes, familias ó corporaciones; con esta notable diferencia, que aquellos miembros dispersos volvian á restablecer sus antiguas naciones con las alteraciones que exijian las cosas ó los sucesos: mas nosotros, que apenas conservamos vestijios de lo que en otro tiempo fué, y que por otra parte no somos indios ni europeos, sino una especie media entre los legítimos propietarios del país y los usurpadores españoles: en suma, siendo nosotros americanos por nacimiento y nuestros derechos los de Europa, tenemos que disputar estos á los del país, y que mantenernos en él contra la invasion de los invasores; así nos hallamos en el caso mas extraordinario y complicado. No obstante que es una especie de adivinacion indicar cuál será el resultado de la línea de política que la América siga, me atrevo á aventurar algunas conjeturas que desde luego caracterizo de arbitrarias, dictadas por un deseo racional y no por un raciocinio probable.

La posicion de los moradores del hemisferio americano, ha sido por siglos puramente pasiva: su existencia política era nula. Nosotros estábamos en un grado todavía mas abajo de la servidumbre, y por lo mismo con mas dificultad para elevamos al goce de la libertad. Permítame U. estas consideraciones para elevar la cuestion. Los

Estados son esclavos por la naturaleza de su constitucion ó por el abuso de ella; luego un pueblo es esclavo, cuando el gobierno por su esencia ó por sus vicios, holla y usurpa los derechos del ciudadano ó súbdito. Aplicando estos principios, hallaremos que la América no solamente estaba privada de su libertad, sino tambien de la tiranía activa y dominante. Me explicaré. En las administraciones absolutas no se reconocen límites en el ejercicio de las facultades gubernativas: la voluntad del gran sultan, Kan, Bey y demas soberanos despóticos, es la ley suprema, y esta es casi arbitrariamente ejecutada por los bajaes, kanes y sátrapas subalternos de la Turquía y Persia, que tienen organizada una opresion de que participan los súbditos en razon de la autoridad que se les confia. A ellos está encargada la administracion civil, militar, política, de rentas, y la relijion. Pero al fin son persas los jefes de Hispahan, son turcos los visires del gran señor, son tártaros los sultanes de la Tartaria. La China no envia á buscar mandatarios militares y letrados al pais de Gengis Kan que la conquistó, á pesar de que los actuales chinos son descendientes directos de los subyugados por los ascendientes de los presentes tártaros.

Cuán diferente era entre nosotros!. Se nos vejaba con una conducta que ademas de privarnos de los derechos que nos correspondian, nos dejaba en una especie de infancia permanente, con respecto á las transacciones públicas. Si hubiésemos siquiera manejado nuestros asuntos domésticos en nuestra administracion interior, conoceríamos el curso de los negocios públicos y su mecanismo. Gozaríamos tambien de la consideracion personal que impone á los ojos del pueblo cierto respeto maquinal, que es tan necesario conservar en las revoluciones. He aquí por qué he dicho que estábamos privados hasta de la tiranía activa pues que no nos está permitido ejercer sus funciones.

Los americanos en el sistema español que está en vigor, y quizá con mayor fuerza que nunca, no ocupan otro lugar en la sociedad que el de siervos propios para el trabajo, y cuando mas el de simples consumidores; y aun esta parte coartada con restricciones chocantes:

tales son las prohibiciones del cultivo de frutos de Europa, el estanco de las producciones que el rey monopoliza, el impedimento de las fábricas que la misma Península no posee, los privilegios exclusivos del comercio hasta de los objetos de primera necesidad, las trabas entre provincias y provincias americanas para que no se traten, entiendan, ni negocien; en fin, quiere U. saber cuál era nuestro destino? Los campos para cultivar el añil, la grama, el café, la caña, el cacao y el algodón; las llanuras solitarias para criar ganados, los desiertos para cazar las bestias feroces, las entrañas de la tierra para excavar el oro que no puede saciar á esa nacion avarienta.

Tan negativo era nuestro estado que no encuentro semejante en ninguna otra asociacion civilizada, por mas que recorro la serie de las edades y la política de todas las naciones. Pretender que un pais tan felizmente constituido, extenso, rico y populoso, sea meramente pasivo ¿no es un ultraje y una violacion de los derechos de la humanidad?

Estábamos, como acabo de exponer, abstraídos y digámoslo así, ausentes del universo en cuanto es relativo á la ciencia del gobierno y administracion del Estado. Jamas éramos virreyes ni gobernadores sino por causas muy extraordinarias; arzobispos y obispos pocas veces; diplomáticos nunca; militares, solo en calidad de subalternos; nobles, sin privilegios reales; no éramos, en fin, ni majistrados ni financistas, y casi ni aun comerciantes; todo en contraversion directa de nuestras instituciones.

El emperador Carlos V formó un pacto con los descubridores, conquistadores y pobladores de América, que como dice Guerra es nuestro contrato social. Los reyes de España convinieron solemnemente con ellos que lo ejecutasen por su cuenta y riesgo, prohibiéndoseles hacerlo á costa de la Real Hacienda, y por esta razon se les concedia que fuesen señores de la tierra, que organizarasen la administracion y ejerciesen la judicatura en apelacion; con otras muchas exenciones y privilegios que seria prolijo detallar. El rey se

comprometió á no enagenar jamas las provincias americanas, como que á él no tocaba otra jurisdiccion que la del alto dominio, siendo una especie de propiedad feudal la que allí tenian los conquistadores para sí y sus descendientes. Al mismo tiempo existen leyes expresas que favorecen casi exclusivamente á los naturales del pais, orijinarios de España, en cuanto á los empleos civiles, eclesiásticos y de rentas. Por manera que con una violacion manifiesta de las leyes y de los pactos subsistentes, se han visto despojar aquellos naturales de la autoridad constitucional que les daba su código.

De cuanto he referido, será fácil colegir que la América no estaba preparada, para desprenderse de la metrópoli, como súbitamente sucedió por el efecto de las ilegítimas cesiones de Bayona, y por la inícuca guerra que la Regencia nos declaró sin derecho alguno para ello, no solo por la falta de justicia, sino tambien de lejitimidad. Sobre la naturaleza de los gobiernos españoles, sus decretos conminatorios y hostiles, y el curso entero de su desesperada conducta, hay escritos del mayor mérito en el periódico “El Español”, cuyo autor es el señor Blanco; y estando allí esta parte de nuestra historia muy bien tratada, me limito á indicarlo.

Los americanos han subido de repente, sin los conocimientos prévios y lo que es mas sensible sin la práctica de los negocios públicos, á representar en la escena del mundo las eminentes dignidades de lejisladores, majistrados, administradores del erario, diplomáticos, generales, y cuantas autoridades supremas y subalternas forman la gerarquía de un Estado organizado con regularidad.

Cuando las aguilas francesas solo respetaron los muros de la ciudad de Cádiz, y con su vuelo arrollaron á los frágiles gobiernos de la Península, entónces quedamos en la orfandad. Ya ántes habíamos sido entregados á la merced de un usurpador extranjero. Despues, lisonjeados con la Justicia que se nos debía con esperanzas halagüeñas siempre burladas; por último, inciertos sobre nuestro destino futuro, y amenazados por la anarquía, á causa de la falta de un gobierno

lejítimo, justo y liberal, nos precipitarnos en el caos de la revolucion. En el primer momento solo se cuidó de proveer á la seguridad interior, contra los enemigos que encerraba nuestro seno. Luego se extendió á la seguridad exterior: se establecieron autoridades que sustituimos á las que acabamos de deponer encargadas de dirigir el curso de nuestra revolucion y de aprovechar la coyuntura feliz en que nos fuese posible fundar un gobierno constitucional digno del presente siglo y adecuado á nuestra situacion.

Todos los nuevos gobiernos marcaron sus primeros pasos con el establecimiento de juntas populares. Estas formaron en seguida reglamentos para la convocacion de congresos que produjeron alteraciones importantes. Venezuela erijió, un gobierno democrático y federal, declarando previamente los derechos del hombre, manteniendo el equilibrio de los poderes y estatuyendo leyes generales en favor de la libertad civil, de imprenta y otras; finalmente se constituyó un gobierno independiente. La Nueva Granada siguió con uniformidad los establecimientos políticos y cuantas reformas hizo Venezuela, poniendo por base fundamental de su constitucion el sistema federal mas exajerado que jamas existió: recientemente se ha mejorado con respecto al Poder Ejecutivo general, que ha obtenido cuantas atribuciones le corresponden. Segun entiendo, Buenos Ayres y Chile han seguido esta misma línea de operaciones; pero como nos hallamos á tanta distancia, los documentos son tan raros, y las noticias tan inexactas, no me animaré ni aun á bosquejar el cuadro de sus transacciones.

Los sucesos de Méjico han sido demasiado varios, complicados, rápidos y desgraciados para que se puedan seguir en el curso de la revolucion. Carecemos, ademas, de documentos bastante instructivos, que nos hagan capaces de juzgarlos. Los independientes de Méjico, por lo que sabemos, dieron principio á su insurreccion en setiembre de 1810, y un año despues, ya tenian centralizado su gobierno en Zitácuaro, instalado allí una junta

nacional bajo los auspicios de Fernando VII, en cuyo nombre se ejercían las funciones gubernativas. Por los acontecimientos de la guerra, esta junta se trasladó á diferentes lugares, y es verosímil que se haya conservado hasta estos últimos momentos, con las modificaciones que los sucesos hayan exigido. Se dice que ha creado un jeneralísimo ó dictador que lo es el ilustre general Morelos: otros hablan del célebre general Rayon; lo cierto es que uno de estos dos grandes hombres ó ambos separadamente ejercen la autoridad suprema en aquel país; y recientemente ha aparecido una constitucion para el réjimen del Estado. En marzo de 1812 el gobierno residente en Zultepec, presentó un plan de paz y guerra al virey de Méjico concebido con la mas profunda sabiduría. En él se reclamó el derecho de gentes estableciendo principios de una exactitud incontestable. Propuso la junta que la guerra se hiciese como entre hermanos y conciudadanos; pues que no debia ser mas cruel que entre naciones extranjeras; que los derechos de gentes y de guerra, inviolables para los mismos infieles y bárbaros, debian serlo mas para cristianos, sujetos á un soberano y á unas mismas leyes; que los prisioneros no fuesen tratados como reos de lesa majestad, ni se degollasen los que rendian las armas, sino que se mantuviesen en rehenes para canjearlos: que no se entrase á sangre y fuego en las poblaciones pacíficas, no las diezmasen ni quitasen para sacrificarlas y concluye que, en caso de no admitirse este plan, se observarían rigurosamente las represalias. Esta negociacion se trató con el mas alto desprecio: no se dió respuesta á la junta nacional: las comunicaciones originales se quemaron públicamente en la plaza de Méjico, por mano del verdugo: y la guerra de exterminio continuó por parte de los españoles con su furor acostumbrado, miéntras que los mejicanos y las otras naciones americanas no la hacian, ni aun á muerte con los prisioneros de guerra que fuesen españoles. Aquí se observa que por causas de conveniencia se conservó la apariencia de sumision al rey y aun á la constitucion de la monarquía. Parece que la junta nacional es absoluta en el ejercicio de las funciones lejislativa, ejecutiva y judicial, y el número de sus miembros muy limitado.

Los acontecimientos de la Tierra Firme nos han probado que las instituciones perfectamente representativas no son adecuadas á nuestro carácter, costumbres y luces actuales. En Carácas el espíritu de partido tomó su oríjen en las sociedades, asambleas y elecciones populares; y estos partidos nos tornaron á la esclavitud. Y así como Venezuela ha sido la república americana que mas se ha adelantado en sus instituciones políticas, tambien ha sido el mas claro ejemplo de la ineficacia de la forma demócrata y federal para nuestros nacientes Estados. En Nueva Granada las excesivas facultades de los gobiernos provinciales y la falta de centralizacion en jeneral han conducido aquel precioso pais al estado á que se ve reducido en el dia. Por esta razon sus débiles enemigos se han conservado contra todas las probabilidades. En tanto que nuestros compatriotas no adquieran los talentos y las virtudes políticas que distinguen á nuestros hermanos del Norte, los sistemas enteramente populares, léjos de sernos favorables, temo mucho que vengan á ser nuestra ruina. Desgraciadamente, estas cualidades parecen estar muy distantes de nosotros en el grado que se requiere: y por el contrario estamos dominados de los vicios que se contraen bajo la direccion de una nacion como la española, que solo ha sobresalido en fiereza, ambicion, venganza y codicia.

Es mas difícil, dice Montesquieu, sacar un pueblo de la servidumbre, que subyugar uno libre. Esta verdad está comprobada por los anales de todos los tiempos, que nos muestran las mas de las naciones libres, sometidas al yugo, y muy pocas de las esclavas recobrar su libertad. A pesar de este convencimiento, los meridionales de este continente han manifestado el conato de conseguir instituciones liberales y aun perfectas; sin duda por efecto del instinto que tienen todos los hombres de aspirar á su mejor felicidad posible; la que se alcanza infaliblemente en las sociedades civiles, cuando ellas están fundadas sobre las bases de la justicia, de la libertad y de la igualdad. Pero ¿seremos nosotros capaces de mantener en su verdadero equilibrio la difícil carga de una república?

¿se puede concebir que un pueblo recientemente desencadenado se lance á la esfera de la libertad, sin que como á Icaro se le deshagan las alas y recaiga en el abismo?. Tal prodigio es inconcebible, nunca visto. Por consiguiente no hay un raciocinio verosímil que nos alhague con esta esperanza.

Yo deseo mas que otro alguno ver formar en América la mas grande nacion del mundo, ménos por su extension y riquezas que por su libertad y gloria. Aunque aspiro á la perfeccion del gobierno de mi patria, no puedo persuadirme que el Nuevo Mundo sea por el momento rejido por una gran república; como es imposible no me atrevo á desearlo; y ménos deseo una monarquía universal de América, porque este proyecto sin ser útil, es tambien imposible. Los abusos que actualmente existen no se reformarian y nuestra rejeneracion seria infructuosa. Los Estados americanos han menester de los cuidados de gobiernos paternales que curen las llagas y las heridas del despotismo y la guerra. La metrópoli, por ejemplo, seria Méjico, que es la única que puede serlo por su poder intrínseco, sin el cual no hay metrópoli. Supongamos que fuese el istmo de Panamá punto céntrico para todos los extremos de este vasto continente ¿no continuarían estos en la languidez y aun en el desórden actual?. Para que un solo gobierno dé vida, anime, ponga en accion todos los resortes de la prosperidad pública, corrija, illustre y perfeccione al Nuevo Mundo seria necesario que tuviese las facultades de un Dios, y cuando ménos las luces y virtudes de todos los hombres.

El espíritu de partido que al presente ajita á nuestros Estados, se encenderia entónces con mayor encono, hallándose ausente la fuente del poder, que únicamente puede reprimirlo. Además, los magnates de las capitales no sufrirían la preponderancia de los metropolitanos, á quienes considerarían como á otros tantos tiranos: sus celos llegarían hasta el punto de comparar á estos con los odiosos españoles. En fin, una monarquía semejante seria un coloso deforme, que su propio peso desplomaría á la menor convulsion.

Mr. de Pradt ha dividido sabiamente á la América en 15 á 17 Estados independientes entre sí, gobernados por otros tantos monarcas. Estoy de acuerdo en cuanto á lo primero, pues la América comporta la creacion de 17 naciones: en cuanto á lo segundo, aunque es mas fácil conseguirlo, es ménos útil; y así no soy de la opinion de las monarquías americanas. He aquí mis razones. El interes bien entendido de una república se circunscribe en la esfera de su conservacion, prosperidad y gloria. No ejerciendo la libertad imperio, porque es precisamente su opuesto, ningun estímulo excita á los republicanos á extender los términos de su nacion en detrimento de sus propios medios, con el único objeto de hacer participar á sus vecinos de una constitucion liberal. Ningun derecho adquieren, ninguna ventaja sacan vencéndolos, á ménos que los reduzcan á colonias, conquistas ó aliados, sigüiendo el ejemplo de Roma. Máximas y ejemplos tales están en oposicion directa con los principios de justicia de los sistemas republicanos; y aun diré mas, en oposicion manifiesta con los intereses de sus ciudadanos: porque un Estado demasiado extenso en sí mismo ó por sus dependencias, al cabo viene en decadencia y convierte su forma libre en otra tiránica; relaja los principios que deben conservarla y ocurre por último al despotismo. El distintivo de las pequeñas repúblicas es la permanencia; el de las grandes es vario; pero siempre se inclina al imperio. Casi todas las primeras han tenido una larga duracion; de las segundas solo Roma se mantuvo algunos siglos, pero fué porque era república la capital y no lo era el resto de sus dominios que se gobernaban por leyes é instituciones diferentes.

Muy contraria es la política de un rey, cuya inclinacion constante se dirige al aumento de sus posesiones, riquezas y facultades: con razon, porque su autoridad crece con estas adquisiciones, tanto con respecto á sus vecinos, como á sus propios vasallos que temen en él un poder tan formidable cuanto es su imperio que se conserva por medio de la guerra y de las conquistas. Por estas razones pienso que los americanos ansiosos de paz, ciencias, artes, comercio y agricultura, preferirian las repúblicas á

los reinos, y me parece que estos deseos se conforman con las miras de la Europa.

No convengo en el sistema federal entre los populares y representativos, por ser demasiado perfecto y exigir virtudes y talentos políticos muy superiores á los nuestros: por igual razon rehusó la monarquía mixta de aristocracia y democracia que tanta fortuna y esplendor ha procurado á la Inglaterra. No siéndonos posible lograr entre las repúblicas y monarquías lo mas perfecto y acabado, evitemos caer en anarquías demagógicas, ó en tiranías monócratas. Busquemos un medio entre extremos opuestos que nos conducirían á los mismos escollos, á la infelicidad y al deshonor. Voy á arriesgar el resultado de mis cavilaciones sobre la suerte futura de la América: no la mejor, sino la que sea mas asequible.

Por la naturaleza de las localidades, riquezas, poblaciones y carácter de los mejicanos, imagino que intentarán al principio establecer una república representativa, en la cual tengan grandes atribuciones el poder Ejecutivo, concentrándolo, en un individuo que si desempeña sus funciones con acierto y justicia, casi naturalmente vendrá á conservar una autoridad vitalicia. Si su incapacidad ó violenta administracion excita una conmocion popular que triunfe, ese mismo poder ejecutivo quizás se difundirá en una asamblea. Si el partido preponderante es militar ó aristocrático, exigirá probablemente una monarquía que al principio será limitada y constitucional, y despues inevitablemente declinará en absoluta; pues debemos convenir en que nada hay mas difícil en el órden político que la conservacion de una monarquía mixta; y tambien es preciso convenir en que solo un pueblo tan patriota como el inglés es capaz de contenerla autoridad de un rey, y de sostener el espíritu de libertad bajo un cetro y una corona.

Los Estados del istmo de Panamá hasta Guatemala formarán quizás una asociacion. Esta magnífica posicion entre los dos grandes

mares, podrá ser con el tiempo el emporio del universo. Sus canales acortarán las distancias del mundo: estrecharán los lazos comerciales de Europa, América y Asia: traerán á tan feliz rejion los tributos de las cuatro partes del globo. ¡Acaso solo allí podrá fijarse algun dia la capital de la tierra!. Como pretendió Constantino que fuese Bizancio la del antiguo hemisferio.

La Nueva Granada se unirá con Venezuela, si llegan á convenirse en formar una república central, cuya capital sea Maracaibo ó una nueva ciudad que con el nombre de *Las Casas*, (en honor de este héroe de la filantropía) se funde entre los confines de ambos países, en el soberbio puerto de Bahiahonda. Esta posicion aunque desconocida, es mas ventajosa por todos respectos. Su acceso es fácil y su situacion tan fuerte, que puede hacerse inexpugnable. Posee un clima puro y saludable, un territorio tan propio para la agricultura como para la cria de ganados, y una grande abundancia de maderas de construccion. Los salvajes que la habitan serian civilizados, y nuestras posesiones se aumentarian con la adquisicion de la Goajira. Esta nacion se llamaria Colombia como un tributo de justicia y gratitud al creador de nuestro hemisferio. Su gobierno podrá imitar al inglés: con la diferencia de que en lugar de un rey habrá un poder ejecutivo electivo, cuando mas vitalicio, y jamas hereditario si se quiere república, una cámara ó senado lejislativo hereditario, que en las tempestades políticas se interponga entre las olas populares y los rayos del gobierno, y un cuerpo lejislativo de libre eleccion, sin otras restricciones que las de la cámara baja de Inglaterra. Esta constitucion participaria de todas las formas y yo deseo que no participe de todos los vicios. Como esta es mi patria, tengo un derecho incontestable para desearla lo que en mi opinion es mejor. Es muy posible que la Nueva Granada no convenga en el reconocimiento de un gobierno central, porque es en extremo adicta á la federacion; y entonces formará por sí sola un Estado que si subsiste, podrá ser muy dichoso por sus grandes recursos de todos jéneros.

Poco sabemos de las opiniones que prevalecen en Buenos Ayres, Chile y el Perú: juzgando por lo que se trasluce y por las apariencias, en Buenos Ayres habrá un gobierno central en que los militares se lleven la primacía por consecuencia de sus divisiones intestinas y guerras externas. Esta constitucion dejenerará necesariamente en una oligarquía ó una monocracia, con más ó ménos restricciones, y cuya denominacion nadie puede adivinar. Seria doloroso que tal cosa sucediese, porque aquellos habitantes son acreedores á la mas espléndida gloria.

El reino de Chile está llamado por la naturaleza de su situacion, por las costumbres inocentes y virtuosas de sus moradores, por el ejemplo de sus vecinos, los fieros republicanos del Arauco, á gozar de las bendiciones que derraman las justas y dulces leyes de una república. Si alguna permanece largo tiempo en América, me inclino á pensar que será la chilena. Jamas se ha extinguido allí el espíritu de libertad: los vicios de la Europa y del Asia llegarán tarde ó nunca á corromper las costumbres de aquel extremo del universo. Su territorio es limitado: estará siempre fuera del contacto inficionado del resto de los hombres: no alterará sus leyes, usos y prácticas: preservará su uniformidad en opiniones políticas y relijiosas; en una palabra, Chile puede ser libre.

El Perú, por el contrario, encierra dos elementos enemigos de todo réjimen justo y liberal: oro y esclavos. El primero lo corrompe todo: el segundo está corrompido por sí mismo. El alma de un siervo rara vez alcanza á apreciar la sana libertad: se enfurece en los tumultos ó se humilla en las cadenas. Aunque estas reglas serian aplicables á toda la América, creo que con mas justicia las merece Lima por los conceptos que he expuesto, y por la cooperacion que ha prestado á sus señores contra sus propios hermanos los ilustres hijos de Quito, Chile y Buenos Ayres. Es constante que el que aspira á obtener la libertad, á lo menos lo intenta. Supongo que en Lima no tolerarán los ricos la democracia, ni los esclavos y pardos libertos la aristocracia: los primeros preferirán la tiranía de uno solo, por no padecer las

persecuciones tumultuarias y por establecer un orden siquiera pacífico. Mucho hará si concibe recobrar su independencia.

De todo lo expuesto, podemos deducir estas consecuencias: las provincias americanas se hallan lidiando por emanciparse, al fin obtendrán el suceso; algunas se constituirán de un modo regular en repúblicas federales y centrales; se fundarán monarquías casi inevitablemente en las grandes secciones, y algunas serán tan infelices que devorarán sus elementos, ya en la actual, ya en las futuras revoluciones que una gran monarquía no será fácil consolidar: una gran república imposible.

Es una idea grandiosa pretender formar de todo el mundo nuevo una sola nacion con un solo vínculo que ligue sus partes entre sí y con el todo. Ya que tiene un oríjen, una lengua, unas costumbres y una relijion deberia por consiguiente tener un solo gobierno que confederase los diferentes Estados que hayan de formarse; mas no es posible porque climas remotos, situaciones diversas, intereses opuestos, caracteres desemejantes dividen á la América. ¡Qué bello seria que el istmo de Panamá fuese para nosotros lo que el de Corinto para los griegos!. Ojalá que algun dia tengamos la fortuna de instalar allí un augusto congreso de los representantes de las repúblicas, reinos é imperios á tratar y discutir sobre los altos intereses de la paz y de la guerra, con las naciones de las otras tres partes del mundo. Esta especie de corporacion podrá tener lugar en alguna época dichosa de nuestra rejeneracion, otra esperanza es infundada, semejante á la del abate St. Pierre que concibió el laudable delirio de reunir un Congreso europeo, para decidir de la suerte y de los intereses de aquellas naciones.

“Mutaciones importantes y felices, continuas pueden ser frecuentemente producidas por efectos individuales. Los americanos meridionales tienen una tradicion que dice: que cuando Quetralcohuatl, el Hermes ó Budha de la América del Sur resignó su

administracion y los abandonó, les prometió que volveria despues que los siglos designados hubiesen pasado, y que él restableceria su gobierno y renovaria su felicidad”. ¿Esta tradicion, no opera y excita una conviccion de que muy pronto debe volver? ¿Concibe V. cuál será el efecto que producirá, si un individuo apareciendo entre ellos demostrase los caracteres de Quetralcohuatl, el Budha del bosque ó Mercurio, del cual han hablado tanto las otras naciones? ¿No cree V. que esto inclinaria todas las partes? ¿no es la union todo lo que se necesita para ponerlos en estado de expulsar á los españoles, sus tropas y los partidarios de la corrompida España, para hacerlos capaces de establecer un imperio poderoso, con un gobierno libre y leyes benévolas?

Pienso como V. que causas individuales pueden producir resultados generales, sobre todo en las revoluciones. Pero no es el héroe, gran profeta, ó Dios del Anahuac, Quetralcohuatl el que es capaz de operar los prodijiosos beneficios que V. propone. Este personaje es apenas conocido del pueblo mejicano y no ventajosamente, porque tal es la suerte de los vencidos aunque sean dioses. Solo los historiadores y literatos se han ocupado cuidadosamente en investigar su oríjen, verdadera ó falsa mision, sus profecías y el término de su carrera. Se disputa si fué un apóstol de Cristo ó bien pagano. Unos suponen que su nombre quiere decir Santo Tomas: otros que Culebra Emplumajada; y otros dicen que es el famoso profeta de Yucatán, Chilau-Cambal. En una palabra, los mas de los autores mejicanos, polémicos é historiadores profanos, han tratado con más ó ménos extension la cuestion sobre el verdadero carácter de Quetralcohuatl. El hecho es, segun dice Acosta, que él estableció una relijion, cuyos ritos, dogmas y misterios tenian una admirable afinidad con la de Jesus, y que quizás es la mas semejante á ella. No obstante esto, muchos escritores católicos han procurado alejar la idea de que este profeta fuese verdadero, sin querer reconocer en él á un Santo Tomas como lo afirman otros célebres autores. La opinion jeneral es que Quetralcohuatl es un legislador divino entre los pueblos paganos de Anahuac, del cual era lugarteniente el gran Moctezuma,

derivando de él su autoridad. De aquí se infiere que nuestros mejicanos no seguirían al jentil Quetralcohuatl, aunque apareciese bajo las formas mas idénticas y favorables, pues que profesan una religion la más intolerante y exclusiva de las otras.

Felizmente los directores de la independencia de Méjico se han aprovechado del fanatismo con el mejor acierto proclamando á la famosa Virgen de Guadalupe por reina de los patriotas, invocándola en todos los casos árdulos y llevándola en sus banderas. Con esto, el entusiasmo político ha formado una mezcla con la relijion que ha producido un fervor vehemente por la sagrada causa de la libertad. La veneracion de esta imágen en Méjico es superior á la mas exaltada que pudiera inspirar el mas diestro profeta.

Seguramente la union es la que nos falta para completar la obra de nuestra regeneracion. Sin embargo nuestra division no es extraña, porque tal es el distintivo de las guerras civiles formadas generalmente entre dos partidos: *conservadores* y *reformadores*. Los primeros son por lo comun mas numerosos, porque el imperio de la costumbre produce el efecto de la obediencia á las potestades establecidas: los últimos son siempre menos numerosos, aunque mas vehementes é ilustrados. De este modo la masa física se equilibra con la fuerza moral, y la contienda se prolonga, siendo sus resultados muy inciertos. Por fortuna, entre nosotros la masa ha seguido á la inteligencia.

Yo diré á V. lo que puede ponernos en aptitud de expulsar á los españoles, y de fundar un gobierno libre. *Es la union*, ciertamente; mas esta union no nos vendrá por prodijios divinos, sino por efectos sensibles y esfuerzos bien dirigidos. La América está encontrada entre sí, porque se halla abandonada de todas las naciones, aislada en medio del universo, sin relaciones diplomáticas ni auxilios militares y combatida por la España que posee mas elementos para la guerra, que cuantos furtivamente podemos adquirir.

Cuando los sucesos no están asegurados, cuando el Estado es débil, cuando las empresas son remotas, todos los hombres vacilan: las opiniones se dividen, las pasiones se ajitan, y los enemigos las animan para triunfar por este fácil medio. Luego que seamos fuertes, bajo los auspicios de una nación liberal que nos preste su protección, se nos verá de acuerdo cultivar las virtudes y los talentos que conducen á la gloria: entonces seguiremos la marcha majestuosa hácia las grandes prosperidades á que está destinada la América meridional; entónces las ciencias y las artes que nacieron en el Oriente y han ilustrado la Europa, volarán á Colombia libre que las convidará con un asilo.

Tales son, señor, las observaciones y pensamientos que tengo el honor de someter á V. para que los rectifique ó deseche segun su mérito; suplicándole se persuada que me he atrevido á exponerlos, mas por no ser descortes, que porque me crea capaz de ilustrar á V. en la materia.

Soy de V., etc., etc.
UN AMERICANO MERIDIONAL.

Kingston, septiembre 6 de 1815. (5)

(5) Texto Original tomado de: José Félix Blanco y Ramón Azpurua, *Documentos para la Historia de la Vida pública del Libertador*, Caracas, Ediciones de la Presidencia de la República, 1978, t. V, pp. 331 – 342.

ANEXO D – DISCURSO DE ANGOSTURA

DISCURSO DE ANGOSTURA (Angostura, 15 de febrero de 1819)

Este discurso es considerado por la historiografía como una de las obras más relevantes de Bolívar. Su título original fue «**Discurso pronunciado por el General Bolívar al Congreso General de Venezuela en el acto de instalación**». En este documento el Libertador planteaba, entre otros puntos: sus concepción política en una forma acabada, reconociendo además la autoridad del Congreso. Igualmente, analizaba el pasado de Venezuela para comprender la situación que se vivía en 1819. Expone sus ideas en cuanto a la educación y argumenta lo conveniente del poder central. Asimismo, establece la Orden de los Libertadores para recompensar el heroísmo patrio.

DISCURSO DE ANGOSTURA

Señor.-¡ Dichoso el Ciudadano que baxo el escudo de las armas de su mando ha convocado la Soberanía Nacional, para que ejerza su voluntad absoluta! Yo, pues, me cuento entre los seres mas favorecidos de la Divina Providencia, ya que he tenido el honor de reunir á los Representantes del Pueblo de Venezuela en este Augusto Congreso, fuente de la Autoridad legítima, depósito de la voluntad soberana y árbitro del Destino de la Nacion.

Al trasmitir á los Representantes del Pueblo el Poder Supremo que se me habia confiado, colmo los votos de mi corazon, los de mis ConCiudadanos y los de nuestras futuras generaciones, que todo lo esperan de vuestra sabiduría, rectitud y prudencia. Quando cumplo con este dulce deber, me liberto de la inmensa autoridad que me agobiaba como de la responsabilidad ilimitada que pesaba sobre mis débiles fuerzas. Solamente una necesidad forzosa unida á la voluntad imperiosa del Pueblo me habria sometido al terrible y peligroso encargo de *Dictador Jefe Supremo de la República*. Pero ya respiro devolviéndoos esta autoridad, que con tanto riesgo, dificultad y pena he logrado mantener en medio de las tribulaciones mas horrosas que pueden afligir á un cuerpo social.

No ha sido la época de la República, que he presidido, una mera tempestad política, ni una guerra sangrienta, ni una anarquía popular: ha sido, sí, el desarrollo de todos los elementos desorganizadores: ha sido si la inundacion de un torrente infernal que ha sumergido la tierra de Venezuela. Un hombre ¡y un hombre como yo! ¿que diques podría poner al ímpetu de estas devastaciones? -En medio de este piélago de angustias no he sido mas que un vil juguete del huracán revolucionario que me arrebatava como una débil paja. Yo no he podido hacer ni bien ni mal. Fuerzas irresisti-

bles han dirigido la marcha de nuestros sucesos. Atribuírmelos no sería, justo y sería darme una importancia que no merezco. ¿Quereis conocer los autores de los acontecimientos pasados y del orden actual? Consultad los anales de España, de América, de Venezuela: examinad las Leyes de Indias, el régimen de los antiguos mandatarios, la influencia de la religion y del dominio extranjero: observad los primeros actos del Gobierno Republicano, la ferocidad de nuestros enemigos y el carácter nacional. No me preguntéis sobre los efectos de estos trastornos para siempre lamentables, apenas se me puede suponer simple instrumento de los grandes móviles que han obrado sobre Venezuela. Sin embargo, mi vida, mi conducta, todas mis acciones públicas y privadas están sujetas á la censura del Pueblo. - Representantes! vosotros debeis juzgarlas. Yo someto la historia de mi mando á vuestra imparcial decision, nada añadiré para excusarla: ya he dicho quanto puede hacer mi apología. Si merezco vuestra aprobacion, habré alcanzado el sublime título de buen Ciudadano, preferible para mí al de *Libertador* que me dió Venezuela, al de *Pacificador* que me dió Cundinamarca, y á los que el mundo entero puede darme.

Legisladores! Yo deposito en vuestras manos el mando Supremo de Venezuela.- Vuestro es ahora el augusto deber de consagraros á la felicidad de la República: en vuestras manos está la balanza de nuestros destinos, la medida de nuestra gloria: ellas sellarán los Decretos que fijen nuestra *Libertad*. En este momento el Gefe Supremo de la República no es mas que un simple Ciudadano, y tal quiere quedar hasta la muerte. Serviré sin embargo en la carrera de las armas miéntas haya enemigos en Venezuela. Multitud de beneméritos hijos tiene la Patria capaces de dirigirla: talentos, virtudes, experiencia y quanto se requiere para mandar á hombres libres, son el patrimonio de muchos de los que aquí representan el Pueblo, y fuera de este Soberano Cuerpo se encuentran Ciudadanos que en todas épocas han mostrado valor para arrostrar los peligros, prudencia para evitarlos, y el arte en fin, de gobernar á otros. Estos ilustres varones merece-

rán, sin duda, los sufragios del Congreso y á ellos se encargará del Gobierno, que tan cordial y sinceramente acabo de renunciar para siempre.

La continuacion de la autoridad en un mismo individuo frecuentemente ha sido el término de los Gobiernos Democráticos. Las repetidas elecciones son esenciales en los sistemas populares, porque nada es tan peligroso como dejar permanecer largo tiempo en un mismo Ciudadano el *Poder*. El Pueblo se acostumbra á obedecerle, y él se acostumbra á mandarlo, de donde se origina la usurpacion y la tiranía. Un justo celo es la garantía de la Libertad republicana, y nuestros Ciudadanos deben temer con sobrada justicia que el mismo Magistrado, que los ha mandado mucho tiempo, los mande perpetuamente.

Ya, pues, que por este acto de mi adhesion á la Libertad de Venezuela puedo aspirar á la gloria de ser contado entre sus mas fieles amantes; permitidme, Señor, que exponga con la franqueza de un verdadero Republicano mi respetuoso dictámen en este *Proyecto de Constitución*, que me tomo la Libertad de ofreceros en testimonio de la sinceridad y del candor de mis sentimientos. Como se trata de la salud de todos, me atrevo á creer que tengo derecho para ser oido por los Representantes del Pueblo. Yo sé muy bien que vuestra sabiduría no ha menester de consejos, y sé tambien que mi proyecto acaso os parecerá erróneo, impracticable. Pero, Señores, aceptad con benignidad este trabajo, que mas bien es el tributo de mi sincera sumision al CONGRESO que el efecto de una levedad presuntuosa. Por otra parte, siendo vuestras funciones la creacion de un cuerpo político y aun se podria decir la creacion de una sociedad entera, rodeada de todos los inconvenientes que presenta una situacion la mas singular y difícil, quizás el grito de un Ciudadano puede advertir la presencia de un peligro encubierto ó desconocido.

Echando una ojeada sobre lo pasado, veremos cuál es la base de la República de Venezuela.

Al desprenderse la América de la Monarquía Española, se ha encontrado semejante al Imperio Romano quando aquella enorme masa cayó dispersa en medio del antiguo mundo. Cada desmembracion formó entónces una Nacion Independiente conforme á su situacion ó á sus intereses; pero con la diferencia de que aquellos Miembros volvian á restablecer sus primeras asociaciones. Nosotros ni aun conservamos los vestigios de lo que fué en otro tiempo: no somos Europeos, no somos Indios, sino una especie media entre los Aborígenes y los Españoles. Americanos por nacimiento y Europeos por derechos, nos hallamos en el conflicto de disputar á los naturales los títulos de posesion, y de mantenernos en el país que nos vio nacer contra la oposicion de los invasores; así, nuestro caso es el mas extraordinario y complicado. Todavía hay mas; nuestra suerte ha sido siempre puramente pasiva, nuestra existencia política ha sido siempre nula y nos hallábamos en tanta mas dificultad para alcanzar la Libertad, quanto que estábamos colocados en un grado inferior al de la servidumbre; porque no solamente se nos habia robado la Libertad, sino tambien la tiranía activa y doméstica. Permítaseme explicar esta paradoja.

En el régimen absoluto, el Poder autorizado no admite límites. La voluntad del déspota, es la Ley Suprema executada arbitrariamente por los Subalternos que participan de la opresion organizada en razon de la autoridad de que gozan. Ellos están encargados de las funciones civiles, políticas, militares y religiosas; pero al fin son Persas los Sátrapas de Persia, son turcos los Baxaes del gran Señor, son Tártaros los Sultanes de la Tartaria. — La China no envía á buscar mandarines á la cuna de Gengis Kan que la conquistó. Por el contrario, la América todo lo recibia de España que realmente la habia privado del goce y exercicio de la tiranía activa; no permitiéndonos sus funciones en nuestros asuntos domésticos y administracion interior. Esta abnegacion nos habia puesto en la imposibilidad de conocer el curso de los negocios públicos: tampoco gozábamos de la consideracion personal que inspira el brillo del poder á los ojos de la multitud, y que es

de tanta importancia en las grandes Revoluciones. Lo diré de una vez, estábamos abstraídos, ausentes del universo en cuanto era relativo á la ciencia del Gobierno.

Uncido el Pueblo Americano al tripe yugo de la ignorancia, de la tiranía y del vicio, no hemos podido adquirir ni saber, ni poder, ni virtud. Discípulos de tan perniciosos maestros las lecciones que hemos recibido y los exemplos que hemos estudiado, son los mas destructores. Por el engaño se nos ha dominado mas que por la fuerza, y por el vicio se nos ha degradado mas bien que por la supersticion. La esclavitud es la hija de las tinieblas; un Pueblo ignorante es un instrumento ciego de su propia destruccion; la ambicion, la intriga, abusan de la credulidad y de la inexperiencia de hombres ag!enos de todo conocimiento político, económico ó civil: adoptan como realidades las que son puras ilusiones; toman la licencia por la Libertad, la traicion por el patriotismo, la venganza por la Justicia. Semejante á un robusto ciego que, instigado por el sentimiento de sus fuerzas, marcha con la seguridad del hombre mas perspicaz, y dando en todos los escollos no puede rectificar sus pasos.

Un Pueblo pervertido si alcanza su Libertad, muy pronto vuelve á perderla; porque en vano se esforzarán en mostrarle que la felicidad consiste en la práctica de la virtud: que el imperio de las Leyes es mas poderoso que el de los tiranos, porque son mas inflexibles, y todo debe someterse á su benéfico rigor: que las buenas costumbres y no la fuerza, son las columnas de las Leyes: que el ejercicio de la Justicia es el ejercicio de la Libertad. Así, Legisladores, vuestra empresa es tanto mas ímproba quanto que teneis que constituir á hombres pervertidos por las ilusiones del error, y por incentivos nocivos. La Libertad, dice Rousseau, es un alimento suculento, pero de difícil digestion. Nuestros débiles conciudadanos tendrán que enrobustecer su espíritu mucho ántes que logren digerir el saludable nutritivo de la Libertad. Entumidos sus miembros por las cadenas, debilitada su vista en las sombras

de las mazmorras, y aniquilados por las pestilencias serviles, ¿serán capaces de marchar con pasos firmes hacia el augusto Templo de la Libertad? ¿Serán capaces de admirar de cerca sus espléndidos rayos y respirar sin opresion el éter puro que allí reina?

Meditad bien vuestra eleccion, Legisladores. No olvideis que vais á echar los fundamentos á un Pueblo naciente que podrá elevarse á la grandeza que la naturaleza le ha señalado, si vosotros proporcionais su base al eminente rango que le espera. Si vuestra eleccion no está presidida por el genio tutelador de Venezuela que debe inspiraros el acierto al escoger la naturaleza y la forma de Gobierno que vais á adoptar para la felicidad del Pueblo; si no acertais, repito, la Esclavitud será el término de nuestra transformacion.

Los anales de los tiempos pasados os presentarán millares de Gobiernos. Traed á la imaginacion las naciones que han brillado sobre la tierra, y contemplareis afligidos que casi toda la tierra ha sido y aun es, víctima de sus Gobiernos. Observareis muchos sistemas de manejar hombres, mas todos para oprimirlos; y si la costumbre de mirar al género humano conducido por pastores de pueblos, no disminuyese el horror de tan chocante espectáculo, nos pasmaríamos al ver nuestra dócil especie pacer sobre la superficie del globo como viles Rebaños destinados á alimentar á sus crueles conductores. La naturaleza á la verdad nos dota al nacer, del incentivo de la Libertad; mas sea pereza, sea propension inherente á la humanidad, lo cierto es que ella reposa tranquila aunque ligada con las trabas que le imponen. Al contemplarla en este estado de prostitucion parece que tenemos razon para persuadirnos, que los mas de los hombres tienen por verdadera aquella humillante máxima, que mas cuesta mantener el equilibrio de la Libertad, que soportar el peso de la tiranía. ¡Ojalá que esta máxima contraria á la moral de la naturaleza, fuese falsa! ¡Ojalá que esta máxima no estuviese sancionada por la indolencia de los hombres con respecto á sus derechos mas sagrados!

Muchas naciones antiguas y modernas han sacudido la opresion; pero son rarísimas las que han sabido gozar de algunos preciosos momentos de libertad: muy luego han recaído en sus antiguos vicios políticos: porque son los Pueblos, mas bien que los Gobiernos, los que arrastran tras sí la tiranía. El hábito de la dominacion, los hace insensibles á los encantos del honor y de la prosperidad nacional, y miran con indolencia la gloria de vivir en el movimiento de la Libertad, baxo la tutela de Leyes dictadas por su propia voluntad. Los fastos del universo proclaman esta espantosa verdad.

Solo la Democracia, en mi concepto, es susceptible de una absoluta Libertad; pero ¿qual es el Gobierno democrático que ha reunido á un tiempo, poder, prosperidad y permanencia? ¿Y no se ha visto por el contrario la Aristocracia, la Monarquía cimentar grandes y poderosos Imperios por siglos y siglos? ¿Que Gobierno mas antiguo que el de China? - ¿Que República ha excedido en duracion á la de Esparta, á la de Venecia? - ¿El Imperio Romano no conquistó la tierra? ¿No tiene la Francia catorce siglos de Monarquía? ¿Quien es mas grande que la Inglaterra?. Estas Naciones, sin embargo, han sido ó son Aristocracias y Monarquías.

A pesar de tan crueles reflexiones, yo me siento arrebatado de gozo por los grandes pasos que ha dado nuestra República al entrar en su noble carrera. Amando lo mas útil, animada de lo mas justo, y aspirando á lo mas perfecto al separarse Venezuela de la Nacion Española, ha recobrado su Independencia, su Libertad, su Igualdad, su Soberanía Nacional. Constituyéndose en una República Democrática, proscribió la Monarquía, las distinciones, la nobleza, los fueros, los privilegios: declaró los derechos del hombre, la Libertad de obrar, de pensar, de hablar y de escribir. Estos actos eminentemente liberales jamas serán demasiado admirados por la pureza que los ha dictado. El primer Congreso de Venezuela ha estampado en los anales de nuestra legislatura con caracteres indelebles, la Majestad del Pueblo dignamente expresada al sellar el acto social mas capaz de formar la dicha de una Nacion.

Necesito de recoger todas mis fuerzas para sentir con toda la vehemencia de que soy susceptible, el supremo bien que encierra en sí este Código inmortal de nuestros derechos, y de nuestras Leyes. Hay sentimientos que no se pueden contener en el pecho de un amante de la patria: ellos rebosan agitados por su propia violencia, y á pesar del mismo que los abriga, una fuerza imperiosa los comunica. Estoy penetrado de la idea de que el Gobierno de Venezuela debe reformarse; y que aunque muchos ilustres Ciudadanos piensan como yo, no todos tienen el arrojo necesario para profesar públicamente la adopcion de nuevos principios. Esta consideracion me insta á tomar la iniciativa en un asunto de la mayor gravedad, y en que hay sobrada audacia en dar avisos á los Consejeros del Pueblo.

Quanto mas admiro la excelencia de la Constitucion Federal de Venezuela, tanto mas me persuado de la imposibilidad de su aplicacion á nuestro Estado. Y, segun mi modo de ver es un prodigio que su modelo en el Norte de América subsista tan prósperamente y no se trastorne al aspecto del primer embarazo ó peligro. Apesar de que aquel Pueblo es un modelo singular de virtudes políticas y de ilustracion moral: no obstante que la Libertad ha sido su cuna, se ha criado en la Libertad, y se alimenta de pura Libertad: -lo diré todo, aunque baxo de muchos respectos, este pueblo es único en la historia del género humano, es un prodigio, repito que un sistema tan débil y complicado como el Federal haya podido regirlo en circunstancias tan difíciles y delicadas como las pasadas. Pero sea lo que fuere de este Gobierno con respecto á la Nacion Americana debo decir, que ni remotamente ha entrado en mi idea asimilar la situacion y naturaleza de los Estados tan distintos como el Ingles Americano y el Americano Español. ¿No sería muy difícil aplicar á España el Código de Libertad política civil y religiosa de Inglaterra?. Pues aun es mas difícil adaptar en Venezuela, las Leyes del Norte de América. ¿No dice el *Espíritu de las Leyes* que estas deben ser propias para el Pueblo que se hacen? ¿que es una gran casualidad que las de una Nacion puedan convenir á otra? ¿que las Leyes deben ser relativas á lo fisico del pais, al clima, á la calidad del terreno, á su situacion, á su

estension, al género de vida de los Pueblos? ¿referirse al grado de Libertad que la Constitucion puede sufrir, á la religion de los habitantes, á sus inclinaciones, á sus riquezas, á su número, á su comercio, á sus costumbres, á sus modales?. ¡He aquí el Código que debíamos consultar, y no el de Washington!!!

La Constitucion Venezolana sin embargo de haber tomado sus bases de la mas perfecta, si se atiende á la correccion de los principios y á los efectos benéficos de su administracion, difirió esencialmente de la Americana en un punto cardinal, y sin duda el mas importante. El Congreso de Venezuela como el Americano participa de algunas de las atribuciones del Poder Ejecutivo. Nosotros, ademas subdividimos este Poder habiéndolo cometido á un Cuerpo colectivo sujeto por consiguiente á los inconvenientes de hacer periódica la existencia del Gobierno, de suspenderla y disolverla siempre que se separan sus miembros.

Nuestro triunvirato carece por decirlo así, de unidad, de continuacion y de responsabilidad individual; está privado de accion momentánea, de vida continúa, de uniformidad real, de responsabilidad inmediata, y un Gobierno que no posee quanto constituye su moralidad debe llamarse nulo.

Aunque las facultades del Presidente de los Estados Unidos están limitadas con restricciones excesivas, ejerce por sí solo todas las funciones gubernativas que la Constitucion le atribuye y es indubitable que su Administracion debe ser mas uniforme, constante y verdaderamente propia; que la de un poder diseminado entre varios individuos cuyo compuesto no puede ser menos que monstruoso. El Poder Judicial en Venezuela es semejante al Americano, indefinido en duracion, temporal y no vitalicio: goza de toda la independencia que le corresponde.

El Primer Congreso en su Constitucion Federal consultó mas el espíritu de las Provincias, que la idea sólida de formar una Repú-

blica indivisible y central. Aquí cedieron nuestros Legisladores al empeño inconsiderado de aquellos provinciales seducidos por el deslumbrante brillo de la felicidad del Pueblo Americano pensando que las bendiciones de que goza son debidas exclusivamente á la forma de Gobierno y no al carácter y costumbres de los Ciudadanos. Y en efecto, el exemplo de los Estados Unidos por su peregrina prosperidad era demasiado lisonjero para que no fuese seguido. ¿Quien puede resistir al atractivo victorioso del goce pleno y absoluto de la Soberanía, de la Independencia, de la Libertad? ¿Quien puede resistir al amor que inspira un Gobierno inteligente que liga á un mismo tiempo, los derechos particulares á los derechos generales: que forma de la voluntad comun la Ley Suprema de la voluntad individual? ¿Quien puede resistir al imperio de un Gobierno bienhechor que con una mano hábil, activa y poderosa dirige, siempre y en todas partes, todos sus resortes hácia la perfeccion social que es el fin único de las instituciones humanas?

Mas por halagüeña que parezca y sea en efecto este magnífico sistema Federativo, no era dado á los Venezolanos gozarlo repentinamente al salir de las cadenas. No estábamos preparados para tanto bien; el bien, como el mal, dá la muerte quando es súbito y excesivo. Nuestra Constitucion Moral no tenia todavía la consistencia necesaria para recibir el beneficio de un Gobierno completamente Representativo, y tan sublime quanto que podia ser adaptado á una República de Santos.

Representantes del Pueblo! -Vosotros estais llamados para consagrar, ó suprimir quanto os parezca digno de ser conservado, reformado, ó desechado en nuestro pacto social. A vosotros pertenece el corregir la obra de nuestros primeros Legisladores; yo querria decir, que á vosotros toca cubrir una parte de las bellezas que contiene nuestro Código político; porque no todos los corazones están formados para amar á todas las beldades; ni todos los ojos, son capaces de soportar la luz celestial de la perfeccion. El libro de los Apóstoles, la moral de Jesus, la obra Divina que nos ha enviado la

Providencia para mejorar á los hombres, tan sublime, tan Santa, es un diluvio de fuego en Constantinopla, y el Asia entera arderia en vivas llamas si este libro de paz se le impusiese repentinamente por código de religion, de Leyes y de costumbres.

Séame permitido llamar la atencion del Congreso sobre una materia que puede ser de una importancia vital. Tengamos presente que nuestro Pueblo no es el europeo, ni el Americano del Norte: que mas bien es un compuesto de Africa y América que una emanacion de la Europa; pues que hasta la España misma, deja de ser Europea por su sangre Africana, por sus Instituciones y por su carácter. Es imposible asignar con propiedad, á qué familia humana pertenecemos. La mayor parte del indígena se ha aniquilado, el Europeo se ha mezclado con el Americano y con el Africano, y este se ha mezclado con el Indio y con el Europeo. Nacidos todos del seno de una misma Madre, nuestros Padres, diferentes en origen y en sangre, son extranjeros, y todos difieren visiblemente en la epidermis: esta semejanza trae un reato de la mayor trascendencia.

Los ciudadanos de Venezuela gozan todos por la Constitucion, intérprete de la naturaleza, de una perfecta igualdad política. Quando esta igualdad no hubiese sido un dogma en Atenas, en Francia y en América, deberiamos nosotros consagrarlo para corregir la diferencia que aparentemente existe. Mi opinión es, Legisladores, que el principio fundamental de nuestro sistema depende inmediata y exclusivamente de la igualdad establecida y practicada en Venezuela. Que los hombres nacen todos con derechos iguales á los bienes de la sociedad, está sancionado por la pluralidad de los sabios; como tambien lo está, que no todos los hombres nacen igualmente aptos á la obtencion de todos los rangos; pues todos deben practicar la virtud y no todos la practican; todos deben ser valerosos, y todos no lo son; todos deben poseer talentos, y no todos los poseen. De aquí viene la distincion efectiva que se observa entre los individuos de la sociedad mas liberalmente establecida. Si el principio de la igualdad política es generalmente reconocido, no lo es menos el de la des-

igualdad física y moral. La naturaleza hace á los hombres desiguales, en génio, temperamento, fuerzas y caracteres. Las Leyes corrigen esta diferencia porque colocan al individuo en la sociedad para que la educacion, la industria, las artes, los servicios, la virtudes, le den una igualdad ficticia, propiamente llamada política y social. Es una inspiracion eminentemente benéfica la reunion de todas las clases en un estado, en que la diversidad se multiplicaba en razon de la propagacion de la especie. Por este solo paso se ha arrancado de raíz la cruel discordia. ¡Quántos zelos, rivalidades y odios se ha evitado!

Habiendo ya cumplido con la Justicia, con la humanidad, cumplamos ahora con la política, con la sociedad, allanando las dificultades que opone un sistema tan sencillo y natural, mas tan débil que el menor tropiezo lo trastorna, lo arruina. La diversidad de origen requiere un pulso infinitamente firme, un tacto infinitamente delicado para manejar esta sociedad heterogénea cuyo complicado artificio se disloca, se divide, se disuelve con la mas ligera alteracion.

El sistema de Gobierno mas perfecto es aquel que produce mayor suma de felicidad posible, mayor suma de seguridad social y mayor suma de estabilidad política. Por las Leyes que dictó el primer Congreso tenemos derecho de esperar que la dicha sea el dote de Venezuela; y por las vuestras, debemos lisonjearnos que la seguridad y la estabilidad eternizarán esta dicha. - A vosotros toca resolver el problema. ¿Cómo, despues de haber roto todas las trabas de nuestra antigua opresion podemos hacer la obra maravillosa de evitar que los restos de nuestros duros hierros no se cambien en armas liberticidas? Las reliquias de la dominacion Española permanecerán largo tiempo ántes que lleguemos á anonadarlas: el contagio del Despotismo ha impregnado nuestra atmósfera, y ni el fuego de la guerra, ni el específico de nuestras saludables Leyes, han purificado el aire que respiramos. Nuestras manos ya están libres, y todavía nuestros corazones padecen de las dolencias de la servidumbre. El hombre, al perder la Libertad, decia Homero, pierde la mitad de su espíritu.

Un Gobierno Republicano ha sido, es y debe ser el de Venezuela; sus bases deben ser la Soberanía del Pueblo, la division de los Poderes, la Libertad civil, la proscripcion de la Esclavitud, la abolicion de la monarquía y de los privilegios. Necesitamos de la igualdad para refundir, digamoslo así, en un todo, la especie de los hombres, las opiniones políticas y las costumbres públicas. Luego, extendiendo la vista sobre el vasto campo que nos falta por recorrer, fixemos la atencion sobre los peligros que debemos evitar. Que la Historia nos sirva de guía en esta carrera. Aténas, la primera nos dá el exemplo mas brillante de una Democracia absoluta, y al instante la misma Atenas nos ofrece el exemplo mas melancólico de la extrema debilidad de esta especie de Gobierno. El mas sabio Legislador de Grecia no vió conservar su República diez años, y sufrió la humillacion de reconocer la insuficiencia de la Democracia absoluta para regir ninguna especie de sociedad, ni aun la mas culta, morigerada y limitada, porque solo brilla con relámpagos de Libertad. Reconozcamos, pues, que Solon ha desengañado al Mundo, y le ha enseñado quan difícil es dirigir por simples Leyes á los hombres.

La República de Esparta que parecia una invencion quimérica, produjo mas efectos reales que la obra ingeniosa de Solon. Gloria, virtud, moral, y por consiguiente la felicidad nacional, fue el resultado de la legislacion de Licurgo. Aunque dos Reyes en un Estado son dos mónstruos para devorarlo, Esparta poco tuvo que sentir de su doble trono; en tanto que Aténas se prometia la suerte más espléndida, con una soberanía absoluta, libre eleccion de Magistrados freqüentemente renovados. Leyes suaves, sabias y políticas. Pisítrato, usurpador y tirano fué mas saludable á Aténas que sus Leyes; y Pericles, aunque tambien usurpador, fué el mas útil Ciudadano. La República de Tébas no tuvo mas vida que la de Pelópidas y Epaminondas; porque á veces son los hombres, no los principios los que forman los Gobiernos. Los códigos, los sistemas, los estatutos por sabios que sean son obras muertas que poco influyen sobre las sociedades: ¡hombres virtuosos, hombres patriotas, hombres ilustrados constituyen las Repúblicas.

La Constitución Romana es la que mayor poder y fortuna ha producido á ningun Pueblo del mundo; allí no habia una exacta distribución de los Poderes. Los Cónsules, el Senado, el Pueblo ya eran Legisladores, ya Magistrados, ya Jueces; todos participaban de todos los Poderes. El Ejecutivo compuesto de dos Cónsules padecia el mismo inconveniente que el de Esparta. A pesar de su deformidad no sufrió la República la desastrosa discordancia que toda prevision habria supuesto inseparable de una Magistratura compuesta de dos individuos, igualmente autorizados con las facultades de un Monarca. Un Gobierno cuya única inclinacion era la conquista, no parecia destinado á cimentar la felicidad de su Nación; Un Gobierno monstruoso y puramente guerrero elevó á Roma al mas alto esplendor de virtud y de gloria, y formó de la tierra un dominio Romano para mostrar á los hombres de cuánto son capaces las virtudes políticas, y cuán diferentes suelen ser las instituciones.

Y pasando de los tiempos antiguos á los modernos encontraremos la Inglaterra y la Francia, llamando la atención de todas las Naciones, y dándoles lecciones eloqüentes de toda especie en materia de Gobierno. La Revolución de estos dos grandes Pueblos como un radiante meteoro ha inundado el mundo con tal profusion de luces políticas, que ya todos los seres que piensan han aprendido cuáles son los derechos del hombre y cuáles sus deberes, en qué consiste la excelencia de los Gobiernos y en qué consisten sus vicios. Todos saben apreciar el valor intrínseco de las teorías especulativas de los Filósofos y Legisladores modernos. En fin, este astro, en su luminosa carrera, aun ha encendido los pechos de los apáticos españoles, que tambien se han lanzado en el torbellino político, han hecho sus efímeras pruebas de Libertad, han reconocido su incapacidad para vivir bajo el dulce dominio de las Leyes y han vuelto á sepultarse en sus prisiones y hogueras inmemoriales.

Aquí es el lugar de repetiros, Legisladores, lo que os dice el eloqüente Volney en la Dedicatoria de su Ruinas de Palmira: “A los Pueblos nacientes de las Indias Castellanas, á los Jefes generosos que

los guian á la Libertad: que los errores é infortunios del mundo antiguo enseñen la sabiduría y la felicidad al mundo nuevo”. Que no se pierdan, pues, las lecciones de la experiencia, y que las escuelas de Grecia, de Roma, de Francia, de Inglaterra y de América nos instruyan en la difícil ciencia de crear y conservar las Naciones con Leyes propias, justas, legítimas, y sobre todo útiles; no olvidando jamas que la excelencia de un Gobierno no consiste en su teoría, en su forma, ni en su mecanismo, sino en ser apropiado á la naturaleza y al carácter de la Nacion para quien se instituye.

Roma y la Gran Bretaña son las Naciones que mas han sobresalido entre las antiguas y modernas, ámbas nacieron para mandar y ser libres, pero ámbas se constituyeron no con brillantes formas de Libertad, sino con establecimientos sólidos. Así, pues, os recomiendo Representantes, el estudio de la Constitucion Británica que es la que parece destinada á operar el mayor bien posible á los Pueblos que la adoptan; pero por perfecta que sea estoy muy léxos de proponeros su imitacion servil. Quando hablo del Gobierno Británico solo me refiero á lo que tiene de Republicano; y á la verdad ¿puede llamarse Monarquía un sistema en el qual se reconoce la soberanía popular, la division y el equilibrio de los Poderes, la Libertad civil, de Conciencia, de Imprenta, y quanto es sublime en la política? ¿Puede haber mas Libertad en ninguna especie de República? ¿y puede pretenderse mas en el órden social?. Yo os recomiendo esta Constitucion como la mas digna de servir de modelo á quantos aspiran al goce de los derechos del hombre y á toda la felicidad política que es compatible con nuestra frágil naturaleza.

En nada alterariamos nuestras Leyes fundamentales, si adoptásemos un Poder Legislativo semejante al Parlamento Británico. Hemos dividido como los americanos la Representacion Nacional en dos Cámaras: la de Representantes y el Senado. La primera está compuesta muy sábiamente, goza de todas las atribuciones que le corresponden, y no es susceptible de una reforma esencial, por que la Constitucion le ha dado el origen, la forma y las facultades que

requiere la voluntad del Pueblo para ser legítima y competentemente representada. Si el Senado en lugar de ser electivo fuese hereditario, sería en mi concepto la base, el lazo, el alma de nuestra República. Este Cuerpo en las tempestades políticas pararía los rayos del Gobierno, y rechazaría las olas populares. Adicto al Gobierno por el justo interés de su propia conservación, se opondría siempre á las invasiones que el Pueblo intenta contra la jurisdicción y la autoridad de sus Magistrados. Debemos confesarlo: los mas de los hombres desconocen sus verdaderos intereses, y constantemente procuran asaltarlos en las manos de sus Depositarios: el individuo pugna contra la masa, y la masa contra la autoridad. Por tanto es preciso que en todos los Gobiernos exista un cuerpo neutro que se ponga siempre de parte del ofendido y desarme al ofensor. Este cuerpo neutro para que pueda ser tal, no ha de deber su origen á la elección del Gobierno, ni á la del Pueblo, de modo que goce de una plenitud de independencia que ni tema, ni espere nada de estas dos fuentes de autoridad. El Senado hereditario como parte del Pueblo, participa de sus intereses, de sus sentimientos y de su espíritu. Por esta causa no se debe presumir que un Senado hereditario se desprenda de los intereses populares, ni olvide sus deberes Legislativos. Los Senadores en Roma y los Lores en Londres, han sido las columnas mas firmes sobre que se ha fundado el edificio de la Libertad política y social.

Estos Senadores serán elegidos la primera vez por el Congreso. Los sucesores al Senado llaman la primera atención del Gobierno, que debería educarlos en un colegio especialmente destinado para instruir aquellos tutores, Legisladores futuros de la Patria. Aprenderían las artes, las ciencias y las letras, que adornan el espíritu de un hombre público: desde su infancia ellos sabrían á qué carrera la Providencia los destinaba y desde muy tiernos elevarían su alma á la dignidad que los espera.

De ningun modo sería una violación de la igualdad política la creación de un Senado hereditario; no es una nobleza lo que preten-

do establecer porque como ha dicho un célebre Republicano, seria destruir á la vez la Igualdad y la Libertad. Es un oficio para el qual se deben preparar los candidatos, y es un oficio que exige mucho saber, y los medios proporcionados para adquirir su instruccion. Todo no se debe dejar al acaso y á la ventura en las elecciones: el Pueblo se engaña mas fácilmente que la naturaleza perfeccionada por el arte; y aunque es verdad que estos senadores no saldrian del seno de las virtudes, tambien es verdad que saldrian del seno de una educacion ilustrada. Por otra parte, los Libertadores de Venezuela son acreedores á ocupar siempre un alto rango en la República que les debe su existencia. Creo que la posteridad veria con sentimiento, anonadados los nombres ilustres de sus primeros bienhechores: digo mas, es del interes público, es de la gratitud de Venezuela, es del honor Nacional, conservar con gloria, hasta la última posteridad, una raza de hombres virtuosos, prudentes y esforzados que superando todos los obstáculos, han fundado la República á costa de los mas heróicos sacrificios. Y si el Pueblo de Venezuela no aplaude la elevacion de sus bienhechores, es indigno de ser libre, y no lo será jamas.

Un Senado hereditario, repito, será la base fundamental del Poder Legislativo, y por consiguiente, será la base de todo el Gobierno. Igualmente servirá de contrapeso para el Gobierno y para el Pueblo: será una potestad intermedia que embote los tiros que recíprocamente se lanzan estos eternos rivales. En todas las luchas, la calma de un tercero viene á ser el órgano de la reconciliación: así el Senado de Venezuela será la traba de este Edificio delicado y harto susceptible de impresiones violentas: será el iris que calmará las tempestades y mantendrá la armonía entre los miembros y la cabeza de este cuerpo político

Ningun estímulo podrá adulterar un Cuerpo Legislativo investido de los primeros honores, dependiente de sí mismo sin temer nada del Pueblo, ni esperar nada del Gobierno, que no tiene otro objeto que el de reprimir todo principio de mal y propagar todo principio de bien; y que está altamente interesado en la

existencia de una sociedad en la qual participa de sus efectos funestos ó favorables. Se ha dicho con demasiada razon que la Cámara Alta de Inglaterra, es preciosa para la Nacion porque ofrece un baluarte á la Libertad, y yo añado que el Senado de Venezuela, no solo seria un baluarte de la Libertad, sino un apoyo para eternizar la República.

El Poder Ejecutivo Británico está revestido de toda la autoridad Soberana que le pertenece; pero tambien está circunvalado de una triple línea de diques, barreras y estacadas. Es Gefe del Gobierno, pero sus Ministros y subalternos dependen mas de las Leyes que de su autoridad, porque son personalmente responsables, y ni aun las mismas órdenes de la autoridad Real los eximen de esta responsabilidad. Es Generalísimo del Ejército y la Marina; hace la paz y declara la guerra; pero el Parlamento es el que decreta anualmente las sumas con que deben pagarse estas fuerzas militares. Si los Tribunales y Jueces dependen de él, las Leyes emanan del Parlamento que las ha consagrado. Con el objeto de neutralizar su poder, es inviolable y sagrada la Persona del Rey, al mismo tiempo que le dejan libre la cabeza le ligan las manos con que debe obrar. El Soberano de Inglaterra tiene tres formidables rivales, su Gabinete que debe responder al Pueblo y al Parlamento: el Senado que defiende los intereses del Pueblo como Representante de la Nobleza de que se compone; y la Cámara de los Comunes que sirve de órgano y de Tribuna al Pueblo Británico. Además, como los Jueces son responsables del cumplimiento de las Leyes, no se separan de ellas, y los Administradores del Erario siendo perseguidos no solamente por sus propias infracciones, sino aun por las que hace el mismo Gobierno, se guardan bien de malversar los fondos públicos. Por mas que se examine la naturaleza del Poder Ejecutivo en Inglaterra, no se puede hallar nada que no incline á juzgar, que es el mas perfecto modelo, sea para un Reyno, sea para una Aristocracia, sea para una Democracia. Aplíquese á Venezuela este Poder Ejecutivo en la persona de un Presidente, nombrado por el Pueblo ó por sus Representantes, y habremos dado un gran paso hácia la felicidad Nacional.

Qualquiera que sea el Ciudadano que llene estas funciones, se encontrará auxiliado por la Constitución: autorizado para hacer bien, no podrá hacer mal, porque siempre que se someta á las Leyes; sus Ministros cooperarán con él; si por el contrario, pretende infringirlas, sus propios Ministros lo dejarán aislado en medio de la República, y aun lo acusarán delante del Senado. Siendo los Ministros los responsables de las transgresiones que se cometan, ellos son los que gobiernan, porque ellos son los que las pagan. No es la menor ventaja de este sistema la obligacion en que pone á los funcionarios inmediatos al Poder Ejecutivo de tomar la parte mas interesada y activa en las deliberaciones del Gobierno, y á mirar como propio este Departamento. Puede suceder que no sea el Presidente un hombre de grandes talentos ni de grandes virtudes, y no obstante la carencia de estas cualidades esenciales el Presidente desempeñará sus deberes de un modo satisfactorio, pues en tales casos el Ministerio haciendo todo por sí mismo, lleva la carga del Estado.

Por exorbitante que parezca la Autoridad del Poder Ejecutivo de Inglaterra, quizás no es excesiva en la República de Venezuela. Aquí el Congreso ha ligado las manos y hasta la cabeza á los Magistrados. Este cuerpo deliberante ha asumido una parte de las funciones Executivas contra la máxima de Montesquiu, que dice que un Cuerpo Representante no debe tomar ninguna resolucion activa: debe hacer Leyes y ver si se ejecutan las que hace. Nada es tan contrario á la armonía entre los Poderes como su mezcla. Nada es tan peligroso con respecto al Pueblo, como la debilidad del Ejecutivo; y si en un Reyno se ha juzgado necesario concederle tantas facultades, en una República son estas infinitamente mas indispensables.

Fixemos nuestra atencion sobre esta diferencia y hallaremos que el equilibrio de los Poderes debe distribuirse de dos modos. En las Repúblicas el Ejecutivo debe ser el mas fuerte, porque todo conspira contra él, en tanto que en las Monarquías el mas fuerte deber ser el Legislativo, porque todo conspira en favor del Monarca. La veneracion que profesan los pueblos á la Magistratura Real es un

prestigio que influye poderosamente á aumentar el respeto supersticioso que se tributa á esta autoridad. El esplendor del Trono, de la Corona, de la Púrpura: el apoyo formidable que les presta la Nobleza: las inmensas riquezas que generaciones enteras acumulan en una misma Dinastía: la proteccion fraternal que recíprocamente reciben todos los Reyes, son ventajas muy considerables que militan en favor de la Autoridad Real, y la hacen casi ilimitada. Estas mismas ventajas son, por consiguiente, las que deben confirmar la necesidad de atribuir á un Magistrado Republicano, una suma mayor de autoridad que la que posee un Príncipe Constitucional.

Un Magistrado Republicano es un individuo aislado en medio de una sociedad, encargado de contener el ímpetu del Pueblo hácia la licencia, la propension de los Jueces y Administradores hácia el abuso de las Leyes. Está sujeto inmediatamente al Cuerpo Legislativo, al Senado, al Pueblo: es un hombre solo resistiendo al ataque combinado de las opiniones, de los intereses y de las pasiones del Estado social, que como dice Carnot, no hace mas que luchar continuamente entre el deseo de dominar, y el deseo de substraerse á la dominacion. Es, en fin, un atleta lanzado contra una multitud de atletas.

Solo puede servir de correctivo á esta debilidad, el vigor bien cimentado y mas bien proporcionado á la resistencia que necesariamente le oponen al Poder Ejecutivo, el Legislativo, el Judicial y el Pueblo de una República. Si no se ponen al alcance del Ejecutivo todos los medios que una justa atribucion le señala, cae inevitablemente en la nulidad ó en su propio abuso, quiero decir, en la muerte del Gobierno, cuyos herederos son la anarquía, la usurpacion y la tiranía. Se quiere contener la Autoridad Executiva con restricciones y trabas: nada es mas justo, pero que se advierta que los lazos que se pretenden conservar se fortifican sí, mas no se estrechan.

Que se fortifique, pues, todo el sistema del Gobierno, y que el equilibrio se establezca de modo que no se pierda, y de modo

que no sea su propia delicadeza una causa de decadencia. Por lo mismo que ninguna forma de Gobierno es tan débil como la Democrática, su estructura debe ser de la mayor solidez, y sus instituciones consultarse para la estabilidad. Si no es así contemos con que se establece un ensayo de Gobierno y no un sistema permanente: contemos con una sociedad díscola, tumultuaria y anárquica y no con un establecimiento social donde tengan su imperio la felicidad, la paz y la justicia.

No seamos presuntuosos, Legisladores; seamos moderados en nuestras pretensiones. -No es probable conseguir lo que no ha logrado el género humano, lo que no han alcanzado las mas grandes y sabias Naciones. La Libertad indefinida, la Democracia absoluta, son los escollos á donde han ido á estrellarse todas las esperanzas Republicanas. Echad una mirada sobre las Repúblicas antiguas, sobre las Repúblicas modernas, sobre las Repúblicas nacientes. Casi todas han pretendido establecerse absolutamente Democráticas, y a casi todas se les han frustrado sus justas aspiraciones. Son laudables ciertamente hombres que anhelan por instituciones legítimas y por una perfeccion social; pero ¿quién ha dicho á los hombres que ya poseen toda la sabiduría, que ya practican toda la virtud, que exigen imperiosamente la liga del Poder con la justicia? . Angeles, no hombres, pueden únicamente existir libres, tranquilos y dichosos, ejerciendo todos la Potestad Soberana.

Ya disfruta el Pueblo de Venezuela de los derechos que legítima y fácilmente puede gozar; moderemos ahora el ímpetu de las pretensiones excesivas que quizás le suscitaria la forma de un Gobierno incompetente para él: abandonemos las formas federales que no nos convienen: abandonemos el triunvirato del Poder Ejecutivo, y concentrándolo en un Presidente, confiémosle la autoridad suficiente para que logre mantenerse luchando contra los inconvenientes anexos á nuestra reciente situacion, al estado de guerra que sufrimos, y á la especie de los enemigos externos y domésticos, contra quienes tendremos largo tiempo que combatir. Que el Poder

Legislativo se desprenda de las atribuciones que corresponden al Ejecutivo, y adquiera no obstante nueva consistencia, nueva influencia en el equilibrio de las autoridades. Que los Tribunales sean reforzados por la estabilidad y la independencia de los Jueces, por el establecimiento de Jurados, de Códigos civiles y criminales que no sean dictados por la antigüedad, ni por Reyes conquistadores, sino por la voz de la Naturaleza, por el grito de la Justicia y por el genio de la Sabiduría.

Mi deseo es que todas las partes del Gobierno y Administración, adquirieran el grado de vigor que únicamente puede mantener el equilibrio, no solo entre los Miembros que componen el Gobierno, sino entre las diferentes fracciones de que se compone nuestra Sociedad. Nada importaría que los resortes de un sistema político se relaxasen por su debilidad, si esta relaxacion no arrastrase consigo la disolucion del Cuerpo social, y la ruina de los asociados. Los gritos del género humano en los campos de batalla ó en los campos tumultuarios claman al Cielo contra los inconsiderados y ciegos Legisladores, que han pensado que se pueden hacer impunemente ensayos de quiméricas instituciones. Todos los Pueblos del mundo han pretendido la Libertad; los unos por las armas, los otros por la Leyes, pasando alternativamente de la anarquía al despotismo ó del despotismo á la anarquía; muy pocos son los que se han contentado con pretensiones moderadas, constituyéndose de un modo conforme á sus medios, á su espíritu y á sus circunstancias. No aspiremos á lo imposible, no sea que por elevarnos sobre la region de la Libertad, descendamos á la region de la tiranía. De la Libertad absoluta se desciende siempre al Poder absoluto, y el medio entre estos dos términos es la Suprema Libertad social. Teorías abstractas son las que producen la perniciosa idea de una Libertad ilimitada. Hagamos que la fuerza pública se contenga en los límites que la razon y el interes prescriben: que la voluntad nacional se contenga en los límites que un justo Poder le señala: que una Legislacion civil y criminal análoga á nuestra actual Constitucion domine imperiosamente sobre el Poder Judicial, y entónces habrá un equilibrio, y no habrá el choque

que embaraza la marcha del Estado, y no habrá esa complicacion que traba en vez de ligar la sociedad.

Para formar un Gobierno estable se requiere la base de un espíritu nacional, que tenga por objeto una inclinacion uniforme hácia dos puntos capitales, moderar la voluntad general, y limitar la autoridad pública. Los términos que fixan teóricamente estos dos puntos, son de una difícil asignacion; pero se puede concebir que la regla que debe dirigirlos, es la restriccion, y la concentracion recíproca á fin de que haya la menos frotacion posible entre la voluntad y el poder legítimo. Esta ciencia se adquiere insensiblemente por la práctica y por el estudio. El progreso de las luces es el que ensancha el progreso de la práctica, y la rectitud del espíritu es al ensancha el progreso de las luces.

El amor á la Patria, el amor á las Leyes, el amor á los Magistrados son las nobles pasiones que deben absorber exclusivamente el alma de un Republicano. Los Venezolanos aman la Patria, pero no aman sus Leyes, porque estas han sido nocivas y eran la fuente del mal: tampoco han podido amar á sus Magistrados porque eran iniquos, y los nuevos apénas son conocidos en la carrera en que han entrado. Si no hay un respeto sagrado por la Patria y por las Leyes, y por las Autoridades, la sociedad es una confusion, un abismo: es un conflicto singular de hombre á hombre, de cuerpo á cuerpo.

Para sacar de este caos nuestra naciente República, todas nuestras facultades morales no serán bastantes, si no fundimos la masa del Pueblo en un todo: la composicion del Gobierno en un todo: la Legislacion en un todo: y el espíritu nacional en un todo. Unidad, Unidad, Unidad, debe ser nuestra divisa. La sangre de nuestros Ciudadanos es diferente; mezclémosla para unirla: nuestra Constitucion ha dividido los poderes; enlacémoslos para unirlos: nuestras Leyes son funestas reliquias de todos los despotismos antiguos y modernos; que este edificio monstruoso se derribe, caiga y apartando hasta sus ruinas, elevemos un Templo á la Justicia, y baxo los auspicios

de su Santa inspiracion dictemos un Código de Leyes Venezolanas. Si queremos consultar monumentos y modelos de Legislación, la Gran-Bretaña, la Francia, la América Septentrional los ofrecen admirables.

La educacion popular debe ser el cuidado primogénito del amor paternal del Congreso. Moral y luces son los polos de una República, moral y luces son nuestras primeras necesidades. Tomemos de Atenas su Areópago, y los guardianes de las costumbres y de las Leyes; tomemos de Roma sus censores y sus tribunales domésticos; y haciendo una Santa alianza de estas instituciones morales, renovemos en el Mundo la idea de un Pueblo que no se contenta con ser libre y fuerte, sino que quiere ser virtuoso. Tomemos de Esparta sus austeros establecimientos, y formando de estos tres manantiales una fuente de virtud, demos á nuestra República una quarta potestad cuyo dominio sea la infancia y el corazon de los hombres, el espíritu público, las buenas costumbres y la Moral republicana. Constituyamos este Areópago para que vele sobre la educacion de los niños, sobre la instruccion nacional; para que purifique lo que se haya corrompido en la República, que acuse la ingratitude, el egoísmo, la frialdad del amor á la Patria, el ocio, la negligencia de los Ciudadanos: que juzgue de los principios de corrupcion, de los exemplos perniciosos, debiendo corregir las costumbres con penas morales, como las Leyes castigan los delitos con penas aflictivas, y no solamente lo que choca contra ellas, sino lo que las burla; no solamente lo que las ataca, sino lo que las debilita; no solamente lo que viola la Constitucion, sino lo que viola el respeto público. La jurisdiccion de este Tribunal verdaderamente Santo, deberá ser efectiva con respecto á la educacion y á la instruccion, y de opinion solamente en las penas y castigos. Pero sus anales ó registros donde se consignan sus actas y deliberaciones, los principios morales y las acciones de los Ciudadanos, serán los libros de la virtud y del vicio. Libros que consultará el pueblo para sus elecciones, los Magistrados para sus resoluciones, y los Jueces para sus juicios. Una institucion semejante que mas que parezca quimérica, es infinitamente mas realizable que otras

que algunos Legisladores antiguos y modernos han establecido con ménos utilidad del género humano.

Legisladores! Por el Proyecto de Constitucion que reverentemente someto á vuestra sabiduría, observareis el espíritu que lo ha dictado. Al proponeros la division de los Ciudadanos en activos y pasivos, he pretendido excitar la prosperidad nacional por las dos mas grandes palancas de la industria, el trabajo y el saber. Estimulando estos dos poderosos resortes de la sociedad, se alcanza lo mas difícil entre lo hombres, hacerlos honrados y felices. Poniendo restricciones justas y prudentes en las Asambleas Primarias y Electorales, ponemos el primer dique á la licencia popular, evitando la concurrencia tumultuaria y ciega que en todos tiempos ha imprimido el desacierto en las Elecciones, y ha ligado por consiguiente, el desacierto á los Magistrados, y á la marcha del Gobierno; pues este acto primordial, es el acto generativo de la Libertad ó de la esclavitud de un Pueblo.

Aumentando en la balanza de los poderes el peso del Congreso por el número de los Legisladores y por la naturaleza del Senado, he procurado darle una base fixa á este primer Cuerpo de la Nacion y revestirlo de una consideracion importantísima para el éxito de sus funciones soberanas.

Separando con límites bien señalados la Jurisdiccion Executiva, de la Jurisdiccion Legislativa, no me he propuesto dividir sino enlazar con los vínculos de la armonía que nace de la Independencia, estas potestades Supremas cuyo choque prolongado jamas ha dejado de aterrar á uno de los contendientes. Quando deseo atribuir al Ejecutivo una suma de facultades superior á la que ántes gozaba, no he deseado autorizar un Déspota para que tiranize la República, sino impedir que el despotismo deliberante no sea la causa inmediata de un círculo de vicisitudes despóticas en que alternativamente la anarquía sea reemplazada por la oligarquía y por la monocracia. Al pedir la estabilidad de los Jueces, la creacion de Jurados y un nuevo Cód-

go, he pedido al Congreso la garantía de la Libertad Civil, la mas preciosa, la mas justa, la mas necesaria, en una palabra, la unica Libertad, pues que sin ella las demas son nulas. He pedido la correccion de los mas lamentables abusos que sufre nuestra Judicatura, por su origen vicioso de ese piélago de Legislacion Española que semejante al tiempo recoge de todas las edades y de todos los hombres, así las obras de la demencia como las del talento, así las producciones sensatas como las extravagantes, así los monumentos del ingenio como los del capricho. Esta Enciclopedia Judicial -Monstruo de diez mil cabezas, que hasta ahora ha sido el azote de los Pueblos Españoles, es el suplicio mas refinado que la cólera del Cielo ha permitido descargar sobre este desdichado Imperio.

Meditando sobre el modo efectivo de regenerar el carácter y las costumbres que la tiranía y la guerra nos han dado, me he sentido con la audacia de inventar un Poder Moral, sacado del fondo de la oscura antigüedad, y de aquellas olvidadas Leyes que mantuvieron, algun tiempo, la virtud entre los Griegos y Romanos. Bien puede ser tenido por un cándido delirio, mas no es imposible, y yo me lisonjeo que no desdeñareis enteramente un pensamiento que mejorado por la esperiencia y las luces, puede llegar á ser muy eficaz.

Horrorizado de la divergencia que ha reynado y debe reynar entre nosotros por el espíritu sutil que caracteriza al Gobierno Federativo, he sido arrastrado á rogaros para que adopteis el Centralismo y la reunion de todos los Estados de Venezuela en una República sola é indivisible. Esta medida, en mi opinion, urgente, vital, redentora, es de tal naturaleza que, sin ella, el fruto de nuestra regeneracion será la muerte.

Mi deber es, Legisladores, presentaros un quadro prolixo y fiel de mi Administracion Política, Civil y Militar, mas seria cansar demasiado vuestra importante atención, y privaros en este momento de un tiempo tan precioso como urgente. En consecuencia, los Secre-

tarios de Estado darán cuenta al Congreso de sus diferentes Departamentos exhibiendo al mismo tiempo los documentos y archivos que servirán de ilustracion para tomar un exacto conocimiento del estado real y positivo de la República.

Yo no os hablaria de los actos mas notables de mi mando, si estos no incumbiesen á la mayoria de los Venezolanos. Se trata, Señor, de las resoluciones mas importantes de este último período. La atroz é impía esclavitud cubria con su negro manto la tierra de Venezuela, y nuestro Cielo se hallaba recargado de tempestuosas nubes que amenazaban un diluvio de fuego. Yo imploré la proteccion del Dios de la humanidad, y luego la Redencion disipó las tempestades. La esclavitud rompió sus grillos y Venezuela se ha visto rodeada de nuevos hijos, de hijos agradecidos que han convertido los instrumentos de su cautiverio en armas de Libertad. Sí, los que ántes eran Esclavos, ya son Libres: los que ántes eran enemigos de una Madrastra, ya son Defensores de una Patria. Encareceros la justicia, la necesidad y la beneficencia de esta medida, es superfluo quando vosotros sabeis la Historia de los Helotas, de Espartaco y de Haytí: quando vosotros a sabeis que no se puede ser Libre y Esclavo á la vez, sino violando á la vez las Leyes naturales, las Leyes políticas y las Leyes civiles. Yo abandono á vuestra soberana decision la reforma ó la revocacion de todos mis Estatutos y Decretos; pero yo imploro la confirmación de la Libertad absoluta de los esclavos, como imploraria mi vida y la vida de la República.

Representaros la historia Militar de Venezuela seria recordaros la historia del heroismo Republicano entre los Antiguos; seria deciros que Venezuela ha entrado en el gran quadro de los sacrificios hechos sobre el Altar de la Libertad. Nada ha podido llenar los nobles pechos de nuestros generosos guerreros, sino los honores sublimes que se tributan á los bienhechores del género humano. No combatiendo por el poder, ni por la fortuna, ni aun por la gloria, sino tan solo por la Libertad, títulos de Libertadores de la República son sus dignos galardones. Yo, pues, fundando una sociedad sagrada con

estos ínclitos varones, he instituido el órden de los Libertadores de Venezuela. -*Legisladores!* A vosotros pertenecen las facultades de conocer honores y condecoraciones: vuestro es el deber de ejercer este acto augusto de la gratitud nacional.

Hombres que se han desprendido de todos los goces, de todos los bienes que ántes poseian como el producto de su virtud y talentos: hombres que han experimentado quanto es cruel en una guerra horrorosa, padeciendo las privaciones mas dolorosas y los tormentos mas acerbos; hombres tan beneméritos de la Patria, han debido llamar la atencion del Gobierno; en consecuencia he mandado recompensarlos con los bienes de la Nacion. Si he contraido para con el Pueblo alguna especie de mérito, pido á sus Representantes oigan mi súplica como el premio de mis débiles servicios. Que el Congreso ordene la distribucion de los Bienes Nacionales, conforme a la Ley que á nombre de la República he decretado á beneficio de los Militares Venezolanos.

Ya que por infinitos triunfos hemos logrado anonadar las huestes Españolas, desesperada la Corte de Madrid ha pretendido sorprender vanamente la conciencia de los magnánimos Soberanos que acaban de extirpar la usurpacion y la tiranía en Europa, y deben ser los protectores de la legitimidad y de la Justicia de la Causa Americana. Incapaz de alcanzar con sus armas nuestra sumision, recurre la España á su política insidiosa: no pudiendo vencernos ha querido emplear sus artes suspicaces. -Fernando se ha humillado hasta confesar que ha menester de la proteccion extranjerá para retornarnos á su ignominioso yugo; á un yugo que todo poder es nulo para imponerlo! -Convencida Venezuela de poseer las fuerzas suficientes para repeler á sus opresores, ha pronunciado por el órgano del Gobierno su última voluntad de combatir hasta expirar, por defender su vida política, no solo contra España, sino contra todos los hombres, si todos los hombres se hubiesen degradado tanto, que abrazasen la defensa de un Gobierno devorador cuyos únicos móviles son una Espada exterminadora y las llamas de la Inquisicion. Un Gobierno

que ya no quiere dominios sino desiertos; Ciudades, sino ruinas; vasallos, sino tumbas. La Declaracion de la República de Venezuela es el Acta mas gloriosa, mas heroica, mas digna de un Pueblo Libre; es la que con mayor satisfaccion tengo el honor de ofrecer al Congreso ya sancionada por la expresion unánime del Pueblo Libre de Venezuela.

Desde la segunda época de la República nuestro Ejército carecía de elementos militares: siempre ha estado desarmado: siempre le han faltado municiones: siempre ha estado mal equipado. Ahora los Soldados Defensores de la Independencia no solamente están armados de la Justicia, sino también de la fuerza. Nuestras tropas pueden medirse con las mas selectas de Europa, ya que no hay desigualdad en los medios destructores. Tan grandes ventajas las debemos á la liberalidad sin límites de algunos generosos extranjeros que han visto gemir la humanidad y sucumbir la causa de la razon, y no la han visto tranquilos espectadores, sino que han volado con sus protectores auxilios, y han prestado á la República quanto ella necesitaba para hacer triunfar sus principios filantrópicos. Estos amigos de la humanidad son los genios custodios de la América, y á ellos somos deudores de un eterno reconocimiento, como igualmente de un cumplimiento religioso á las sagradas obligaciones que con ellos hemos contraído. La deuda Nacional, Legisladores, es el deposito de la fe, del honor y de la gratitud de Venezuela. Respetadla como la Arca Santa, que encierra no tanto los derechos de nuestros bienhechores, quanto la gloria de nuestra fidelidad. Perezcamos primero que quebrantar un empeño que ha salvado la Patria y la vida de sus hijos.

La reunion de Nueva Granada y Venezuela en un grande Estado ha sido el voto uniforme de los pueblos y Gobierno de estas Repúblicas. La suerte de la guerra ha verificado este enlace tan anhelado por todos los Colombianos; de hecho estamos incorporados. Estos pueblos hermanos ya os han confiado sus intereses, sus derechos, sus destinos. Al contemplar la reunion de esta inmensa comarca, mi alma se remonta á la eminencia que exige la perspectiva colo-

sal que ofrece un quadro tan asombroso. Volando por entre las próximas edades, mi imaginacion se fixa en los siglos futuros, y observando desde allá, con admiracion y pasmo la prosperidad, el esplendor, la vida que ha recibido esta vasta region, me siento arrebatado y me parece que ya la veo en el corazon del universo, extendiéndose sobre sus dilatadas costas entre esos océanos que la naturaleza había separado, y que nuestra Patria reúne con prolongados y anchurosos canales. Ya la veo servir de lazo, de centro, de emporio á la familia humana. Ya la veo enviando á todos los recintos de la tierra los tesoros que abrigan sus montañas de plata y de oro. Ya la veo distribuyendo por sus divinas plantas la salud y la vida á los hombres dolientes del antiguo universo. Ya la veo comunicando sus preciosos secretos á los sabios que ignoran quan superior es la suma de las luces, á la suma de las riquezas que le ha prodigado la naturaleza. Ya la veo sentada sobre el Trono de la Libertad, empuñando el cetro de la Justicia, coronada por la Gloria, mostrar al mundo antiguo la majestad del mundo moderno.

Dignaos, Legisladores, acoger con indulgencias la profesion de mi conciencia política, los últimos votos de mi corazon y los ruegos fervorosos que á nombre del pueblo me atrevo á dirigiros. Dignaos conceder á Venezuela un Gobierno eminentemente popular, eminentemente justo, eminentemente moral, que encadene la opresion, la anarquía y la culpa. Un Gobierno que haga reinar la inocencia, la humanidad y la paz. Un Gobierno que haga triunfar bajo el imperio de Leyes inexorables, la igualdad y la Libertad.

Señor, empezad vuestras funciones: yo he terminado las mías.(6)

(6) Texto Original tomado de: José Félix Blanco y Ramón Azpurua, *Documentos para la Historia de la Vida pública del Libertador*, Caracas, Ediciones de la Presidencia de la República, 1978, t. VI, pp. 584 – 598.

ANEXO E – PRONUNCIAMIENTO POR OCASIÓN DA RESTITUIÇÃO DOS PODERES (2002)

MENSAJE DEL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA, HUGO CHÁVEZ FRÍAS, CON MOTIVO DE LA RESTITUCIÓN DE PODERES

Palacio de Miraflores, Caracas
14 de abril de 2002

“A Dios lo que es de Dios, al César lo que es del César y al pueblo lo que es del pueblo”, comienzo así con estas palabras llenas de no sé cuántos sentimientos y pensamientos que cruzan por mi pecho, por mi alma, por mi mente.

En este momento soy como un mar multicolor, todavía debo confesarles con los buenos días a toda Venezuela, a todo el pueblo venezolano, a toda la sociedad venezolana, les confieso que todavía estoy estupefacto, todavía estoy asimilando este proceso, que ahora bien podemos llamarlo para escribir no sé cuántos libros para la historia venezolana y ejemplo del mundo, que este es un proceso de contra, contra, contrarrevolución y se han quedado demostradas muchas cosas que ya tendremos tiempo, no pretendo dar a esta hora, cuando son 20 minutos para la 5:00 de la mañana, este saludo antes de que mensaje, es un saludo de mi corazón a Venezuela y al mundo desde este Palacio, que es el del pueblo y que el pueblo. Lo dije en mi mensaje de hace unas tres noches allá en la avenida o río Urdaneta, en donde vi que hay mucha gente cuando veníamos en el helicóptero, hay mucha gente en la avenida Urdaneta y más allá y por acá, pero decíamos allí, el pueblo llegó a este Palacio para no irse más y, ha quedado demostrado. Yo hablando del pueblo debo decir a ustedes que lo que ha ocurrido en Venezuela en estas últimas horas, es en verdad inédito en el mundo.

El pueblo venezolano y sus verdaderos soldados, el pueblo venezolano y su Fuerza Armada. Esos soldados del pueblo han escrito y esto no es grandilocuencia es una verdad, es una nueva página y qué gran página para la historia venezolana, de América Latina y también pudiera ser del mundo. Ejemplo de un pueblo que ha despertado definitivamente, de un pueblo que ha reconocido y asumido sus derechos, sus obligaciones, de una Fuerza Armada cuya esencia, cuyo corazón estructural, cuyos

oficiales, suboficiales, tropas están conscientes de su responsabilidad histórica y no se han dejado confundir, ni manipular, ni engañar y ha brotado desde el fondo de la situación, desde el fondo de un alma, de un cuerpo, ha brotado esa fuerza que ha restituido la legitimidad y la Constitución de la República Bolivariana de Venezuela.

Estuve leyendo mucho la Constitución, revisando detalles por cierto. Ahora antes de hacer algunas reflexiones, porque quiero ser breve en este mensaje de madrugada, como un renacimiento, quiero hacer un llamado y esto es quizás lo más importante que yo quiero decir hoy domingo 14 de abril. Yo he estado incomunicado en las últimas horas y no tenía ninguna información de lo que estaba pasando y tenía una angustia muy grande y, lo primero y más importante que digo a todos los venezolanos es que vuelvan a sus casas, que vuelva la calma.

Llegó un estremecimiento que trajo dolor, que trajo sangre, que trajo lágrimas, que trajo incertidumbre. Las causas de esto que ha ocurrido ya las analizaremos con calma para corregir en donde hay que corregir, para corregirnos en donde tengamos que corregirnos, pero mientras tanto “calma y cordura” como diría un venezolano de nuestra historia; calma en este momento. Llamo una vez instalado de nuevo en el Palacio de Gobierno y una vez recibido el poder legítimo que el pueblo me dio, del Vicepresidente, Diosdado Cabello, quien valientemente asumió sus tareas junto al pueblo, junto a los representantes de los poderes públicos legítimos, que aquí nos acompañan, junto a los soldados que con coraje supieron reaccionar rápidamente ante la pretensión que aquí llegó la calma.

Me han informado ahora que he llegado y venía desde el helicóptero, veníamos desde La Orchila y venía viendo con preocupación algunas columnas de humo en algunas partes de Caracas y, me han informado que ha habido algunos disturbios en las últimas horas sobre todo en el día de hoy, y algunos saqueos en algunas partes de Caracas. Yo hago un llamado a todos ustedes compatriotas vuelvan a sus casas todos, vamos a casa, vamos a reordenar la casa, vamos a reflexionar sobre la marcha y a continuar trabajando. Así que pido a todos que cesen las acciones que todavía pudieran quedar por allí en algunos pequeños focos de disturbios de las últimas horas.

Y hago un llamado a los cuerpos policiales -esto es un llamado muy especial y muy firme- a cuerpos policiales que han estado en la calle, que han estado según me informan de primera mano y una información muy preliminar, para ponerme al tanto de los acontecimientos, que ha habido algunos cuerpos policiales que han estado reprimiendo de manera cruel al pueblo venezolano. Hago un llamado a quienes tienen responsabilidad de dirigir los cuerpos policiales que llamen a la calma, que cese todo esto. A partir de este momento todo el mundo a la casa, todo el mundo a la familia. Vamos a recogernos allí en la casa, vamos a reflexionar. Vamos a poner a Dios por delante, esta imagen del Cristo crucificado me la regaló cuando iba saliendo prisionero en la madrugada de hace dos días, hace 47 horas exactamente en este momento, un buen amigo, el general Jacinto Pérez Arcay me dijo: “Hijo, llévate a Cristo”, me lo llevé y aquí está de nuevo. Pues invoquemos a Cristo, a Dios nuestro Señor y llenémonos de paz, hace falta mucha paz espiritual, en este momento para todo el país, para todos los sectores hago un llamado a la paz, hago un llamado a la calma, hago un llamado a la racionalidad de todos, hago un llamado a que volvamos a la reunión del país.

Estos acontecimientos que trajeron sangre y dolor, son sin embargo y deben ser una gigantesca lección para todos nosotros. Que todos seamos capaces de mirar allí, que todos seamos capaces de leer esa lección, que todos seamos capaces de extraer de allí conclusiones y enseñanzas. Que seamos capaces de apreciar señales para corregir, rectificar, profundizar para tener más fe en lo que estamos haciendo para que todos los sectores del país terminemos de aceptar de una buena vez y definitivamente que aquí hay un gobierno legítimamente constituido, que aquí hay una Constitución, la más legítima de toda nuestra historia. Elaborada, discutida por el pueblo y aprobada por el pueblo y que ahora se ha comenzado a aplicar para que de allí veamos la necesidad de moderar, de aceptarnos los unos a los otros y este llamado es para todos, me pongo de primero para dar el ejemplo.

Yo tuve por ejemplo, en La Orchila hace unas horas, una buena conversación con monseñor el cardenal Ignacio Velasco y le pedí que habláramos a solas a la orilla del mar y nos sentamos a la orilla del mar y,

le dije: “Monseñor vamos a orar a la orilla de este mar”, y le pedí perdón y le dije que era necesario que todos los sectores del país pusiéramos mayor empeño, toda la buena voluntad que podamos para poder convivir en paz aceptando las reglas del juego, aceptando las normas de la convivencia ciudadana. Esto que ha pasado es un llamado para todos, necesario es que reflexionemos todos.

Yo quiero darle un saludo muy especial a los medios de comunicación internacional. En primer lugar, a los organismos internacionales, Organización de Estados Americanos (OEA). Aún no tengo ninguna información, no me ha llegado ningún resumen, como vengo llegando, pero ya me han dado informes verbales las muchachas y los muchachos del equipo éste valiente, y de coraje que me acompaña. Presidentes de América, del mundo, el Grupo de los 15, el Grupo de Río, donde debimos haber estado hasta ayer en reunión. Diversos entes, el Grupo de los 77 más China, y ese es un ejemplo de que, a nivel internacional Venezuela no está ni estará nunca sola, que el pueblo venezolano no está ni estará nunca más solo.

Que Venezuela tiene el respeto de la Comunidad Internacional. Que la Comunidad Internacional reconoce la legitimidad y la soberanía, el valor y el coraje del pueblo venezolano, demostrado hoy una vez más. Así que ese reconocimiento especial a los organismos internacionales, a la prensa internacional, a los periodistas internacionales. Y a los medios de comunicación de nuestro país, de verdad verdad llegó la hora de hacer profundas rectificaciones, es obligatorio que se hagan esas rectificaciones, que se vuelva a los carriles de la razón, porque es que parece que han perdido hasta la razón. Yo, así lo digo en nombre del Gobierno revolucionario y bolivariano, pacífico y democrático. No vengo ni con ninguna carga de odio, ni de rencor contra nadie, absolutamente, no cabe en mi corazón ni el odio, ni el rencor. Pero claro que tenemos que tomar decisiones y ajustar muchas cosas. Siempre, siempre, y para siempre apegados a esta casi sagrada Constitución, después de la Biblia, la Constitución Bolivariana de Venezuela.

Las acciones del Gobierno bolivariano estarán siempre apegadas a la Constitución, así que hago un llamado igualmente a los poderes locales: gobernadores, alcaldes, a todos los hombres y mujeres que me siguen en

este camino, que no caigamos, yo sé que no vamos a caer, nadie va a caer en el extremo en que cayeron algunos sectores en los últimos días, a los que también llamo a la reflexión. No, nosotros los bolivarianos, nosotros los revolucionarios somos humanistas, respetamos al ser humano, respetamos la dignidad y tenemos que demostrarlo sobre todo en momentos como éste. Así que ninguna retaliación, aquí no habrá ninguna cacería de brujas, no vengo con ánimos revanchistas. No. Aquí no habrá persecuciones, aquí no habrá atropellos ni abusos, ni irrespetos a la libertad de expresión o de pensamiento a los Derechos Humanos en forma general. Pero las cosas tienen que volver al marco constitucional, de donde salieron por voluntad de una minoría enceguecida, a lo mejor por la ambición, a lo mejor por el rencor. No sé por cuántos otros sentimientos, pero les hago un llamado a todos.

A la oposición, necesitamos nosotros una oposición en Venezuela, pero una oposición leal con el país, una oposición leal con el pueblo, una oposición que presente críticas verdaderas, que presente alternativas al país. Es necesario que todos los partidos y grupos que se oponen a este Gobierno por algunas razones, cuales sean, terminen de entender y de aceptar. Es necesario que todos los dirigentes de los diversos sectores del país que puedan adversar a este Gobierno, o no estar de acuerdo con alguna política o alguna decisión, bien sea del sector político, del sector económico, del sector que sea, bueno, que la hagan pública, que declaren, que anuncien sus críticas, sus recomendaciones, sus alternativas. Que trabajen, que hagan política de verdad, que hagan trabajo en las calles, en los pueblos, pero con ética, con buena fe, aceptando lo que hay que aceptar definitivamente. Repito, ya lo dije, que aquí hay una Constitución Nacional, que aquí hay un Gobierno Nacional legítimo, con el apoyo de las grandes mayorías del país, y con el apoyo del núcleo y la estructura central de la Fuerza Armada, que aquí hay un proyecto en marcha que no tiene vuelta atrás, que los que se opongan tienen todos los derechos, y los hemos demostrado, derecho de participación, derecho de expresión, derecho de organización.

Organícense señores de la oposición, hagan política seria, justa y leal con el país, no caigan en desesperaciones ni aventuras, que vean a lo que nos condujeron esas desesperaciones y ese aventurerismo. Se ha

demostrado una vez más, lamentablemente, que aquí hay dos países: un país virtual y un país real. El país virtual lo veían ustedes, seguramente, aquí a lo mejor en este mismo salón hace pocas horas. El país virtual montó una conspiración, con el desespero de la aventura, irrespetando todo. Pero el país real finalmente se impuso. Porque el país real tiene en sus manos las banderas de la razón, las banderas de la verdad y la fuerza infinita de la fe, y sobre todo la fuerza infinita del amor.

Este pueblo, ha quedado una vez más demostrado -glorioso pueblo el de Bolívar- ahí está para los que dudaban. Sí es verdad que durante muchos años lo engañaron, sí es verdad que durante muchos años lo manipularon, sí es verdad que durante muchos años a veces lo llevaron como un borrego, ha quedado demostrado que ciertamente despertó como conciencia de su propia fuerza y se ha convertido en actor histórico que construye un nuevo camino. La Fuerza Armada, sus cuadros de oficiales, la estructura central, ha demostrado una vez más que por más manipulación, por más traición que haya en algunos sectores de la Fuerza Armada, como la hubo; sin embargo ahí está la muchachada militar, que la conozco, está ahí. Así que mi reconocimiento y el de todos a esos dos entes a los que yo siempre me he referido, y que constituyen la fuerza más poderosa -después de Dios- de esta Venezuela de hoy, de este proceso de cambio indetenible. Esos dos elementos que en el fondo son el mismo, el pueblo y los militares; el pueblo y la Fuerza Armada.

Les voy a contar una anécdota, me sorprendí, yo ando de sorpresa en sorpresa. Yo estuve en cinco lugares distintos desde el día en que salí de aquí. Ya echaré los cuentos mañana. Dentro de unas horas tenderemos Aló Presidente. ¿Y qué creía mi equipo de Aló Presidente, que iban a echar el carro el domingo, que iban a descansar el domingo? Bueno, de todos modos ya yo estaba pensando cómo transmitirlo desde donde estaba, estábamos haciendo los planes. Miren, estuve en cinco lugares desde la madrugada de antier, y debo decirles, porque ahora me decían los muchachos, algunos llorando de emoción. Allá en La Orchila nos abrazamos en una sola masa de sentimiento, porque esos soldados que ustedes ven con un fusil cruzado y una cara a veces un poco arrugada, esos son puro amor, y entonces uno me dijo: “Ay, yo no podía respirar hasta que no lo viera, me sentía muerto”, me dijo. Entonces me dijo: “No,

porque han dicho que a usted lo han golpeado, que lo torturaron para que firmara la renuncia”. No. Aclaro que no fui maltratado para nada, desde la sede del Ejército donde estuve, luego en un Batallón de Fuerte Tiuna, me movían; entre otras cosas me movían creo porque donde me llevaban conseguía el abrazo de los muchachos, y hasta lágrimas. Los que me llevaban la comida se quedaban un rato ahí, diciéndome algo, dándome aliento.

Así que ese mensaje que comencé a recibir me fue conformando la certeza de que esta situación virtual, esta especie de película -no sé qué- que vivimos, no iba a durar mucho tiempo. Luego me llevaron una noche a Turiamo, y allá fui recibido por un grupo de soldados, soldados de los comandos de la Marina, y me trataron de manera excelente; y luego no había donde dormir, porque ellos ni siquiera sabían que yo iba para allá, me llevaron, y cuando llegamos buscando una cama, buscando un colchón. Les dije: “No, no se den mala vida por mí, muchachos, pónganme una sábana que yo soy un soldado como ustedes”. Y nos quedamos hablando un rato, y tomando mucho café, por supuesto. El capitán Marino, así se llama, me atendió a las mil maravillas, y hablamos mucho. ¡Ah! ¿Saben una cosa? esta travesía por cinco sitios militares me sirvió para hacer algo que yo no hacía desde algún tiempo, hablar con los muchachos de allá abajo, oír a los sargentos, oír a los tenientes, oír a los capitanes; sus críticas, sus aportes, ellos tienen mucho qué decir.

Entonces esa es una de las lecciones que he sacado. Uno de ellos me dijo: “Mi Comandante, no se olvide de nosotros. No permita que ese tránsito entre nosotros y el alto mando y los altos mandos, por ahí se van quedando las verdades que a usted no le llegan”. Así que me sentí otra vez soldado. Incluso le dije a uno de ellos esta mañana: “Mira, yo no sé que irán a hacer conmigo por allá, pero si deciden degradarme, a lo mejor les pido que me dejen de soldado raso aquí en esta unidad de soldados”.

Pero luego, lo que les iba a contar es lo siguiente, yo no sé si tendrán por allí ustedes un fax que me dicen que ha recorrido el mundo. Pásame uno, por favor. Hay bastantes. Miren. Esto lo escribí esta mañana, bueno, a mediodía, eran casi las 3:00 de la tarde. ¿Cómo fue esto? Estaba el helicóptero prendido para moverme otra vez, para moverme otra vez ¿Y adónde?: a La Orchila. Y entonces me apuraban, me apuraban, y yo

decía: “Espérate, que tengo que recoger mi ropa y algunas cosas que me llevé, unas cositas allí”. Estaba lavando interiores y lavando un par de medias. Sí, como en los viejos tiempos, lavando una franela. Me puse a trotar un rato y corrí con unos muchachos allá, comandos, no tanto como ellos que son comandos entrenados, un sol sabroso hacía en Turiamo, y cuando llego a darme un baño, entonces me voy a vestir y me apuran que llegó el helicóptero. Y llega un muchacho de la Guardia Nacional y me hace una pregunta: “Mire, mi Comandante, acláreme algo”, entró a la habitacioncita y cerró la puerta. Afuera tenía unos superiores y no quería que lo oyeran, me habló muy bajo: “Dígame una cosa -me dijo- acláreme algo. ¿Es verdad que usted renunció?”.

Yo le dije: “No, hijo, ni renuncié ni voy a renunciar”. Entonces él se paró firme, me saludó, y me dijo: “Entonces, usted es mi Presidente, pero dígame algo” -me dice- eso tiene que saberlo el pueblo, porque andan diciendo por todos lados que usted renunció, que usted renunció, que se fue del país”. Entonces yo le dije: “Bueno, yo voy saliendo”. Y él me dijo: “Escribame algo, escribame algo y me lo deja en el pote de la basura -me dijo- porque yo salgo y después vengo a recogerlo”. Yo hice el papel, escribí esto en un minuto, lo doblé y donde está el pote de la basura, que estaba lleno de papeles, ahí en el fondo lo metí. Pero yo salí, y dije, a lo mejor este muchacho no puede regresar, o no consigue el papel o no puede sacarlo, qué sé yo. En Turiamo, en una unidad que no tiene ni teléfono, no hay ni señal de televisión por allá. Entonces escribí ésto, lo que me salió del alma:

“Turiamo, 13 de abril 2002

A las 14:45 hrs.

Al pueblo venezolano...

(y a quien pueda interesar).

Yo, Hugo Chávez Frías, venezolano, Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, declaro:

No he renunciado al poder legítimo que el pueblo me dio.

¡¡Para siempre!!:

Hugo Chávez Frías”.

Y resulta que llegó acá y todo el mundo tiene una hoja de estas ahora. Y me dicen que andan recorriendo el mundo. Ese muchacho cumplió. Seguro regresó, buscó el papel, se lo metió no sé dónde y salió. No sé cómo pidió permiso de allá, y no sé cómo eso empezó a circular. Te felicito Isaías Rodríguez, Fiscal General de la República.

Por cierto, que ayer por la mañana, tuve chance de ver, en un televisor que un oficial me llevó prestado, y lo puso allí. Yo estaba acostado en una camita y, bueno, estaban diciendo allí en la televisión cuántas cosas ¿No? Yo estaba como queriendo dormir un poco y de repente oigo una voz conocida: Isaías Rodríguez. Y me paro como un rayo y me siento en la cama: “voy a ver qué dice Isaías”. Y cuando terminó de hablar Isaías, en verdad dos lágrimas afloraron aquí, a mis ojos, y dije: “Ahí está, un varón diciendo la verdad”. Y esas declaraciones de Isaías fueron una señal, fueron un rayo en aquel vendaval de mentiras. A mí sí es verdad que me pusieron en la mesa una hoja que decía: Renuncia. Yo no la leí, les dije a los señores que estaban ahí aquella madrugada: “No, guárdenla porque yo no voy a renunciar. Soy Presidente prisionero, pero yo no renuncio”. Y sin embargo echaron a rodar aquello y lo leían, lo leían por los medios, como si estuviera firmado. ¡Vean cuántas mentiras!

Pero bueno, es parte de las reflexiones que hay que hacer. Yo también vi en alguna estación de televisión, en esas horas, tuve varias horas un televisor ahí y estuve pendiente, creo que fue ayer por la mañana. Entonces veo a una dama locutora, de una planta de televisión venezolana, leyendo un papel, leyendo mi renuncia. Y por supuesto que ella sabía que eso era mentira, a menos que se hayan falsificado mi firma. Pero como dijo Isaías muy claramente: “Yo quisiera ver la renuncia firmada del Presidente. ¿Dónde está? Y aún así eso requiere todo un procedimiento”. Pero en fin, reconocer al Fiscal General su coraje. Porque además lo hizo mientras estaban deteniendo gente, sacando ministros de su casas, esposados, sacando gobernadores a empujones de las Gobernaciones, es decir, toda una avalancha de odio que ojalá más nunca llegue a nuestro país.

Y aprovecho para hacer un llamado a quienes me adversan: Ustedes venezolanas, ustedes venezolanos que me adversan, pues advérsenme, trataré de hacerlos cambiar, ojalá. Pero ustedes no pueden adversar esta

Constitución, porque esto es un libro para todos, es como el “Popol-Vuh”, aquel libro de los mayas, el libro de todos, el libro de la comunidad. Tienen que reconocer todos esto. Y sobre todo no se dejen envenenar, no permitan que los envenenen con tantas cosas y tantas mentiras, reflexionemos todos. Pongamos las cosas en su justo lugar, para bien de todos, para bien de Venezuela.

Bueno, yo no voy a extenderme más, hay mucha gente allá afuera en la calle, hay muchas cosas que revisar, hay muchos informes que recibir, hay decisiones -algunas urgentes- que tomar para que el país no se detenga y para que las cosas que se han salido de su cauce mucho o algo, para que esos focos donde ha habido algunos saqueos, alguna represión por parte de algunas policías, alguna angustia de millones de venezolanos, pues que todo eso vuelva a la calma. ¡Vuelta a la calma, se impone ahora! Llamo a la vuelta a la calma al país. Llamo a que fortalezcamos la unidad de los venezolanos, llamo a que continuemos la marcha a paso de vencedores.

Así que me fui, y anoche viendo unas estrellas por allá, en Turiamo, y así termino este mensaje madrugador a mi querido país, a mi querida Venezuela, a mí queridísimo pueblo, a mis queridísimos muchachos y muchachas de la Fuerza Armada. Yo estaba mirando una estrella, y pensando, mirándola fijamente, pensando en muchas cosas, en la familia, en mi esposa Marisabel Rodríguez, pude hablar con ella; mis hijos, mis cinco hijos. ¿Dónde estarán?, decía, “Dios. ¡Cuídamelos!” Mi nieta, mi viejo, mis amigos, mis compañeros más cercanos, porque yo intuía que sobre ellos se iba a desatar persecución, atropellos y amenazas hasta de muerte. Pensaba mucho en Diosdado Cabello, que lo llamé esa madrugada y le dije: “Vente para acá” y no llegó.

Pensaba mucho en Ramón Rodríguez Chacín, Ministro de Interior y Justicia, que me dijeron que lo habían sacado esposado. Pensaba mucho en todos ustedes, en millones, en la angustia, en la incertidumbre que había. Pero de repente mirando aquella estrella, allá a la orilla de la bahía, y recordando y trayendo a mi mente, a mi superficie y a mi conciencia, trayendo al ser, trayendo al consciente que soy, el recuerdo de tantos años, el conocimiento que tengo de las entrañas del pueblo venezolano.

Porque tengo ya casi una década metido en la entraña del pueblo y de ahí no voy a salir más nunca jamás.

Conociendo el coraje del pueblo venezolano, conociendo los niveles de organización que tiene el pueblo venezolano. Y ese es uno de los capitales más importantes que tenemos, el nivel de organización y de respuesta: partidos políticos, círculos bolivarianos, que aprovecho para reivindicarlos, porque los círculos bolivarianos no son grupos armados, son una organización social. Se desató una campaña y si por alguna razón algún miembro de algún círculo bolivariano anda por allí armado, anda armado sin autorización o con intenciones de otro tipo, pues yo los llamo -si es que por alguna razón eso fue verdad- a que depongan esa actitud, así no los necesitamos de verdad.

Las armas de la República, las armas del pueblo para defender este Gobierno y a la República, se ha demostrado dónde están y están en manos de gente consciente. Porque verdaderamente los militares que faltaron a su juramento, que por diversas razones se plegaron a la ignominia, allá ellos ante la historia y ante la Ley, pero en verdad no tenían comando, era un grupo virtual. Los que verdaderamente tienen el comando de las tropas comenzaron a dar una respuesta inmediata. Entonces se ha demostrado por una parte, la gran capacidad de respuesta del pueblo organizado, que me siento tan orgulloso de ello, y por otra la capacidad de respuesta, también organizada, de la Fuerza Armada.

Por eso les decía que conociendo al pueblo como lo conozco, y conociendo a la Fuerza Armada como la conozco, mirando aquella estrella yo llegué a la conclusión, algo desde dentro me dijo: “Tranquilo Hugo, que ni ese pueblo ni esos muchachos militares -para utilizar un término bien criollo- verdaderos, se van a calar este atropello. Algo tiene que ocurrir” decía para mis adentros. “No puede ser que tanto esfuerzo vaya a perderse así, no puede ser que el esfuerzo de tanto tiempo, de tanta gente y de tanta intensidad, que dio nacimiento a esta Constitución y le dio vida a esta nueva y Quinta República, vayan a desaparecerla de un plumazo, así facilito. No”.

Yo estaba seguro que eso no podía ocurrir, porque si no hubiese sido, como que uno, no hubiese vivido. No. La semilla que hemos sembrado

retoñó, creció y allí están las siembras, la sementera, y los frutos en los corazones del pueblo. Ahora, yo estaba seguro, pero completamente seguro que volveríamos, absolutamente seguro. Ahora, ¿Saben qué? Lo único es que jamás me imaginé que regresaríamos tan rapidito. Sí. Miren, me había puesto a escribir unos poemas, no pude terminar ni el primero, no me dieron tiempo, ni de descansar un día, y se los agradezco mucho. Así que muchísimas gracias. Muchísimas gracias.

Ahora, voy a terminar repitiendo algo que me parece muy importante y que esto no sea palabra hueca, le pido a Dios que esto no sea palabra que se la lleve el viento. Hago un llamado de verdad a la unidad de los venezolanos, a la unidad respetándonos las diferencias, hago un llamado a la cordura, hago un llamado al entendimiento, hago un llamado a la Iglesia Católica, Apostólica y Romana, a la Iglesia Evangélica, a las religiones. Hago un llamado a los empresarios del sector privado, hago un llamado a los partidos políticos, a todos. Hago un llamado a los dirigentes de esos partidos, a los dirigentes sindicales, hago un llamado a los dirigentes empresariales, hago un llamado sobre todo -y agarro la cruz- hago un llamado a los dueños de los medios de comunicación. ¡Por Dios! Reflexionen pero de una vez, este país también es de ustedes, yo también tengo que reflexionar muchas cosas. Sí. Lo he hecho en muchas horas. Y me traigo lecciones aquí en el corazón, que no voy a olvidar, de tanto pensar, de tanta angustia, de tanto dolor, de tanta incertidumbre.

Así que vengo dispuesto a rectificar donde tenga que rectificar, pero no sólo debo ser yo el rectificador, todos tenemos que rectificar muchas cosas para que volvamos a la calma, al trabajo, al empuje y a la construcción de la Venezuela bolivariana. Para que sigamos construyéndole la patria a nuestros hijos, a nuestros nietos, para que sigamos haciendo realidad el sueño de Bolívar. Algunas cosas que recuerdo, tenía en la agenda para esta semana que comienza hoy domingo, ya lo habíamos acordado hace unas semanas atrás, convocar a unas mesas redondas de diálogo nacional. Hago un llamado a todos los sectores del país, a esas mesas redondas de diálogo nacional, que comenzará con la instalación esta semana, el 18 de abril. Esta semana viene el 19 de abril, buen día para levantar de nuevo con vigor, como siempre, esas banderas de la patria, y esas fechas, que como la de hoy, pasarán a la historia republicana.

El 18 de abril vamos a instalar el Consejo Federal de Gobierno, que será el epicentro o el núcleo de donde saldrá una comisión coordinadora y ampliada, con la participación de otros sectores de la vida nacional, para impulsar esas mesas del diálogo nacional. Queremos que nos hagan las críticas en lo económico, en lo político, en lo social, en lo que territorial, en lo internacional, pero vamos a discutirlo. Los que no estén de acuerdo con nuestras políticas, con nuestras decisiones, díganlo, pero lealmente, honestamente, para ir buscando el mayor consenso posible, porque el objetivo tiene que ser el mismo para todos -con nuestras diferencias- la Patria, la Venezuela que es de todos.

Por otra parte voy a anunciar algo que no me dejaron anunciar, yo lo iba a anunciar ese día y no me dejaron, no hubo tiempo, la situación no lo permitió. Ese día 11 de abril, vino el presidente de Petróleos de Venezuela (PDVSA), Gastón Parra Luzardo y me dijo: “Presidente, para contribuir con la búsqueda de una solución definitiva al problema de PDVSA”. Que no dejamos de reconocerlo como un problema producto de esa transición, esos cambios y errores que se cometen de allá y de acá, y que nos tenía muy preocupados y que sí es un problema real, no es virtual, pero sobre ese problema real, se montó el virtual y la conspiración que trató de desconocer y de patear a nuestro pueblo y nuestra Constitución. Así que el doctor Gastón Parra me trajo, deben estar allí -yo ni siquiera me llevé nada de papeles, se quedaron todos allí- me trajo la renuncia colectiva, una renuncia de toda la junta directiva de PDVSA. Y yo le acepté la renuncia, como se la acepto a todos, para abrir el camino a una recomposición de la junta directiva de Petróleos de Venezuela, para fortalecerla y sobre todo para darle la capacidad necesaria para continuar impulsando esta importante empresa petrolera.

Así que les hago un llamado a todos los trabajadores de la nómina mayor, de los demás sectores, técnicos medios y los trabajadores, no se atropellará a nadie, pero hago un llamado a que trabajemos, que depongamos algunas actitudes y vamos a trabajar; para producir, para refinar, para exportar, para vender el petróleo y sus derivados y poner en el tope de eficiencia y eficacia esa empresa que es -como hemos dicho- de todos los venezolanos.

Con estos anuncios retorno, así como por el centro del home, retorno después de dos días de ausencia, de incertidumbres. Retorno cargado espiritualmente de un gran amor, y sobre todo, si hace dos días yo los amaba a ustedes, hoy después de esta jornada histórica, de esta demostración, sin precedentes en el mundo, de cómo un pueblo y sus soldados detienen una contrarrevolución y hacen una contracontrarrevolución, sin disparar un tiro, sin derramar sangre, y reponen las cosas en su sitio. Después de esta jornada memorable, histórica, imborrable para siempre jamás, si ayer los amaba, hoy los amo muchísimo más. “Amor con amor se paga”.

Muy buenos días a toda Venezuela, muy buenos días a todos.

FONTE: VENEZUELA (2005)

ANEXO F – PRONUNCIAMIENTO NA LXI ASSEMBLEIA GERAL DA ONU (2006)

DISCURSO DEL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA, HUGO CHÁVEZ FRÍAS, CON MOTIVO DE LA LXI ASAMBLEA GENERAL DE LA ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS (ONU)

*Sede de las Naciones Unidas, Nueva York, Estados Unidos
20 de septiembre de 2006*

Señora presidenta de la LXI Asamblea General de las Naciones Unidas, Sheika Haya Rashed Al-Khalifa, excelencias, jefes de Estado, jefes de Gobierno y altos representantes de los Gobiernos del mundo: muy buenos días a todos y a todas.

En primer lugar, quiero invitarles con mucho respeto a quienes no hayan podido leer este libro, a que lo leamos; Noam Chomsky, uno de los más prestigiosos intelectuales de esta América y del mundo, uno de sus más recientes trabajos: *Hegemonía o supervivencia. La estrategia imperialista de Estados Unidos*. Excelente trabajo para entender lo que ha pasado en el mundo en el siglo XX, lo que hoy está pasando, y la más grande amenaza que se cierne sobre nuestro planeta: la pretensión hegemónica del imperialismo norteamericano pone en riesgo la supervivencia misma de la especie humana.

Seguimos alertando sobre ese peligro y haciendo un llamado al propio pueblo de los Estados Unidos y al mundo para detener esta amenaza que es como la propia espada de Damocles. Yo pensaba leer algún capítulo, pero, por respetar el tiempo, más bien lo dejo como una recomendación. Se lee rápido. Es muy bueno, señora Presidenta, seguramente usted lo conoce, está publicado en inglés, en alemán, en ruso, en árabe, seguramente.

Miren, yo creo que los primeros ciudadanos que deberían leer este libro son los ciudadanos hermanos y hermanas de los Estados Unidos, porque la amenaza la tienen en su propia casa; el diablo está en casa, pues. El diablo, el propio diablo está en casa. Ayer vino el diablo aquí.

Ayer estuvo el diablo aquí, en este mismo lugar. ¡Huele a azufre todavía esta mesa donde me ha tocado hablar! Ayer, señoras, señores, desde esta misma tribuna el señor Presidente de los Estados Unidos, a quien yo llamo “el diablo”, vino aquí hablando como dueño del mundo,

como dueño del mundo. Un psiquiatra no estaría demás para analizar el discurso de ayer del Presidente de los Estados Unidos. Como vocero del imperialismo vino a dar sus recetas para tratar de mantener el actual esquema de dominación, de explotación y de saqueo a los pueblos del mundo. Para una película de Alfred Hitchcock estaría buena; incluso yo propondría un título: “La receta del diablo”.

Es decir, el imperialismo norteamericano, y aquí lo dice Chomsky con una claridad meridiana y profunda, está haciendo desesperados esfuerzos por consolidar su sistema hegemónico de dominación. Nosotros no podemos permitir que eso ocurra, no podemos permitir que se instale la dictadura mundial; que se consolide, pues, que se consolide la dictadura mundial.

El discurso del Presidente-tirano mundial, lleno de cinismo, lleno de hipocresía, es la hipocresía imperial, el intento de controlar todo. Ellos quieren imponernos el modelo democrático como lo conciben: la falsa democracia de las élites. Y además un modelo democrático muy original: ¡impuesto a bombazos, a bombardeos y a punta de invasiones y de cañonazos! ¡Vaya qué democracia! Habría que revisar las tesis de Aristóteles, y de los primeros que hablaron por allá en Grecia, de la democracia, a ver qué modelo de democracia es ese, el que se impone a punta de marines, de invasiones, de agresiones y de bombas.

Dice el Presidente de los Estados Unidos ayer, en esta misma sala, lo siguiente: “Hacia dondequiera que usted mira, oye a extremistas que le dicen que puede escapar de la miseria y recuperar su dignidad a través de la violencia, el terror y el martirio”. ¡Dondequiera que él mira ve a extremistas! Yo estoy seguro de que te ve a ti, hermano, con ese color, y cree que eres un extremista. Con este color, Evo Morales —que vino ayer, el digno presidente de Bolivia— es un extremista. Por todos lados ven extremistas los imperialistas. No, no es que somos extremistas; lo que pasa es que el mundo está despertando y por todos lados insurgimos los pueblos.

Yo tengo la impresión, señor dictador imperialista, de que usted va a vivir el resto de sus días con una pesadilla, porque por dondequiera que vea, vamos a surgir nosotros, los que insurgimos contra el imperialismo norteamericano, los que clamamos por la libertad plena del mundo, por la igualdad de los pueblos, por el respeto a la soberanía de las nacio-

nes. Sí, nos llaman extremistas, insurgimos contra el imperio, insurgimos contra el modelo de dominación.

Luego, el señor Presidente vino a hablarles, así lo dijo: “Hoy quiero hablarles directamente a las poblaciones del Oriente Medio, mi país desea la paz...”. Esto es cierto. Si nosotros nos vamos por las calles del Bronx, si nosotros nos vamos por las calles de Nueva York, de Washington, de San Diego, de California, de cualquier ciudad, de San Antonio, de San Francisco y le preguntamos a la gente en las calles, a los ciudadanos estadounidenses. Este país quiere la paz. La diferencia está en que el Gobierno de este país, de Estados Unidos, no quiere la paz, quiere imponernos su modelo de explotación y de saqueo, y su hegemonía a punta de guerras.

Ésa es la pequeña diferencia, quiere la paz, ¿y qué está pasando en Iraq?, ¿y qué ha pasado en el Líbano y en Palestina?, ¿y qué ha pasado en 100 años, pues, en América Latina y en el mundo? Y ahora las amenazas contra Venezuela, nuevas amenazas contra Venezuela, nuevas amenazas contra Irán.

Le habló al pueblo del Líbano: “Muchos de ustedes han visto como sus hogares y sus comunidades quedaron atrapadas en el fuego cruzado”. ¡Vaya qué cinismo!, ¡vaya qué capacidad para mentir descaradamente ante el mundo! Las bombas en Beirut, lanzadas con precisión milimétrica, ¿son fuego cruzado? Creo que el Presidente está pensando en las películas del Oeste, cuando se disparaba desde la cintura y alguien quedaba atravesado en el fuego cruzado. ¡Fuego imperialista, fuego fascista, fuego asesino y fuego genocida, el del imperio y el de Israel contra el pueblo inocente de Palestina y el pueblo del Líbano! ¡Ésa es la verdad!, ahora dicen que sufren, que estamos sufriendo porque vemos sus hogares destruidos.

En fin, el Presidente de los Estados Unidos vino a hablarles a los pueblos, vino a decir, además —yo traje, señora Presidenta, unos documentos, porque estuve esta madrugada viendo algunos discursos y actualizando mis palabras—, le habló al pueblo de Afganistán, al pueblo del Líbano: “Al pueblo de Irán le digo..., al pueblo del Líbano le digo..., al pueblo de Afganistán le digo...”. Bueno, uno se pregunta: así como el Presidente de los Estados Unidos le dice “le digo...” a esos pueblos, ¿qué le dirían esos pueblos a él, si esos pueblos pudieran hablar?, ¿qué le

dirían? Yo se los voy a recoger porque conozco a la mayor parte del alma de esos pueblos; los pueblos del Sur, los pueblos atropellados, dirían: “Imperio *yankee go home*”, ése sería el grito que brotaría por todas partes si los pueblos del mundo pudieran hablarle a una sola voz al imperio de los Estados Unidos.

Por eso, señora Presidenta, colegas, amigas y amigos, nosotros el año pasado vinimos aquí a este mismo salón, como todos los años en los últimos ocho, y decíamos algo que hoy está confirmado plenamente y yo creo que aquí casi nadie en esta sala pudiera pararse a defender: el sistema de Naciones Unidas, nacido después de la Segunda Guerra Mundial —aceptémoslo con honestidad— colapsó, se desplomó, ¡no sirve! Sirve para venir aquí a dar discursos, a vernos una vez al año, sí, para eso sí sirve; y para hacer documentos muy largos y hacer buenas reflexiones y oír buenos discursos como el de Evo Morales ayer, como el de Luiz Inácio Lula da Silva, y muchos discursos, el que estábamos oyendo ahora mismo, del Presidente de Sri Lanka y el de la Presidenta de Chile. Sí, para eso sirve. Pero nos han convertido a esta Asamblea en un órgano meramente deliberativo, meramente deliberativo sin ningún tipo de poder para impactar de la más mínima manera la realidad terrible que vive el mundo.

Por eso, nosotros volvemos a proponer, Venezuela vuelve a proponer aquí hoy, este día 20 de septiembre, que refundemos las Naciones Unidas. Nosotros hicimos el año pasado, señora Presidenta, cuatro modestas propuestas que consideramos de necesidad impostergable para que las asumamos los jefes de Estado, los jefes de Gobierno, nuestros embajadores, nuestros representantes, y las discutamos.

Primero, la expansión —ayer lo decía Lula aquí mismo— del Consejo de Seguridad, tanto en sus categorías permanentes como en las no permanentes, dando entrada a nuevos países desarrollados y a países subdesarrollados, el tercer mundo, como nuevos miembros permanentes. Eso en primer lugar.

En segundo lugar, la aplicación de métodos eficaces de atención y resolución de los conflictos mundiales, métodos transparentes de debate, de decisiones.

Tercero, nos parece fundamental la supresión inmediata —y eso es un clamor de todos— de ese mecanismo antidemocrático del veto, el

veto en las decisiones del Consejo de Seguridad. Vaya un ejemplo reciente: El veto inmoral del Gobierno de los Estados Unidos permitió libremente a las fuerzas israelíes destrozar el Líbano, en el rostro, delante de todos nosotros, evitando una resolución en el Consejo de Seguridad de Naciones Unidas.

Y en cuarto lugar, necesario fortalecer —decimos siempre— el papel, las atribuciones del Secretario General de Naciones Unidas. Ayer nos daba un discurso el Secretario General, prácticamente de despedida, y reconocía que en estos diez años el mundo lo que ha hecho es complicarse, y que los graves problemas del mundo, el hambre, la miseria, la violencia, la violación a los derechos humanos lo que ha hecho es agravarse. Esto es consecuencia terrible del colapso del sistema de Naciones Unidas y de la pretensión imperialista norteamericana.

Por otra parte, señora Presidenta, Venezuela decidió hace varios años dar esta batalla por dentro de Naciones Unidas, reconociendo Naciones Unidas como miembros que somos, con nuestra voz, con nuestras modestas reflexiones; una voz independiente somos para representar la dignidad y la búsqueda de la paz, la reformulación del sistema internacional; para denunciar la persecución y las agresiones del hegemonismo contra los pueblos del planeta. Venezuela de esa manera ha presentado su nombre, esta Patria de Bolívar ha presentado su nombre y se ha postulado para un puesto como miembro no permanente del Consejo de Seguridad. Vaya usted a saber: el Gobierno de los Estados Unidos ha iniciado una agresión abierta, una agresión inmoral en el mundo entero para tratar de impedir que Venezuela sea elegida libremente para ocupar una silla en el Consejo de Seguridad; le tiene miedo a la verdad, el imperio tiene miedo a la verdad, a las voces independientes, acusándonos de extremistas. Ellos son los extremistas.

Yo quiero agradecer aquí a todos aquellos países que han anunciado su apoyo a Venezuela, aun cuando la votación es secreta y no es necesario que nadie lo anuncie. Pero creo que dada la agresión abierta del imperio norteamericano, eso aceleró el apoyo de muchos países, lo cual fortalece mucho moralmente a Venezuela, a nuestro pueblo, a nuestro Gobierno.

El Mercado Común del Sur (Mercosur), por ejemplo, en bloque ha anunciado su apoyo a Venezuela, nuestros hermanos del Mercosur

—Venezuela ahora es miembro pleno del Mercosur con Brasil, Argentina, Uruguay, Paraguay— y muchos otros países de América Latina, como Bolivia; la Comunidad del Caribe (Caricom) en pleno anunció su apoyo a Venezuela; la Liga Árabe en pleno anunció su apoyo a Venezuela. Agradezco muchísimo al mundo árabe, a nuestros hermanos de Arabia, esa Arabia profunda. A nuestros hermanos del Caribe, de la Unión Africana: casi toda África anunció su apoyo a Venezuela. Y países como Rusia, como China y muchos otros países del planeta. Muchísimas gracias, a nombre de Venezuela, a nombre de nuestro pueblo y a nombre de la verdad. Porque Venezuela, al ocupar un puesto en el Consejo de Seguridad va a traer la voz no sólo de Venezuela, la voz del tercer mundo, la voz de los pueblos del planeta, ahí estaremos defendiendo la dignidad y la verdad.

Más allá de todo esto, señora Presidenta, creo que hay razones para que seamos optimistas, irrenunciablemente optimistas, diría un poeta, porque más allá de las amenazas, de las bombas, de las guerras, de las agresiones, de la guerra preventiva, de la destrucción de pueblos enteros, uno puede apreciar que se está levantando una nueva era, como canta Silvio Rodríguez: “La era está pariendo un corazón”. Se levantan corrientes alternativas, pensamientos alternativos, movimientos alternativos, juventudes con pensamiento distinto; se demostró ya en apenas una década que era totalmente falsa la tesis del fin de la historia, totalmente falsa la tesis de la instauración del imperio americano, de la *pax* americana, la instauración del modelo capitalista, neoliberal que lo que genera es miseria y pobreza, es totalmente falsa la tesis, se vino abajo, ahora hay que definir el futuro del mundo. Hay un amanecer en el planeta y se ve por todas partes, por América Latina, por Asia, por África, por Europa, por Oceanía.

Quiero resaltar esa visión de optimismo para que fortalezcamos nuestra conciencia y nuestra voluntad de batalla por salvar al mundo y construir un mundo nuevo, un mundo mejor. Venezuela se suma a esa lucha y por eso somos amenazados.

Ya Estados Unidos planificó, financió e impulsó un golpe de Estado en Venezuela, y Estados Unidos sigue apoyando movimientos golpistas en Venezuela y contra Venezuela, sigue apoyando el terrorismo. Ya la presidenta de Chile, Michelle Bachelet, recordaba hace unos días —

perdón, hace unos minutos— el horrible asesinato del ex canciller chileno Orlando Letelier; yo sólo agregaría lo siguiente: los culpables están libres y los culpables de aquel hecho donde murió también una ciudadana estadounidense, son norteamericanos, de la CIA, terroristas de la CIA.

Pero además hay que recordar en esta sala que dentro de pocos días también se cumplirán 30 años igualmente de aquel hecho terrorista, horripilante, de la voladura del avión cubano, donde murieron 73 inocentes, un avión de Cubana de Aviación, ¿y dónde está el más grande terrorista de este continente y quien asumió la voladura del avión cubano como autor intelectual? Estuvo preso en Venezuela unos años, se fugó, allá por complicidad de funcionarios de la CIA y del Gobierno venezolano de entonces. Está aquí viviendo en Estados Unidos, protegido por este Gobierno, y fue convicto y confeso. El Gobierno de los Estados Unidos tiene un doble rasero y protege el terrorismo.

Estas reflexiones para decir que Venezuela está comprometida en la lucha contra el terrorismo, contra la violencia, y se une a todos los pueblos que luchamos por la paz, y por un mundo de iguales.

He hablado del avión cubano, Luis Posada Carriles se llama el terrorista, está protegido aquí. Como protegidos están aquí grandes corruptos que se fugaron de Venezuela; un grupo de terroristas que allá pusieron bombas contra embajadas de varios países, que allá asesinaron gente durante el golpe de Estado, secuestran a este humilde servidor y lo iban a fusilar, sólo que Dios metió su mano, y un grupo de buenos soldados y un pueblo que se fue a las calles; y de milagro estoy aquí. Están aquí protegidos por el Gobierno de Estados Unidos los líderes de aquel golpe de Estado y de aquellos actos terroristas. Yo acuso al Gobierno de Estados Unidos de proteger al terrorismo, y de tener un discurso totalmente cínico.

Hablamos de Cuba, venimos de La Habana, venimos felices de La Habana, estuvimos allá varios días; y allí se puede ver el nacimiento de una nueva era: la Cumbre del G-15, la Cumbre del Movimiento de los No Alineados, con una resolución histórica: documento final —no se asusten, no lo voy a leer todo—, pero aquí hay un conjunto de resoluciones tomadas en discusión abierta y con transparencia por más de 50 jefes de Estado. La Habana fue capital del Sur durante una semana. Hemos relanzado el Movimiento de los No Alineados; y si algo puedo pedir aquí

a todos ustedes, compañeros y hermanos y hermanas, es que le pongamos mucha voluntad para fortalecer el Movimiento de los No Alineados, importantísimo para el nacimiento de la nueva era, para evitar la hegemonía y el imperialismo.

Y además ustedes saben que hemos designado a Fidel Castro presidente del Moimiento de los No Alineados para los próximos tres años, y estamos seguros de que el compañero presidente Fidel Castro va a llevar la batuta con mucha eficiencia. Para los que querían que Fidel se muriera, pues, frustrados quedaron, y frustrados quedarán; porque Fidel ya está uniformado de nuevo de verde oliva, y ahora no sólo es el Presidente de Cuba, sino el Presidente de los No Alineados.

Señora Presidenta, queridos colegas, presidentes, ahí nació un movimiento muy fuerte: el del Sur. Nosotros somos hombres y mujeres del Sur, nosotros somos portadores, con estos documentos, con estas ideas, con estas críticas, con estas reflexiones —que ya cierro mi carpeta y el libro me lo llevo, no olviden que se los recomiendo mucho, con mucha humildad—, tratamos de aportar ideas para la salvación de este planeta, para salvarlo de la amenaza imperialista y para que, ojalá pronto, en este siglo, no muy tarde, ojalá podamos verlo nosotros y vivirlo mejor nuestros hijos y nuestros nietos: un mundo de paz, bajo los principios fundamentales de la Organización de Naciones Unidas, pero relanzada, relanzada y reubicada.

Creo que a Naciones Unidas tenemos que ubicarla en otro país, en alguna ciudad del Sur, hemos propuesto desde Venezuela. Ustedes saben que mi médico personal se tuvo que quedar encerrado en el avión, el jefe de mi seguridad se tuvo que quedar encerrado en el avión: no les permitieron venir a Naciones Unidas. Otro abuso y atropello, señora Presidenta, que pedimos desde Venezuela quede registrado como atropello —hasta personal— del diablo.

Huele a azufre, pero Dios está con nosotros. Un buen abrazo, y que Dios nos bendiga a todos.

Muy buenos días.

ANEXO G – Pronunciamento de Posse do Terceiro Mandato do Presidente Hugo Chávez.

Discurso del ciudadano Presidente de la República Bolivariana de Venezuela en ocasión de la toma de posesión de su tercer mandato constitucional

Trascripción de Mónica Chalbaud, revisión Donatella Iacobelli

Le estoy viendo la cara a mi mamá, y estará diciendo: ¿Qué irá a decir ese muchacho?

En nombre de Dios:

Ciudadana Cilia Flores, Dr. Omar Mora Díaz, Isaías Rodríguez Presidente del Consejo Moral de la Republicano y Fiscal de la República, Tibisay Lucena, Germán Mundaraín Defensor del Pueblo, Clodovaldo Hernández Contralor, Monseñor Jorge Urosa Sabino, embajadores y embajadoras, honorable cuerpo diplomático, Jorge Rodríguez Vicepresidente, Walter Gaviña Presidente del Parlamento Latinoamericano, diputados y diputadas, Pedro Carreño y demás ministros y ministras del Gabinete Ejecutivo...ciudadano José Vicente Rangel...hasta anteaayer Vice Presidente y apreciado amigo, compañero, camarada, ciudadano Juan Barreto Alcalde Mayor, alcaldes y alcaldesas, gobernadores y gobernadoras, Ministros y demás altos funcionarios...Ciudadano General Carlos Acosta Pérez...y demás oficiales del Alto Mando Militar, General Alberto Muller Rojas y demás integrantes del Estado Mayor, personalidades diplomáticas de la República Bolivariana de Venezuela, señor Embajador Alí Rodríguez Araque en la República de Cuba, Voceros del Pueblo, ciudadanos de los Pueblos Indígenas, invitados especiales, miembros de la prensa, Pueblo todo de Venezuela.....

El excelente, muy hilado y estructurado discurso de la Presidente de la Asamblea Nacional, Diputada Cilia Flores creo que me va a ahorrar unos minutos en mis palabras de este día del 10 de enero de 2007. Agradezco a la ciudadana Presidenta esos trazos tan claros y nítidos de nuestra historia más reciente, tomando como inspiración a nuestras raíces de la indianidad venezolana de lo profundo de nuestra venezolanidad.

Decía Bolívar, el padre Bolívar...*"Bolívar todo lleva tu nombre en nuestra morada..."* -grabó Neruda en las rocas de la historia para siempre -*"¡Todo lleva tu nombre Padre!Padre nuestro que estás en la tierra...en el agua...y en el aire! ¡Padre nuestro Bolívar!"*

Escribió Bolívar: *"Yo espero mucho del tiempo, su inmenso vientre contiene más esperanzas que sucesos pasados, y los acontecimientos futuros han de ser superiores a los pretéritos."*

Hace casi ocho años ya, como todos lo sabemos, en este mismo lugar, en el día inolvidable e imborrable, aquel 2 de febrero, prestaba este soldado juramento.

¡Ya yo había hecho muchos juramentos!

Uno viene de juramento en juramento. Cuantas veces había yo dicho: ¡Juro por Dios y mi madre!...¡Préstame una metra Adelis que te la devuelvo! Y decía mi hermano: ¿Lo juras? ¡Lo juro por Dios y mi madre!

Era como el sello del valor de la palabra.

Cuando fui monaguillo...¡Lástima que no fui cura! En la próxima vida, si creemos en la resurrección de los muertos y que uno vuelve a la vida; a lo mejor sigo el consejo de mi madre. Ella quería que yo fuera cura. Yo tenía un cura, era español severo y justo que me enseñó mucho. Leíamos mucho los niños allí, en la modesta Iglesia de la Sabaneta de Barinas, en el 62 y 63 y aprendí a amar a Cristo. Y lo amo.

Cristo es la imagen suprema del revolucionario, del aquel que da la vida por amor a los demás, el que va a la cruz por los más humildes, por los más pobres, por los más desamparados. Cristo el redentor, el atormentado, el vilipendiado, Cristo crucificado y resucitado. A Cristo, como símbolo revolucionario dedico siempre mis palabras, inspiración del pueblo profundo.

Yo juraba. Yo juré aquí. Juré entonces sobre aquella moribunda Constitución de 1961.

¡Cuántas cosas han cambiado en Venezuela desde entonces!

Diría alguien: ¡Cuánta agua ha corrido bajo los puentes en estos 3.000 días con sus noches, con sus dianas y sus silencios, con sus luces y con sus oscuridades, con sus silencios y con sus truenos!

¡Cuántas cosas, Dios mío, han pasado en Venezuela en estos tres mil días!

Por eso recordaba a Bolívar: *"Yo espero mucho del tiempo, en su inmenso vientre hay muchas más esperanzas y los sucesos y los acontecimientos futuros han de ser muy superiores a los pretéritos"*

Ocho años después ratifico el juramento. Ahora sobre nuestra maravillosa Constitución Bolivariana de Venezuela y ahora, lanzándonos hacia el futuro, construir la vía venezolana al Socialismo. ¡Construir el Socialismo venezolano! En ello se nos irá la vida. ¡Toda la vida! Pero no me cabe la menor duda que ese es el único camino a la redención de nuestra Patria y en la construcción de un nuestro mundo donde se haga realidad la mayor felicidad. El sueño de tantos y de tantas. Aquello de Bolívar en Angostura: la mayor suma de felicidad posible.

Y con Bolívar comenzaba yo aquí el discurso del 2 de febrero de 1999, con aquel pensamiento bolivariano, repetido a lo largo de mil caminos durante las jornadas que precediendo aquel diciembre de 1998.

Aquel rayo que Bolívar lanzó, que Bolívar encendió en Angostura: *"Dichoso el ciudadano - dijo Bolívar - que bajo el escudo de las armas de su mando convoca la soberanía nacional para que ejerza su voluntad absoluta"*.

15 de febrero de 1819, fue allí precisamente donde Bolívar pintó con trazos claros la profundidad de su pensamiento político, de su ideología, de su visión ética del mundo.

Aquel memorable discurso que hoy hemos hecho proyecto concreto, que se ha venido haciendo proyecto concreto en aquella última década del siglo XX y en esta primera década del siglo XXI.

Lo recordaba la Presidenta de la Asamblea Nacional: de donde venimos, es fundamental, siempre, siempre fundamental, amigos y amigas, el conocimiento de la historia, y no olvidar de dónde venimos, cuales son nuestras raíces, las causas que generaron los acontecimientos que aquí nos trajeron a todos nosotros ¡Es esencial!

Por eso decía, la última década del siglo XX fue estremecida y estremecedora. Desde antes de comenzar. 1989, amaneciendo la última década, la explosión de las fuerzas retenidas durante ¡Cuánto tiempo! Fuerzas éticas, morales y espirituales de un pueblo reprimido explotaron aquel 27 de febrero por estas mismas calles, y luego el 4 de febrero de 1992 y 27 noviembre de 1992. Tres terremotos políticos que fueron señalando el fin de una época, anunciando más bien el fin de una época y el advenimiento de una Nueva Época.

De allí venimos, tal cual lo prueba la gran crisis, crisis histórica.

Voy a recordar a Antonio Gramsci: *"Una crisis histórica consiste en que lo viejo muere sin que pueda nacer lo nuevo"*. Del ojo del huracán venimos nosotros. En el ojo del huracán estamos nosotros y estaremos toda la vida. Toda nuestra vida estará marcada por esa crisis.

Bolívar, una vez más: ¡Cuán vigente estará este planteamiento! Para que veamos cuan vigente está, cuan vivo, cuan en el corazón de la Venezuela de hoy, en la esencia del Proyecto Bolivariano. Por eso se llama Bolivariana! (Lee frases de Bolívar del Diario de Bucaramanga) *"Mi opinión es que el fundamento de nuestro sistema depende de la Igualdad establecida y practicada en Venezuela"* ¡Esto se llama Socialismo! ¡Es imposible la igualdad en el Capitalismo, por eso el Socialismo! ¡El pensamiento de Bolívar es claro pensamiento socialista!

La igualdad. Bolívar, lo sabemos, era maestro de la palabra. Cuidaba mucho la palabra. Y la utilizaba con gran precisión. Por eso dice aquí: *"...El fundamento de nuestro sistema depende...inmediata y exclusivamente..."* Tiempo igual a cero, la matemática. Inmediatamente, exclusivamente.....es colocar el espacio, lo coloca en el corazón del sistema que se estaba estableciendo, para salir del coloniaje de 300 años. Dice *"...la igualdad establecida y practicada.."* La hace eterna, permanente en el pensamiento.

Más adelante sigue señalando Bolívar buscando la fórmula.

Recordemos que catorce años antes 1805, en el Juramento de Roma había dicho: *"¿Cuál es la fórmula del hombre en libertad? - Se refería a la Europa - "Más en cuanto a resolver el gran problema del hombre en libertad, parece que el asunto ha sido descuido y que el despeje de esa misteriosa incógnita no ha de verificarse sino en el Nuevo Mundo."*

Sólo en el Nuevo Mundo tendrá lugar el despeje de la misteriosa incógnita...del hombre en libertad!" Y dice en Angostura: *"...Que los hombres nacen todos con derechos iguales a los bienes de la sociedad, eso está sancionado por la pluralidad de los sabios."* ¡Díganme si esto no es Socialismo!

Derechos iguales a los bienes de la sociedad y más adelante dice: *"La naturaleza hace a los hombres desiguales en genio, en temperamento, fuerza y carácter. Las Leyes corrigen estas diferencias, porque colocan al individuo en la sociedad para que la educación, la industria, las artes le den una igualdad ficticia, igualdad política o social"*

¡Qué alguien me diga si esto es Capitalismo o Socialismo!

Por ello nos viene la idea de la necesidad de profundizar las ideas de Bolívar. Cada uno de nosotros debería dedicarle dos horas diarias al estudio, no menos de dos horas, a la lectura en la reflexión en la soledad y en discusión de equipo. Creo que es obligación de nosotros, los que tenemos más responsabilidades, los líderes, los diputados, las diputadas, gobernantes, los religiosos, los políticos.

Estudiar...estudiar, es de José Martí la frase: *"ser cultos para ser libres"*. Bolívar dice: *"Por la ignorancia nos han dominado más que por la fuerza"*

Estas frases necesario es contextualizarlas, porque hay una hilación en la frase...en la idea en la filosofía de Bolívar. Traje algunas que tienen una profunda interrelación:

"El mejor sistema de Gobierno, el más perfecto es aquel que produce mayor suma de felicidad, mayor suma de seguridad social y mayor suma de estabilidad"

¡Ese sistema es el socialista, sin duda! Es imposible lograr la mayor suma de felicidad en el Capitalismo. El Capitalismo lo que genera es la mayor suma de infelicidad. Es imposible la felicidad en el marco capitalista. La felicidad, sólo es posible, en la vía diaria, permanente endógena, profunda del sistema socialista venezolano.

Bolívar dice: *"...La educación popular debe ser el amor del Congreso...
...Moral y luces son los polos de una República, nuestras necesidades....
...Las dos palancas más grandes de la industria: saber y trabajo, con ellas se alcanza hacerlos felices y honrados..."*

¡Trabajo y saber, las dos palancas más grandes de la industria!
(Sigue leyendo a Bolívar) *"...Meditando sobre un modo efectivo de regenerar el carácter y las costumbres de lo que la tiranía y la guerra nos han dado...me he sentido con la audacia de inventar un Poder Moral."*

¿Cuáles son las cosas que nos han traído la tiranía y la guerra? Los vicios, la corrupción, los anti valores, desprecio por la otra, por el otro, el odio, divisiones de clases. Son vestigios de las pesadas cadenas de 300 años de coloniaje.

Hoy Venezuela requiere de un verdadero auténtico y sólido Poder Moral, que nazca desde la conciencia. Poder Moral para luchar contra los vicios que por tantos años nos han dado. Allí hay una esencia revolucionaria, (*Refiriéndose a los conceptos de Bolívar*) regenerar las costumbres, salir de los vicios, transformar pues los valores de la sociedad. Eh allí la esencia revolucionaria. Transformar todo. Si no se transforma la cultura, habríamos perdido todo y todo se vendría abajo.

Al final Bolívar: *"...Volando por entre las próximas edades, mi imaginación se fija en los siglos futuros y observando desde allá, con admiración y pasmo, la prosperidad, el esplendor, la vida que ha recibido esta vasta región, me siento arrebatado y me parece que ya la veo en el corazón del universo extendiéndose sobre sus dilatadas costas entre esos océanos que la naturaleza había separado y que nuestra Patria reúne con prolongados y anchurosos canales; ya la veo servir de lazo, de centro, de emporio a la familia humana; ya la veo enviando a todos los recintos de la Tierra los tesoros que abrigan sus montañas de oro y plata; ya la veo distribuyendo todas sus divinas plantas la salud y la vida a los hombres dolientes del antiguo universo; ya la veo comunicando sus preciosos secretos a los sabios que ignoran cuan superior es la suma de las luces, a la suma de las riquezas que le ha prodigado la naturaleza; Ya la veo sentada sobre el trono de la libertad empuñando el cetro de la justicia, coronada por la gloria, mostrar al Mundo Antiguo la majestad del Mundo Moderno"*

A nosotros, creo, que no nos está permitido volar, porque esta es *"La próxima edad"*, estamos en la edad a la que se refería Bolívar y sus sueños, precisamente estamos en los doscientos años, y al final termina el discurso y dice Bolívar: *"...Dignaos concederle a Venezuela un Gobierno eminentemente popular, eminentemente justo, eminentemente moral que encadene la opresión, la anarquía y la culpa. Un gobierno que haga reinar la inocencia, la humanidad y la paz. Un gobierno que haga triunfar, bajo el imperio de leyes inexorables la igualdad y la libertad."*

Esto provoca incluirlo en el juramento que prestamos gobernadores, gobernadoras, alcaldes, alcaldesas, ministros, ministras, presidentes. Pudiera ser perfectamente el texto de un juramento profundo y bolivariano: *"Juro conceder a Venezuela un Gobierno que sea eminentemente popular, eminentemente justo, eminentemente moral."*

Juro conceder a Venezuela un Gobierno que haga triunfar la igualdad y la libertad"

Oigamos pues, compatriotas, la tremenda carga moral, política y más aun la tremenda carga socialista del proyecto de Simón Bolívar. Proyecto que quedó enterrado en Santa Marta y en Berruecos, o en San Carlos de Cojedes, un día como hoy de 1860, cuando la oligarquía amparándose en la traición logró asesinar a uno de los grandes líderes Ezequiel Zamora. ¡Qué viva Zamora!

Ezequiel Zamora. En su memoria y con su inspiración juramos hoy también: ¡Tierra y hombres libres! ¡Y horror a la oligarquía! El Profundo pensamiento de Bolívar.

En Diario de Bucaramanga con el alma partiéndosele en pedazos, le decía a Perú de La Croix, el 24 de mayo de 1828, Perú de la Croix escribe lo que le oyó decir a Bolívar esa mañana cuando llegaron correos de Bogotá y de Venezuela:

"... Esas cartas y documentos recibidos prueban el estado de esclavitud en que se halla aún el bajo pueblo colombiano; que está no sólo bajo el yugo de los alcaldes y curas de las parroquias, sino también bajo el de los tres o cuatro magnates que hay en cada una de ellas; que en las ciudades es lo mismo, con la diferencia que los amos son mas numerosos, porque se aumentan con muchos clérigos, frailes y doctores; que la libertad y las garantías son sólo para aquellos hombres y para los ricos y nunca para los pueblos, cuya esclavitud es peor que la de los mismos indios que esclavos eran bajo la Constitución de Cúcuta, y esclavos quedarían bajo la Constitución más democrática; que en Colombia hay una aristocracia de rango, de empleos y de riquezas, equivalente por su influjo, por sus pretensiones y peso sobre el pueblo, a la aristocracia de títulos y de nacimiento de la más despótica de Europa; que en aquella aristocracia entran también los clérigos, los frailes, los doctores y abogados, los militares y los ricos; pues aunque habla de libertad y de garantías, es para ellos solos que las quieren, y no para el pueblo, que según ellos debe continuar bajo su operación; quieren también la igualdad pero para elevarse y ser iguales con los más caracterizados, pero no nivelarse ellos con los individuos de las clases inferiores de la sociedad; a estos los quieren considerar siempre como sus siervos a pasar de todo su liberalismo..."

Esto es resumen de todo lo que dijo Simón Bolívar" Reflexiones de un socialista, un capitalista jamás haría reflexiones como estas. Y Eh allí una de las causas de su soledad, de los balazos de Berruecos contra el Mariscal Sucre, la causa de la expulsión de Simón Rodríguez, de Manuela Sáenz. Una nueva casta se conformo, de clérigos, de doctores y con ella nos conseguimos nosotros. Casta que habla de la igualdad. ¿Pero cuál igualdad? Bolívar lo dice, casta que seguirá lanzando dardos venenosos, manipulando verdades, defendiendo lo indefendible, pero lego la hora, está escrito en el Eclesiastés. Todo lo que va a ocurrir tiene su hora. Llego la hora del fin de los privilegios, del fin de las desigualdades. ¡Llego la hora!

Nada ni nadie, óiganme bien, nos hará detener el carro de la Revolución, cuéstenos lo que nos cueste. Nada ni nadie logrará detener el camino de la Revolución socialista en Venezuela ¡Cueste lo que nos cueste!

Yo, al respecto de este tema, vuelvo a cumplir con mi deber, y no sólo por cumplir con mi deber que siento como Presidente, que lo hago por Venezuela toda.

Como venezolano, como ciudadano, como soldado, no sólo es deber, es que siento que es la conciencia la que me ordena.

No sólo el deber del cargo que tengo, vuelvo a hacer un llamado a Venezuela toda, a los sectores concientes de la vida nacional para que respetándonos, reconociéndonos en nuestros enfoques asumamos la decisión de la mayoría, regla de oro si creemos en la democracia. Algunos andan diciendo que la democracia debe respetar a las minorías. Sí, pero ellos están escondiendo el irrespeto a la voluntad de las mayorías.

Aquí hay una voluntad mayoritaria que priva que impone la democracia. Queremos democracia, los invitamos a la democracia.

Aquí había una dictadura detrás del ropaje del Pacto de Punto Fijo había

Dictadura, y todavía hoy tenemos presente en Venezuela vestigios de esa dictadura que pretende revertir la democracia revolucionaria, que pretende imponer su voluntad de minoría a una mayoría, esa mayoría que una, dos, tres veces y ene veces ha tomado la decisión que ha tomado.

Por ejemplo: el Estado tiene facultades y ellos pretenden, como lo hicieron bajo presión, chantaje y utilizando respetables instituciones incluso como mampara, pretenden desconocer potestades del Estado

Soberano. Yo he anunciado algo sencillo. Es sencillo, aquí hay abogados.....¡Bolívar era duro con los abogados! Pero cualquier estudiante de Derecho de primer año cociente concluiría que esto es cosa sencilla. Como si usted contrata a alguien y se acaba el contrato. O la concesión que usted contrate con alguien para que le limpie su jardín por un mes y usted no está muy conforme, decide no renovar el contrato. Por eso decía señor Cardenal...¡No puedo entender a la jerarquía! El Estado respeta a la Iglesia, la Iglesia debe respetar al Estado. Yo no quiero volver a los tiempos de la confrontación con los obispos venezolanos, pero aquí los derechos del Estado son insustituibles e inalienables. Yo me sorprendo, es lo mismo que lo ocurrido con el Secretario General de la OEA, lo menos que ha debido hacer, por respeto a su cargo, a su investidura, por respeto a la soberanía de Venezuela, un Estado de la OEA, lo menos que pudo hacer una llamada telefónica, un enviado especial, que bastantes tiene allá. O me hubiera solicitado una conversación mañana, esta noche, en Managua....¡Pero no! El chantaje, la manipulación y él se rebaja cuando sale a defender lo indefendible y ofende a Venezuela, y ustedes saben como yo amo a este País y el amor que es profundo grande e infinito, me lleva a decir cosas más allá de lo prudente, pero no me arrepiento, estoy defendiendo la dignidad de un pueblo, de un País.

Seguramente el Doctor Insulza no sabe lo que yo sé, no estuvo en Puente Llaguno recibiendo la metralla defendiendo esta Patria y con los que murieron como murieron muchos compatriotas aquel día, no estuvo allí el Doctor Insulza en Puente Llaguno, ni estuvo prisionero en la Orchila, aquellas horas tormentosas, no estuvo en las casas de los venezolanos mas humildes llorando, como aquel día lloramos y sangramos...Por eso digo se valen estas castas que mataron a Bolívar, porque a Bolívar lo mataron antes de morirse, militares traidores, doctores traidores y por eso es que habla Bolívar, así como habla con O'Leary, Perú de La Croix en el almuerzo. Eran tres o cuatro amigos, almorzaban todos los días, salían a caballo. ¡Lean el Diario de Bucaramanga! Allí conseguirán a un Bolívar, claro, duro como una espada.

¿Cómo me quedó la banda a la izquierda? (*Refiriéndose a la banda presidencial*) pensaba ponérmelas como Pancho Villa, de repente me pongo un día las dos, o tres, ¿Cómo será la tercera? ¡Vertical! (*Se ríe*).

Yo he propuesto la reelección indefinida del Presidente de la República. Señores Embajadores ¡Ya me están acusando. ¡El Tirano Chávez! ¡Fidel le dio la orden! Fidel, how are you? Recuerdo, donde estaba Fidel...(*se refiere a primera toma de posesión de su cargo*) Fidel estaba más o menos por donde esta ahora Baduel y también estaba Menen, y estaba Fujimori. Yo esta vez no quise hacer un evento, creo que no se justificaba. Algunos querían venir. Llamaron: "¡Yo voy! Y yo: ¡No vengan, me complican el Acto! Y ya algunos periódicos especulando: Uribe no va a la toma, Lula no va, nadie vino. Están mis amigos, los embajadores. Pido para ellos un saludo y mi respeto a los embajadores.

Dentro de seis años pensaremos a ver si los invitamos. ¿En el 2014 será? Lo importante es que es pueblo el que va a tomar la decisión...¡Democracia! No se puede hacer nada si no lo aprueba el pueblo. La propuesta si es rechazada, yo seré el primero en aplaudirla.

Si es aprobada, pues, aquí, ahora la Revolución Bolivariana no depende de un hombre, ¡No depende de Chávez! Es el pueblo el que está activando y sobre todo a partir de hoy!

Quiero volver al planteamiento inicial de Bolívar, aquel discurso que me parece tan orientador, por eso quise traer varios fragmentos de aquel Discurso de Angostura y que me parece tan importante, el primer pensamiento, el mismo que traje hace ocho años.

"Dichoso el ciudadano que bajo el escudo de las armas convoca la Soberanía Nacional para que ejerza su voluntad absoluta" ¡Su voluntad absoluta!

Bolívar y su concepción democrática y revolucionaria, no democrática burguesa. Bolívar ataca a las elites, siempre convoca al pueblo. Bolívar antes de Marx señala conceptúa y coloca al pueblo en el centro de los activadores de los procesos históricos. No son los particulares, es la masa. Esa es visión la desarrolló años después Carlos Marx, no hay que tenerle miedo a eso. Algunos asustados, al hablar nosotros de Socialismo, deben asustarse del Capitalismo.

Le enviamos libros a la jerarquía católica. Ellos nos mandaron la Doctrina Social de la Iglesia...¿Qué libro le llevó Careño?...Martha Hamecker...Yo no invento cuando digo que Jesús es uno de los grandes socialistas de la historia. Está escrito aquí. (*Enseña la Biblia*) Leo en los Hechos de los Apóstoles sobre la vida de los primeros cristianos: "Y sobrevino el temor a toda persona y muchas maravillas. Todos los que habían creído estaban juntos y tenían en común, todas las cosas..."

Esto es más que Socialismo, señor Cardenal. ¡Esto es Comunismo!

Parece que en Paraguay un obispo quiere lanzarse de candidato y anda hablando de Socialismo y también parece que desde Roma se lo prohibieron. Le dije a Mario Moronta: ¿Por qué no pides permiso? No lo vayan a regañar ahora, o digan que es socialista por yo nombrarlo...¿Y cómo hago yo? ¡Se están metiendo con el Jefe del Estado! ¡Yo soy el Jefe del Estado! Y como me hablan! ¡Yo hablo así, delante de todos! Todos somos una familia, cada quien escoge como comunicarse.

Monseñor Luker, a él le encanta, ¿No ven que es un oligarca? ¡Él no va para el cielo! Cómo le encanta atropellar la verdad, decir mentiras, es feliz así. ¡Qué sea feliz, vilipendiando la figura del jefe del Estado! Digo: ¡Qué Dios lo perdone! ¡Ese es el camino de la maldad de la mentira! Quizás no sabe lo que dice. *(Sigue leyendo la Biblia)* Aquí esta...*"Estaban juntos...y tenían en común todas las cosas"* Yo aprendí de mi mamá porque ella es bien rebelde, ¡Fíjate Elena! *(dirigiéndose a la madre)* *"...vendían sus propiedades y sus bienes y los repartían según las necesidades..."* Principio del Socialismo....Hechos de los Apóstoles...*"y perseverando reunidos cada día en el templo partían el pan, comían juntos, con sencillez de corazón..."* Más adelante dice: Ananías y Safira. ¿Sabían lo que les pasó? Chiche Manauere...*(dirigiéndose a la Diputada cantautora)* a lo mejor te sale una canción... *"....Y la multitud de los que habían creído era de un solo corazón y una sola alma..Y tenían todas las cosas en común...Y nunca decían ser suyo propio nada de lo que poseían, sino que era todo de todos. No había entre ellos ningún necesitado porque todos los que tenían bienes y casas las vendían y traían el precio de lo vendido y lo ponían a los pies de los Apóstoles y eran repartidos a cada uno según su necesidad. Ananías y Safira. Vendió una heredad y sustrajo del precio -apartó...era un corrupto - sabiéndolo su mujer también y trayendo sólo una parte la puso a los Apóstoles. Pedro le dijo: ¿Por qué llenó Satanás tu corazón he hizo que sustrajeres del precio de tu heredad? ¿Por qué permitisteis esto en tu corazón? No has mentado esto a los hombres sino a Dios. Ananías al oír esto, cayó y expiró! (Se ríe).*

Señor Fiscal General, Señor Presidente del Tribunal Supremo de Justicia, ¡qué expire la corrupción! Por el amor de Dios, les pido que luchemos a muerte contra el morbo de la Corrupción. ¡Hagámoslo a todos los niveles! ¡Fue la muerte. Cayó fulminado. ¿Qué le pasó a la mujer? *(Sigue leyendo la Biblia)* *"Vino un gran temor"* ¿Cuál es el problema aquí? ¡La impunidad! ¡No puede seguir habiendo impunidad, por amor de Dios! Clodovaldo, el Contralor y yo almorzando estuvimos buscando, evaluando fórmulas, pero claro, se requiere una lucha nacional ¡Pero de verdad verdad! ¡Esto tiene que ver con cambio de valores! Bolívar decía: *"...regenerar las costumbres que nos dejó la tiranía..."*, las costumbres que nos dejó la IV República, el Pacto de Punto Fijo, el mal ejemplo aquel....*"con los Adecos se vive mejor, roban, pero dejan robar"....* *"¡A mi no me den, pónganme donde haya!"* El honesto era bobo, inteligente era aquel que sale con camioneta y hacienda. ¡Ese sí es un vivo!

Eso nos lo vendieron los grandes medios de comunicación capitalistas que desmoronaron los valores humanos, la honestidad, por eso es que a diferencia de algunos que dicen que con el fin de la concesión, la no renovación, que eso es lo que va a ocurrir aquí, no vamos a cerrar el canal *(se refiere a Radio Caracas TV)*, ni estamos coartando la libertad de expresión alguna. Que con el fin de la concesión al canal dos, algunos dicen por allí que Venezuela pierde. No con el cierre la oligarquía pierde! Eso sí! La crema oligárquica pierde, los que desde hace muchos años están envenenando el alma de los niños, de las niñas, ¿Quiénes son los responsables de esos anti valores? El odio, el consumismo...¡Esa oligarquía arrodillada al imperialismo va a perder el canal y va a ganar la decencia! ¡Va a ganar el pueblo, va a ganar la Nación, va a ganar la decencia! *(Sigue leyendo la Biblia)* *"....Y sepultaron a Ananías, pasado un lapso como de tres horas entró su mujer, no sabiendo ella lo que acontecía. Ella no supo lo de Ananías. Entonces Pedro le dijo: Dime vendiste en tanto la heredad? Y ella dijo el precio que había dicho Ananías. - O sea que mintió – Pedro: ¿Por qué conviniste en tentar al Espíritu Santo? Te sacarán a ti también. ¡Ella cayó a los pies de él y expiró! La hallaron muerta y la sepultaron. Y vino un gran temor sobre toda la Iglesia y sobre todos los que vieron estas cosas. Palabra de Dios."* *(Termina la lectura de la Biblia)*

El Socialismo es eminentemente cristiano. Han armado un alboroto por mi anuncio de nacionalizar la energía eléctrica, la telefonía, porque se cayó la Bolsa de Caracas.

La Bolsa de Caracas podrá caer, lo que no va a caer es la economía venezolana. Una cosa es la Bolsa de Caracas y otra cosa es la economía de Venezuela. Sigán jugando pues...¡Diviértanse pues! ¡Qué lo que viene es bueno! Jugando con el alarmismo...O acabar con el ultimo vestigio de la apertura petrolera...!La Reserva petrolera más grande del planeta la estamos recuperando totalmente, la había entregado la IV República, por eso decía que apenas comienza esta Nueva Era de Construcción.

Cuando Bolívar plantea en Angostura la convocatoria al Poder Popular, la Soberanía Popular para que ejerza su soberanía absoluta se está llegando a la médula del actor por excelencia ¡El Poder Constituyente! Con gusto oí a Cilia tocar el tema en su discurso.

2 de febrero 1999 quiero recordarlo.

En mi discurso hice análisis de lo que llamaban la crisis catastrófica de Venezuela. La que se desarrolló en la última parte del siglo XX. Crisis política, económica, militar y que evolucionó en catástrofe! Que se expresó como un volcán el 27 de febrero 1989.

El 27 de febrero lo que ocurrió desde un enfoque político fue que explotó el Poder Constituyente.

A veces es poco conocido. Desde la Revolución Francesa, Bolívar lo tocaba, él vio de cerca los impactos de aquella revolución cuando Napoleón decía: "*La Revolución est finie*", o sea terminó, Bolívar y Miranda lo vivieron.

En el 98 y 99 nosotros invocamos al Poder Constituyente. Desde antes, desarrollando el concepto, tratando de darle curso a los acontecimientos y levantamos el Poder Constituyente. Vean el debate en Bolívar. ¡Eso lo vimos aquí. Situación sui generis!

Decían: "*Violación a la Constitución*! ¡No! Invocamos al Poder Constituyente, es algo así como convocar un espíritu y te sale travieso. Es cosa complicada el Poder Constituyente, se hice presente y le dices: ¡Ahora te vas! ¡No puede ser congelado por el Poder Constituido! Tratemos de ubicarnos: 10 de enero de 2007. ¡Lo hemos vivido en los últimos años! Algunos autores hablan de un poder terrible él del Poder Constituyente. ¡No debe someterse! Nosotros somos simples representantes del Poder Constituyente. Ese es el dueño de la República!

¡Traerlo a la conciencia, para que nos guíe este principio, es omnipotente! ¡Es la Revolución misma! Trotzki lo dijo: "*La Revolución es permanente, nunca termina*".

¡Es Trotzki quien tiene la razón! Es mi Coronel Hugo Trejo: ¡La Revolución no ha terminado! ¡Poder Constituyente! ¿Cómo y dónde acentuar el Poder Constituyente?

El País habría que recordarlo. Finales de los años 80, década de los 90. Fueron centenares de micro-revoluciones: las del pueblo pobre, las de los estudiantes, los profesionales, los trabajadores. El Poder Constituyente buscando salida.

Yo ya no tengo duda, hemos venido transitando un ensayo, aquello del 11 de abril y del 12. (*Golpe de Estado de 2002*) ¿Qué pensaba yo? Recordaba a Héctor Navarro y a Giordani en Yare y en Caracas en 94, 95, 96, rutas hacia el futuro. Yo pensaba, decía para mis adentros: Hemos pensado que esta vía es imposible. Hoy no tengo dudas ¡Sí creo que es posible! Lo venimos demostrando y en la medida que sigamos con mayor grado de unidad... de allí lo del Partido Socialista Unido de Venezuela. "*¡Unión, unión, unión! Sólo la unión nos falta para completar la obra*" escribe Bolívar en la Carta de Jamaica.

Hay corrientes que indican que el Poder Constituyente es trascendente.

Para otra corriente no es trascendente, que es intrínseco y está por dentro del Poder Constituido, y otra más que pretende anular el Poder Constituyente.

En Venezuela tenemos una realidad en marcha, potencia permanente, capacidad para responder continuamente a las oportunidades históricas que se van presentando. Innovación para que la Revolución nunca termine. Hoy permítanme, hacen 2.898 días, casi 3 mil días después de haber invocado el Poder Constituyente y firmado: ¿Convoca usted a una asamblea constituyente? ¿La convoco de nuevo hoy 10 de enero de 2007? El Poder Constituyente ha estado siempre allí y se convierte de potencia, en gigantescos motores.

El 13 de abril, ¿Quién lo convoco? El solo. Tenía que barrer con el fascismo. Se activa solo. ¿Qué fue lo que ocurrió el 15 de agosto de 2004? Se volcó a las calles para que no terminara la Revolución y ¿Qué pasó el 3 diciembre pasado? Esos 7 millones y medio de votos, esos millones de almas, fue el Poder Constituyente convertido en Poder. Yo lo convoco ahora para acelerar, pido a todos que lo hagamos. ¡2007 escenario de acción!

¿Cómo conformar un conjunto que se sean motores? El 3 de diciembre de 2006 no fue un día de llegada sino punto de partida, punto de arranque. Y eso tenemos que convertirlo en acelerada realidad. Se trata de que, así lo veo yo, hemos cerrado un ciclo. No es fácil hacerlo. Yo entiendo y acepto que me estoy aventurando. ¡Acelerar los tiempos! La estamos viendo, pero como caballo al galope, uno debe regular la marcha. Hemos cerrado un ciclo hoy 10 de enero de 2007. Termina hoy un periodo de transición. Veamos la situación que hoy vivimos y la que vivía el país hace tres mil días. ¡Cuántas cosas han cambiado! Aun cuando hay amenazas y deudas, comienza la Nueva Era. Entramos en la construcción del Proyecto Nacional Simón Bolívar. Lo que hicimos fue echar un piso, el Proyecto Nacional Simón Bolívar ahora comienza.

Meditando lo lograremos. Motores constituyentes para el nuevo esquema. ¡Aceleración del tiempo! Todo

es relativo Albert Einstein y su artículo Por qué el Socialismo, un sabio. Todo es relativo, romper con el racionalismo modernizante, aceleración del tiempo, darle nueva dinámica. El Poder Constituyente rompe con el racionalismo modernizante y nos permite volar.

Cinco motores constituyentes le pido a la Asamblea Nacional, al Poder Moral, al Electoral, al Judicial, a los Poderes Regionales, a los Consejos Comunales. Pido un esfuerzo unitario.

Primer motor: Ley de leyes.

La Presidenta de la Asamblea Nacional anunció la aprobación a mi solicitud. Madre de leyes: La Ley Habilitante.

En pocas horas estaremos entregando la solicitud a esta Asamblea Nacional.

Por ejemplo: el Código de Comercio fue elaborado hace más de 100 años, en 1904, con reformas, pero en el mismo marco, la última en 1955. Eso en cuanto a la reforma de un conjunto de leyes. Lo haremos de forma acelerada. O formar nuevas leyes.

Segundo motor: La reforma de la Constitución

Por eso también Señora Presidenta, acerca de la reforma de la Constitución le he pedido cooperación para que ella presida la Comisión para la Reforma de la Constitución y ella ha aceptado. Nos acompañará un grupo. Será una comisión bastante amplia. Carlos Escarrá nos acompañará. Ya hay mucho trabajo adelantado.

Luis Britto García...su páginas sobre la Constitución, es un buen trabajo. En aquella oportunidad se detectó un grupo de constituyentistas que después en la oscuridad modificaron artículos, eso se descubrió. Quedaron gazapos y otros elementos. Algunas Leyes se harán posibles cuando se haga la reforma de la Constitución, porque ella es la ley de leyes, por eso debemos acelerar todo eso.

El pueblo votó el 3 de diciembre no por Chávez, sino por una vía. Y Chávez lo dijo:

¡Vamos por la vía del Socialismo! ¡Es Socialismo lo que necesita la Patria!

Fíjense en algo por ejemplo: (*Lee la Constitución del 1999*) en el artículo 302 el Estado se reserva la actividad petrolera pero no la gasífera. Sin embargo hay hidrocarburos sólidos, líquidos y gaseosos.

En la novela de Herrera Luque La casa del pez que escupe agua, en el prólogo de Héctor Mujica se dice que a Cipriano Castro no lo tumbó Gómez, lo tumbó el petróleo.

Cipriano Castro le impuso una multa a una empresa petrolera (*la New York and Bermúdez Company (NY&BC)*) y al final nos saquearon el petróleo. Por eso esta Revolución, el un primer paso hacia la liberación nacional.

Amigos, podré haber cometido muchos errores, pero les digo, tres mi días después Venezuela está liberada ¡No somos colonia de nadie! ¡Eso es un paso esencial!

(*Sigue leyendo la Constitución del 1999*) El artículo 303 también: "...El Estado se reserva la totalidad de las acciones de Petróleos de Venezuela S.A., exceptuando las filiales, asociaciones estratégicas y empresas y cualquier otra que se haya constituido o que se constituya como consecuencia del desarrollo de negocios de Petróleos de Venezuela, S.A..." ¡Esa es privatización! ¡Aquí ni filial ni nada! ¡Aquí no se privatiza nada!

Otro tema. Los que conmigo han andado más cerca...¿Necesita Venezuela estar dividida territorialmente como está? Vamos a barajar la partida. Espero que ninguna gobernador y gobernadora o diputado y diputada se ponga a defender eso ¿Es qué Venezuela debe estar dividida en tantos municipios como los que tenemos? A nivel de estados la situación no es grave, pero sí es grave en los municipios. Por ejemplo en Táchira, Capacho tiene dos municipios, Nuevo Capacho y Viejo Capacho. Burocracia de la IV República, ineficiencia, ¡Intacto el modelo! ¡Cambiémoslo! ¡Vamos a barajar! Por eso digo, cualidad de innovación permanente, si no nos vamos congelando. Y aquí el uso de la filosofía, Bolívar: "*¿Acaso las leyes no deben adecuarse a la naturaleza de los tiempos?*" Nosotros tenemos en la Sabana municipios que se pierden de vista, extensiones gigantescas y otros superpoblados y sus presupuestos se va en la burocracia, que un chofer, que unos asesores. ¡Vamos a demoler la IV República!

Segunda reforma: el Poder Comunal. Y a nivel constitucional y que sea el Primer Poder... ¡No el sexto!

El tercer gran motor constituyente: Moral y Luces. Educación política, moral en las fabricas, en los talleres, en las escuelas. Una sacudida moral. ¡Moral y Luces! ¡Quiero que lo asumamos todos! Tarea para el Ministerio de Educación y de la Cultura.

Cuarto motor: nueva geometría del poder.

Distribuir el poder económico, el político, el social sobre el espacio.

Busquemos Fórmula que se adecue. Y la explosión creadora revolucionaria del Poder Comunal. Para su éxito va a depender de los anteriores. Por eso es urgente que lo asumamos. Anteayer en reunión con ministros y ministras les di guías de planeamiento para orientar su trabajo. Esta explosión del Poder Comunal se me ha ocurrido con el Discurso de Angostura de Bolívar. Él como atrevimiento sugirió el Poder Moral.

Claro lo colocaron como anexo y después lo condenaron. Porque estaba presente la elite allí! Bolívar decretó no se cuantas veces la libertad de los esclavos y murió oyéndoles sus cantos y cuatro esclavos lo llevaron hasta el edificio de la Aduana donde tuvo que esperar para ser sepultado. Creo que es buena la idea. Va a requerir inventiva. Se me ha ocurrido para acelerar el tiempo (Tony Negri lo dice) y quiere decir que el Poder Constituyente le pasa por encima al espacio y al tiempo y lo convierte en multitud. Tenemos que crear un nuevo sistema de territorio, de ciudades federales o territorios federales. Es posible, en algunos lugares en Ciudades que ya existen.

Una Ciudad X en un Territorio X. Revisar las condiciones. No pensar en los antiguos territorios federales. No se trata de un capricho. Se trata de marchar hacia el modelo socialista. En un territorio federal X, la ciudad X, por ejemplo de 10 kilómetros por 10 kilómetros, sobre ese territorio federal concentremos esfuerzos políticos y sociales hacia la Ciudad Comunal, donde no haga falta Alcaldía, sino el Poder Comunal. ¡Sembrémoslo en la Constitución, en el Reglamento!

Volando en helicóptero, uno se inspira mucho, tenemos grandes espacios deshabitados donde no hay Estado, un gobernador no puede. Tenemos que seguir hablando de esto con la esperanza de que a esto no le ocurra como al Poder Moral de Bolívar. He meditado, he pasado tiempo leyendo, estudiando esto del Sistema de Ciudades Federales, más adelante socialistas. Farruco, arquitecto socialista, tiene toda una tesis sobre esto. Ciudades completamente nuevas, como esas que he planteado a la orilla del Orinoco. ¡Vamos a hacer ciudades y territorio federal! Ciudad Federal, más adelante Ciudad Comunal, más adelante Ciudad Socialista.

Los Consejos Comunales deben trascender lo local. No debemos ponerles límites a los Consejos Comunales, hay que impulsarlos, fortalecerlos. Hay que modificar la Ley de Consejos Comunales. Sólo tiene un año. Los Consejos Comunales deben trascender a una Federación de Consejos Comunales. En un barrio pueden haber veinte comunidades, hay que regularlo en la ley y establecer que en cada comunidad haya un Consejo Comunal y luego confederarse y que puedan hacer diagnósticos de su territorio, planes, presupuestos, obras de mayor envergadura para la elevación de su nivel de vida. Gusto de saludar a Voceros del Poder Popular presentes aquí. Son ustedes el alma del Poder Constituyente. Progresivamente nosotros, el Poder Constituido, debemos irles transfiriendo el poder y salgamos del Estado capitalista. Por eso es que nadie de entrada se oponga a esto y si alguien tiene dudas.. *"de la duda debe salir alada la esperanza"* dijo Bertold Brecht.

¡Federaciones de Consejos Comunales! Le decía a Rodrigo Cabezas: nosotros tenemos vivita a la ALAE y al FIDE, eso tenemos que modificarlo. ¿Cuáles son los criterios? Es Ley de Desigualdades. Esa Ley es reina de desigualdades.

Pido poderes especiales porque esas leyes las vamos a modificar. Fueron el resultado de la improvisación, de corrupción, de gran ineficiencia.

Cierre del año 2006: el Gobierno obligado a la transferencia de varios billones de bolívares, alégrese alcaldes y alcaldesas, pero les pregunto: ¿En qué se van a usar? En algunos casos comienzan a aparecer carros nuevos, sueldos nuevos, ...hay funcionarios del Estado que ganan 15 millones de bolívares. ¡Eso es una grosería! ¡Pido tope para los sueldos los funcionarios del Estado! Yo no voy a poner el sueldo de Presidente como referencia, y no debo porque no tengo gastos, pero ¿Cuándo gana un trabajador? El sueldo mínimo es de 500.000 bolívares por mes aproximadamente y 10 millones de bolívares para nosotros! No debe haber ningún poder autónomo para tomar esas decisiones. ¡Tiene que haber una tabla! Que bueno sería que los que ganan por encima de...no voy a poner una cifra en este momento, habrá que estudiarlo pero, ojalá que muchos me digan: *"Renuncio a parte de mi sueldo"*. De todos modos les puede llegar el día que les pase lo que le pasó a Ananaís.

Año 2007, año bicentenario, me entregaré todo entero, trataré de hacer lo mejor. Mi afecto a todos los partidos políticos. Yo sé que vamos a partido único, y ustedes lo saben también. Y elecciones desde abajo, desde la base. Yo me voy a inscribir en la circunscripción de mi batallón. Si yo aspiro a estar en la dirección, debo estar en mi batallón para que me elijan y de allí se nombran los delegados. Asambleas, Poder Constituyente, los líderes van a ser legitimados por las bases.

¡Vamos a profundizar esta Revolución! Afincarnos en la eficacia política, en nuestra entrega a los más

profundos valores. Yo en la primera línea. Máximo esfuerzo para ser conductor de este caballo volador que decidió ser libre.

¡Lo es y lo será cada día más!

Estamos en Era Bicentenario. 2007, dentro de tres años Bicentenario del 19 de

Abril de 1810. Nos quedan tres años. Apuremos la marcha para llegar a la construcción del Socialismo con las mejores condiciones de la economía, de la política, y de la sociedad y 200 años después se hará realidad el sueño de Angostura. Mando mis saludos a los presidentes, reyes y magistrados del mundo, a todos nuestro saludo y nuestro respeto. Venezuela quiere seguir luchando por un mundo donde no haya imperios. Un mundo donde se respeten las libertades. Saludo a todos los países del mundo.

Comencé con: “..Bolívar, Padre nuestro que estás en el aire, en el agua y en la tierra..”

Bolívar le dice a Urdaneta desde Cartagena: *“Ellos me dicen: ¡Vuelva! -Y él - “¡No! ¡Me voy! ¡Qué puede un pobre hombre contra el mundo! Me piden que me sacrifique, ¡No tengo Patria para hacer el sacrificio!”*
Fidel me dijo: *“¡Chávez, eso es muy duro, no me imaginé que Bolívar llegara a sentir eso, Chávez ni tú ni yo podemos morir así, diciendo -¡No tengo Patria! -”*

Por eso Bolívar dijo: *“El impulso de esta Revolución ya está dado. Nuestro partido está tomado. Debemos triunfar por el camino de la Revolución y no por otro.”*

¡Debemos triunfar por el camino de la Revolución y no por otro!

Él sabía que sólo por ese camino conseguiría la victoria. 200 años después debemos gritarlo y cantarlo.

¡Nosotros con Bolívar por el camino de la Revolución triunfaremos!

Patria o muerte ¡Venceremos!

Muchas gracias hermanos, muchas gracias hermanas.

Fonte: <http://vulcano.wordpress.com/2007/01/11/discurso-de-hugo-chavez-en-su-toma-de-posesion/> - Acesso em: 08/04/2012